

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NATHÁLIA CAMPELO FERRAZ GUIRAO

História da alfabetização: um estudo sobre cartilhas no
Brasil

SÃO PAULO
2020

NATHALIA CAMPELO FERRAZ GUIRAO

História da alfabetização: um estudo sobre cartilhas no
Brasil

Pesquisa apresentada à Faculdade
de Educação da Universidade de
São Paulo para envio do Trabalho
de Conclusão de Curso de
Pedagogia.

Linha de pesquisa: História da
Educação

Orientadora: Carlota Boto

SÃO PAULO
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por me guiar em minhas escolhas e pela força outorgada ante as dificuldades nesta caminhada.

À minha mãe que me inspira a cada dia seguir em busca dos meus sonhos.

À esta universidade e a todo corpo docente, em especial à minha orientadora Carlota Boto por todo o suporte e atenção dedicada para a elaboração deste trabalho de suma importância na minha vida acadêmica.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

[...] Os estudos da História da Educação: são trabalhos que têm um significado que está inscrito no tempo para o qual estão voltados e têm uma atualidade para pensar o tempo do investigador que sobre essa outra época se debruça. Afinal, há o tempo do documento e há o tempo de nossa contemporaneidade. A História ilumina as duas coisas.

Carlota Boto, 2018.

RESUMO

GUIRAO, Nathália Campelo Ferraz. História da alfabetização: um estudo sobre cartilhas no Brasil. Iniciação Científica. Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Doutrinar para educar e instruir para civilizar. São ações recorrentes utilizadas no processo histórico da Educação Brasileira, principalmente no ingresso e nos primeiros contatos com o ler, escrever e contar, oportunizando um acesso ao mundo civil, impactando diretamente nas relações sociais. Com o objetivo de compreender a valorização da sociedade em relação ao processo de leitura e escrita, buscou-se pesquisar a aplicação de alguns métodos de alfabetização, a partir da análise de três cartilhas populares em diferentes épocas, escolhidas pelos exorbitantes números de vendas, principalmente no Estado de São Paulo: a Cartilha Maternal de João de Deus (1878); a Cartilha do Povo de Lourenço Filho (1949); e a Cartilha Caminho Suave de Branca Alves de Lima (1992). Com tal pressuposto, o trabalho aqui desenvolvido debruça-se sobre a influência dos métodos sintéticos, analíticos e ecléticos, as consequências e o declínio com o movimento construtivista. A partir dessa pesquisa, visa produzir um material que auxilie a compreensão das nuances da metodologia de alfabetização brasileira, principalmente no século XX, embasada no método histórico no confronto de fontes documentais com a revisão da literatura sobre a temática, acessando em livros, artigos, revistas, teses e dissertações. Neste ínterim, pode-se compreender que as Cartilhas não são objetos ultrapassados sem valor, mas uma fonte riquíssima de estudos, contendo concepções ideológicas e auxiliando na construção do quebra-cabeça histórico da Alfabetização Brasileira e na compreensão dos problemas atuais, lançando ideias para formulação de projetos para enfrentá-los. Dessa forma as Cartilha são meios para aquisição da leitura e escrita e reflexões morais dos valores éticos da sociedade existente.

Palavras-chave: Cartilha – Alfabetização – Metodologia – História da Educação Brasileira

ABSTRACT

GUIRAO, Nathália Campelo Ferraz. History of Literacy: A Study of between primers in Brazil. Undergraduate research. Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Doctrine to educate and instruct to civilize. These are recurrent actions used in the historical process of Brazilian Education, mainly in the entering and in the first contacts with reading, writing and counting, providing access to the civil world, directly impacting social relations. In order to understand the valorization of society in relation to the reading and writing process, we sought to research the application of some methods of literacy, based on the analysis of three popular booklets at different times, chosen by the exorbitant sales figures, mainly in the State of São Paulo: the Maternal Booklet of João de Deus (1878); the People's Booklet of Lourenço Filho (1949); and the Cartilha Caminho Suave by Branca Alves de Lima (1992). With such an assumption, the work developed here focuses on the influence of synthetic, analytical and eclectic methods, the consequences and the decline with the constructivist movement. Based on this research, it aims to produce material that helps to understand the nuances of the Brazilian literacy methodology, mainly in the 20th century, based on the historical method in confronting documentary sources with the review of the literature on the subject, accessing in books, articles, magazines, theses and dissertations. In the meantime, it can be understood that the Booklets are not worthless outdated objects, but a very rich source of studies, containing ideological concepts and helping to construct the historical puzzle of Brazilian Literacy and to understand current problems, launching ideas for formulation of projects to face them. In this way, the Booklets are a means of acquiring reading and writing and moral reflections on the ethical values of the existing society.

Keywords

Primer - Literacy - Methodology - History of Brazilian literacy

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1. Documento oficial da nomeação da diretoria do Inep assinado pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema.....	62
Imagem 2. Primeira Lição – vogais.....	83
Imagem 3. Segunda Lição – representação da infância	83
Imagem 4. Terceira Lição.....	85
Imagem 5. Quarta Lição.....	87
Imagem 6. Quinta lição	88
Imagem 7. Sexta Lição – juízo de valor	90
Imagem 8. Sétima lição	91
Imagem 9. Nona Lição - gêneros.....	94
Imagem 10. Décima Lição.....	95
Imagem 11. Décima Primeira Lição.....	97
Imagem 12. Décima Segunda Lição.....	99
Imagem 13. Décima Terceira Lição	101
Imagem 14. Rato e ratoeira	103
Imagem 15. Décima Quinta Lição.....	104
Imagem 16. Décima Sexta Lição.....	107
Imagem 17. Décima Oitava Lição	108
Imagem 18. Décima Nona Lição.....	109
Imagem 19. Vigésima Primeira Lição.....	112
Imagem 20. Vigésima Quarta Lição.....	116
Imagem 21. Vigésima Quinta Lição.....	117
Imagem 22. Vigésima Sétima Lição.....	120
Imagem 23. Trigésima Primeira Lição	125
Imagem 24. Trigésima Terceira Lição	127
Imagem 25. Trigésima Sétima Lição.....	131
Imagem 26. Trigésima Nona Lição	134
Imagem 27. Quadragésima Lição.....	136
Imagem 28. Esquema: O conteúdo do ensino de 1º e 2º graus.....	145
Imagem 29. Diploma de conclusão da Cartilha Caminho Suave	152
Imagem 30. Lição G de gato	159
Imagem 31. Sétima Lição.....	167
Imagem 32. Décima Nona Lição.....	185
Imagem 33. Trigésima Sétima Lição.....	211
Imagem 34. Trigésima Oitava Lição	211
Imagem 35. Trigésima Nona Lição.....	212
Imagem 36. Quadragésima Primeira Lição	215

Imagem 37. Quadragésima Segunda Lição	217
Imagem 38. Quadragésima Quarta Lição	218
Imagem 39. Quadragésima Sétima Lição	221
Imagem 40. Quadragésima Oitava Lição	222

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Lição 1 (Cartilha Maternal)	40
Tabela 2. Lição 2 (Cartilha Maternal)	41
Tabela 3. Lição 3 (Cartilha Maternal)	41
Tabela 4. Lição 4 (Cartilha Maternal)	42
Tabela 5. Lição 5 (Cartilha Maternal)	43
Tabela 6. Lição 6 (Cartilha Maternal)	43
Tabela 7. Lição 7 (Cartilha Maternal)	44
Tabela 8. Lição 8 (Cartilha Maternal)	44
Tabela 9. Lição 9 (Cartilha Maternal)	45
Tabela 10. Lição 10 (Cartilha Maternal)	46
Tabela 11. Lição 11 (Cartilha Maternal)	46
Tabela 12. Lição 12 (Cartilha Maternal).	47
Tabela 13. Lição 13 (Cartilha Maternal)	47
Tabela 14. Lição 14 (Cartilha Maternal)	48
Tabela 15. Lição 15 (Cartilha Maternal)	49
Tabela 16. Lição 16 (Cartilha Maternal)	50
Tabela 17. Lição 17 (Cartilha Maternal)	50
Tabela 18. Lição 18 (Cartilha Maternal)	52
Tabela 19. Lição 19 (Cartilha Maternal)	53
Tabela 20. Lição 20 (Cartilha Maternal)	54
Tabela 21. Lição 21 (Cartilha Maternal)	55
Tabela 22. Lição 22 (Cartilha Maternal)	56
Tabela 23. Lição 23 (Cartilha Maternal)	57
Tabela 24. Lição 24 (Cartilha Maternal)	58
Tabela 25. Dados sobre a carreira de Lourenço Filho	72
Tabela 26. Registros das vendas da Cartilha do Povo – Lourenço Filho	74
Tabela 27. Lição 1 (Cartilha do Povo)	82
Tabela 28. Lição (Cartilha do Povo)	84
Tabela 29. Lição 3 (Cartilha do Povo)	84
Tabela 30. Lição 4 (Cartilha do Povo)	86
Tabela 31. Lição 5 (Cartilha do Povo)	87
Tabela 32. Lição 6 (Cartilha do Povo)	89
Tabela 33. Lição 7 (Cartilha do Povo)	90
Tabela 34. Lição 8 (Cartilha do Povo).	92
Tabela 35. Lição 9 (Cartilha do Povo)	93
Tabela 36. Lição 10 (Cartilha do Povo)	95
Tabela 37. Lição 10 (Cartilha do Povo)	96

Tabela 38. Lição 12 (Cartilha do Povo)	98
Tabela 39. Lição 13 (Cartilha do Povo)	100
Tabela 40. Lição 14 (Cartilha do Povo)	102
Tabela 41. Lição 15 (Cartilha do Povo)	103
Tabela 42. Lição 16 (Cartilha do Povo)	105
Tabela 43. Lição 17 (Cartilha do Povo)	106
Tabela 44. Lição 18 (Cartilha do Povo)	107
Tabela 45. Lição 19 (Cartilha do Povo)	108
Tabela 46. Lição 20 (Cartilha do Povo)	110
Tabela 47. Lição 21 (Cartilha do Povo)	111
Tabela 48. Lição 22 (Cartilha do Povo).	112
Tabela 49. Lição 23 (Cartilha do Povo)	113
Tabela 50. Lição 24 (Cartilha do Povo)	114
Tabela 51. Lição 25 (Cartilha do Povo)	116
Tabela 52. Lição 26 (Cartilha do Povo)	118
Tabela 53. Lição 27 (Cartilha do Povo)	119
Tabela 54. Lição 28 (Cartilha do Povo)	121
Tabela 55. Lição 29 (Cartilha do Povo)	121
Tabela 56. Lição 30 (Cartilha do Povo)	123
Tabela 57. Lição 31 (Cartilha do Povo)	124
Tabela 58. Lição 31 (Cartilha do Povo)	126
Tabela 59. Lição 33 (Cartilha do Povo).	127
Tabela 60. Lição 34 (Cartilha do Povo)	128
Tabela 61. Lição 36 (Cartilha do Povo)	129
Tabela 62. Lição 37 (Cartilha do Povo)	130
Tabela 63. Lição 38 (Cartilha do Povo)	132
Tabela 64. Lição 39 (Cartilha do Povo)	134
Tabela 65. Lição 40 (Cartilha do Povo)	135
Tabela 66. Proporção das crianças em idade escolar alfabetizadas e analfabetas, na população do Estado de São Paulo em 1950	140
Tabela 67. Situação da qualificação do magistério primário no Brasil entre 1940 e 1957	142
Tabela 68. Indicadores demográficos e econômicos e taxa de alfabetização entre 1900 e 1970	144
Tabela 69. Registro das tiragens – programas do Governo	148
Tabela 70. Palavras-chave e figuras-referências	153
Tabela 71. Lição 1 (Caminho Suave)	160
Tabela 72. Lição 2 (Caminho Suave)	161

Tabela 73. Lição 3 (Caminho Suave)	162
Tabela 74. Lição 4 (Caminho Suave)	163
Tabela 75. Lição 5 (Caminho Suave)	164
Tabela 76. Lição 6 (Caminho Suave)	165
Tabela 77. Lição 7 (Caminho Suave)	167
Tabela 78. Lição 8 (Caminho Suave)	168
Tabela 79. Lição 9 (Caminho Suave)	169
Tabela 80. Lição 10 (Caminho Suave)	171
Tabela 81. Lição 11 (Caminho Suave)	172
Tabela 82. Lição 12 (Caminho Suave)	174
Tabela 83. Lição 13 (Caminho Suave)	175
Tabela 84. Lição 14 (Caminho Suave)	176
Tabela 85. Lição 15 (Caminho Suave)	178
Tabela 86. Lição 16 (Caminho Suave)	180
Tabela 87. Lição 17 (Caminho Suave)	182
Tabela 88. Lição 18 (Caminho Suave)	184
Tabela 89. Lição 20 (Caminho Suave)	186
Tabela 90. Lição 21 (Caminho Suave)	187
Tabela 91. Lição 22 (Caminho Suave)	189
Tabela 92. Lição 23 (Caminho Suave)	190
Tabela 93. Lição 24 (Caminho Suave)	191
Tabela 94. Lição 25 (Caminho Suave)	193
Tabela 95. Lição 26 (Caminho Suave)	194
Tabela 96. Lição 27 (Caminho Suave)	196
Tabela 97. Lição 28 (Caminho Suave)	197
Tabela 98. Lição 29 (Caminho Suave)	198
Tabela 99. Lição 30 (Caminho Suave)	200
Tabela 100. Lição 31 (Caminho Suave)	201
Tabela 101. Lição 32 (Caminho Suave)	203
Tabela 102. Lição 33 (Caminho Suave)	205
Tabela 103. Lição 34 (Caminho Suave)	206
Tabela 104. Lição 35 (Caminho Suave)	208
Tabela 105. Lição 36 (Caminho Suave)	208
Tabela 106. Lição 37 (Caminho Suave)	209
Tabela 107. Lição 39 (Caminho Suave)	212
Tabela 108. Lição 40 (Caminho Suave)	214
Tabela 109. Lição 41 (Caminho Suave)	216
Tabela 110. Lição 42 (Caminho Suave)	216

Tabela 111. Lição 44 (Caminho Suave)	218
Tabela 112. Lição 45 (Caminho Suave)	219
Tabela 113. Lição 46 (Caminho Suave)	220
Tabela 114. Lição 47 (Caminho Suave)	221
Tabela 115. Lição 48 (Caminho Suave).	222
Tabela 116. Questionário.....	223
Tabela 117. Entrevistas - dados pessoais	224
Tabela 118. Respostas para a questão 1	225
Tabela 119. Respostas para a questão 2	226
Tabela 120. Respostas para a questão 3	227
Tabela 121. Respostas para a questão 4	228

SUMÁRIO

Introdução	17
1. A história do ensino da leitura e suas práticas	20
2. Cartilha Maternal Ou Arte De Leitura	32
2.1. Autor	32
2.2. Conflitos políticos e os desdobramentos na Educação Portuguesa	32
2.3. A utilização da Cartilha Maternal no Brasil	35
2.4. Cartilha Maternal e a inovação metodológica para o processo de alfabetização	37
2.4.1. Dedicatória	38
2.4.2. Título	38
2.5. Lições	39
2.5.1. Primeira Lição	39
2.5.2. Segunda Lição	40
2.5.3. Terceira Lição	41
2.5.4. Quarta Lição	42
2.5.5. Quinta Lição	42
2.5.6. Sexta Lição	43
2.5.7. Sétima Lição	44
2.5.8. Oitava Lição	44
2.5.9. Nona Lição	45
2.5.10. Décima Lição	45
2.5.11. Décima Primeira Lição	46
2.5.12. Décima Segunda Lição	47
2.5.14. Décima Quarta Lição	48
2.5.15. Décima Quinta Lição	48
2.5.16. Décima Sexta Lição	49
2.5.17. Décima Sétima Lição	50
2.5.18. Décima Oitava Lição	51
2.5.19. Décima Nona Lição	52
2.5.20. Vigésima Lição	53
2.5.21. Vigésima Primeira Lição	54
2.5.22. Vigésima Segunda Lição	55
2.5.23. Vigésima Terceira Lição	56
2.5.24. Vigésima Quarta Lição	57
2.6. João de Deus: A marca portuguesa	58
3. Cartilha do Povo	60
3.1. Autor	60

3.2. Efervescências políticas brasileiras e os impactos na educação	63
3.2.1. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova – 1932	68
3.3. Influências e influenciador: os irmãos de armas	71
3.4. Cartilha do Povo: a nova bússola	73
3.4.1. Título e Ilustrações	78
3.5. Lições	Erro! Indicador não definido.
3.5.1. Primeira Lição	82
3.5.2. Segunda Lição	83
3.5.3. Terceira Lição.....	84
3.5.4. Quarta Lição	85
3.5.5. Quinta Lição	87
3.5.6. Sexta Lição	88
3.5.7. Sétima Lição.....	90
3.5.8. Oitava Lição	91
3.5.9. Nona Lição	93
3.5.10. Décima Lição.....	94
3.5.11. Décima Primeira Lição.....	96
3.5.12. Décima Segunda Lição.....	98
3.5.13. Décima Terceira Lição	99
3.5.14. Décima Quarta Lição.....	101
3.5.15. Décima Quinta Lição.....	103
3.5.16. Décima Sexta Lição.....	104
3.5.17. Décima Sétima Lição	106
3.5.18. Décima Oitava Lição	107
3.5.19. Décima Nona Lição	108
3.5.20. Vigésima Lição.....	109
3.5.21. Vigésima Primeira Lição	111
3.5.22. Vigésima Segunda Lição.....	112
3.5.23. Vigésima Terceira Lição	113
3.5.24. Vigésima Quarta Lição.....	114
3.5.25. Vigésima Quinta Lição.....	116
3.5.26. Vigésima Sexta Lição.....	117
3.5.27. Vigésima Sétima Lição.....	119
3.5.28. Vigésima Oitava Lição	120
3.5.29. Vigésima Nona Lição	121
3.5.30. Trigésima Lição.....	122
3.5.31. Trigésima Primeira Lição	123
3.5.32. Trigésima Segunda Lição	125

3.5.33. Trigesima Terceira Lição.....	126
3.5.34. Trigesima Quarta Lição	128
3.5.35. Trigesima Quinta Lição	128
3.5.36. Trigesima Sexta Lição	129
3.5.37. Trigesima Sétima Lição	130
3.5.38. Trigesima Oitava Lição	131
3.5.39. Trigesima Nona Lição	133
3.6. O Cardeal e o impacto brasileiro	137
4. Cartilha Caminho Suave.....	138
4.1. Autora	138
4.2. Alfabetização e a Nova Era	139
4.3. Cartilha Caminho Suave: Simplificando a aprendizagem.....	146
4.3.1 Título e Ilustrações	150
4.4. Atividades introdutórias	157
4.5. Lições	158
4.5.1. Primeira Lição	159
4.5.2. Segunda Lição	161
4.5.3. Terceira Lição.....	162
4.5.4. Quarta Lição	163
4.5.5. Quinta Lição	164
4.5.6. Sexta Lição	165
4.5.7. Sétima Lição.....	166
4.5.8. Oitava Lição	168
4.5.9. Nona Lição	169
4.5.10. Décima Lição.....	170
4.5.11. Décima Primeira Lição.....	172
4.5.12. Décima Segunda Lição.....	173
4.5.13. Décima Terceira Lição	175
4.5.14. Décima Quarta Lição.....	176
4.5.15. Décima Quinta Lição.....	178
4.5.16. Décima Sexta Lição.....	180
4.5.17. Décima Sétima Lição	182
4.5.18. Décima Oitava Lição	183
4.5.19. Décima Nona Lição	185
4.5.20. Vigésima Lição.....	186
4.5.21. Vigésima Primeira Lição	187
4.5.21. Vigésima Segunda Lição	188
4.5.23. Vigésima Terceira Lição	189

4.5.24. Vigésima Quarta Lição	191
4.5.25. Vigésima Quinta Lição	192
4.5.26. Vigésima Sexta Lição	194
4.5.27. Vigésima Sétima Lição	195
4.5.28. Vigésima Oitava Lição	197
4.5.29. Vigésima Nona Lição	198
4.5.30. Trigésima Lição	199
4.5.31. Trigésima Primeira Lição	201
4.5.32. Trigésima Segunda Lição	202
4.5.33. Trigésima Terceira Lição	204
4.5.34. Trigésima Quarta Lição	206
4.5.35. Trigésima Quinta Lição	207
4.5.36. Trigésima Sexta Lição	208
4.5.37. Trigésima Sétima Lição	209
4.5.38. Trigésima Oitava Lição	211
4.5.39. Trigésima Nona Lição	212
4.5.40. Quadragésima Lição	214
4.5.41. Quadragésima Primeira Lição	215
4.5.42. Quadragésima Segunda Lição	216
4.5.43. Quadragésima Terceira Lição	217
4.5.44. Quadragésima Quarta Lição	218
4.5.45. Quadragésima Quinta Lição	219
4.5.46. Quadragésima Sexta Lição	219
4.5.47. Quadragésima Sétima Lição	220
4.5.48. Quadragésima Oitava Lição	222
4.6. Com a palavra, os ex-alunos	223
4.7. A permanência do atraso da alfabetização brasileira	230
Considerações finais	231
Bibliografia	235

INTRODUÇÃO

A história da alfabetização brasileira inicia-se no período Imperial (1822-1889), o qual obteve os primeiros ensaios de um sistema de alfabetização, buscando metodologias aplicadas em países ocidentais, a fim de retirar os males advindos da falta de instrução, sendo considerada a educação como meio fundamental para o progresso social e material da nação, ou seja, a escola como meio educacional tinha como princípio uma missão civilizadora (MARCILIO, 2016).

Neste âmbito, foram utilizados manuais escolares para o aprendizado da leitura, da escrita e da contagem, auxiliando professores principalmente no ensino do processo de alfabetização. Tais manuais ficaram conhecidos como Cartilhas, tendo por características a apresentação do alfabeto, a formação de sílabas, palavras e frases e textos religiosos, influenciados pela predominância católica advindas dos colonizadores portugueses. De acordo com os estudos de Carlota Boto (2004):

[...] o termo cartilha constitui um desdobramento da palavra “cartinha” que, por sua vez era usada – em língua portuguesa – desde o princípio da Idade Moderna, para identificar aqueles textos impressos cujos propósitos explícitos seria o de ensinar a ler, escrever e contar. [...] boa parte dos textos escritos que as crianças traziam de casa para utilizá-los na escola como materiais de ensino da leitura eram manuscritos: dentre esses, as cartas eram uma fonte privilegiada... Muitos eram os meninos e meninas que, em Portugal, aprenderam a ler inicialmente mediante a leitura de cartinhas... À semelhança e por analogia, elabora-se para os primeiros textos impressos com a finalidade alfabetizadora – a expressão “cartinha de leitura”. Daí vem à cartilha (BOTO, 2004, p.).

Por meio desta perspectiva, esta pesquisa analisará três cartilhas adotadas no Brasil com datas de publicações distintas, observando seus métodos e influências políticas para criação e difusão dos mesmos, iniciando no Império e finalizando em meados da redemocratização brasileira.

Estes manuais no período imperial eram importados de Portugal, pois até 1808 não era permitido à publicação de livros nacionais. Tal proibição era muito questionada pelos intelectuais positivistas da época, os quais defendiam uma revolução no ensino, com introdução do método intuitivo (MARCILIO, 2016). Outros intelectuais acreditavam ser necessária a realização de materiais escolares com características do povo brasileiro, levando em consideração suas condições de vida (SCHEFFER et al., 2013).

Apesar das divergências ideológicas, havia um excelente manual realizado pelo português João de Deus, expressos como na Cartilha Maternal, sendo muito utilizado nas escolas imperiais brasileiras. Este método conhecido como *método da palavração*, propõe

um ensino fundado no estudo da fala, ou seja, é ensinado os valores das letras e palavras inteligíveis, mostrando ao estudante a arte do ler e não do gaguejar (OLIVEIRA, 1998), não admitindo o uso dos silabários comuns, mas apresenta uma diversificação da divisão silábica das palavras sem quebrar a sua unidade gráfica e sonora por meio de aspectos visuais, recorrendo a tons de preto e cinza para demarcar a parte a ser trabalhada em determinada lição (RUIVO 2006).

Um dos principais divulgadores do “método de João de Deus” foi Silva Jardim, um positivista radical que defendia este método como revolucionário, científico e racional, o qual era organizado em lições das mais simples às mais complexas. Além da divulgação do método, a aceitação por parte do corpo docente foi de grande amplitude, visto as diversas edições publicadas.

Com a Proclamação da República em 1889 é enfatizado um sentimento de nacionalismo, sendo espelhado no âmbito educacional, visando à importância de haver crianças civilizadas, as quais só poderiam passar por um processo civilizador, se fossem ensinadas a ler, escrever e contar, ocasionando um processo de racionalização do cidadão brasileiro, retirando-o da barbárie (MARCILIO, 2016).

No período republicano houve importantes reformas educacionais, visando à regeneração nacional, em virtude da condição conturbada considerada pelos intelectuais como causa da má instrução da população, a qual impedia o progresso tão almejado nesta época. Um dos principais marcos dessas reformas educacionais é o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932. Essas reformas tinham como pilares: 1) a expansão de vagas escolares na rede pública de qualidade e 2) o surgimento de materiais, os quais auxiliassem os docentes nesta nova forma de construir a instituição escolar. Para que haja exemplificação deste período foi escolhida a *Cartilha do Povo - Para ensinar a ler rapidamente* (1949) de Lourenço Filho, considerado um dos mais renomados educadores e revolucionários da época.

Além da *Cartilha do Povo – Para ensinar ler e escrever rapidamente*, a *Cartilha Caminho Suave* (1992) de Branca Alves de Lima teve destaque por sua influência no trabalho de alfabetização no Brasil, especificamente no Estado de São Paulo, exemplificando o período da redemocratização. Tais Cartilhas foram tão importantes que chegavam por vezes a concorrer entre si na predileção dos docentes alfabetizadores (MORTATTI, 1999).

Antes de analisar as três cartilhas buscou-se compreender a racionalidade do discurso sob o viés da história do ensino da leitura e suas práticas, se embasado principalmente nos referenciais teóricos de Roger Chartier (1990; 1998); Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard (1995) e Diana Vidal (2004; 2005). Destarte a leitura como prática fundamental da cultura escolar, produzindo comportamentos e sentidos amparados por relações de saber e poder.

Ao estudar as três cartilhas, houve a necessidade de realizar uma revisão literária sobre o assunto, a fim de compreender a construção textual e metodológica dos materiais, levando em consideração os diferentes aspectos constitutivos das fontes documentais, a saber: os temas abordados em cada cartilha; o processo histórico social; o papel mediador entre professor-aluno; os manuais escolares como um pilar para aquisição do conhecimento; qual o método aplicado; se há enfoque em determinada classe social; para quais crianças é produzido estes instrumentos de alfabetização; se há manual de instrução para os professores, entre outros pontos norteadores específicos de cada Cartilha.

Vale ressaltar, que este estudo focou nas limitações do Estado de São Paulo, preferencialmente na capital, São Paulo, durante o período de 1876 - ano da primeira publicação da Cartilha Maternal - a meados das décadas de 1970 e 1980.

A presente pesquisa elucida as obras de Carlota Boto (2003; 2004; 2012 e 2019), compreendendo a figura de João de Deus; Carlos Monarcha (2001 e 2010) e Estela Bertoletti (2006 e 2011) com os estudos sobre o Lourenço Filho e Eliane Teresinha Peres (2015; 2016), analisando a obra de Branca Alves de Lima. Ademais, para ter um panorama histórico usou as obras de Maria do Rosário Longo Mortatti (199; 2006 e 2011) e Maria Luiza Marcílio (2016), o qual trouxeram maior compreensão no tocante ao desenvolvimento social.

Deste modo, o trabalho de Conclusão de Curso visa refletir acerca do processo de alfabetização nas instituições escolares brasileiras, buscando abarcar o processo histórico de criação dos manuais escolares, tendo enfoque nas cartilhas, assim como compreender o papel social da escola, como instituição socialmente construída. Acredita-se, contudo, que é justamente por esse caráter histórico que se permite refletir e modificar a escola e suas metodologias aplicadas no processo de alfabetização.

1. A HISTÓRIA DO ENSINO DA LEITURA E SUAS PRÁTICAS

Ler significa aproximar-se de algo que acaba de ganhar existência.

ITALO CALVINO, 1979 *apud* MANGUEL, 1997.

A história da leitura perpassa desde a pré-história em que o primeiro símbolo se tornou signo, com significado e significante lido pelos primeiros homo sapiens-sapiens, até os dias atuais em que a leitura é determinante na inserção do sujeito social por meio da escolarização. Esta história ocorre através das modificações de suporte da leitura, passando de “(...) pedras, ossos, cascas de árvore, muros, monumentos, tabuletas, rolos de papiro, códices, livros, telas e papel eletrônico” (FISCHER, 2006, p.7).

De acordo com Alberto Manguel (1997) a leitura vai além do sistema alfabético, possibilitando uma compreensão da história da humanidade, atribuindo-lhe um papel fundamental na evolução social e coloca a leitura como algo inerente a vida. Assim,

[...] em cada caso é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial (MANGUEL, 1997, p.19-20).

Dessa maneira, a leitura não se caracteriza apenas como uma “capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos” (FISCHER, 2006, p.11) ou concebê-la como algo naturalizado ao Homem, mas avança na compreensão dos conceitos historicamente construídos de leitura, leitor, livro e suas práticas. Assim, estudar a leitura sob um viés histórico, possibilita, inclusive, compreender os avanços da própria humanidade inscritas nas relações sociais de saber e poder (FISCHER, 2006 & MANGUEL, 1997).

Neste âmbito, os estudos realizados por Roger Chartier (2011) constroem a história da leitura como uma prática cultural, a partir da materialidade do objeto impresso e da reflexão do ato de ler. Tais práticas históricas e culturais “(...) tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16-17).

Sob esta perspectiva, Chartier reflete sobre três sentidos: 1) representação como uma interpretação coletiva do passado; 2) apropriação realizada pelo leitor, levando a cabo as configurações narrativas em relação a uma refiguração da própria experiência e 3) a prática relacionada ao suporte do material lido, influenciando as maneiras de como

ler, entender e refletir sobre o conteúdo em comparação com o mundo vivido (CHARTIER, 1990; 2011). Neste interim, o autor é visto como autoridade de sua obra e junto com o editor, conduzem percursos para uma interpretação correta, representando determinado assunto do cotidiano. Contudo, “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado” (CHARTIER, 1998, p.11), logo a apropriação do leitor depende de suas comunidades culturais no âmbito espacial e temporal. Tais ações, Roger Chartier aclara em sua obra

“A ordem dos livros” (1998): Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce (CHARTIER, 1998, p.9).

As condutas no ato de ler envolve mecanismos de controle através dos discursos prescritos, impondo formas corretas de pensar, modos, gestos e posturas adequadas ao leitor (CHARTIER & HÉBRARD, 1995). É através da palavra escrita que o discurso passa a ser transmitido, guiando e orientando as condutas, ou seja, “(...) numerosos textos têm por objetivo anular-se enquanto discurso e produzir na prática comportamentos e condutas tidos por legítimos e úteis” (CHARTIER, 1990).

De acordo com Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard (1995), a história da leitura é marcada por três principais revoluções estabelecendo e impulsionando novas práticas do ato de ler dentro e fora da escola. Embora haja modificações, a palavra escrita continua evidenciando seus perigos, sendo controlados os suportes e os conteúdos lidos tanto pela igreja quanto pelos poderes laicos governamentais (CHARTIER & HÉBRAD, 1995).

O primeiro movimento é a ruptura da leitura pública declamada e oralizada, pela leitura silenciosa, a partir do século XII (CHARTIER & HÉBRAD, 1995). A leitura pública, exigia do leitor uma interpretação corporal, sendo transmissor do conhecimento e não apenas receptor das informações. Assim, a escuta era parte da leitura e o conteúdo era supervisionado pelos poderes religiosos-estatais de maneira mais explícita, precisando ser aceito pela sociedade por meio da audição (FISCHER, 2006 & MANGUEL, 1997).

Esta mudança na modalidade da leitura oral para a silenciosa decorreu principalmente do advento da invenção da imprensa de Gutenberg, retirando o caráter pessoal que os manuscritos possuíam, suas diagramações e modificando a função da pontuação “(...) vinculada sobretudo ao significado e não ao som, o que demonstra o resultado da transformação da leitura oral em silenciosa” (FINCHER, 2006, p.63).

A imprensa, uma parte integrante da história geral da civilização, modificou a sociedade de forma fundamental. Oferecendo ao público cópias quase infinitas de textos idênticos, por meios mecânicos, ela transformou uma sociedade cujo

acesso ao conhecimento era limitado em outra cujo acesso era quase ilimitado. A prensa, na verdade, tornou viável a sociedade moderna. Não seria exagero afirmarmos que o advento da imprensa foi tão importante para a humanidade quanto o domínio do fogo e da roda (FISCHER, p. 196).

Assim, a leitura silenciosa permitia uma relação mais profunda do leitor com a obra, caracterizando como uma experiência íntima e individual, a qual, possibilitou a modificação dos locais permitidos às leituras, como, por exemplo, os aposentos (FISCHER, 2006 & MANGUEL, 1997).

A segunda revolução, destacada pelos autores Chartier e Hébrard (1995), ocorreu no final do século XVII, havendo a substituição das leituras intensivas que obedeciam a cânones do sagrado - ligados a religiões de cunho cristão – marcados pela memorização e repetição, para uma leitura extensiva em novos impressos, mais livre, fluida e despretensiosa. Este declínio da leitura religiosa correlacionou com o período do Iluminismo, do século XVIII, que conforme os estudos de Steven Roger Fischer (2006) caracterizou com “(...) a saída do ser humano do estado de não emancipação (...)” para um período da fluência de ideias não dogmáticas (FISCHER, 2006, p. 239).

Tal movimento intensificou a mercadologização do livro e a inserção de outros gêneros narrativos no interior da sociedade.

O livro, suporte físico de um saber, mas também objeto industrializado submetido à compra e a venda, vale dizer, mercadoria, é parte integrante, até essencial, dos mecanismos econômicos próprios ao capitalismo. Assume marcas da sociedade burguesa ao se transformar em propriedade privada; neste caso, contratos de edição e impressão, meios de distribuição e venda, regras de tradução e condensação constituem operações que visibilizam a dimensão econômica do processo inteiro que se abre com um original e desemboca num livro. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1996, p. 60)

No século XIX o livro impresso passa a se tornar um santuário, inclusive objeto de decoração, permeando entre o discurso do poder intelectual e aquisitivo em conjunto com o desenvolvimento de uma nação (FISCHER, 2006; MANGUEL, 1997; LAJOLO & ZILBERMAN, 1996).

E por fim a terceira revolução apontada por Chartier e Hébrard (1995) é evolução tecnológica do final do século XX e início do século XXI, a qual, criou uma outra relação com o leitor, devido a sua materialidade, isto é, o suporte eletrônico. Assim, o livro passa a ser uma mercadoria de massa, embora o domínio dos discursos continua servindo para direcionar a própria vida (CHARTIER & HÉBRARD, 1995; FISCHER, 2006).

Cabe ressaltar que tais revoluções foram possibilitadas através dos diferentes suportes para leitura, como por exemplo, do pergaminho ao códice, possibilitando um deslocamento da obra e sua manipulação de maneira mais ordenada com a identificação

das páginas. Conforme as obras de Chartier (1990;1998) o suporte modifica a forma da leitura, sua apropriação e o posicionamento corporal diante da mesma, como por exemplo,

A revolução do texto eletrônico será ela também uma revolução da leitura. Ler sobre uma tela não é ler um códex. Se abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata de toda a obra (...). A revolução iniciada é, antes de tudo, uma revolução dos suportes e formas que transmitem o escrito (CHARTIER, 1998, p.100-101).

Tal transmissão por meio do escrito propaga os discursos vigentes, atrelados aos comportamentos e a moralidade estabelecidas, os quais, reverberam em práticas exercidas na atualidade (CHARTIER, 1998; VEIGA, 2002).

Segundo os estudos de Michel Foucault (1996) a produção do discurso é um sistema de representação que é formulado de acordo com o momento histórico e político vivido, havendo mecanismos de interdição que impõe aquilo que pode ser dito ou não, em cada lugar. Por isso, para Foucault pouco importa se um fenômeno ou discurso seja verdadeiro, o que importa é como determinado discurso foi sendo constituído como verdade. Não é a legitimidade do fato em si, mas como pelo discurso determinadas representações vão sendo ditas como legítimas, enquanto outras não (FOUCAULT, 1996).

Assim as relações de poder que permeiam todas as relações humanas, são amparadas também pelas noções de saber, uma vez que todo conhecimento para ser tido como verdadeiro, se ampara em saberes e esses se relacionam com o poder. É assim que para o autor, poder e saber se conectam. Não há discursos que não façam parte dessa ligação, os discursos são constituídos conforme essa relação de saber e de poder (FOUCAULT, 1996). Então, pode-se dizer que os significados não são os mesmos, mas deve-se pensar em contingentes. Em cada época, os discursos se estabelecem de acordo com seus mecanismos e as representações de determinada cultura. O que vale dizer que a cultura tem um sentido relevante para o modo como as representações são constituídas (FOUCAULT, 1996).

Dessa maneira há leis que regem os modos e as práticas de leitura no decorrer da história das civilizações, passando a responsabilizar a escola com mais intensidade a partir do século XIX, colocando-a como promotora do ensino da leitura, da moralidade e dos bons costumes.

Entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes, o que coloca o problema, ao mesmo tempo histórico e contemporâneo, do lugar da aprendizagem escolar numa

aprendizagem da leitura, nos dois sentidos da palavra, isto é, a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de qua falamos, a capacidade de uma leitura hábil, que pode se apropriar de diferentes textos (CHARTIER, 2011, p.240)

Assim, qual seria o papel social da escola visando o ensino e a produção de uma determinada cultura? (FORQUIN, 1993).

De acordo com os estudos de Carlota Boto (2010; 2019) é imprescindível retomar os pressupostos da escola como uma instituição que organiza, racionaliza e codifica saberes e valores, civilizando o indivíduo. Dessa maneira,

A escola primária configura-se, por tal perspectiva, como instituição voltada para padronizar costumes e projetar saberes. Apresenta como impessoais, universais e atemporais as regras de que se vale. Como sublinha Nobeit Elias, trata-se de racionalizar, institucionalizar e tornar interdependentes os costumes (ELIAS, 1993; 1994); de tal maneira que na infância sejam ensinados os padrões de pudor, de vergonha e de autocontrole; os quais, por suposto, deveriam regular o comportamento adulto (BOTO, 2019, p.184).

A escola a partir do século XIX, adquiri certos ritos escolares, os quais, impõem regras coletivas da sociedade, caracterizando-a como um dispositivo de controle que exerce sobre os indivíduos, a fim de “(...) cumprir a sua função mais fundamental que é a de preparar os jovens para os papéis que eles deverão ter uma vez adultos (FORQUIN, 1993, p.74), ou seja, a escola sustenta as relações de forças sob tipos de saberes, preparando-os para a futura vida social. Desse modo, a instituição escolar cumpre uma missão civilizadora (BOTO, 2010; 2019 & VEIGA, 2002).

Para Nobeit Elias, “a civilização não é apenas um estado, mas um processo que deve prosseguir (...) um tipo mais elevado de sociedade: a ideia de um padrão de moral e costumes, isto é, tato social (...)” (ELIAS, 1994, p.62). Nesta ordem, o conceito de civilidade relaciona diretamente a um comportamento controlado mediante as estruturas mentais e emocionais em códigos aceitos pela sociedade. Portanto, “civilizar é produzir a transformação integral do ser interior do homem a partir de modificações no comportamento exterior: aquele que cuida da “postura, dos gestos, do vestuário, das expressões faciais” (ELIAS, 1994, p.69)” (BOTO, 2019, p.189).

É por meio da escolarização moderna que as “formas de comportamento civilizado constituíram um aprofundamento do controle das normas de conduta” (VEIGA, 2002, p. 99), colocando a escola como um dispositivo do poder social e de promotora das distinções de classe pelo ensino, distinguindo o pobre, o qual, deveria ser civilizado, do indivíduo culto e estudado da alta burguesia.

Assim, a ideologia da escola do século XIX, perpassava sobre a preocupação em garantir uma nova conduta na aprendizagem que desse conta de uma transmissão dos

comportamentos socialmente aceitos, tornando os sujeitos previsíveis, além de disseminar uma cultura de classe por meio da competitividade dos talentos e da meritocracia, ou seja, o Estado monopoliza os saberes a partir de interesses da elite em voga (VEIGA, 2002).

A escola racionaliza. Ao mesmo tempo em que distribui as pessoas, faz também como que elas circulem, mediante uma encadeada estrutura ritual. [...] A escolarização expõe-se na vida social como instância formadora por excelência. Nela serão contadas às crianças as coisas fundamentais para se tornar adulto; vale dizer, as intersecções e intercâmbios entre natureza, cultura e civilização. A escola moderna é, portanto, tributária de um esforço civilizador da vida social. (BOTO, 2010, p.42)

Dessa maneira a escola adquire cultura pelas práticas externas, as quais advém dos diferentes grupos sociais que a frequenta, determinando assim, as normas, os conhecimentos e os comportamentos civilizados que deverão ser incorporados (VIDAL, 2006). Segundo Dominique Julia (2001), a cultura escolar é

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores (JULIA, 2001, p.10 e 11).

Neste sentido, compreender quais saberes e *habitus* eram requeridos de um docente (JULIA, 2001 & CHARTIER, 1990); a disposição e arquitetura do espaço escolar (VIÑAO FRAGO & ESCOLANO, 1998; FORQUIM, 1993); os tempos; as divisões por disciplinas curriculares (CHERVEL, 1990 & LAJOLO & ZILBERMAN, 1996) e os materiais pedagógicos (BITTENCOURT, 1993 & SILVA, 2005), sublinham os dispositivos da cultura escolar como:

Un conjunto de teorias, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos, prácticas – formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos – sedimentadas a lo largo del tiempo em forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas en entredicho y que proporcionan estrategias para integrarse en dichas instituciones, para interactuar y para llevar a cabo, sobre todo en el aula, las tareas cotidianas que de cada uno se esperan, así como para hacer frente a las exigencias y limitaciones que dichas tareas implican o conllevan. Sus rasgos característicos serían la continuidad y persistencia en el tiempo, su institucionalización y una relativa autonomía que le permite generar productos específicos – por ejemplo, las disciplinas escolares – que la configuran como tal cultura independiente (VIÑAO FRAGO, 2000, p.2-3 *apud* FARIA FILHO et. al., 2004, p.148-149).

Assim, a figura docente deverá trabalhar com os saberes e valores incutidos na sociedade, os quais, orientam as condutas dos sujeitos históricos. Segundo, Norbert Elias (1994), esta interiorização caracteriza o *habitus* como uma estrutura que estabelece as práticas e normas a serem seguidas, podendo exemplificá-la como uma grade de leitura que os indivíduos dispõem para ler a vida social (ELIAS, 1994 & CHARTIER, 1990). Dessa maneira, Julia (2001) e Chervel (1990) compreendem “(...) o professor como aquele que põe em funcionamento os dispositivos escolares de maneira criativa respeitando às normas estabelecidas” (FARIA FILHO & GONÇALVES & VIDAL & PAULILO, 2004, p.149).

Este funcionamento se dá por meio do currículo escolar como um “(...) artefato social e histórico sujeito a mudanças e flutuações, e não como uma realidade fixa e atemporal” (GOODSON, 1997, p.9), vinculando as relações entre conteúdo do ensino; a educação; espaço; tempo e as questões de poder. Dessa maneira, entende-se educação como formadora, sempre transmitida “(...) de alguém a alguém, permeando as crenças, hábitos e valores sociais, os quais, constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação (FORQUIN, 1993, p.10)”. Assim, o currículo escolar

[...] não se trata somente do modo como a educação está organizada, expressando consciente e inconscientemente a organização de uma cultura e de uma sociedade: o que se pensava ser uma simples distribuição constitui, na verdade, uma modelação real com objetivos sociais específicos. Trata-se também do facto de que o conteúdo da educação, que está sujeito a uma filiação histórica clara, representa determinados elementos básicos da cultura, consciente e inconscientemente. O que se considera ser “uma educação” é, de facto, um conjunto específico de ênfases e omissões (WILLIAMS, 1975, p.146 *apud* GOODSON, 1997, p. 22-23).

O conteúdo escolar é ensinado pelas disciplinas, as quais, “(...) são modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos” (CHERVEL, 1990, p.186), fixando parâmetros ideológicos e políticos (GOODSON, 1997). Assim, “las disciplinas son, pues, fuente de poder y exclusión no sólo profesional sino también social (VIÑAO FRAGO, 1995, p.66).

As disciplinas ensinam os conteúdos historicamente eleitos, disseminadas pelas metodologias como um ato pedagógico, sendo de responsabilidade do professor torná-las assimiláveis (CHERVEL, 1990). Assim a função das disciplinas é classificar, ordenar, mensurar e avaliar, como ressalta Carlota Boto (2010, p.41):

A disciplina escolar abarca um minucioso conjunto de normas, de tática, de procedimentos, cuja finalidade será tornar aquilo que, em princípio, era múltiplo. A ação reguladora das instituições educativas é constitutiva de nosso imaginário pedagógico contemporâneo. O poder disciplinar – como dirá Foucault – pretende engendrar corpos dóceis: “corpo que se manipula, se

modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam (FOUCAULT, 1987, p. 117 *apud* BOTO, 2010, p.41).

Outro fator importante na regulação dos corpos dóceis é a organização dos espaços e tempos, operando como uma forma de discurso que institue, “(...) em sua materialidade, um sistema de valores, um conjunto de aprendizagens sensoriais e motoras e uma semiologia que recobre símbolos estéticos, culturais e ideológicos” (FARIA FILHO & VIDAL, 2000, p. 19).

Dessa forma, a cultura material da escola é evidenciada na disposição; na organização dos espaços; na divisão do tempo escolar; no mobiliário escolar e nos materiais didáticos, os quais, estão “(...) intrinsecamente vinculados aos modos de ensinar e a própria pedagogia, o que, por sua vez incita ao domínio de práticas atreladas estas a materialidade dos objetos que lhes servem de suporte (...)” (BOTO, 2019, p. 193).

Para Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano (1998), o espaço e tempo são elementos significativos do currículo oculto, impondo leis de vigilância e disciplinas do corpo e da mente, modificando não apenas os limites, as pessoas ou os objetos, mas o espaço-escola. Dessa maneira a arquitetura escolar

[...] pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende (VIÑAO FRAGO & ESCOLANO, 1998, p. 45).

Segundo os estudos de Viñao Frago (1995) outro elemento do currículo oculto é o tempo escolar como condicionante e condicionado pelos indivíduos e pela instituição. Assim,

El tiempo escolar – como el espacio y el discurso escolares – no es, por tanto, “un simple esquema formal o una estructura neutra” en la que se “vacía” la educación, sino una secuencia, curso o sucesión continuada de momentos en los que se distribuyen los procesos y acciones educativas, el quehacer escolar; un tiempo que refleja unos determinados supuestos psicopedagógicos, valores y formas de gestión, un tiempo a interiorizar y aprender (ESCOLANO, 1992, p. 56 *apud* VIÑAO FRAGO, 1995, p. 72).

A disciplina escolar é ministrada em um espaço e tempo específico do ambiente escolar, sob orientação dos materiais didáticos, os quais, servem de guia aos professores, contendo os métodos e metodologias reconhecidos. Neste viés, é importante compreender a função do livro escolar como “(...) veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura” (BITTENCORT, 1993, p.3).

Dessa forma, compreender a materialidade do livro escolar, favorece “(...) a percepção dos conteúdos ensinados, a partir de uma análise dos enunciados e das respostas, mas sobretudo suscitam o entendimento do conjunto de fazeres ativados no interior da escola (...)” (VIDAL, 2006, p.160), possibilitando o estudo das práticas, das rotinas, dos métodos e das metodologias, assim como compreender as disposições espaciais e temporais. “Assim, a história dos manuais articulou-se à difusão mundial da escola e dos conhecimentos pedagógicos” (Silva, 2005, p.01).

O livro escolar ocupa um lugar de maior importância a partir de meados do século XVIII, como principal instrumento para formação dos professores e a difusão do método estabelecido pelo poder governamental, incutindo as normas, regras e valores, além de possibilitar um maior controle sobre o que é ensinado e aprendido dentro das salas de aula (BITTENCORT, 1993).

De acordo com Vivian Batista da Silva (2005) a palavra “manual” representou um guia aos professores tanto das questões pedagógicas como administrativas, servindo como um instrumento de base aos conteúdos curriculares, além de auxiliar nos estudos dos alunos incutindo os valores morais, religiosos e políticos.

Os manuais foram, nesse sentido, produtos da escola feita para o povo, ao mesmo tempo em que explicaram a composição dos elementos da vida nessa instituição, ou seja, as atribuições do docente, as atividades do aluno, o funcionamento das aulas, a organização dos conteúdos e os métodos didáticos. (SILVA, 2005, p. 45)

Para aplicar os métodos e as metodologias, os intelectuais brasileiros do século XIX utilizavam de referências internacionais, principalmente as obras advindas de Portugal e da França, considerando a nação como atrasada devido as questões econômicas e políticas, além de não existir uma formação qualificada ao docente e materiais adequados ao trabalho escolar (BITTENCORT, 1993; SILVA, 2005).

Cabe ressaltar que durante todo o século XIX, os manuais didáticos foram o tema discutido pelos parlamentares, visando a criação e organização de um sistema educacional que compactuassem com os ideais projetados para a nação. Assim, difundir métodos através dos livros didáticos, auxiliaria na formação precária dos professores do Império (BITTENCORT, 1993) e impactaria diretamente no ideal de cidadão que se buscava. De acordo com Manguel (1997):

Os métodos pelos quais aprendemos a ler não só encarnam as convenções de nossa sociedade em relação à alfabetização – a canalização da informação, as hierarquias de conhecimento e poder –, como também determinam e limitam as formas pelas quais nossa capacidade de ler é posta em uso (MANGUEL, 1997, p.85)

No período Imperial, o método aceito era conhecido como método intuitivo que tinha por objetivo educar as crianças a partir de novos padrões intelectuais e orientar de forma segura os docentes por meio de manuais didáticos, contendo um caminho de procedimentos para elaboração das atividades do ponto de vista da percepção sensitiva, ou seja, os sentidos humanos: tato, paladar, olfato, visão e audição (FARIA FILHO & VIDAL, 2004). Dessa forma o livro didático era o principal instrumento do professor, considerado como único detentor do conhecimento na escola (BITTENCORT, 1993). No século XIX,

O livro didático deveria desempenhar o papel homogeneizador do saber escolar, de reforçar os métodos de ensino baseados na memorização, em uma escola concebida como transmissora dos conhecimentos das diferentes disciplinas. O livro didático deveria ser utilizado como instrumento de memorização, ocasionando a prática do “saber de cor”. Páginas eram repetidas oralmente, diante do professor e dos companheiros, inculcando um conhecimento superficial, de difícil avaliação quanto à sua efetiva apreensão e incorporação (BITTENCORT, 1996, p.18).

Dentre os livros didáticos, as cartilhas portuguesas desempenharam um papel fundamental na alfabetização das crianças brasileiras a partir da segunda metade do século XIX (ABREU org., 1999), sendo utilizadas pelos docentes como manuais de primeiras letras, “(...) um mapa orientador, uma diretriz cultural (...)” (BOTO, 2010, p.48).

No final do século XIX uma das principais obras utilizadas no processo de alfabetização foi a cartilha do português João de Deus (1878), intelectual que defendia o método da palavração, o qual era responsável por retirar os tormentos vividos pelas crianças por decorrência da ignorância. De acordo com suas concepções,

Só a palavra escrita tem o selo da imortalidade. O homem destinado a viver no grêmio desta imensa família, cujo pai é Deus, precisa de levantar o seu coração e o seu espírito de hemisfério a hemisfério e, de século a século. Só a palavra escrita resolve o problema de nosso destino. Aquele que apenas fala com os que o ouvem, e para quem o mundo acaba no vale que habita, não é um cidadão, porque desconhece os negócios da Pátria; é um selvagem (LAJOLO & ZILBERMAN, 1996, p. 191)

A compreensão de leitura e leitor começa a se modificar nos últimos anos do século XIX e início do século XX, em que há uma movimentação em favor do abasileiramento dos livros escolares, devido a reivindicações ideológicas frente a um antilusitanismo de um país cioso de sua independência (LAJOLO & ZILBERMAN, 1996). Dessa maneira, “não se trata somente de alfabetizar, trata-se de forjar uma nova consciência cívica por meio da cultura nacional e por meio da inculcação de saberes associados à noção de progresso” (JULIA, 2001, p. 23).

Com a efetivação do movimento republicano, a alfabetização se torna condição para participar da vida pública (BITTENCORT, 1993). “Para escola republicana, ler é o gesto de emancipação por excelência, pelo qual um indivíduo pode ampliar o horizonte de seus saberes, de suas experiências e de seus pensamentos” (CHARTIER, 2003, p.40).

De acordo com o movimento republicano, a Escola Nova, introduzida no Brasil nos anos de 1920, defendia uma educação integral e científica ao aluno (SILVA, 2005 & BITTENCORT, 1993), baseando o progresso da nação na alfabetização, assim, para os intelectuais republicanos “(...) a leitura é fator determinante para o sucesso das pessoas, sendo capaz de minimizar os efeitos da pobreza, da cor, do gênero (...)” (ABREU org., 1999, p.10).

Dentre os escolanovistas, Lourenço Filho publicou a Cartilha do Povo (1928) em que objetivava um ensino da leitura de maneira rápida e eficaz, colocando o aluno como eixo central da organização das atividades escolares, a fim de oportunizar uma leitura funcional e prazerosa (CHARTIER, 2003 & SILVA, 2005). Assim, o livro escolar passa a ser utilizado como instrumento possibilitador de novos desvelos pela experiência, “(...) por isso, ler era tão ativo quanto realizar um experimento. O saber encontrado no livro não se oferecia mais à memorização: emulava a produção de novos saberes” (ABREU org., 1999, p.339).

De acordo com os estudos de Heloísa Helena Pimenta Rocha (2000), a escola das primeiras décadas do século XX estava alicerçada nos princípios higienistas, tendo como dever apresentar o ideal no que concerne a estrutura, materiais, mobiliários adequados a estatura das crianças, luminosidade e salubridade perfeitas. Dessa maneira, a materialidade da escola possibilitou práticas culturais ligadas as áreas da psicologia e da saúde, atribuindo um papel relevante no uso do discurso iconográfico como forma de associação no ato de ler, visando mobilizar os saberes dos estudantes (ROCHA, 2000 & SILVA, 2005).

A partir da segunda metade do século XX, os focos de leitura transpassam a palavra escrita, incorporando com frequência as iconografias nos materiais para o público infantil. Exemplo deste trabalho foi a publicação feita pela professora Branca Alves de Lima com a Cartilha Caminho Suave em 1948 que fundamenta a alfabetização por meio das imagens, evidenciando a concepção de infância vigente.

Assim, ao analisar as cartilhas como manuais pedagógicos compreende não apenas o debate metodológico, mas

“(...) as escolhas materiais a que ele foi submetido (gramatura e dimensão do papel, tipo gráfico de letra, espaçamento das letras, mancha na página, modalidade de ilustração, relação texto e imagem, dentre muitas outras variantes) e os modos consagrados de leitura (em voz alta, coletiva, silenciosa, individual)” (VIDAL, 2014, p. 8)

A história do ensino da leitura e suas práticas é visibilizada por meio da história dos seus suportes (CHARTIER, 1990), assim como as práticas escolares estão relacionadas as condições materiais (VIDAL, 2005) e o estudo das cartilhas vinculadas as metodologias difundidas. Portanto,

A leitura obedece às mesmas leis que as outras práticas culturais com a diferença de que ela é mais diretamente ensinada pelo sistema escolar, isto é, de que o nível de instrução vai ser mais poderoso no sistema dos fatores explicativos, sendo a origem social o segundo fator. No caso da leitura, hoje, o peso do nível de instrução é mais forte. Assim, quando se pergunta a alguém seu nível de instrução, tem-se já uma previsão concernente ao que ele lê, ao número de livros que leu no ano, etc. Tem-se também uma previsão no que diz respeito à sua maneira de ler. Pode-se rapidamente passar da descrição das práticas às descrições das modalidades dessas práticas (CHARTIER, 2011, p.237)

Nesta perspectiva, a missão da instituição escolar é, acima de tudo, ensinar a ler (CHARTIER & HÉBRARD, 1995), visando a “(...) formação do caráter e das almas que passa por uma disciplina do corpo e por uma direção das consciências” (JULIA, 2001, p.22).

Logo, a sociedade atribuiu a responsabilidade de tornar a população mais intruída e civilizada através do processo da escolarização de cada indivíduo, ensinando-os mediante a uma leitura não apenas a aprendizagem das letras e palavras, mas “(...) sobre todo, la sustitución de una determinada concepción del espacio-tiempo por outra, la de la lineal cultura escrita y la ni menos lineal cultura escolar” (VIÑAO FRAGO, 1995, p.73-74). Por conseguinte, a escola ensina que ler é compreender (CHARTIER et; al, 1996).

Como prática cultural, o livro escolar desenvolve um importante papel na condução do ensino da leitura e da escrita sob as representações sociais, sendo um constante campo de disputas ideológicas “(...) sobre seu passado, seu presente e seu futuro” (ABREU org., 1999, p. 566).

2. CARTILHA MATERNAL OU ARTE DE LEITURA

2.1. AUTOR

João de Deus de Nogueira Ramos (1830 - 1896), nasceu em São Bartolomeu de Messines localizado em Algarve – Portugal e ficou conhecido por ser um poeta lírico e pedagogo, considerado precursor do método analítico, denominado pelos escolanovistas de Método Global. Em 1849, cursou Direito na Universidade de Coimbra, entretanto preferia as belas artes da escrita e da leitura, abandonando a advocacia e trabalhando como redator do Jornal “O Bejense” e posteriormente se candidatou a Parlamentar e continuou a publicar seus poemas, tendo como um dos principais temas, denúncias sobre problemas sociais como a fome; a pobreza; o analfabetismo, entre outros.

Em 1865 aceita o convite para ser gerente da editora Rolland, em Lisboa, a fim de criar um Método de Leitura, embora a editora tenha falido, João de Deus, finalizou seu trabalho e em 1876 publicou sua Cartilha, denominada “Cartilha Maternal ou Arte de Leitura”, obra a qual obteve grande prestígio, sendo aprovada como método nacional de aprendizagem da escrita da língua portuguesa.

Atualmente, há um Museu em homenagem a João de Deus em Lisboa – Portugal, também funcionando a Associação de Jardins-Escolas João de Deus que tem por objetivo promover a educação e a cultura.

2.2. CONFLITOS POLÍTICOS E OS DESDOBRAMENTOS NA EDUCAÇÃO PORTUGUESA

Ter ciência da conjuntura sociopolítica portuguesa da década de 1870 é compreender as minúcias que justificam a criação da Cartilha Maternal, a qual foi formulada para servir de apoio pedagógico aos professores no processo de mudança ideológica e política de Portugal. Vale ressaltar que o presente tópico se fundou nos estudos de Carlota Boto (2012), visto ampla gama de fatos históricos portugueses, contido na obra, sendo um instrumento de base.

O câmbio de ideologias derivou dos pensamentos republicanos advindos, principalmente dos jovens intelectuais da década de 1870, conhecidos como Geração de

70. Estes demonstravam o descontentamento contra a sociedade portuguesa, considerando que as autoridades focavam na revolução dos meios de transporte ferroviários, novidade que surgiu com maior celeridade influenciando o centro da Europa, ao invés de investirem seus esforços nos problemas educacionais do país.

Enquanto isso, os intelectuais debatiam outros temas e tentavam estruturar uma reforma da escolarização de forma ampla e democrática, acreditando que promovendo o conhecimento, Portugal se desenvolveria de forma efetiva.

Todavia, a responsabilidade pela instrução das crianças também era incumbência dos pais, os quais, geralmente, não permitiam que seus filhos estudassem, pois era necessário, mesmo que precocemente, a criança trabalhar. Este fato ocorreu durante todo século XIX, sendo possível afirmar que a educação não era vista como um bem ou uma aquisição, sendo assim, era ausente a conscientização da sociedade para a importância educacional.

Diante do exposto, os intelectuais de 70 lutaram fortemente contra este retardado histórico, colocando como pilar o progresso civilizatório que só se daria por meio da aquisição da leitura e da escrita. Estas lutas foram lideradas por Antero de Quental (1842-1881), importante poeta, filósofo e dirigente acadêmico, que entendia a educação como regeneradora da organização social. Seus pensamentos foram difundidos em duas principais atividades políticas: *As Conferências do Casino* e *Questões Coimbrã*.

As Conferências do Casino tinham por objetivo irradiar e impulsionar debates envolvendo temas que efervesciam a política da época, abrangendo questões filosóficas e da ciência moderna, tanto de Portugal como mundial, considerando estes saberes como regeneradores sociais. Enquanto as reuniões denominadas *Questões Coimbrã*, focavam em contrapor ideologias mais antigas, personificada na figura de António Feliciano Castilho (1800-1875), pedagogo, sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e criador do método “*Portuguez-Castilho para o Ensino Rápido e Aprazível do Ler, Escrever e Bem Falar ou Leitura Repentina*”. Nestas reuniões eram criticados os métodos mais antigos de alfabetização, sendo expostos argumentos, encalcando assim a proposta de Reforma. Ademais, eram nestes espaços revolucionários que propunha apresentar a população suas misérias, ou seja, fazendo-a enxergar o modo que estava organizado as funções sociais a partir da vida cotidiana individual e coletiva, conscientizando-a sobre a importância educacional portuguesa.

Diante do exposto, é possível notar que a *Geração de 70*, considerava a escolarização como uma necessidade fundamental para superação de todo atraso sociopolítico e desenvolvimentista português, colocando-a como pilar para conquistar a cidadania moderna. Para atingir este objetivo era essencial a criação de outros métodos que se adequassem às ideologias preconizadas pelos jovens intelectuais, enfocando no ensino de primeiras letras.

O nome convocado para ser o criador de um método compatível com os ideais republicanos foi João de Deus, o qual, compreendia que o progresso civilizatório advinha com a aquisição da leitura e escrita, principalmente da leitura, possibilitando ler os textos impressos, ampliando a visão de mundo de cada estudante, acreditando que este seria o futuro da escolarização primária.

O método de João de Deus, assim como o método de Castilho, visava um ensino rápido, embora as justificativas divergiam, isto é, para Deus, o método deveria ensinar o mais rápido possível a leitura aos estudantes, permitindo a conciliação entre o tempo de plantio e da colheita com o tempo da escola, possibilitando que as crianças auxiliassem suas famílias e também pudessem ter instrução. Já para Castilho, a rapidez relacionava-se com a comparação que fizera da boa escola como vacinação, ou seja, crianças vacinadas/estudadas por pouco tempo poderiam auxiliar no acréscimo do trabalho e consequentemente no desenvolvimento social, sendo a escola também promotora da educação moral.

Esta relação com as famílias, auxiliou no sucesso da Cartilha de João de Deus, assim como a nomenclatura da mesma como visto no tópico anterior. Esta aceitação social também obteve por meio de comprovações públicas, além de disputas com outros educadores que alegavam ensinar com menos tempo a ler e escrever. Disputas como essas efervesciam e davam visibilidade a Cartilha Maternal como em manchetes jornalísticas e matérias em Revistas, como visto nas edições de 1890 da *Revista de Educação e Ensino*, apresentada por Boto (2012):

Em 1890, a *Revista de Educação e Ensino* trazia com frequência comentários sobre a boa repercussão social ocasionada pelo método de João de Deus quando aplicado em escolas primárias. Ressaltava-se o valor social representado pela iniciativa das Escolas Móveis, as quais, por sua vez, propunham-se adotando as técnicas de João de Deus, enfrentar o analfabetismo de jovens e adultos portugueses na época. Naquele ano de 1890, já havia 50 missões da Associação das Escolas Móveis João de Deus (BOTO, 2012, p.94).

Com as Escolas Móveis, o Método difundia-se nacionalmente, tanto para o ensino primário para crianças como para jovens e adultos, possibilitando que todos os portugueses tivessem acesso e fossem iguais perante a palavra escrita, ou seja, por meio da instrução escolar pública, a visão de mundo da população abriria para enxergar novos horizontes. Embora houvesse essa expansão do método, muitos docentes se sentiam despreparados para aplicação do mesmo, ocasionando em aulas de memorização dos compêndios, desestimulando todo interesse do aluno. Algo que a *Geração de 70* considerava fundamental para mudança educacional, ou seja, criação de cursos preparatórios para docentes sob a nova ideologia preconizada.

Este estímulo do interesse também era uma das premissas dos intelectuais de 70, assim como de João de Deus, compreendendo que a escola deveria se tornar atrativa, ensinando os estudantes por um método que fizesse sentido, ou seja, pelo método Global, o qual será explicado detalhadamente nos tópicos posteriores.

Problematizar os métodos foi extremamente importante para pensar a educação portuguesa, a estruturação da aula e da escola, proporcionando oportunidades e estimulando a capacidade dos estudantes, visto que anteriormente a “cada 50 alunos, apenas 1 era considerado preparado para a etapa seguinte – a escolarização primária portuguesa era falha e em completo desacordo com todas as tendências contemporâneas” (BOTO, 2012, p.78).

Por meio do Método inovador de João de Deus, influenciou e modificou a escolarização tanto portuguesa como brasileira, visto que o Brasil era uma colônia de Portugal. Sendo assim, ler, escrever e contar como ação educativa tinha o poder de modificar a raça e o indivíduo, principiando a leitura como um rito institucional, social e político.

2.3. A UTILIZAÇÃO DA CARTILHA MATERNAL NO BRASIL

A metodologia de ensino por meio de cartilhas foi implantada no Brasil no Período Imperial em decorrências de inovações na arte de ler e escrever. Houve duas grandes obras de muita influência na educação brasileira, a primeira a Cartilha “*Método português – Castilho, para o Ensino Rápido e Aprazível do Ler, Escrever e Bem Falar ou Leitura Repentina*” escrita por Antônio Feliciano de Castilho de 1850, a qual, obteve bons resultados quanto a capacidade de atenção dos alunos, considerado na época como um grande segredo na arte de ensinar, porém 20 anos depois sofreu declínio, visto que o método levava os estudantes à práticas viciosas, sendo difíceis de extirpar, como por exemplo, a leitura cadenciada que conduzia a criança a decorar e não codificar as lições (MARCÍLIO, 2016; BOTO & GUIRAO, 2020).

Apesar do insucesso da Cartilha de Castilho, a mesma permitiu a entrada de recursos educativos não-religiosos no Brasil e criação de outros materiais portugueses com enfoque na alfabetização, como a “*Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*” de João de Deus, promovida pela Casa Rolland, editora que o autor trabalhava. Sua obra teve influências de suas participações políticas, sendo um militante das renovações de ideais em Portugal, conhecidos como Geração 70, que militavam em prol de uma consciência versátil e flexível, favorecendo o desenvolvimento intelectual em detrimento de uma

argumentação inerte (MARCÍLIO, 2016). Por conta disso, a sua pedagogia tinha uma conotação ideológica e política transformando a leitura como atividade rotineira, trivial e emancipadora (BOTO, 1998), por meio do método analítico, o qual, foi o precursor.

Cabe destacar que a Cartilha Maternal, no final do século XIX, obteve sucesso tanto em Portugal como no Brasil, visto que havia uma efervescência de ideias inovadoras em relação ao ensino da leitura e à nacionalização do material didático, o que auxiliou em um resultado satisfatório. Esta obra foi o primeiro manual de alfabetização para os mestres brasileiros com caráter inovador, sendo necessário para o ensino não utilizar o método sintético, suprimindo as etapas de soletração e silabação, considerado pelo autor, como habilidades prévias para uma alfabetização mais rápida e eficaz, por meio do Método Analítico, partindo do significado da palavra, não do fonema.

Um dos principais divulgadores do “método de João de Deus” foi Silva Jardim, um positivista radical que defendia este método como revolucionário, científico e racional, visto que as crianças eram ensinadas a compreender e raciocinar, diferenciando do método anterior em que não pensavam por si, apenas repetiam como simples máquinas (MORTATTI, 2000). Como meio da divulgação, Silva Jardim, apresentou a *Cartilha Maternal*, para os estudantes da Escola Normal de São Paulo, contendo 25 lições, indo das mais simples às mais complexas. Este manual foi bem aceito por toda categoria docente, visto as inúmeras edições publicadas, sendo até distribuídas nas escolas brasileiras pelas autoridades do país (MARCÍLIO, 2016).

No Brasil o método teve bastante aceitação e um olhar inovador por parte dos docentes, sendo comprovado pela quantidade de material comercializado. Um dos primeiros divulgadores do método nas escolas foi o Professor Júlio Francisco da Silva Mirando na cidade de Recife em 1880, seguido do Professor Antonio Hipólito de Medeiros, aplicando o método da palavração neste mesmo ano aos seus alunos. Este último enalteceu o “Método de João de Deus”, em que mesmo observando as precariedades do sistema público, reconheceu como positivo o método que deu celeridade no aprendizado da leitura e escrita, mensurando o tempo de 03 meses. (MARCÍLIO, 2016).

A Cartilha Maternal é usada com veemência até os primeiros anos da República do Brasil, pois surge a necessidade de haver materiais criados pela própria nação, advindos do sentimento nacionalista e progressista da época.

2.4. CARTILHA MATERNAL E A INOVAÇÃO METODOLÓGICA PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O formato da apresentação da Cartilha é inovador, sendo utilizado a letra de imprensa em toda a extensão da obra, único modelo exibido, visto que era considerado o mais usual. Além disso, o autor utiliza algumas ferramentas de destaque como o negrito e/ou a cor cinza para distinguir algumas sílabas que serão trabalhadas (RUIVO, 2006), utilizada como uma diversificação da divisão silábica das palavras, sem que haja quebra da unidade gráfica e sonora. Assim o estudante aprende os valores das letras e palavras inteligíveis, mostrando a *arte do ler* e não do gaguejar (OLIVEIRA, 1998).

A Cartilha é destinada a orientação do mestre de primeiras letras ou qualquer pessoa que esteja disposto a ensinar a leitura (BOTO, 2012), pois caracteriza-se como um Guia para os Professores, diferenciando das outras Cartilhas analisadas, sendo considerada por Silva Jardim – o principal dissimulador do método nas terras brasileiras no final do período Colonial e início da República – como método inovador de ensino das primeiras letras (MORTATTI, 2000) utilizando diferente forma de abordagem das letras de acordo com seu valor como explicita Carlota Boto (2012):

João de Deus qualifica o valor de cada letra, dando-lhe a entonação da leitura, a partir do modo pelo qual ela deveria ser pronunciada. Tal preocupação fica exposta na sequência de seu texto, quando classifica a fala em função não mais do critério binário das vogais e consoantes, mas pelo parâmetro quaternário que supunha vozes (as vogais puras e nasaladas), tons (v,z,j,r), sons (f,ç,x) e modos [labiais (m,b,p) e linguais; divididos, por sua vez, em dentais (d, t), palatais (r, l, lh) e guturais (g, q)] (BOTO, 2012, p.83).

Desta forma o material apresenta uma logística analítica em que são apresentadas as palavras, iniciando das mais simples para as mais complexas utilizando a articulação da fala como aponta Mortatti (2000):

Como aprendemos a falar? Falando palavras; como aprenderemos a ler? É claro que lendo essas mesmas palavras. A palavrção, pois, é o único processo nacional; porque não ensina o alfabeto todo e sim por partes; porque não arbitrariamente e sim partindo das vogaes, sons elementares e geraes, comuns, para as invogaes, sons secundários e espaciaes, [...], porque finalmente torna explicito que para ler não são necessários nomes de letras e sim seus valores, por isso que só estes são falados [...] (MORTATTI, 2000, p.48).

João de Deus inicia sua Cartilha utilizando o método de sintético a partir das vogais, buscando dar significado à junção de mais de uma vogal, como por exemplo, “ai;ui;eu e ia” (DEUS, 1878, p.29). Para o autor, o educador deveria sempre utilizar a

inteligibilidade da palavra (BOTO, 2012, p.81) e a leitura era expressada com seu caráter axiológico (DEUS, 1878, p.29).

A Cartilha utiliza o Método Analítico, também conhecido como Método Global, Método da Sentenciação ou Método da Palavração, o qual, se caracteriza por ensinar a ler do todo para parte, ou seja, rompe-se com a decifração e da separação silábica, analisando a palavra inteira, a fim de que o estudante possa compreender o sentido, memorizando a escrita das palavras.

Dessa forma, João de Deus, não utiliza o método fonético (sons), sendo usado o processo de leitura pela palavra inteira, aplicando seu conceito de ensinar os estudantes a ler pela mesma lógica da fala, partindo sempre do significado da palavra.

2.4.1. Dedicatória

A Cartilha Maternal ou Arte de Leitura foi dedicada ao Visconde de Arcozello, Joaquim Teixeira de Castro (1825- 1891), o qual foi fundador da primeira escola em que este sistema de ensino foi implantado.

2.4.2. Título

De acordo com o dicionário Michaelis, o termo ‘maternal’, de origem latina ‘*Mater*’, mãe, significa próprio da mãe/relação mãe e filho.

Neste contexto fica claro a simbiose existente entre a família e a escola uma vez que o propósito de aproximação também se identifica no objetivo de ensinar a relação da palavra falada e escrita, assim “(...) a palavra falada está para a família assim como a palavra escrita está para a escola” (BOTO, 2012, p.81,82). Também, o termo ‘maternal’ foi utilizado, visto que consideravam a figura materna como responsáveis por preservar a inocência e proteger os filhos de qualquer tipo de flagelo contra seu desenvolvimento, neste caso, o desenvolvimento intelectual. Neste âmbito, pode-se afirmar que João de Deus, acreditava que o método silábico, causava danos violentos contra a amputação moral dos estudantes como corroborado neste trecho:

As mães que do coração professam a religião da adorável innocencia, e até por instinto sabem que em cérebros tão tenros e mimosos todo o cansaço e

violência pôde deixar vestígios indeléveis, oferecemos, neste systema profundamente prático, o meio de evitar a seus filhos o flagello da cartilha tradicional (DEUS, João, 1878, p. VIII).

João de Deus, procura dar um caráter valorativo ao método de ensino em que consiste da palavrção; em sua obra “A arte de leitura”, apresenta a inovação buscando dar significado à leitura propondo o uso das palavras na codificação das letras (DEUS, 1878, p.VII), em que a leitura se traduz pela confirmação da expressão verbal (BOTO,2012). Logo, o ensino à leitura só obtém significado pois utiliza uma função natural dos seres humanos, fundado na “língua viva” (DEUS, 1878, p.VII). Ademais, evidencia a importância do aprendizado em leitura, ou seja, a Cartilha tem como objetivo ensinar a leitura, conhecimento que ultrapassa o espaço da escola, sendo um instrumento para compreensão de fatos cotidianos.

2.5. LIÇÕES

João de Deus divide a obra em vinte e cinco lições e que ao final o estudante saberia ler e escrever, possuindo competência cognitiva e repertório linguístico. Entretanto, na terceira edição, é composta por vinte e quatro lições, a qual será detalhada abaixo.

2.5.1. Primeira Lição

Inicia-se com a apresentação das vogais e seus valores, os quais, representam vozes, e sem estas não há construções de palavras. Entretanto, este ensino derivava dos significados da junção de uma vogal com a outra, explora

A habilidade da leitura seria desenvolvida primeiramente pelo estudo das vogais, sem as quais – diz João de Deus – não poderia haver palavra escrita. As vogais representariam vozes, por meio das quais surgem os valores sonoros das palavras. Mas não se partia das vogais soltas em seus sons. Principiava-se, antes, pelo significado extraído da junção de mais de uma vogal – como em *ai; ui; eu; ia*. (BOTO, 2012, p.81).

Tabela 1. Lição 1 (Cartilha Maternal)

PRIMEIRA LIÇÃO			VOGAIS	
a	e	i	o	u
ai	ui	eu	ia	

Ademais, o autor, enfatiza nesta primeira lição que o mestre de primeiras letras ou o educador nunca deverá pedir a soletração para o aluno, visto que isso confunde e deprava o raciocínio, ensinando “(...) a arte do ler e não do gaguejar” (OLIVEIRA, 1998, p.51), por meio de palavras vivas, de forma natural, sem que haja sofrimento e não letras e sílabas mortas (DEUS, 1878).

Nesta primeira lição, o autor já deixa implícito seu ideal-político em que a educação deveria ser expandida para a população, pois apenas a instrução deixaria o homem livre da selvageria, sendo por meio da escrita que se consolida a palavra do homem, pois é imortal (DEUS, 1878).

2.5.2. Segunda Lição

Na segunda e terceira lição ensina-se palavras denominadas labiodentais, de acordo com os modos de articulação da fala, ou seja, iniciam com palavras que contenham V e o F, dando prioridade a palavras começadas com estas letras.

Nesta lição se apresenta a invogal, chamada por João de Deus, como invogal perfeita, a letra v, valorizando-a como invogal tão prolongada como as vogais. Além de evidenciar que o estudante lerá como se fala, acentuando as palavras na sílaba correta, como pode ser corroborado por este trecho:

Começamos pela mas perfeita, o vê, que maiúsculo ou minúsculo conserva a mesma forma; nunca se anula, dobrando-se debalde ou escrevendo-se por amor da etymologia; tem sempre o mesmo valor, e só ele tem esse valor; presta-se com as vogaes a muitas combinações familiares, e representa uma articulação vocalisada, duplamente apreciável ao ouvido do principiante pela continuidade e pela intensidade. (DEUS, 1878, p.11)

No exemplo é apresentado 11 palavras contendo a letra v, em que a sílaba tônica está colorida com cinza mais claro, e as demais de cor preta.

Tabela 2. Lição 2 (Cartilha Maternal)

SEGUNDA LIÇÃO			LETRA V	
vá	vai	vi	via	viu
vivi	vivia	viveu	viva	uva
viuva				

Vale destacar a utilização de cores diferentes nas sílabas das palavras, em que a sílaba que o autor quer destacar é tingida em preto e a(s) restante(s) são coloridas de cinza claro, facilitando a compreensão do discípulo. Esta prática é utilizada da Segunda Lição à Vigésima Quarta Lição.

2.5.3. Terceira Lição

Como referido anteriormente, a terceira lição apresentará a letra F, tendo como modo de articulação a função labiodental. Nesta lição João de Deus, retrata as diferenças da articulação bucal para a pronúncia das vogais e invogal – vogal, denominado pelo autor de modos, isto é,

Os modos consistem numa operação dos beijos ou da língua, operação de sua natureza silenciosa como quando dizemos bocado, golilha, maninho, preto. Palavras em que proferimos uáu, aiu, éu: e nada mais se profere, ou se diz (DEUS, 1878, p.5)

Não se compreende o significado isolado, como por exemplo, quando se diz ‘a’, mas quando se diz ‘vá’, assemelha-se ao verbo “ir” executando um comando a um terceiro elemento.

O autor também exemplifica a diferença do ‘ve’ e ‘fe’, em que o ‘v’ possui um tom, caracterizado como voz e o ‘f’ possui som, como um bafo, embora a disposição mecânica na pronúncia seja a mesma. Além disso, enfatiza o ensino das semelhanças e diferenças na dicção, pois só através da compreensão destas, é possível ensinar a ler com racionalidade e afirma: “(...) os elementos e condições da linguagem, [são as] bases de toda a arte de leitura (DEUS, 1878, p.8)”.

São apresentadas sete palavras contendo a letra F:

Tabela 3. Lição 3 (Cartilha Maternal)

TERCEIRA LIÇÃO			LETRA F		
fé	fui		fia	fiava	afia
afiava	fava				

2.5.4. Quarta Lição

Relata-se da importância de distinguir os valores das articulações utilizadas para pronunciar as invogais, exemplificando o que seriam as inflexões e articulações:

Os modos e elementos a que acabamos de os referir chamam-se ordinariamente *inflexões* e articulações, por serem como uns eixos, umas juntas da voz, que lhe dão contorno e melodia. (DEUS, 1878, p.10)”

Neste viés, Deus, ressalta que a invogais que contém a mesma pronúncia, assemelhando-se pelo som, ou seja, por sua fonética, mas diferindo a forma escrita, como por exemplo: “(...) f... (fé, aflição, phoca)..... f ff ph (...)” (DEUS, 1878, p.10).

João de Deus, justifica-se a ordem que escolheu iniciar pelo ‘VÊ’, por ser a invogal mais perfeita, seguindo pela ‘FÊ’ por ter disposição mecânica para a leitura e na quarta lição apresenta o ‘JÊ’, solicitando que o mestre de primeiras letras ensine que o estudante não deve “(...) despegar a língua da gengiva superior” (DEUS, 1878, p.12) para pronúncia correta desta invogal.

São apresentadas 5 palavras com a letra J:

Tabela 4. Lição 4 (Cartilha Maternal)

QUARTA LIÇÃO			LETRA J	
já	fuja	veja	viaja	viajava

2.5.5. Quinta Lição

Nesta lição, como na anterior, apresenta-se as formas com o mesmo valor que é pronunciado, ou seja, o mesmo som é proferido por letras diferentes, como exemplificado neste trecho:

Assim como na lição passada buscamos as formas pelos valores, vejamos de quantas formas se escrevem os doze modos da nossa língua (mnemonizados), segundo a ordem alfabetica [...]. q ... (kilo, qual, chimica)... k q ch c [...] (DEUS, 1878, p.14).

Ademais, o autor se vangloria de seu método por ensinar sílabas complexas em pouco tempo, justificando que o método da palavração traz ao estudante um ensino significativo.

Nos parágrafos finais, Deus, relata que escolhe o ‘tê’ para dar sequência, por conta da disposição mecânica da fala e ensina a pronunciar corretamente a letra ‘tê’:

Há letras que se lêem, dizendo-se alguma coisa; e outras que se lêem, fazendo-se alguma coisa. Aqui nem o bafo se emite. Não temos articulação dental aspirada. Língua nos dentes ou gengiva superior, o mais nada (DEUS, 1878, p.15).

São apresentadas 9 palavras que contenham o ‘tê’:

Tabela 5. Lição 5 (Cartilha Maternal)

QUINTA LIÇÃO			LETRA T	
tu	teu	tua	tia	ata
atava	fita	fatia	fatiota	

2.5.6. Sexta Lição

O autor escolhe a letra ‘dê’, dizendo que esta é irmã da ‘tê’, por utilizar a mesma disposição mecânica da articulação em que a língua se direciona a parte superior dos dentes, além do som ser familiar.

Apresenta-se 17 palavras com o ‘dê’, havendo 9 iniciadas por esta letra e 8 palavras em que o ‘dê’ está entre a segunda e última sílaba:

Tabela 6. Lição 6 (Cartilha Maternal)

SEXTA LIÇÃO			LETRA D	
dia	dó	doi	dá	deu
dada	dava	deva	vida	duvída
ida	idiota	judia	judeu	ajuda
fiada	afiada			

Vale destacar, que todas as palavras escritas, sempre remetem a lições anteriores como a palavra “Judia”, lembrando a quarta lição e a palavra “fiada” recordando a lição a terceira lição. Sendo assim, o autor segue uma sequência na apresentação e rememoração do estudante, a fim de compreender o som e o valor de cada invogal ensinada.

2.5.7. Sétima Lição

Inicia-se criticando a regra de acentuação e o mal uso por escritores reconhecidos e explica o motivo de ter acentuado a palavra “duvída” na lição anterior, tendo por objetivo facilitar a leitura do estudante.

Queremos dizer com isto, que rejeitando e reprovando nas cartilhas uma acentuação artificial armada a facilitar a leitura, iremos empregando os devidos signaes nas palavras duvidosas, conforme a razão e os bons exemplos (DEUS, 1878, p.19).

Em continuação, apresenta a invogal ‘bê’, ensinando o modo de articulação, em que se lê com a boca fechada, assim como o pê dando sequência a próxima lição. Ensina-se 17 palavras que contenham a invogal ‘bê’:

Tabela 7. Lição 7 (Cartilha Maternal)

SÉTIMA LIÇÃO			LETRA B	
boi	boa	aba	baba	beba
bata	batia	bateu	batida	bota
batata	abata	abatia	abatida	abafa
abafava	abafada			

2.5.8. Oitava Lição

Nesta lição o autor relata a diferença de pronúncia de algumas palavras em que o estudante diz “bói” e corrige-o a dizer “bôî”, em que a vogal o é dita com som cerrado. Entretanto, ressalva que haverá lições especiais para as variações de valor das vogais, mas que as vozes “ó” e “ô” é algo mais comum.

Também retoma a disposição mecânica já trabalhada com valor nas invogais anteriores, ou seja, “assim temos já duas invogaes que valem, língua nos dentes, tê, dê; e duas que valem, boca fechada, bê, pê (DEUS, 1878, p.22).” Neste âmbito, apresenta 19 palavras com a invogal ‘pê’, trazendo palavras iniciadas com a invogal ‘tê’:

Tabela 8. Lição 8 (Cartilha Maternal)

OITAVA LIÇÃO			LETRA P	
pai	pá	pó	pé	pua
pia	pipa	papa	papava	papada
peta	pata	patada	pita	pitada

topa	tapa	Tapava	tapada	
------	------	--------	--------	--

2.5.9. Nona Lição

O autor relata sobre as letras dobradas realizados no idioma português – Portugal, especificamente, utilizado na invogal L que tratará esta lição, como por exemplo a palavra “bella” que apesar de ter a invogal L dobrada, o valor é o mesmo que a utilização de um L, apenas. Também diz sobre algumas sílabas complexas que se utiliza a vogal “U” como em gue, gui, que, qui, em que a vogal “U” não se pronuncia, sendo muda na sílaba.

Vale destacar que nesta lição apresenta um dos textos de orientação mais complexos, pois compara-se a língua portuguesa com a francesa e alguns conhecimentos culturais de ambas.

Apresenta 30 palavras com a invogal “L”, sendo 8 iniciadas com L; 3 iniciadas com B; 7 palavras com F; 3 iniciadas com P, 2 com a invogal V; 5 com a vogal A; 1 palavra iniciadas com O; e 1 com T.

Tabela 9. Lição 9 (Cartilha Maternal)

NONA LIÇÃO		LETRA L		
li	lia	leu	lua	luva
loja	luta	labuta	bitola	bola
bella	falla	fivella	lá	óla
alli	vil	fel	fiel	tal
fatal	faval	paúl	papel	alva
alta	falta	volta	polpa	apalpa
apalpadella				

2.5.10. Décima Lição

No texto de orientação desta lição, João de Deus, relata do ensino individual e da aplicabilidade do método, também complementa que na segunda lição faltou advertir ao professor para que haja com cuidado em não separar os elementos (letras) na mesma sílaba, pois ocorreria assim a soletração antiga, algo incorreto, pois “(...) a leitura é a

verdadeira soletração; porque só na leitura se dá aos caracteres o seu justo valor” (DEUS, 1878, p.29).

Dessa maneira, o autor também explica a diferença da soletração antiga em que chama as letras pelo seu nome, sendo algo considerado pelo mesmo como absurda e desmoralizante do raciocínio do principiante. Enquanto a soletração moderna procede por valores, sendo a própria leitura (DEUS, 1878).

Nesta lição apresenta-se a invogal ‘k’ e exercita a pronúncia da vogal ‘o’ no final de palavras, ditas como a letra u:

Tabela 10. Lição 10 (Cartilha Maternal)

DÉCIMA LIÇÃO			LETRA K O = U	
kilo	vivo	viuvo	viajo	vejo
fujo	favo	fato	ato	bato
bafo	abafo	bafio	abalo	fallo
luto	lado	lido	pato	pavio
pulo	papalvo	baldo	baldio	bolo
lobo	lodo	ovo	tolo	tôldo

2.5.11. Décima Primeira Lição

O autor ressalta a importância da influência da língua grega para a língua portuguesa e considera que deveria ser mais valorizada que o latim. Também nesse texto o autor justifica-se a escolha da palavra kilo, na listagem da lição anterior e apresenta as diferentes invogais para representar o valor da letra ‘k’, tanto no grego, como no dialeto romano e o português.

Ademais, se ensina que palavras terminadas com ou, são pronunciadas como ô, tendo por objetivo “(...) explicar ao principiante que às vezes o estilo de falar muda, e a ortografia fica (DEUS, 1878, p.33)”. Na listagem é apresentado 26 palavras contendo ditongo “ou”.

Tabela 11. Lição 11 (Cartilha Maternal)

UNDÉCIMA LIÇÃO			SÍLABA OU = Ô (AVÔ)	
vou	aviou	viuvou	viajou	dou
atou	fiou	babou	piou	papou
apupou	tapou	pulou	fallou	alliviou
ouvi	abafou	ouvia	ouviu	ouvido
louva	louvo	louvou	poupa	poupou
poupou				

2.5.12. Décima Segunda Lição

Apresenta-se o ditongo êi, relatando da ortografia antiga em comparação com ortografia de 1870 em diante, expressando as variações de pronúncia e consequentemente de escrita. Também realiza uma breve comparação em relação às funções da língua latina, sendo uma língua métrica e declinável, enquanto a portuguesa não possui essas características.

Na lista de palavras, é apresentado 27 exemplos, sendo que as letras iniciais das palavras já foram vistas nas lições anteriores, ou seja, há palavras iniciadas com a invogal ‘dê’, ‘pê’, ‘fê’, ‘bê’, etc.

Tabela 12. Lição 12 (Cartilha Maternal).

DUODÉCIMA LIÇÃO		SÍLABA EI = ÊI (DÊ LÊ)		
dei	lei	atei	papei	lavei
abalei	feita	feito	feitio	deito
deitou	deitei	babei	beija	beijo
beijou	beijei	dei-a	dei-o	veia
veio	feia	feio	leia	leio
peia	teia			

Trata-se de quatro valores da letra “e”, isto é, a voz nominal “é” como pronunciado na palavra fé; a voz fechada pê como dito em pelo; a voz aberta que não possui acento na letra e, mas que exige ao falante uma pronúncia mais aguda como se nota em textos clássicos a utilização do acento oposto ao agudo para diferenciação das palavras como em: prègar e prègador, distinto de pregar e pregador (DEUS, 1878). O autor ainda adverte o mestre de primeiras letras, a fim de que este oriente seu discípulo de maneira clara para que possa compreender as diferenciações dos quatro valores da letra “e”.

Apresenta-se 33 palavras contendo os quatro valores sonoros mencionados acima, como pode observar:

Tabela 13. Lição 13 (Cartilha Maternal)

DÉCIMA TERCEIRA LIÇÃO		LETRA E		
ave	vive	tive	ate	ajude
tape	tope	pote	póde	poude
bule	bole	bote	bate	bode
bofe	bife	folle	falle	lave
volte	falte	apalpe	pelle	pede
pedi	pediu	pellei	pellou	velei
velou	levou	dedal		

2.5.14. Décima Quarta Lição

De acordo com o autor, é a partir desta lição que se inicia as invogais sem razões, ou seja, não possuem um critério de semelhança para o ensino, visto que o aluno já tem um raciocínio mais avançado, compreendendo elementos mais complexos da alfabetização. A invogal tratada nesta lição é a ‘kê’, sendo diferenciada do ‘kê-grego’, por junção da vogal ‘u’ a letra ‘q’, mas sem pronunciá-la, ou seja, escreve **Queijo**, mas o fonema fica [kêijo]. Destaca-se que a possível estranheza que pode surtir no estudante em relação a escrita, mas (...) é com a coincidência e variedade de valores que o aluno exerce uma reflexão e um jogo de princípios que tornam o curso da leitura (...) um verdadeiro curso lógico” (DEUS, 1878, p.44).

Ademais, aborda as duas formas de escrita, sendo uma simbólica (decifragem) e outra literal (analítica) e a “falta” ou “sobra” de sinais que determinam o valor das vogais, isto é, as acentuações facilitando ou dificultando a pronúncia correta. Explica, ao mestre de primeiras letras as diferentes vozes: nominais, fechadas, aberta, grave e nasais e enfatiza que há diferença entre a voz nominal e fechada, exemplificando com a frase: “Com razões não se ensina musica, mas educando o ouvido” (DEUS, 1878, p.45).

Apresenta uma listagem com 22 palavras e ao lado auxilia o leitor a ler a sílaba QUE com som de “kê” e a sílaba QUI com som de “ki”.

Tabela 14. Lição 14 (Cartilha Maternal)

DÉCIMA QUARTA LIÇÃO		LETRA Q (QUE = KE QUI = KI)		
fique	fiquei	toque	toquei	ataquei
pique	ataque	piquei	duque	leque
baque	jaqueta	applique	appliquei	aquelle
aquella	aqui	aquillo	quieta	quieto
qual	qualidade			

2.5.15. Décima Quinta Lição

O autor inicia questionando em qual ordem deve prosseguir as próximas lições apresentando as 10 invogais, consideradas por ele, como certas (b – d – f – j – k – l – p – q – t – v) e as demais como incertas (c – g – m – n – r – s – x – z). Ao analisar, resulta que as invogais C tem valor idêntico a Q e G tem valor análogo, entretanto a escolha é derivada da irregularidade que ambas as letras apresentam na junção com as vogais E e I.

Explica que a ordem mais conveniente e lógica de acordo com a quantidade de valores que as invogais apresentam é: C, G, R, Z, S, X, M e N. Devendo ensinar M e N por último, visto que a diferença é nasal, sendo bem complexo para explicar, em seguida as formas compostas de LH, PH e CH.

Também aborda a questão do C cedilhado, isto é, o Ç, algo que não costuma confundir o aluno pela letra C, por ter valores distintos.

Na lista de palavras inicia com as irregularidades do C-E = CE e do C-I = CI, havendo 9 palavras; seguindo pelo valor 'k' = CA, contendo 11 exemplos e por fim apresenta o Ç com 9 termos:

Tabela 15. Lição 15 (Cartilha Maternal)

DÉCIMA QUINTA LIÇÃO			LETRA C = Ç (CE CI)	
cebo	cebola	cedo	ceia	face
alface	foice	bacia	cidade	
DÉCIMA QUINTA LIÇÃO			LETRA C = K'	
cá	cal	caldo	calvo	culpa
caco	cacei	cace	calcei	cacetada
DÉCIMA QUINTA LIÇÃO			LETRA C = Ç	
aço	beijo	buço	caça	cabaça
cabeça	coça	calça	calçada	

2.5.16. Décima Sexta Lição

Orienta-se ao professor a ensinar seu discípulo os dois valores de G, dizendo 'jêgue', assim como fez com a lição passada, dizendo 'çêke', mostrando assim a irregularidade da junção de G-U-E = GUE e G-U-I = GUI. Entretanto deve-se permitir que o aluno leia de seu modo, a fim de averiguar a decifração, a lógica, o raciocínio no processo de leitura. Ademais, é necessário que mostre o valor do jê, evidenciando as diferenças, fazendo-lhe observar rigorosamente.

O autor também relata da importância do estudante querer aprender a ler, pois é uma tarefa que envolve tanto a instrução como educar o espírito, havendo vontade de se alfabetizar, ressaltando que não aprende de qualquer maneira.

Assim como a apresentação da lista da lição passada, esta também divide-se por 3 valores: G = J, sendo representado pelas sílabas GE e GI expondo 6 palavras; o valor G = G, apresentando GA, GO e GU em 12 termos; e G = G'E e G'I, sendo representado pela junção G-U-E, GUE, e G-U-I, GUI com 8 exemplos.

Tabela 16. Lição 16 (Cartilha Maternal)

DÉCIMA SEXTA LIÇÃO			LETRA G = J (GE GI)	
gebo	jeito	foge	tigela	vigia
collégio				
DÉCIMA SEXTA LIÇÃO			LETRA G = G'	
gago	água	egua	igual	gallo
galgo	golpe	pulga	cego	acelga
giga	gagueja			
DÉCIMA SEXTA LIÇÃO			GUE GUI (G'E LETRA R G'I)	
jogue	pague	folgue	cegue	guia
guita	aluguel	guela		

2.5.17. Décima Sétima Lição

A fim de facilitar o entendimento da matéria, o autor, elabora um diálogo sobre os valores que a invogal possui, neste caso, o R. vale destacar que nas duas últimas lições também se pautou deste recurso.

– Como se chama esta letra?/ – Rêre./ – Quantos valores tem?/ – Dois./
 – Qual é o primeiro? / – Rr... / – E qual é o segundo? / – Pancada da língua no ceo da boca (r') / – Quando tem o primeiro? / – No princípio e dobrado. (DEUS, 1878, p.56)

Também enfatiza, que neste caso não é necessário explicar o R com as vogais, visto que há várias situações da colocação desta letra, como nas palavras: curso e carta, tendo o mestre responsabilidade de demonstrar na prática, exemplificando com as palavras.

Entretanto, o professor deve explicar que o 'rêre' não tem correspondentes, assim como o f –v; ç-z e x-j. Além de explicar que a duplicação do r rr, não tem elemento de pronúncia semelhante. Dessa forma, explica todas as regras conhecidas a invogal 'rêre' e como exercício de leitura, há um desafio de ler um diálogo, após a listagem que contém 76 palavras:

Tabela 17. Lição 17 (Cartilha Maternal)

DÉCIMA SÉTIMA LIÇÃO			LETRA R	
rei	rua	raio	raiva	rijo
rato	ferro	jarro	terra	burro

ira	vara	fera	furo	jura
puro	ar	ir	vir	for
flor	dar	ver	verde	perda
pardo	perto	preto	prato	bruto
pobre	irar	virar	varrer	ferrar
raro	retiro	rir	roer	ratar
repartir	recibo	receio	rico	róca
ruço	carro	garrafa	garra	guerra
cera	cerol	cara	caracol	corda
acorda	geral	gôro	agora	agouro
certo	carta	garfo	grito	gritar
córar	cear	receber	regedor	rogar
cerrar	correr	agarrar	gorar	carregar
recordar				
DÉCIMA SÉTIMA LIÇÃO		FRASES COM A LETRA R		
— Ó Pedro, que é do livro de capa verde que te deu o avô?				
— Já o dei ao Jorge a guardar.				
— Vai lá pedil-o.				
— Para quê?				
— Para a tia Carlota ver a gravura do caçador.				
— Ouve cá: a pobre da Clara ia abrir a porta do quarto, caiu, quebrou a garrafa do petróleo, e ficou ferida. Vou agora a botica; levo aqui a receita: á tarde logo fallo ao Jorge, e digo que t'ó dê.				
— Palavra?				
— Palavra, Julio, fica certo.				
— Vê lá, cuidado!				

A partir deste diálogo, pode-se corroborar que o estudante lerá o R no início, meio, fim, a duplicação do “R” → “RR”, compreendendo a diferença fonética de cada colocação. Embora, não fique claro que são estes personagens, é possível compreender a mensagem do diálogo.

2.5.18. Décima Oitava Lição

Ensina-se a invogal ‘zêxe’, contendo dois valores “Z” e “X”, explicando que será aprendido posteriormente a invogal ‘x’, visto que possui 3 valores, sendo, portanto, mais complexa.

O autor ressalta que as lições estão ficando mais difíceis, e que “o discípulo está agora atravessando um terreno escabroso” (DEUS, 1878, p.67), mas que é dever do mestre preparar o discípulo para a leitura usual e prática, encontrando as acumulações do

ensino, como apresentará na listagem de palavras. Além disso, o professor deve ser paciente e não se irar, pois, “o mestre que se ira corrompe o coração do aluno” (DEUS, 1878, p.67), dificultando a aquisição do processo de leitura e escrita.

Também, João de Deus, crítica, a passagem da criança de um mundo infantil para o mundo letrado, sem preparação, ou seja, “complicar esse duplo movimento quase vertiginoso com o ensino primário – leitura, escripta e contas – passa de absurdo a cruel” (DEUS, 1878, p.67).

Ademais, explica que como os valores de ‘zêxe’ são novos, só serão indicados na lista de exemplos:

Tabela 18. Lição 18 (Cartilha Maternal)

DÉCIMA OITAVA LIÇÃO			LETRA Z	
zelei	zelou	zelar	azia	azul
azeite	azedar	vazia	luziu	luzir
fazer	jazer	jazia	jazigo	azar
azougue				
DÉCIMA OITAVA LIÇÃO			LETRA Z	
az	faz	fiz	fez	jaz
juiz	luz	diz	puz	pôz
paz	capaz	lapuz	giz	gaz
quis	arroz	retroz	rapaz	feroz
traz	cruz	zaz		

2.5.19. Décima Nona Lição

Nesta lição se aprende a quinta invogal incerta representada pela letra S, com 3 valores, sendo o “çezêxe”. O autor enfatiza os vários usos gramaticais responsáveis por esta invogal, como atribuição do plural nos nomes, pronomes, participípios, adjetivos, etc., e seus diferentes valores sonoros, de acordo com a posição que ocupa na palavra, ou seja, se está no início, meio ou final da palavra.

Ademais, João de Deus traz a definição de sílabas e vogais, justificando a sua metodologia, como pode-se compreender com o trecho abaixo:

Syllaba é a palavra ou parte da palavra que se diz duma vez. É, sé, seu, seus, são quatro syllabas, embora compostas umas que outras. [...] O discípulo adquire praticamente, pelas nossas lições de syllabas alternadas a typo liso e lavrado, uma idéa mais clara de syllaba, do que é fácil dar-lhe por definições. Quanto a vogaes, é melhor fazer-lhas conceder pelo valor, exemplificando e comparando, do que simplesmente pelo nome e de memória. Vogal é a letra

que se lê só com a voz, sem dependência dos beijos nem da língua (DEUS, 1878, p.71).

Diferentemente das listas de palavras-exemplo anteriores, não é dividido em valor sonoro, mas apresenta na primeira folha toda as diferenciações e exemplifica com 70 palavras, demonstrando as palavras com “çe”, seguidas das com som de “zê” e por fim as palavras com “xê”.

Tabela 19. Lição 19 (Cartilha Maternal)

DÉCIMA NONA LIÇÃO			LETRA S S,SS, LSA = Ç ASA = Z S = Z	
só	safa	silva	passo	tosse
liso	quasi	bois	dias	teus
soubesse	desusados	sós	seus	suas
siso	sisudos	isto	este	esta
está	esteve	visto	vestes	foste
justo	postas	basta	pastas	peste
leste	listas	valsa	salsa	falsos
pulso	socio	sucia	caso	acesa
faces	cisco	sege	sigo	seguir
guloso	guisados	sogro	grossa	socegasses
perseguisse	ser	sair	sorte	assar
russo	risses	risada	rosa	riso
raso	rusa	grossos	gritos	gordos
sagaz	fizesse	zurzisses	rézes	luzisse

2.5.20. Vigésima Lição

Aborda o “kçe-çezêxe”, valores atribuídos para a invogal X (xiz), nomeação, a qual, o autor considera errônea e defeituosa, pois não leva em consideração todas suas variações sonoras, levando apenas uma, [x]. Também critica a inexistência de uma regra com coerência que auxilie o discípulo nesta codificação, ficando a cargo da memorização das palavras, ressaltando que os matemáticos possuem razão de utilizar esta invogal como uma incógnita. Embora, Deus, tenha ressaltado que não existe palavras iniciadas ou terminadas com a letra X na língua portuguesa.

Outro fator importante, é que alguns dos valores “kçe-çezêxe”, aparecem em outras invogais, como o “çezêxe” na letra S e o “zêxe” na letra Z, para esclarecer o autor faz uso de exemplos em frases:

Se lermos e escutarmos as seguintes phrases: faz água; faz ponto; faz damno; as águas; as pontes; as damas; cálix antigo; cálix prateado; cálix dourado; ver-se-há que Z S X valem no primeiro grupo, igualmente Z, no segundo, igualmente X...; no terceiro, igualmente j [...] (DEUS, 1878, p.76).

Nesta lição, a listagem de palavras é dividida em 4, correspondendo aos quatro valores atribuídos a letra X, ou seja, para o valor “kçe” é apresentado 7 palavras; para o valor “çe” é mostrado 3 palavras; para o valor “zê” é exibido 6 palavras e para o último valor “x” é exemplificado 10 palavras, totalizando 26 exemplos.

Tabela 20. Lição 20 (Cartilha Maternal)

VIGESIMA PRIMEIRA LIÇÃO			LETRA X X = KÇ	
fixo	fixa	fixar	fluxo	defluxo
reflexo	sexo			
VIGESIMA LIÇÃO			LETRA X X = Ç	
auxiliaste	auxiliares	auxiliasses		
VIGESIMA LIÇÃO			LETRA X X = Z	
existe	existir	exercitarás	exercitasses	exercesses
exacto				
VIGESIMA LIÇÃO			LETRA X	
xale	luxo	baixo	deixar	bexigas
eixos	seixos	sexta	calix	expressar

2.5.21. Vigésima Primeira Lição

Na antepenúltima lição é abordado pronúncias de forma nasaladas, representadas pelo til (~), ou seja, ã, ê, ï, õ, û e ã, ã, sendo estas, as duas últimas invogais incertas das oito existentes no alfabeto português. Para compreensão do discípulo o autor explica o que seriam vozes anasaladas comparando com a sensação do nariz tapado; vozes puras, sendo divididas em agudas, responsáveis por nomear as letras; fechadas utilizando o acento circunflexo; a voz aberta, já demonstrado na 13ª Lição e a voz grave, proferindo na proposição “de”. Neste âmbito, é ensinado os acentos na língua portuguesa e os seus usos.

O autor critica os vários modos que as vozes anasaladas aparecem na língua portuguesa, orientando o mestre para que informe seu discípulo sobre a baixa frequência do til na língua portuguesa, sendo necessário que o estudante decore as palavras, ou seja, “(...) que a sua atenção recaia na forma graphica” (DEUS, 1878, p.81).

Para exemplificar as vozes anasaladas é apresentado 32 palavras em que o til é colocado nas vogais ã, ê, ï, õ, û:

Tabela 21. Lição 21 (Cartilha Maternal)

VIGESIMA PRIMEIRA LIÇÃO		VOZES NOMINAIS/NASAIS Ã, Ê, Ì, Õ, Û		
vã	lã	rã	sã	são
pão	dão	verão	serão	cão
coração	razão	carvão	seção	grão
grãos	sãos	cães	capitães	sacristães
põi	dispõis	pavões	feijões	feições
acções	ratões	razões	varões	pavões
ladraão	rações			

2.5.22. Vigésima Segunda Lição

Ensina-se a penúltima invogal incerta, denominada pelo autor como “metil”, pois é caracterizada ora como letra, ora como sinal de voz nasal e ora como ambas, sendo diferenciadas pela articulação da fala, pois quando é letra se pronuncia com os lábios cerrados como o b e o p. Nesta lição é realizado uma contextualização da aplicação do til e as mudanças da ortografia de acordo com o momento histórico português.

Aborda a letra M dobrada (mm), a qual, possui um valor sonoro semelhante ao til, ressaltando que mm não é igual as demais letras que dobram, ou seja:

Continuando, não podemos dizer que *mm* estão no caso de *bb cc dd ff gg* etc., que valem sempre assim dobradas o mesmo que simples; porque é tão comum o primeiro m ser puramente etimológico, como ser sinal de voz nasalada; ler, por exemplo: é ler *somma*, *sõma*; *gomma*, *gõma*; *emmalar*, *ẽmalar*; *emmassar*, *ẽmassar*: vingando aqui a regra, que m, sem vogal adiante, é sinal (DEUS, 1878, p.85).

A invogal M como letra e sinal é descrito em algumas palavras como: ama (ãma), lima (lĩma), Roma (rõma), etc. Por conta desses fatores, o autor denomina “metil”.

A fim do discípulo entender as atribuições acima, Deus apresenta uma tabela com 58 palavras, divididas em 3 valores para a invogal M, ou seja, “metil”, “m” e “am = ão” (letra-sinal, letra e sinal):

Tabela 22. Lição 22 (Cartilha Maternal)

VIGESIMA SEGUNDA LIÇÃO			LETRA M METIL	
meu	umas	mãos	limões	moças
comer	amigas	gemer	morrer	mães
maças	irmãos	queimaduras	romãs	mexer
VIGESIMA SEGUNDA LIÇÃO			LETRA M AM EM IM OM UM	
vim	Fim	sim	assim	algum
atum	Alguém	emfim	quem	tambem
som	Com	joaquim	riem	limpem
jejuem	Tomem	afiem	tremem	caiem
comem	Ardem	fumem	temem	lêem
compararem	Emmassarem	emmalarão		
VIGESIMA SEGUNDA LIÇÃO			AM = ÃO	
iam	durmam	amam	temam	ficam
raspam	levam	puxam	viam	zurziam
tocam	armam	ligam	sumam	emmagreçam
complicariam				

2.5.23. Vigésima Terceira Lição

Nesta lição é abordado a última invogal incerta, “Netil”, sendo também utilizada como letra; como letra e sinal concomitantemente; como modo análogo, quando junta-se com a Nesta lição é abordado a última invogal incerta, “Netil”, sendo também utilizada como letra; como letra e sinal concomitantemente; como modo análogo, quando junta-se com a letra H e como sinal de nasalidade. Ou seja,

– Que letra é essa? / – Netil / – Que vale? / – Língua no ceo da boca (n’); e é signal de voz nasalada. / – Quando é signal de voz nasalada? / – Quando não tem vogal adiante (DEUS, 1878, p.93)

O n no final da palavra é sinal de nasalidade, sendo um substituto para o til na língua portuguesa. Também, o autor traz algumas curiosidades de pronúncia regionais, explicando brevemente, a partir de fatos históricos. Ademais, é ressaltado que na ortografia portuguesa existe cinco vozes nasaladas, ã, ê, ï, õ, ù, e três sinais de voz nasalada: til, metil e netil.

Na listagem de palavras é apresentado a letra N após vogais e a letra N precedida de vogais, havendo 16 vocábulos para a primeira categoria de exemplo e 11 para o segundo exemplo:

Tabela 23. Lição 23 (Cartilha Maternal)

VIGESIMA TERCEIRA LIÇÃO			LETRA N NETIL	
nós	Nau	clima	nomes	manos
nada	Meninos	anões	pernas	imaginavam
carne	Esquina	afinação	não	somno
iman				
VIGESIMA TERCEIRA LIÇÃO			LETRA N = ~ AN EN IN ON UN	
antes	Singelo	anca	segundo	banco
andam	Áncias	brinco	anjo	trancam
entendimento				

2.5.24. Vigésima Quarta Lição

Na última lição da edição de 1878, João de Deus, apresenta sua metodologia dividida em 3 fases, ou seja, iniciada pela apresentação das vogais, seguida pelas invogais certas (v, f, j, t, d, b, p, l, k, q), ensinando posteriormente as invogais incertas (c, g, r, z, s, x, m, n), depois as invogais compostas certas (th, rh, nh, lh, ph) e por último a invogal composta incerta (ch). A última etapa, o mestre deveria apresentar o alfabeto maiúsculo.

Em seguida, apresenta as sílabas complexas que levam a letra H que tem por função acentuar as palavras, tanto como um substituto do acento agudo como do acento circunflexo, outras vez é representado como um sinal etimológico e há situações que é atribuído ambas funções. O autor ressaltar que embora a letra H, fortaleça a pronúncia das palavras, frequentemente é colocado como inútil, pois não diferencia o valor sonoro da palavra, como por exemplo, em heroe, honesto, hostil, ahi, há, entre outras.

A fim de compreender a aplicação tanto da letra H como da letra Y, denominada i-grego, o autor, faz uma breve contextualização das influências gregas e latinas na língua portuguesa, e destaca-se que apesar do y não ser usual, é necessário que o mestre ensine todas as letras do alfabeto português. Também destaca, a sílaba ph como uma negatividade do p', pois pronuncia como pf, sendo necessário que os lábios se soltem como um sopro.

Para exemplificar todas as invogais compostas apresentadas, o autor, apresenta 6 tabelas: a primeira da letra Y como I, com 12 exemplos; a segunda lista abordando o H

com 6 palavras; a terceira apresentando o TH e o RH com 3 exemplos; a quarta tabela com 16 palavras com NH; a quinta também com 16 exemplos, mas com LH e por fim uma tabela com PH pronunciado como F com 11 palavras.

Tabela 24. Lição 24 (Cartilha Maternal)

VIGESIMA QUARTA LIÇÃO			LETRA Y = I	
cypreste	mysterio	symetria	pyrilampo	asylo
abysmo	cysne	crystal	lyceu	tyranno
estyllo	syllaba			
VIGESIMA QUARTA LIÇÃO			LETRA H	
harpa	homem	hoje	hombro	hostias
haver				
VIGESIMA QUARTA LIÇÃO			TH RH	
Sympathia	Rheumatismo	Catarrhal		
VIGESIMA QUARTA LIÇÃO			NH	
unha	punham	tinha	nenhum	ninho
manhã	vinha	grunhir	linha	tenham
fronha	pinhão	junho	azinha	lenha
inhabil				
VIGESIMA QUARTA LIÇÃO			LH	
olho	espelho	dá-lhes	joelhos	bulha
ovelhas	azelha	grelha	filhos	ralham
gralha	trilhar	alho	palhinha	ilha
orelinha				
VIGESIMA QUARTA LIÇÃO			PH	
aphta	pharol	typho	grypho	phoca
phrase	esphera	triumpharam	typographia	pharmacia
prosphoros				

2.6. JOÃO DE DEUS: A MARCA PORTUGUESA

Diante do exposto, a escola no período Imperial adentra como instrumento de civilizar a população brasileira, impondo a língua portuguesa como legítima por meio da aplicação de materiais portugueses, os quais, tinham por objetivo auxiliar os professores nesta missão, ou seja, buscava instruir os cidadãos, retirando-os assim da barbárie por meio do ensino do ler, escrever, contar e comportar-se.

Pode-se constatar que havia uma urgência em alfabetizar as pessoas tanto em Portugal como no Brasil com motivos distintos, porém a questão da rapidez prevaleceu em ambos territórios. Esta presença da necessidade do ensino rápido e eficaz se

concretizou com o método inovador do português João de Deus, averiguando o grande sucesso de vendas.

É inegável que a figura de João de Deus e sua obra, *Cartilha Maternal*, foi de extrema importância para o desenvolvimento da educação brasileira, contendo o método analítico, ensinando os alunos a compreender e raciocinar, através da diferente forma de abordagem das letras de acordo com seu valor por meio das cores preta e cinza (BOTO & GUIRAO, 2020). Ademais, a aceitação social foi essencial para o sucesso como relatado no título da obra, remetendo a questão de parentesco com a imagem materna de cuidado e atenção.

Cabe destacar que a efetivação da criação do método decorreu das necessidades encontradas pela *Geração de 70* que buscava o investimento e desenvolvimento educacional, tanto pedagógico como moral para a edificação do homem e para ocasionar um desenvolvimento social e econômico. Tal movimento de intelectuais também está sendo constatado na análise das demais cartilhas.

3. CARTILHA DO POVO

3.1. AUTOR

Manoel Bergtrom Lourenço Filho (1897-1970), nasceu em Porto Ferreira, interior de São Paulo em 10 de março de 1897. Sendo filho primogênito de oito irmãos do comerciante e carpinteiro português Manoel Lourenço Filho e da sueca Ida Cristina Bergtrom. Todos os filhos foram educados em um regime severo, tornando-os cidadãos trabalhadores sem difamas (MONARCHA, 2001; 2010.).

Na infância, Manequinho, como era conhecido por seus familiares, iniciou o gosto pelos estudos desde cedo, entrando na escola primária com 6 anos e logo aprendendo a ler nesta instituição escolar em sua cidade natal. Aos 8 anos de idade, por influência do pai, começa a se encantar pela tipografia e chega até produzir um jornalzinho, denominado “O Pião”, em que era o único redator.

Em 1910 com auxílio de seu professor primário Ernesto Moreira, consegue se matricular no Ginásio de Campinas (unidade de ensino mais próxima de Porto Ferreira), adentrando o segundo ano, pois em testes verificou que Lourenço Filho já dominava o conteúdo aplicado ao primeiro ano. Todavia, por questões financeiras Lourenço Filho teve que deixar o ginásio e retornar a sua cidade de origem, ajudando nos negócios da família. Entretanto, o gosto pelo conhecimento continuou envolvendo-o, corroborando com a matrícula na Escola Normal de Pirassununga com apenas 14 anos, não necessitando de ajuda do professor Moreira (que na época era um dos docentes da Escola), visto que nos exames de admissão obteve o primeiro lugar.

Concluído o magistério, retorna a Porto Ferreira e consegue um cargo de substituto efetivo, tendo a responsabilidade de comparecer todos os dias à escola, mas ganhando só pelas classes ministradas. Em 1916 participa da Liga Nacional, liderada por Olavo Bilac, levantando as bandeiras da Educação Popular e Profissional, culto ao patriotismo, combate ao analfabetismo e a dissolução dos costumes.

Influenciado por colegas e ex-professores como Ernesto Moreira, Dr. Carlindo Valeriani e Almeida Júnior, decide morar em São Paulo, realizando o curso na Escola Normal da Praça da República, finalizando-o em 1917, mesmo ano em que se matricula na Faculdade de Medicina para estudar Psiquiatria.

Após dois anos abandona o curso e começa a trabalhar na redação do *Jornal do Commercio* e também na *Revista Brasil*, tornando-se posteriormente secretário de Monteiro Lobato. Em 1919 ingressa na faculdade de Direito de São Paulo.

Em 1921 é nomeado professor da cadeira de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de Piracicaba, todavia permanece por pouco tempo, partindo para Fortaleza no ano seguinte, a pedidos do dirigente do Ceará, Justiniano Discerpa, a fim de ajudar na educação pública, ministrando disciplinas para formação de professores. Em 1923 Lourenço Filho parte para Pernambuco, tornando-se o responsável pela expansão da reforma precedida por Sampaio Dória, seu ex-professor da Escola Normal, a qual ficou conhecida como Reforma Sampaio Dória em que pretendia erradicar o analfabetismo brasileiro, por meio da redução anual obrigatória, passando de quatro para dois anos.

Lourenço Filho foi um dos expoentes da *Geração de 1920*, os quais defendiam a educação a todos em prol ao progresso da nação, conscientizando o povo por meio da escola pública, considerada o motor da sociedade. “Saturados dos pensamentos ideológicos e políticos advindos da primeira Guerra Mundial, esses intelectuais, valorizavam a educação como forma de expressão e veículo para uma nova forma de construção de vida” (MONARCHA, 2010, P.14). Deste modo, a *Geração de 1920* era composto por intelectuais que se uniram para construir uma nova forma de educação, com pensamentos ideológicos e políticos provenientes da Primeira Guerra Mundial, visando a “(...) superar os impasses de uma formação social saturada de tensões e conflitos” (MONARCHA, 2010, p.14).

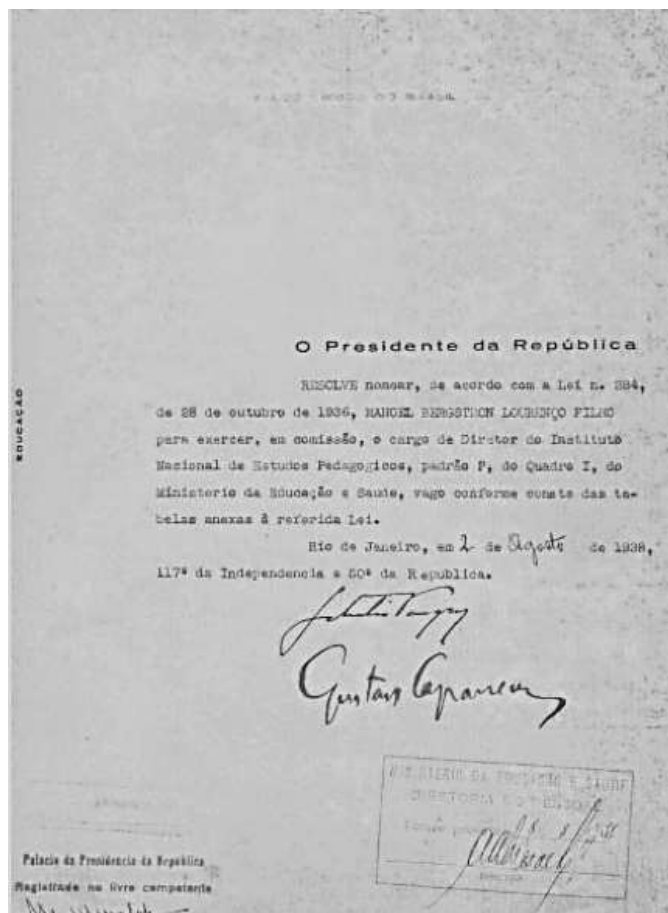
Em 1924, Filho reassume a cadeira na Escola Normal de Piracicaba, passando a desenvolver atividades e pesquisas na área de Psicologia. Neste mesmo ano foi fundada a Associação Brasileira de Educação (ABE), a qual, tornou-se um foco de divulgação das novas ideias e passou a promover conferências nacionais, realizando grandes debates e discussões, concretizando o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932, em que Lourenço Filho é um dos signatários.

Entre este período, nasce dois filhos Rui e Márcio e forma-se em Direito, reorganizando a Diretoria Geral de Instrução Pública de São Paulo, inclusive renomeando-a para Diretoria Geral do Ensino, além disso é convidado por Anísio Teixeira para organizar e dirigir o Instituto de Educação do Distrito Federal. Ademais, publica diversos artigos em Revistas e Jornais, publicando seu primeiro trabalho direcionado ao público infantil, especializado em alfabetização, a *Cartilha do Povo - Para ensinar a ler rapidamente*, “(...) um pequeno livro de 48 páginas, com quarenta lições, que, decorridos mais de 60 anos, já alcançou mais de 2.200 edições, com mais de 25 milhões de exemplares (...)” (MONARCHA, 2001, p. 32), cujos direitos autorais vendeu a editora Melhoramentos na primeira edição, por conta deste fato não se encontra artigos do autor referido relatando sobre o sucesso de sua produção.

Em 1933 publica seu livro denominado “Testes ABC”, diagnósticos respaldados pela Psicologia e traduz para o espanhol seu livro “Introdução ao estudo da Escola Nova”.

Após 5 anos, Lourenço Filho é convidado por Gustavo Capanema a organizar e dirigir o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep).

Imagem 1. Documento oficial da nomeação da diretoria do Inep assinado pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema.



Fonte: Acervo Ruy Lourenço Filho *apud* MONARCHA & FILHO, 2001, p.35

Em 1942 inicia a elaboração de uma coleção de 12 livros infantis, denominada “Histórias do Tio Damião”. No ano seguinte é convocado a representar o Brasil na *I Conferência de Ministros e Diretores de Educação das Repúblicas Americanas* no Panamá. Seu trabalho intenso em educação continua acentuado com a fundação da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* do Inep, tornando um dos membros fundadores da *Fundação Getúlio Vargas*, instituição de grande prestígio.

Em 1948 preside a Comissão Nacional incumbida para elaborar o anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), havendo influências da ideologia da Escola Nova, já concretizada e discutida no Manifesto de 1932.

O reconhecimento pelo trabalho do referido autor, ocasiona nas convocações nacionais e internacionais para participação de Congressos, Conferências e Palestras, intensificando após 1949. Esta valorização mundial corrobora com os títulos recebidos

pelas Universidades e Instituições de Ensino, como o título recebido pela Universidad Mayor do Peru como Professor Honorário.

Em 1960, com 63 anos Lourenço Filho decide deixar as atividades do magistério e da administração escolar e dedica seu tempo a escrever artigos, prefácios, introduções, ensaios e diversos livros completos, inclusive refunde e reescreve o livro “Introdução ao estudo da Escola Nova”, publicado 30 anos antes.

Dez anos depois, Manoel Bergtrom Lourenço Filho, no dia 3 de agosto de 1970 vem a falecer, deixando a sociedade brasileira o grande educador, pedagogo, sociólogo, escritor, ensaísta, biógrafo, historiador, jornalista, militante da escola pública e um constante curioso e estudioso, buscando as inovações e influências com as mais novas metodologias aplicadas, principalmente na Europa e Estados Unidos. Educador que obteve a oportunidade de atuar em todas as etapas da Educação Básica, desde os anos iniciais até a formação Superior, deixando o legado de que o progresso de uma nação se dá por meio da Educação.

Lourenço Filho viveu 73 anos, deixando um legado por meio de 771 obras, colecionando 21 prêmios, 19 títulos, 23 cargos/membresias, 12 convocações para representar o Brasil, além das 369 referências bibliográficas comentadas e interpretadas por diversos autores, os quais foram influenciados por ele e as 9 Instituições Educacionais que atualmente levam seu nome (MONARCHA, 2001; BOTO & GUIRAO, 2020).

3.2. EFERVESCÊNCIAS POLÍTICAS BRASILEIRAS E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO

O campo educacional no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, possuía inúmeros problemas, como o alto índice de analfabetismo e a desistência escolar, situação advinda desde os fins do século XIX, podendo corroborar com a citação de Nicolau Sevcenko na revista *Brasiliense*:

[...] O número de analfabetos no Brasil, em 1890, segundo a estatística oficial, era, em uma população de 14.333.915 habitantes, de 12.213.356, isto é, sabiam ler apenas 16 ou 17 em 100 brasileiros ou habitantes do Brasil (BRASILIANSE, 1983, p. 88 *apud* LEMME, 2005, p.166).

Este número tão exorbitante de analfabetos decorria das poucas escolas públicas existentes, geralmente frequentadas pela classe média e das precárias formações

profissionais dos professores, principalmente os docentes que atuavam nas escolas rurais do interior do País (LEMME, 2005).

A preocupação em proporcionar educação para uma quantidade maior da população, adveio após a Proclamação da República em 1889, a qual, enfatiza um sentimento de nacionalismo, sendo espelhado no âmbito educacional, visando à importância de haver crianças civilizadas, as quais só poderiam passar por um processo civilizador se fossem ensinadas a ler, escrever e contar, ocasionando um processo de racionalização do cidadão brasileiro, retirando-o da barbárie (BOTO, 2012 & MARCÍLIO, 2016).

Os Republicanos acreditavam que a solução para o desenvolvimento cívico do país, dar-se-ia por meio de uma educação de qualidade, o que culminou em importantes reformas no ensino, considerando o cenário elitizado em que a oferta de ensino só privilegiava uma parte da população mais abastada. Considerava que apenas a educação traria a civilização e consequentemente a modernização, como relatou Francisco de Paula Rodrigues Alves em 1912:

[...] a ignorância é a maior desgraça que pode vitimar as populações: limita e acanha a esfera de atividades do cidadão e o desinteresse dos grandes problemas da vida social e política (Mensagem do Presidente do Estado, 1912, p.546 *apud* MARCÍLIO, 2016, p.247).

Desde 1890 um grupo de educadores lutava e defendia que para qualquer mudança significativa, era imprescindível começar por uma formação docente de qualidade, algo que se perpetua durante toda República, sendo pauta até os dias atuais (MARCÍLIO, 2016). O problema era tão urgente que se publicou no Jornal Estado de São Paulo demonstrando a preocupação por solucioná-lo:

Considerando que, sem professores bem preparados, praticamente instruídos nos modernos processos pedagógicos e com cabedal científico adequado às necessidades da vida atual, o ensino não pode ser regenerador e eficaz [...]. A Escola Normal do Estado de São Paulo não satisfaz às exigências do tirocínio magisterial a que se destina, por insuficiência do seu programa de estudo e pela carência de preparo prático dos seus alunos (Decreto n. 27 publicado no jornal Estado de S. Paulo de 30 de março de 1890 *apud* MARCÍLIO, 2016, p.257).

Em 1911, o Estado de São Paulo cria cinco Escolas Normais no interior, destacando-as pela qualidade de ensino, incluindo a Escola Normal de Pirassununga, instituição que Lourenço Filho completou seus estudos. Todavia, as transformações políticas, sociais, educacionais e econômicas tiveram maior intensidade a partir da década de 1920.

O período entre 1919 e 1930 foi marcado com severas críticas sobre a educação de intelectuais da época e por diversos movimentos como a crise da dominação oligárquica, havendo conflitos políticos, com a rebelião dos “Dezoito do Forte”, movimento Tenentista, o qual contestava a ação política e social dos governos representantes das oligarquias cafeeiras, conhecido como coronelismo. Embora tivessem uma posição conservadora e autoritária, os jovens tenentes do exército defendiam reformas políticas e sociais, a fim de preservar a moralidade do país, combatendo a corrupção, já existente na época.

Outro movimento importante a ser relatado é a Reforma Sampaio Dória, em 1920, visando garantir uma expansão da educação pública, visto que 4 a cada 10 crianças estavam destinadas a ficar fora da escola, tendo o impasse entre ampliar as vagas ou melhorar a qualidade da educação, Dória elegeu a expansão, reduzindo a obrigatoriedade antes para crianças de 7 à 12 anos, para 8 à 9 anos, reduzindo o ensino primário de 4 anos para 2, selecionando e compactando os conteúdos, além de dividir o período de 5h em dois turnos de 2h30 por dia, podendo o professor dar classes para duas turmas durante um período. Esta reforma foi difundida em outros estados por Lourenço Filho em Pernambuco (1923), Anísio Teixeira na Bahia (1925), Francisco Campos e Mário Casassanta em Minas Gerais (1927) e Fernando de Azevedo no Rio de Janeiro (1928) (UNIVESP, 2010).

A Reforma de 1920 em São Paulo auxilia na unificação do ensino das Escolas Normais, aumentando o número de anos do curso normal e elevando o nível do curso complementar. Mudança que resultou na diplomação de professores, superior a demanda em 1926, auxiliando as escolas urbanas e as escolas rurais, visto que os professores recém-formados eram atribuídos a instituições escolares na zona rural, seguidas de remoção por etapas, até atuarem em uma escola próximo a suas residências (MARCÍLIO, 2016).

Houve dois fatores que intensificaram ainda mais os conflitos políticos da época: a fundação do Partido Comunista do Brasil e a comemoração do Centenário da Independência em 1922, evidenciando os problemas nacionais (MARCÍLIO, 2016 & MONARCHA, 2001). Ademais foi afetado diretamente a cafeicultura por decorrência do ritmo crescente da industrialização, sendo essencial o desenvolvimento interno do país por meio de mão-de-obra qualificada decorrente da educação profissionalizante (MÉLO, et.al., 2012).

Movidos por sentimento de mudança para o progresso um grupo de intelectuais e artistas realizaram em São Paulo uma semana de exposições culturais, conhecida como Semana da Arte Moderna de 1922, promovendo a divulgação da arte popular e do povo brasileiro e caracterizando uma forte valorização nacionalista, rompendo com os moldes

européus, os quais, dominavam as manifestações artísticas. Considera-se que este impulso decorreu do livro “Os sertões” (1902) de Euclides da Cunha, cuja obra revela

O mesmo empenho em forçar as elites a executar um meio giro sobre seus próprios pés e voltar o seu olhar do Atlântico para o interior da Nação, quer seja para o sertão, para o subúrbio ou para o seu semelhante nativo, mas de qualquer forma para o Brasil e não para a Europa (SEVCENKO, s/a, p.122-123 *apud* LEMME, 2005, p.167).

Com tantas efervescências políticas, Lourenço Filho cria a *Cartilha do Povo - Para ensinar a ler rapidamente* em 1928, contendo todos os preceitos morais, éticos e sociais da luta dos intelectuais republicanos.

Mais adiante com a Revolução de 1930 erradicando a dominação oligárquica “café-com-leite”, a insatisfação dos renovadores e a busca da modernidade criaram o ambiente propício para mudanças. E foi neste cenário que Associação Brasileira de Educação (ABE) promoveu reuniões para discutir a questão educacional do país. De um lado os intelectuais e educadores que defendiam o ensino público, gratuito, obrigatório, laico e de responsabilidade do governo, e dos outros defensores da educação pública religiosa (professada pelos princípios da religião católica). Todavia, o movimento em prol de mudança na educação teve representatividade nas reuniões da ABE, culminando na produção e publicação do Manifesto de 1932 (MÉLO, et. al., 2012).

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 foi um dos principais marcos das reformas educacionais da primeira metade do século XX. Este documento defendia uma reforma na estrutura organizacional de todo o campo da educação, tendo como principais bandeiras: a educação como direito de todos, sendo de responsabilidade do Estado; uma escola pública, gratuita e laica, garantindo a igualdade entre os sexos e a remuneração digna para os professores, assim como a formação dos mesmos.

O documento de 1932 toma como ponto de partida a premissa de que a “educação varia sempre em função de uma ‘concepção de vida’, refletindo, em cada época, a filosofia predominante que é determinada, a seu turno, pela estrutura da sociedade”. Lembrando que cada classe tem suas opiniões particulares sobre a educação, afirma que “um longo olhar sobre o passado”, nos permite perceber o ideal a ser alcançado pela educação varia segundo cada época, sempre “de acordo com a estrutura e as tendências sociais”, extraindo sua vitalidade da “própria natureza da realidade social” (GHIRALDELLI JR, 2009, p.43 *apud* BEDIN, 2011, p.39).

Tal manifesto foi tão importante que obteve impactos na Constituição de 1934, garantido a gratuidade e obrigatoriedade do ensino primário e o valor de no mínimo 10% dos impostos para educação, entre outros (BEDIN, 2011).

Todavia, esta Constituição foi rapidamente substituída pela Constituição de 1937 por Francisco Campos, político da direita, o qual, utilizou dos mecanismos do uso do decreto-lei, isto é, usou a força da lei para isentar o Estado da responsabilidade perante a educação pública, transferindo para iniciativa privada. Cabe destacar, que neste período político, o Brasil se encontrava sob um regime autoritário, denominado Estado Novo (1937-1945), que via na educação uma possibilidade de promover os valores atribuídos à família, à religião, ao trabalho e à pátria, intensificando campanhas nacionalistas. Dessa forma, o movimento renovador e democrático passa a ser reprimido e “(...) passa a hibernar (...)” (BEDIN, 2011, p.45).

O primeiro governo de Vargas (1930-1945) avançou o processo de montagem de um sistema educacional. Os pioneiros tiveram papel relevante na defesa de um sistema nacional de educação, e o pós-1930 acabou se constituindo em um verdadeiro palco de disputa de orientações para a definição dos rumos da educação no país. Os renovadores tiveram suas propostas vencidas, e o período pós-1935, início do autoritarismo que teria no Estado Novo (1937-1945) sua manifestação formal, atingiu diretamente Anísio Teixeira. Após a revolta comunista de novembro e a prisão do prefeito do Rio, Pedro Ernesto, sob a acusação de envolvimento com a Aliança Nacional Libertadora (ANL), Anísio é destituído da função de secretário-geral de Educação e Cultura da capital federal. (BOWENY, 2003, p.44-45 *apud* BEDIN, 2011, p.43).

Durante o governo Vargas, Lourenço Filho torna-se presidente da Associação Brasileira de Educação em 1934, quatro anos depois é convidado por Gustavo Capanema a organizar e dirigir o Inep e em 1939 realiza uma Conferência para os militares sobre educação e segurança nacional, assegurando que a escola pode formar cidadãos com bons costumes (FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2011).

Após 8 anos sob um regime autoritário, é restaurado de forma lenta a democracia pelo Governo Dutra (1946-1951), elaborando uma nova Constituição, denominada Constituição de 1946, que previa o ensino primário obrigatório e gratuito para todos, inspirando o dever de princípios libertários, além da educação ser de responsabilidade do Estado como descrito nos Art. 166, Art. 167 e Art. 168 desta Constituição:

Art. 166: A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Art. 167: O ensino dos diferentes ramos será ministrado pelos poderes públicos e é livre à iniciativa particular, respeitadas as leis que a regulem. Art. 168: A legislação do ensino adotará os seguintes princípios: I - o ensino primário é obrigatório e só será dado na língua nacional; II- o ensino primário oficial é gratuito para todos; o ensino oficial ulterior ao primário sê-lo-á para quantos provarem falta ou insuficiência de recursos; III - as empresas industriais, comerciais e agrícolas, em que trabalharem mais de cem pessoas, são obrigadas a manter ensino primário gratuito para seus servidores e os filhos destes; IV - as empresas industriais e comerciais são obrigadas a ministrar, em cooperação, aprendizagem para seus trabalhadores menores, pela forma que a lei

estabelecer, respeitando os direitos dos professores. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL, 1946).

Após as determinações desta Constituição (1946), o Ministro da Educação, Clemente Mariani, convocou uma comissão de 15 professores para elaborarem um projeto de Reforma de ensino que seria o anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Em 1947, Clemente Mariani convida Lourenço Filho pela segunda vez a ocupar o cargo de diretor do Departamento Nacional da Educação. Neste segundo mandato se responsabiliza por organizar e dirigir a Campanha Nacional de Educação de Adultos, primeiro movimento de Educação Popular de iniciativa do Governo Federal (MONARCHA, 2001).

A partir dos anos 1950, Lourenço Filho realiza alguns projetos vinculados à Unesco, como o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibccc). Em 1957, o Governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), inaugura com o seu nome a Ordem Nacional do Mérito Educacional. Tal governo compactuava com a ideologia que a educação tinha como função social gerar indivíduos para o trabalho, visando o crescimento industrial do país, desenvolvendo-o com o lema “50 anos em 5” (BEDIN, 2011).

Entre o período de 1930 e 1971 houve explosivas taxas de crescimento populacional, obtendo em uma pressão realizada pelos educadores por mais escolas primárias, havendo várias Campanhas em prol da erradicação do analfabetismo, além do acréscimo de publicações de Cartilhas e materiais de Guia para os professores. Embora a luta em favor da alfabetização para todos ainda é uma constante bandeira levantada por educadores e pessoas civis (MARCÍLIO, 2016).

3.2.1. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova – 1932

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, documento escrito em 1932 e dirigido ao povo e ao governo, foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado por vinte e seis intelectuais, (vinte e três homens e três mulheres), entre estes estavam: Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, conhecidos como “os três cardeais da educação nova” no Brasil (MONARCHA, 2001).

Este documento consolidava uma visão da elite intelectual que embora com diferentes posições ideológicas, queriam interferir na organização da sociedade brasileira por meio da educação a todos, sem discriminação social, visando à reconstrução educacional no país com a escola pública, de responsabilidade Estatal, obrigatória,

gratuita, baseada na coeducação de meninos e meninas, na laicidade e na profissionalização do professor, exigindo um maior preparo em uma formação de nível superior.

Esta preocupação e urgência em acelerar os processos para implantação de mais escolas de nível superior e recursos pedagógicos, fica evidente nos altos números de trabalhos realizados por um dos cardeais da Escola Nova, Lourenço Filho, que se dedicou a este assunto durante toda a sua vida em estudos e execuções em cargos públicos. Nos trabalhos realizados por Diana Vidal (2001), analisando cartas direcionadas e enviadas para o referido autor, a formação de professores primários e secundários é o assunto mais detalhadamente tratado pelos educadores (MONARCHA, 2001, p.245).

Quanto ao documento, os pioneiros começam o manifesto fazendo uma crítica à educação brasileira, que naquele momento, era composta de um ensino fragmentado e desarticulado com o cotidiano dos alunos. Para eles, faltava espírito filosófico e científico, além da unidade e continuidade no plano de reformas no sistema escolar. A causa principal desta situação para os pioneiros era a *inorganização*, ou seja, era a ausência em quase todos os planos e iniciativas em estruturar a educação e a aplicação dos métodos científicos aos problemas das unidades escolares.

A ideia de propor uma organização de um sistema nacional de ensino já estava presente nas reformas educacionais ocorridas na década de vinte em vários estados do país, feitas por alguns dos signatários do manifesto, como Sampaio Dória, Lourenço Filho e Anísio Teixeira. Mas com o documento, os signatários propõem a “Reforma das Reformas”:

Em lugar dessas reformas parciais, que se sucederam, na sua quase totalidade, na estreiteza crônica de tentativas empíricas, o nosso programa concretiza uma nova política educacional, que nos preparará, por etapas, a grande reforma, em que palpitará, com o ritmo acelerado dos organismos novos, o músculo central da estrutura política e social da nação (MANIFESTO DE 1932, 2006, p.190).

Os Pioneiros propõem uma escola única em que todas as crianças, de sete a quinze anos, tenham acesso a uma educação igual para todos, pois dentro do sistema escolar não deve ser admitido classes e escolas que só atendam a uma minoria, por um privilégio exclusivamente econômico. Essa seleção devia se processar não por diferenciação econômica, mas pela diferenciação de todas as capacidades.

Nessa nova concepção da escola, a atividade espontânea está na base de todos os seus trabalhos e é dirigida à satisfação das necessidades do próprio indivíduo. De acordo com eles, a educação *Nova* não se propõe em servir os interesses de classes, mas do indivíduo e se funda sobre o princípio da vinculação da escola com o meio social, mas profundamente humano, de solidariedade, de serviço social e cooperação. Portanto, a

escola deve ser uma comunidade em miniatura, oferecendo um meio vivo e natural à criança, colocando-a em contato com o ambiente e com a vida ativa que a rodeia (MANIFESTO de 1932).

Escola nova, para nós, é a formação do homem, sob o ponto de vista intelectual, sentimental e volitivo; é o estudo individual de cada aluno; é também, o ensino individual de cada um deles, muito embora em classes; é adaptação do programa a cada tipo de educando; é a verificação das lacunas do ensino do professor pelas sabatinas e pelos exames; é o emprego de processos especiais para a correção de deficientes mentais; é a educação física e educação profissional, caminhando, paralelamente, com o desenvolvimento mental da criança, é a preparação para a vida prática; é a transformação do ambiente escolar num perene campo de experiência social; é a escola de intensa vida cívica, de cultivo da iniciativa individual, do estudo vocacional, da difusão dos preceitos de higiene, e, principalmente, dos sentimentos da puericultura; é, em suma, a escola brasileira, no meio brasileiro, com um só láboro: formar brasileiros, orgulhosos de sua terra e de sua gente (LOURENÇO FILHO, 1918, p.1917 *apud* MONARCHA, 2010, p.29).

Ademais, o Manifesto diz que é preciso fazer homens antes de instrumentos de produção, e para isso acontecer, o trabalho é o único método, pois faz homens úteis e cultivados em todos os aspectos. Para os pioneiros escolanovistas, a Escola Nova deveria ser reorganizada de maneira que o trabalho fosse seu elemento formador, favorecendo a expansão das energias criadoras do educando e procurando estimular-lhe o próprio esforço (MANIFESTO de 1932).

Além da valorização do trabalho e experiência, os reformadores também defendiam a arte, cultura e a formação de pesquisadores, como é apontado nos trechos:

A nova política educacional rompendo, de um lado, contra a formação excessivamente literária de nossa cultura, para lhe dar um caráter científico e técnico, e contra esse espírito de desintegração da escola, em relação ao meio social, impõe reformas profundas, orientadas no sentido da produção e procura reforçar, por todos os meios, a intenção e o valor social da escola, sem negar a arte, a literatura e os valores culturais. (MANIFESTO de 1932, 2006, p. 197).

A educação superior ou universitária deve tender, de fato, não somente a formação profissional e técnica, no seu máximo desenvolvimento, como a formação de pesquisadores, em todos os ramos de conhecimentos humanos. (MANIFESTO de 1932, 2006, p.199).

Dessa forma, o manifesto trouxe muitos pontos inovadores que contribuíram com a educação, como a defesa de uma educação pública, gratuita, mista, laica e obrigatória. O dever de educar o povo, que antes era responsabilidade da família, se tornou dever do Estado, assim como o oferecimento de oportunidades iguais a pessoas de sexos, crenças e camadas sociais diferentes. Entretanto, de acordo com Lima (2017), não se tratava apenas de uma reconstrução educacional, mas também social, que causaria

impactos no âmbito econômico, político, social e educacional, visando também, a formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho:

A partir do ideário escolanovista, com a efervescência do pensamento liberal no Brasil, objetivava-se uma reconstrução nacional, na qual a escola pública seria a grande responsável pela formação cidadã e democrática do trabalhador. Em um momento histórico, na qual o país vivenciava um período de industrialização, mas possuía uma extrema concentração de analfabetos, era também preciso alfabetizar para preparar e formar mão de obra especializada para o país. (LIMA, 2017, p.249).

Portanto, o desejo de uma reorganização educacional voltada para o aumento de instrução do povo também estava relacionado com interesses políticos que visavam à formação de trabalhadores e não a mudança da condição social das classes menos favorecidas. Apesar da mentalidade reformadora, os pioneiros não viam o povo como sujeito principal da transformação política, mas consideravam que a sociedade seria mais igualitária na medida em que a escolarização fosse difundida para todos.

3.3. INFLUÊNCIAS E INFLUENCIADOR: OS IRMÃOS DE ARMAS

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”
Nelson Mandela

A luta pela educação como ferramenta principal para modificação da sociedade brasileira, obteve intensificações na Era Republicana, erguendo a bandeira da Educação Popular, cujo termo é visto como sinônimo de civilidade, criticidade e progresso.

Lourenço Filho é um dos nomes mais citados nas Reformas educacionais e na batalha em prol ao desenvolvimento do país por meio das instituições escolares, sendo de grande admiração por diversos educadores e pessoas anônimas tanto de sua época, como atualmente, transpassando seus ideais. Como destaca Celso Rui Beisiegel: “Lourenço realmente foi um agente fundamental na democratização desse país” (BEISIEGEL, 2011 *apud* FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2011).

Neste âmbito é fundamental compreender o impacto dessa influência e quem eram os responsáveis pela construção do pensamento crítico de Lourenço Filho, defendidos pelo conceito de Escola Nova.

As principais influências advêm da Europa e dos Estados Unidos com a criação e implementação da Educação Popular, disseminados pelos educadores americanos migrados para o Brasil a convite de Caetano de Campos, como, por exemplo, a professora Miss Brown. Tal fato, evidenciou a busca pelas metodologias aplicadas no continente

norte americano e europeu, como: os estudos de Comenius, Pestalozzi, Froebel, Rousseau, Dewey e Montessori. Estes autores e pesquisadores influenciaram diretamente na construção do pensamento de Lourenço Filho, pensando na linguagem infantil como centralidade dos estudos.

Outro grande educador que influenciou o referido autor foi Jean Piaget, psicólogo que preconiza os testes diagnósticos para os níveis de maturação. Contudo, a influência de Jean Piaget a Lourenço Filho, foi tão grande que em 1949 se encontraram e Piaget divulgou seu trabalho internacionalmente, intitulado-o como o “maestro de las américas” (VIDAL, 2006). A divulgação no Brasil ficou a cargo da imprensa, promovendo os trabalhos de Lourenço Filho, sejam os artigos, livros ou mesmo as ofertas de trabalho nos setores de ensino e administração pública, como pode exemplificar com a *Bibliotheca de Educação*, cuja organização foi dada ao referido autor (MORTATTI, 2000).

A *Bibliotheca de Educação* é uma coleção destinada aos professores primários e secundários, normalistas e estudantes, embasada nos moldes dos países civilizados, sendo um trabalho inovador e de grande aceitação da época, considerado um material de renovação e arejamento de ideias, “(...) pela livre exposição e crítica, sem nenhum dogmatismo ou partido” (*O que é a Bibliotheca de Educação*, 1934, p.10-1 *apud* MORTATTI, 2000, p.159).

Lourenço Filho também influenciou e trouxe influências à Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, grandes amigos e irmãos de luta em prol da função social da escola, como aponta os trechos de cartas abaixo:

[...] A minha capacidade de admirar transbordou e me enchi, desde o primeiro momento, de respeito pela figura do jovem e experimentada [*sic*], que me envolvia em sua simpatia e interesse (TEIXEIRA, 1959, p. 65-66 *apud* MONARCHA, 2001, p.17).

[...] contentamento mais que de camarada, e admirador que o sou de você, sinceramente, contentamento de ‘quixote’ das mesmas ideias de renovação científica do ensino (LOURENÇO FILHO, 17 jan. 1927, carta a Fernando de Azevedo, FA-Cp Cx. 19, 1, IEB/USP *apud* VIDAL, 2001, p.239, in: MONARCHA, 2001).

A influência e admiração à Lourenço Filho é verificada pela quantidade de citações, de trabalho, de intitulações e nomeações a institutos como nota-se nos estudos de Monarcha e Ruy Lourenço Filho (2001):

Tabela 25. Dados sobre a carreira de Lourenço Filho

Títulos e dignidades: 40, sendo 21 prêmios e 19 títulos
Encargos em comissões: 23, sendo 14 eleito como presidente e 9 memberships

Delegado do governo brasileiro em congressos internacionais: 12, sendo 1 vice-presidente do VI Congresso Interamericano de Psicologia no Rio de Janeiro (1960)
--

Instituições de ensino e culturais que levam o nome “Lourenço Filho”: 9, sendo 1 Escola Normal, 3 colégios, 1 grupo Escolar, 1 Instituto, 1 Museu e 1 biblioteca.

Fonte: MONARCHA & FILHO, 2001.

O apreço ao trabalho desse grande educador é notório, contribuindo significativamente nas áreas de alfabetização, psicologia e sociologia. Autor, pedagogo, advogado, sociólogo, psicólogo, jornalista e político que concretiza e estimula a esperança de um Brasil Moderno pela Educação (MONARCHA, 2001).

3.4. CARTILHA DO POVO: A NOVA BÚSSOLA

A *Cartilha do povo – Para ensinar a ler rapidamente* (1928) de Manoel Bergström Lourenço Filho, publicada pela editora Companhia Melhoramentos de São Paulo, foi destinada ao ensino da alfabetização para crianças e adultos brasileiros. Vale destacar, que Lourenço Filho foi um dos primeiros educadores a ampliar a educação básica para todos, incluindo as pessoas que não haviam conseguido cursar no período considerado ideal, enfocando estes ensinamentos na aquisição da leitura e escrita. Para o autor a escola deveria ser laica, obrigatória, democrática, gratuita, para todos os cidadãos, sendo de responsabilidade do Estado (FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2011).

Neste âmbito, é necessário enfatizar que era utilizado o mesmo material para alfabetizar crianças e adultos, ou seja, a *Cartilha do povo* apesar de conter informações e tratar de assuntos ligados preferencialmente a infância, também era utilizada por adultos. As questões iconográficas serão abordadas detalhadamente no próximo tópico.

Essa cartilha obteve grande sucesso desde a sua primeira edição que obteve 1.080.000 exemplares, dando continuidade à números superiores nas próximas edições somando mais de 2 milhões de exemplares nas primeiras décadas de sua criação (FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2011). Em 1942, na 276ª edição há um aumento exorbitante do número de vendas, chegando a 300 mil Cartilhas. Esta obra ganhou tanta popularidade que 5 anos depois ultrapassa quinhentas edições, sendo publicado aproximadamente setenta edições por ano. A última edição encontrada é a de 1986, classificada como a 2.201ª edição, sendo vendido em média 200 mil Cartilhas por ano (BERTILETTI, 2006). Estas informações podem ser confirmadas com os estudos realizados por Carlos Monarcha e Ruy Lourenço Filho no livro “Por Lourenço Filho: uma bibliografia” (2001) como mostra a tabela abaixo:

Tabela 26. Registros das vendas da Cartilha do Povo – Lourenço Filho

Título: Cartilha do povo: para ensinar a ler rapidamente					
Série: Cartilhas					
Data	Edição	Tiragem	Data	Edição	Tiragem
Maio 1928	1	1.080.000	Fev. 1959	1.516	500.000
Dez. 1942	276	300.000	Jan. 1960	1.576	300.000
Jul. 1944	286	50.000	Nov. 1960	1.636	300.000
Out. 1944	306	100.000	Jul. 1961	1.710	400.000
Mar. 1945	326	100.000	Jan. 1962	1.796	400.000
Set. 1945	346	100.000	Abr. 1963	1.846	250.000
Fev. 1946	386	200.000	Nov. 1963	1.916	350.000
Maio 1946	396	50.000	Fev. 1965	1.940	120.000
Nov. 1946	416	100.000	Jun. 1965	1.960	100.000
Mar. 1947	456	200.000	Ago. 1965	2.020	300.000
Nov. 1947	496	200.000	Jan. 1967	2.047	136.000
Maio 1948	516	100.000	Jun. 1967	2.077	150.000
Ago. 1948	556	200.000	Mar. 1970	2.089	60.000
Fev. 1948	586	150.000	Ago. 1970	2.101	60.000
Abr. 1949	606	100.000	Fev. 1971	2.113	60.000
Set. 1949	626	100.000	Out. 1971	2.125	60.000
Jan. 1950	666	200.000	Fev. 1972	2.130	50.000
Out. 1950	706	200.000	Set. 1972	2.143	40.000
Fev. 1951	726	100.000	Mar. 1973	2.147	23.000
Abr. 1951	756	150.000	Set. 1973	2.155	40.000
Nov. 1951	796	200.000	Fev. 1974	2.163	40.000
Mar. 1952	832	200.000	Ago. 1974	2.171	40.000
Jan. 1953	876	200.000	Fev. 1975	2.179	40.000
Mar. 1953	916	200.000	Mar. 1976	2.187	40.000
Dez. 1953	956	200.000	Jan. 1977	2.195	40.000
Mar. 1954	1016	300.000	Jan. 1978	2.196	40.000
Nov. 1954	1076	300.000	Jun. 1981	2.197	5.000
Abr. 1955	1.156	400.000	Jan. 1982	2.198	10.000

Abr. 1956	1.256	500.000	Mar. 1983	2.199	5.000
Mar. 1957	1.356	300.000	Jan. 1984	2.200	5.000
Jul. 1958	1.416	500.000			

Fonte: MONARCHA & FILHO, 2001, p.305

Como nota-se, houve uma grande popularidade da cartilha, com mais intensidade na década de 1950, decaindo seus números após 1980. Essa popularidade advém de dois pontos principais, isto é, o sentimento nacionalista de obter materiais brasileiros, pensados e produzidos para esta nação e a abrangência que o educador procurou promover em todos os níveis de ensino, contemplando e incentivando a Educação de Jovens e Adultos. Assim sendo, a Cartilha tinha por objetivo atingir a Educação Popular.

Cabe destacar que esta amplitude também decorreu pela venda dos direitos autorais de Lourenço Filho a Companhia Melhoramentos, a qual, desde o primeiro exemplar realizou a publicação. Tal fato, ocorreu aproximadamente em 1930, cuja obra já possuía grande mérito e prestígio, porém mesmo com este sucesso, o autor procurou com isso contribuir para alcançar o maior número de analfabetos brasileiros (BERTOLETTI, 2006). Ademais, é confirmado este desinteresse pessoal do sucesso vinculado com o seu nome, pela omissão dos créditos até a 115ª edição, atitude a qual tinha por objetivo reforçar o caráter popular do pensamento dos educadores e intelectuais das décadas de 1920 e 1930, principalmente.

Lourenço Filho produziu esta obra utilizando o mais recente método criado na época, utilizando o método misto que intercala o método sintético com o método analítico, em virtude da posição relativista assumida por Lourenço Filho em relação aos métodos de alfabetização, os quais estão sendo aprofundados no decorrer desta presente pesquisa. Como já detalhou-se o método analítico no capítulo anterior, cabe neste explicar o método analítico-sintético, conhecido como o método misto.

O método escolhido pelo autor refere-se a sua posição relativista, defendendo que a aquisição da leitura e escrita devem ser vistas como instrumentos ao estudante e deveriam ser ensinados concomitantemente, como mostrado nas experiências do método intuitivo, visto que eram

instrumentos capazes de permitirem maior desenvolvimento intelectual [...], além de possibilidade de maior extensão de experiência indireta (pela leitura de que outros fizeram ou observaram diretamente) mais perfeito controle do próprio simbolismo da linguagem (LOURENÇO FILHO, 1934, p.45 *apud* MORTATTI, 2000, p.150-151).

Estes conceitos vieram dos estudos realizados por Lourenço Filho no campo da Psicologia, principalmente com o conceito de *maturação biofisiológica*, em que consistia

ao certo nível de maturação do desenvolvimento da criança para a aprendizagem simultânea da leitura e da escrita, pois ambas as atividades relacionam com condutas do pensamento do aluno, resultando em uma aprendizagem mais rápida. Contudo, o método analítico, muitas vezes não respeitava os diferentes níveis de maturação, ocasionando no fracasso escolar, embora seja um método que facilite a motivação como relata Lourenço Filho (1934):

Devemos acrescentar; porém, que a sentencição como a palavrção, quando bem aplicadas, vêm facilitar a motivação da aprendizagem, dado desde logo o propósito real da leitura, o que, pela silabação ou pela soletração, se torna difícilimo de fazer (LOURENÇO FILHO, 1934, p.12 *apud* MORTATTI, 2000, p.149).

Ponderando as vantagens e desvantagens do método analítico tal como divulgado por Arnaldo de Oliveira Barreto (1868-1925) em que defendia um ensino baseado nos moldes norte-americanos, cujo método parte do todo para as partes, ou seja, das frases e/ou palavras para as sílabas e letras, rompendo com a decifração e estimulando a memorização, fazendo com que os alunos compreendessem o sentido do texto e/ou da palavra, visto que as palavras são “(...) possíveis estímulos da atividade do pensamento” (MORTATTI, 2000, p.150). Para Filho, o método relacionava-se ao processo de maturação. Todavia, era um método que engessava os professores, considerando que era o método obrigatório da educação brasileira desde 1890, não respeitando as particularidades de cada aluno e/ou instituição escolar, não havendo sequer a autonomia didática de cada professor (MORTATTI, 1999).

Com urgência na erradicação da alfabetização no Brasil e pela autonomia didática proposta pela Reforma Sampaio Dória, aumentou as resistências dos professores na utilização do método analítico, buscando novas propostas, surgindo o método misto ou eclético em que se utilizava dos conceitos analíticos e dos conceitos sintéticos. Este método foi considerado pelos intelectuais republicanos como o mais rápido e eficiente no processo de alfabetização, sendo assim satisfatório e considerado a nova bússola professoral (MORTATTI, 2006).

A junção com o método sintético deriva da facilidade que Lourenço Filho observou na escrita da língua portuguesa, sendo silabaria como relata neste trecho:

[...] Do anacrônico aprendizado pela soletração e pela *Carta de Nomes*, ainda há vinte e cinco anos muito generalizado, rapidamente passamos à palavrção e sentencição, à leitura globalizada e inicialmente com sentido. A chamada “leitura analítica” em pouco tempo por aqui se disseminou. Salientamos, desde logo, que a sua influência tem sido enorme e, por certos aspectos, benéfica. Mas digamos também, de passagem, que nem sempre exposta em seus princípios verdadeiros, a “leitura analítica” tem concorrido para complicar um problema por sua natureza difícil, mas não misterioso. À falta de uma teoria

definida do processo em moda, criaram-na, posteriormente, os seus propagadores, no Brasil, e às mais das vezes onde a leitura tem que ser ensinada quase palavra por palavra, em virtude da grafia inglesa, êsse sistema tem concorrido para que desprezemos uma das facilidades de nossa língua: a escrita quase que inteiramente silábica... o esforço de nossos mestres tem sido unilateral. O problema, têm-se lhes afigurado como de dinâmica do ensino, do processo de aprendizagem em abstrato. Os mestres brasileiros têm procurado uma panaceia, desejosos de ensinar a ler e escrever a todos, rápida e facilmente [...] Nesse debate de processos, a criança tem ficado esquecida. Falamos da criança real, da criança viva, com as suas mil diversidades individuais (LOURENÇO FILHO, 1934, p.10-12 *apud* MORTATTI, 2000, p.169-170).

Observando os interesses dos estudantes que mescla o método analítico partindo do todo para a parte e o método sintético da parte para o todo, cabendo o professor escolher o melhor método para determinada explicação e conteúdo, porém há nas lições exercícios categorizados como sintético e outros como analíticos.

As lições tanto podem servir ao ensino pela *silabação* como pela *palavração*. Neste caso, o aprendizado deve ser iniciado na 4ª lição. Recomenda-se a quem se encarregue do ensino, professor ou leigo, que desde logo leve os alunos a escrever, no quadro negro ou no caderno, mediante cópia de modelos que para isso prepare, e depois, sob ditado. A escrita deve ser feita em letra manuscrita, sem que as sílabas se apresentem separadas, como aparecem nas primeiras lições do livro. Desde o início, se o ensino estiver sendo feito pela *silabação*, ou, quando julgado conveniente, se estiver sendo feito pela *palavração* aconselha-se que os alunos organizem uma coleção de pequenos cartões ou pedacinhos de papel, em que eles próprios escrevem as sílabas aprendidas. Com esse material, tão fácil de obter-se, terão as crianças elementos de um jogo que lhes despertará grande interesse, e que servirá tanto aos exercícios de verificação das palavras e sílabas aprendidas como aos de invenção para descoberta de novas palavras ou combinações destas em sentenças. O aluno mais rapidamente compreenderá às historietas apresentadas nas últimas páginas, umas originais, outras adaptadas (LOURENÇO FILHO, 1953, p.2 *apud* MORTATTI, 2000, p.172).

Com base nas falas do próprio autor compreende-se a autonomia dada ao professor e/ou ao leigo, por meio do método misto; suas aspirações em favor da Educação Popular, evidenciando a erradicação do analfabetismo propondo atividades para além das tarefas da Cartilha, utilizando os conteúdos já vistos e fica claro a preocupação de ensinar não só a ler, mas a escrever com a urgência declamada pelo autor. A escrita para Lourenço Filho teria como função o ensino da técnica de caligrafia, ensinando uma bela escrita por meio do treino, formando assim um bom cidadão, além de desenvolver a consciência da responsabilidade, da disciplina, do dever, do amor ao trabalho e a obediência às regras impostas socialmente (MARCÍLIO, 2016). Contudo na Cartilha do Povo há poucos exercícios de escrita, cabendo ao professor esta função.

A Cartilha como um instrumento para o processo de alfabetização contava com um manual de instrução para os professores, orientando-os e promovendo maior

satisfação e consequentemente aumentando o número de vendas, oportunizando um sucesso por mais de seis décadas. De acordo com estudos produzidos por Estela Bertoletti (2006) até o ano de 1995, a *Cartilha do Povo* estava no catálogo da Companhia Editora Melhoramentos e permanece sendo vendida até hoje no Brasil (BERTOLETTI, 2006).

3.4.1. Título e Ilustrações

A *Cartilha do Povo* de 1949 é a edição 586^a. Neste exemplar há na capa o nome do autor, porém não há registros da autoria das ilustrações, supondo ser de autoria de Fernando Dias da Silva por decorrência de alguns dados encontrados nos registros da Editora, contudo em novas edições são substituídas por ilustrações de Gioconda Uliana Campos (BERTOLETTI, 2006).

A capa possui um fundo amarelado, com uma ilustração em tons de marrom, de uma figura feminina sentada, possivelmente a professora com três crianças ao redor, dois meninos mais velhos a esquerda e uma menina mais nova a direita. Todos olham para o livro aberto que se encontra na mão da professora, uma mulher branca de cabelos curtos e está de vestido bege, cuja expressão facial demonstra um certo encanto e interesse pelo mundo letrado. As crianças também são brancas, com idades diferentes, permitindo interpretar como um material que perpassa o universo infantil, mas não se restringia a uma única faixa-etária. Todas estão com um leve sorriso de satisfação no rosto, sendo que o menino mais novo está lendo com auxílio de seu dedo indicador e os demais acompanham a leitura. Este menino é o único com roupa escura, sendo que as demais figuras humanas são representadas com vestimentas claras. Cabe destacar que as crianças são muito parecidas com a suposta professora, podendo até ser considerada a mãe ou parente das mesmas, principalmente da menina representada, que chega a ser uma miniatura da mulher adulta, tanto pelo corte de cabelo como pela vestimenta semelhante. Tal fato, caracteriza a concepção de infância e da moda da época.

Acima da ilustração está o título da cartilha em letras garrafais brancas sob um retângulo marrom e abaixo está o subtítulo em letra bastão colorida de marrom, seguido pelo nome do autor em letras menores e escrito incorretamente, ou seja, ao invés de estar escrito “Manoel”, há uma troca da letra “o” pela letra “u”, ficando “Manuel”, partindo para a informação da numeração da edição e o número de registro e autorização pelo Ministério da Educação e Saúde, seguido do ano e do logotipo da Editora Melhoramentos. Por fim no rodapé da capa está escrito “EDIÇÕES MELHORAMENTOS”, verificando a autenticidade da compra dos direitos autorais pela editora.

Verifica-se que todas as figuras humanas representadas tanto na capa como no interior da cartilha, são imagens de pessoas brancas, não havendo nenhuma pessoa negra. A partir dessa informação é possível realizar uma suposição que havia um racismo eminente existindo em meados do século XX. Não há informação alguma e/ou mesmo no verso da capa, também não havendo folha de rosto.

Das 124 ilustrações no interior da cartilha, há 17 figuras masculinas e 9 figuras femininas e 7 partes do corpo. Pode-se afirmar que para realização das ilustrações da cartilha, considerou que a maioria dos alunos a serem alfabetizados seriam meninos, podendo verificar uma desigualdade de gênero existente no século XX, além disso percebe-se com mais clareza na última lição a superioridade dada ao homem com a figura de um senhor ensinando uma menina em relação ao nacionalismo e patriotismo, valores fundamentais para existência da nação.

Quanto aos 32 objetos ilustrados, representam os utensílios domésticos como bule, carretel, faca etc. Há também 8 brinquedos e/ou brincadeiras, os quais, caracterizam os costumes infantis, como a brincadeira de bola de gude e o brinquedo boneca. Há também 8 representações de lugares, como a escola, ninho, gramado, entre outros. Estes locais geralmente são desenhados com perspectiva, dando uma ideia de profundidade e amplitude do local, caracterizado o ambiente rural que possivelmente contemplava a maioria das moradias existentes da época, sendo evidenciado com 33 ilustrações animais característicos de fazenda, como vaca, cavalo, galinha, entre outros.

Cabe ressaltar as ilustrações em cada lição, padronizando a Cartilha com figuras sempre ao lado das palavras-chaves, seguidas das palavras escritas e os exercícios, sempre havendo no meio dos mesmos outra gravura menor. As gravuras geralmente relacionam com o conteúdo das lições, é interessante analisar que o traçado das imagens é próximo as figuras reais, não havendo uma infantilização das mesmas, apesar de ser objetos/características do universo infantil. Dessa forma pode-se considerar que sua estética é voltada para o público adulto, o qual também é alvo da *Cartilha do povo*, considerando-a inovadora e explicitando um trabalho sistemático, metódico e organizado pelo autor (BERTOLETTI, 2006).

Já a contracapa, também apresenta fundo amarelado com ilustrações, utilizando as tonalidades de marrom, havendo uma margem de aproximadamente 1 cm. Há uma ilustração de um homem em cima de um esquimó com casacos grossos e ao fundo uma barreira de gelo, junto com a frase: “Aprender brincando”. No canto inferior da contracapa têm outras cartilhas que poderiam chamar atenção do leitor, havendo o nome e o respectivo preço em letras de imprensa pequenas. Seguidas de dois livros vendidos pela Melhoramentos um de recortes e outro de dobraduras, também com o preço ao final. Abaixo dessas ilustrações dos produtos há o logotipo e a frase da editora no rodapé do lado esquerdo da contracapa com letra bastão pequena, o preço da Cartilha do Povo, sendo

vendida por Cr\$ 2,50, e no meio o número 213, não especificando do que se trata. Assim como as ilustrações, o título dado a Cartilha também sugere a luta em prol da Educação Popular, visando que adultos e crianças possam ser alfabetizados, educando-as para o civismo, assim como para uma vida sadia como relata o próprio autor:

Que a “Cartilha do povo”, como seu próprio título indica, continue a concorrer para a educação de crianças e adultos, mesmo os mais distanciados dos grandes centros, ensinando a ler e escrever a milhões de brasileiros, da forma mais simples. A educação popular não se resume, certamente, nesse aprendizado. A leitura e a escrita representam apenas um instrumento, não trazem em si mesmas uma finalidade. Educar o povo será dar-lhe também o civismo, a capacidade de produção, a saúde, o emprego sadio das horas de lazer. A leitura e a escrita estão subentendidas nesse largo programa, mas são apenas elementos dele. Bem haja os que para a sua difusão cooperem, desde que não esqueçam o que restará ainda por fazer (LOURENÇO FILHO, 1953, p.2 *apud* MORTATTI, 2000, p.172-173).

A Educação Popular é uma das principais bandeiras de luta durante toda a vida de Lourenço Filho, apresentada em diversos artigos do autor e nas suas ações como na participação da reforma Sampaio Dória relata no tópico “Autor”, defendendo sempre a difusão da escola pública por meio da atuação em diversos cargos públicos. A Educação Popular deveria estar ligada com a função socializadora da alfabetização, centrada na psicologia e seguindo os preceitos de uma educação renovada, democrática e nacionalista (MORTATTI, 2000). Com isto, é necessário conhecer a fundo as lições da Cartilha do Povo, analisando-as e compreendendo na prática as ideologias preconizadas pelo autor.

3.5. LIÇÕES

Nesta presente pesquisa, assim como aponta (BERTOLETTI, 2006), o material utilizado foi “A Cartilha do Povo” edição 586 de 1949, editora Melhoramentos. Esta cartilha apresenta 40 lições em que cada página ilustra uma lição. O autor trabalha inicialmente com as vogais seguidas das combinações em ditongos, partindo para as consoantes labiais, dentais e nasais. O material é trabalho da construção das silábica mais simples para as mais complexas.

A maioria das lições são escritas em letra de imprensa, de tamanho uniforme e os conteúdos apresentados de maneira sistematizada e gradual. A cada novo conteúdo ensinado, há aparições nas lições seguintes como reforço, entretanto cabe ao “(...) professor sistematizá-lo ou não, uma vez que a Cartilha é apresentada apenas como instrumento de leitura inicial (BERTOLETTI, 2006, p.31).

A utilização do método misto é percebido em todas as lições, entretanto, Lourenço Filho enfatiza o método sintético nas primeiras lições da *Cartilha*, utilizado na silabação, empregando as sílabas como unidades chaves que depois se combinam em palavras e frases, utilizando juntamente com o método fonético, isto é, “(...) parte dos elementos simples dos sons (...)” (BRASLAVSKY, 1971, p.51), como pode ser corroborado com a frase “Vi o pa-to na es-ca-da da es-co-la” (LIÇÃO 13ª) em que se trabalha as famílias da letra T, C, D e L. Ou seja, “(...) toma como ponte de partida o som para ensinar logo o sinal e por último, o nome da letra (...)” (BRASLAVSKY, 1971, p.52). Percebe-se com mais nitidez que a partir da lição 25ª, o autor, utiliza do método analítico, partindo de pequenos textos e frases para as sílabas. Na lição 33ª em diante também é perceptível a utilização do método global, visto que as últimas lições são apresentadas aos estudantes o alfabeto em letra bastão, de imprensa e cursiva. Tais afirmações podem ser comprovadas com o trecho de Estela Bertoletti (2006):

As lições da Cartilha do povo não seguem um método “puro”, tendo-se optado pelo analítico-sintético, ou seja, pelo misto em virtude da posição relativista assumida e propagada pelo autor em relação aos métodos de alfabetização (BERTOLETTI, 2006, p.34).

Vale destacar a excelente descrição que Mortatti (2000) realiza dessa cartilha:

[...] A *Cartilha* se inicia com a apresentação das cinco vogais, imediatamente seguidas de sua combinação em ditongos. A partir da 3ª lição, passam a ser introduzidas as consoantes, não em ordem alfabética, mas de acordo com uma “coordenação que tornasse possível o maior número de combinações representativas de palavras do vocabulário natural das crianças: b, l, n, v, c, etc. Até a 11ª lição, repete-se a mesma sequência: ilustração, vocabulário correspondente em tipo grande e com negrito, destaque das sílabas, novos vocabulários formados por diferentes combinações dessas sílabas e, por fim, frases numeradas formadas com os vocabulários aprendidos até então, apresentando-se, em todas as situações, as palavras divididas em sílabas com um hífen. Da 11ª a 24ª edição, mantêm-se os aspectos apontados, mas frases e palavras. A partir da 25ª lição, acrescentam-se as sílabas complexas, e as palavras das frases são apresentadas sem o hífen para divisão das sílabas. Da 35ª à 36ª lição, é apresentado o alfabeto, em letras maiúsculas e minúsculas, de imprensa e manuscrita, são destacados os dígrafos e reapresentados vocabulários que se iniciam com as letras do alfabeto e sempre divididos em sílabas. As quatro últimas lições apresentam historietas, com frases numeradas, duas delas com uma frase manuscrita à guisa de “moral da história”, e as duas lições finais versam sobre temas cívico-nacionalistas: “A nossa bandeira” e “Minha terra”. Encerrando a *Cartilha*, encontra-se, em tipo pequeno, a letra do Hino Nacional Brasileiro (MORTATTI, 2000, p.173-174).

Lourenço Filho enfatiza de forma esclarecedora que esse material é para ser utilizado como instrumento de leitura inicial, não havendo necessidade de formação docente, visto que a *Cartilha* por si só, já conseguiria explicar e auxiliar o estudante no

processo da alfabetização, pois dessa forma poderia democratizar o ensino de maneira mais rápida, tornando cada vez mais pessoas como cidadãos votantes, considerando que os analfabetos não exerciam o poder de voto. A Cartilha, além de ensinar os diferentes tipos de letras, separação silábica, também destaca outros conteúdos gramaticais como:

[...] *acentos gráficos* – circunflexo e agudo (terceira lição) e grave (12ª lição); *numerais* (quarta lição), *til* (quinta lição); *tipos de orações* – afirmativas (quarta lição); negativas (sexta lição), exclamativas (oitava lição), interrogativa (17ª lição); *sinais de pontuação* – ponto final (quarta lição), ponto de exclamação (oitava lição), ponto de interrogação (17ª lição), vírgula (13ª lição), travessão e aspas (38ª lição); *artigos* – definidos (11ª lição) e indefinidos (12ª lição); *gênero do substantivo* (nona lição); *número do substantivo* (décima lição); *infinitivo dos verbos* (26ª lição) (BERTOLETTI, 2006, p.31).

Diante do exposto, é válido detalhar cada lição, a fim de buscar compreender a complexidade utilizada pelo autor para a composição da Cartilha, contribuindo para a efetivação do ensino, da aquisição de leitura e escrita.

3.5.1. Primeira Lição

Na primeira lição, o autor apresenta um desenho de uma mão espalmada e em cada dedo há uma vogal escrita com a letra de imprensa grandes, seguida das conjunções que estas letras podem produzir, ou seja, ditongos constituídos com as letras A, E, I, O e U.

Tabela 27. Lição 1 (Cartilha do Povo)

PRIMEIRA LIÇÃO			VOGAIS	
a	e	i	o	u
eu ia				
ai	Ia	ui	ei	ei
ia	Oi	eu		

A respeito da iconografia desta lição, aparenta ser uma mão de criança pequena e saudável, devido a forma mais arredondada, não estando em evidência o osso da possível criança.

Imagem 2. Primeira Lição – vogais



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.3

Outra característica relevante é aparição de ditongos iguais mais que de uma vez, por decorrências das combinações, ou seja, letra A com E, I, O, U e letra E, com A, I, O, U. Dessa forma, há ocasionado a repetição de alguns ditongos como “ia”, ser apresentado três vezes. Também é perceptível que na primeira linha o autor revela uma frase: “eu ia”.

3.5.2. Segunda Lição

Esta lição é uma continuação da anterior, reforçando e apresentando na primeira linha a ordem “a e i o u”, seguida da frase já realçada na análise do subtópico anterior e na terceira linha são apresentadas uma sequenciação diferente da padrão das principais 5 vogais apresentadas “e a u o i”. Cabe destacar que o autor apresenta apenas 5 vogais, as quais, atualmente possuem uma gama de 12 vogais, constituídas a partir dessas 5 letras, ou seja, a, ã, e, é, ê, i, ã, o, ó, õ, u, ã (BELINTANE, 2017).

No meio da página é apresentado um menino de aparentemente uns 8 anos jogando bola em um campo de terra com um cachorro que é ilustrado do lado posterior, havendo no fundo uma vegetação baixa e o desenho de nuvens.

Imagem 3. Segunda Lição – representação da infância



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.4

Após esta imagem, há a continuação das combinações de ditongo, havendo algumas repetições como o “ai”.

Tabela 28. Lição (Cartilha do Povo)

SEGUNDA LIÇÃO			VOGAIS	
a	e	i	o	u
eu ia				
e	a	u	o	i
ai	ao	ea	ei	eo
eu	ia	ie	io	iu
ai	ui			

3.5.3. Terceira Lição

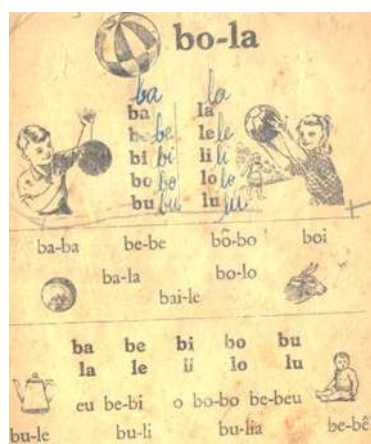
Segundo Bertoletti (2006), nesta lição o ensino se torna um pouco mais atrativo à criança. O autor utiliza-se da palavra chave “bo-la”, em que são apresentadas a família do “B” e do “L” em sentido vertical. Após já aparece a junção de letras formando pequenas palavras, também utilizando as famílias do “B” e do “L”, agora em sentido horizontal. (BOTO & GUIRAO, 2020).

Tabela 29. Lição 3 (Cartilha do Povo)

TERCEIRA LIÇÃO		FAMÍLIA DO B e L		
PALAVRA-CHAVE: BO-LA				
Ba	Be	Bi	Bo	Bu
La	Le	Li	Lo	Lu
PALAVRAS				
ba-ba	be-be	bo-bo	boi	ba-la
bo-lo	bai-le	bu-le	bu-li	bu-lia
be-bê				
FRASES				
1. Eu be- bi				
2. O bo-bo be-beu				
3. Eu ia ao bai-le				

Quanto às imagens o autor busca fazer a correspondência das palavras, havendo uma figura e ao lado sua representação gráfica. Nesta lição são trabalhadas a família do “B” - (Bala, Bebê, Boi, Bola, Bule).

Imagem 4. Terceira Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.5

3.5.4. Quarta Lição

A quarta lição é uma retomada da lição vista anteriormente da família do B, acrescentando a família do N e apresentando as sílabas “Ca” e “Co” por meio das palavras-chaves “bo-ca” e “bo-ne-ca”, separando as sílabas por hifens, assim como as frases ao final da página.

Em relação a padronização, esta lição tem o mesmo modelo da anterior, havendo a ilustração das palavras-chave, abaixo as palavras-chaves em negrito com fonte maior que as demais palavras da lição. Depois apresenta-se a família do N, 3 palavras iniciadas com N, 6 palavras com C e 6 palavras com B, finalizando-as com 4 frases simples (sem sílabas complexas), as quais são numeradas de 1 a 4, fatores novos incluídos nesta lição.

Cabe ressaltar que as frases possuem uma continuidade, remetendo ao leitor um efeito de causa-consequência, preparando-o para o contato com o texto corrido, além de apresentá-lo a frases afirmativas. De 4 frases, 3 utilizam o termo “buliu”, cujo verbo não se utiliza com frequência atualmente, mas na época em que a Cartilha foi escrita era um termo corriqueiro que de acordo com o Dicionário Michaelis significa “Agitar, mover, tocar levemente; mexer”. Outra impressão deste termo é que parece ser uma palavra utilizada na língua coloquial, envolvendo a oralidade das pessoas, visto que é uma Cartilha em que o público-alvo são crianças e adultos analfabetos.

Em relação às palavras, o autor realiza uma brincadeira sonora com as grafias de palavras escritas com a mesma sílaba, por meio da sílaba tônica, como é o exemplo da palavra “Nenê”; “Coco”; “Bobo” e “Lulu”. Outro fator relevante é a aparição da primeira

palavra com acento circunflexo – Nenê, podendo o professor trabalhar outras palavras simples, havendo acentuação.

Tabela 30. Lição 4 (Cartilha do Povo)

QUARTA LIÇÃO		FAMÍLIA DO N E RETOMADA DA FAMÍLIA DO B		
PALAVRA-CHAVE: BO-CA e BO-NE-CA				
Na	Ne	Ni	No	Nu
PALAVRAS				
ni-na	ne-na	ne-nê	ca-co	co-co
be-ca	ba-la	bi-co	bu-le	bo-bo
be-be	ca-co	ca-bo	co-co	co-la
FRASES				
1. O bo-bo bu-liu na bo-la.				
2. Li-la bu-liu no bo-lo.				
3. Lu-lu bu-liu na bo-ne-ca.				
4. A bo-ne-ca é boa.				

As gravuras desta lição possuem um aspecto voltado a feminilidade, visto que representam uma boca com batom, uma boneca ao lado, similar com as famosas bonecas de porcelana, percebe-se que é um brinquedo de representação da figura feminina branca, com cabelos curtos e de vestido. Ao final da lição há uma menina de costas, não sendo possível a visualização de seu rosto e também não se compreende o espaço em que se está e a posição.

Imagem 5. Quarta Lição.



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.6

3.5.5. Quinta Lição

Após trabalhar as consoantes /b/, /n/ /c/, a quinta lição será trabalhado a família da consoante dental /t/, retomando as outras consoantes por meio das palavras-chaves “ca-ne-ca” e “ca-ne-ta”. Interessante que nesta lição, o autor reapresenta a família do N, mostrando 3 palavras iniciadas com T, sendo: ti-tia, ti-ti-o e ti-ti-a, repetindo a palavra titia, mas separando-a de maneira diferente, não esclarecida o motivo. Repete-se as palavras “Nina” e “Nenê” da lição anterior, apresentando “Nata”, palavra sucessora de Lata, realizando um jogo de fonemas com os estudantes. Palavras iniciadas com B são 10, sendo 2 repetidas, batata. Já com a consoante C há 2 palavras, sendo uma repetida das palavras-chaves, caneta.

A repetição das palavras é algo constante do autor, o que possibilita na análise concluir que não é um erro de datilografia, mas sim propositalmente, algo a ser percebido pelos estudantes e passível de reflexão e/ou de memorização da grafia da palavra.

Quanto as frases desta lição, são todas frases afirmativas e diferentemente da lição 4 não há uma semelhança por assunto e sim por sonoridade, aumentando de forma gradual as palavras a cada frase apresentada. Cabe destacar que o apelido “Lulu” se repete nesta lição.

Tabela 31. Lição 5 (Cartilha do Povo)

QUINTA LIÇÃO		FAMÍLIA DO T E RETOMADA DA FAMÍLIA DO N, C e B.		
PALAVRA-CHAVE: CA-NE-CA e CA-NE-TA				
Ta	Te	Ti	To	Tu
Na	Ne	Ni	No	Nu

PALAVRAS				
ti-tia	tu-tu	Ni-na	ne-nê	
ba-ta	ca-ta	la-ta	na-ta	ca-ne-ta
ba-ta-ta	ba-e-ta	la-ti-a	ti-na	bo-ti-na
ti-ti-a	ti-ti-o	bo-ca	bo-ta	bo-ne-ca
bo-ti-na	ba-ta-ta	ba-na-na		
FRASES				
1. A ca-ne-ta é bo-ni-ta.				
2. A bo-ti-na do ti-ti-o é bo-a.				
3. Lu-lu bo-tou a ba-la na bo-ca.				

Para esta lição, o ilustrador desenhou 4 figuras, respeitando a padronização imposta, sendo 2 representando as palavras-chaves caneca e caneta, em que a gravura da caneta é representada pela caneta tinteiro, invenção da época. Já no meio das palavras há uma boneca similar a da página anterior e uma bota de cano longo masculina.

Imagem 6. Quinta lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.7

3.5.6. Sexta Lição

Nesta lição há uma continuação da anterior, apresentando palavras e frases com as consoantes B, T, C e N. Na primeira parte desta lição o autor utiliza dois exemplos para expor frases de sentido afirmativo e a mesma frase com sentido negativo com a consoante B, algo retomado na terceira parte desta lição com a consoante T. Em seguida apresenta 5 frases, sendo 4 delas iniciada pela consoante N e por último ensina 3 frases

enfocadas na consoante T e mais duas palavras iniciadas pela sílaba “to”, obtendo a mesmas letras, havendo apenas a distinção de uma única vogal, ou seja, “to-ca” e “tou-ca”.

Tabela 32. Lição 6 (Cartilha do Povo)

SEXTA LIÇÃO		RETOMADA DAS LIÇÕES ANTERIORES (B, T, C e N)	
FRASES			
1. Ba-te			
2. Não ba-te			
3. Be-be			
4. Não be-be			
5. Ni-co-ta ba-te na bo-ne-ca.			
6. Ni-ta não ba-te na bo-ne-ca.			
7. Ni-ta ni-na a bo-ne-ca.			
8. A bo-ne-ca é bo-ni-ta.			
9. Não ba-ta na bo-ne-ca.			
PALAVRAS			
To-tó	ta-tu	ba-ta	Não ba-ta
to-ca	tou-ca		
FRASES			
10. Não ba-ta no ta-tu, ti-to.			
11. O ta-tu não é bo-ni-to.			
12. O ta-tu ba-teu na to-ca.			

É possível notar que as frases seguem uma sequência, atribuindo nomes como Nicota, Nita e Tito, sobre a questão de bater ou não em algo, utilizando frases afirmativas e negativas, contrapondo-as, além de haver uma moralidade presente nestas orações. Tais nomes, aparentemente são apelidos com que aparentam intimidade e assemelha a um tratamento de carinho para com as crianças. Ademais é utilizado palavras com sentido ao contexto em que está sendo trabalho, ou seja, o tatu fica na toca, por isso o “ta-tu ba-teu na to-ca”. Também há uma noção de juízo de valor ao que seria bonito ou feio, de acordo com padrões sociais.

Quanto as imagens são apresentadas duas meninas de diferentes idades brincando com bonecas, uma ao lado direito sendo mais velha e outra do lado esquerdo

mais nova, aproximadamente com 3 anos de idade. Também é ilustrado a figura de um tatu, ilustrando as frases ensinadas.

Imagem 7. Sexta Lição – juízo de valor



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.8

3.5.7. Sétima Lição

Na lição sete o autor apresenta a consoante D com sua família correspondente: “da, de, di, do e du”, apresentando alguns ditongos dou, dei e dia. Seguida de 6 palavras iniciadas com D, a maioria dissílaba, dentre a minoria há o nome “Do-na-to”; 5 palavras com N; 5 com B e 8 com C, havendo uma palavra polissilábica. Interessante que as palavras iniciadas com a consoante N, B e C, grande parte são repetições de palavras já vistas, memorizando-as. Cabe ressaltar que nesta lição não há frases, apenas palavras, todas separadas por hífen.

Tabela 33. Lição 7 (Cartilha do Povo)

SÉTIMA LIÇÃO		FAMÍLIA DO D		
PALAVRAS-CHAVES: DA-DO e DE-DO				
Da	De	Di	Do	Du
Dou	Dei	Dia		
PALAVRAS				
da-do	de-do	di-to	do-no	di-ta-do
na-ta	ne-to	ni-na	no-ta	noi-te
ba-la	be-lo	bi-co	bo-ca	bu-le
co-la	ca-la	ca-da	ca-la-do	ca-de-a-do
ca-ta	ca-da	do-no	Do-na-to	ca-la-do

As imagens desta lição são as figuras representativas das palavras-chave: dado e dedo. Também no meio das palavras em formatação diagonal há a gravura de um bule do lado esquerdo, o qual possui um desenho de paisagens e do lado direito um bode. Esta última é a figura que mais se diferencia do padrão das demais lições, pois não está escrito a palavra “bode”, entretanto segue uma lógica de haver a figura de um animal por ensinamento.

Imagem 8. Sétima lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.9

3.5.8. Oitava Lição

Diferentemente das lições anteriores nesta há duas listas de frases, a primeira contendo 5 frases utilizando a palavra boneca como elemento unificador e temático de todas as orações, sendo sujeito de 4 frases. Dessa forma segue a mesma temática aproximando o leitor do texto corrido. Já a segunda lista contém 10 exemplos abordando todas as palavras já vistas nas lições anteriores, repetindo inclusive os nomes já citados: Ti-to; Ni-ta; Di-di; Do-na-to; Ni-co-ta. Ademais ao final a uma sequência de 0 a 10 com fonte maior que as demais letras da lição e estando em negrito.

Outro fator diferencial é a aparição de uma frase exclamativa, fazendo um juízo de valor, visto que mostra um sentimento de pena pela boneca que Donato havia batido. Novamente a moralidade da ação bater em algo e/ou alguém aparece. Este fator é apresentado durante toda a cartilha, pois o autor acreditava que a formação cidadã era integral, ultrapassando o conteúdo para conhecimentos, práticas e costumes da vida social.

Tabela 34. Lição 8 (Cartilha do Povo).

OITAVA LIÇÃO					LISTA DE FRASES (Consoantes: B,C,D e N)				
PRIMEIRA LISTA DE FRASES:									
1. A bo-ne-ca é bonita.									
2. A bo-ne-ca é da ni-ta.									
3. A bo-ne-ca não be-be.									
4. Do-na-to ba-te na bo-ne-ca.									
5. Coi-ta-da da bo-ne-ca.									
SEGUNDA LISTA DE FRASES:									
1. A bo-la é do ti-to.									
2. O da-do é do do-na-to.									
3. A bo-ne-ca é da ni-ta.									
4. O ca-de-a-do é do di-di.									
5. A bo-la não é do do-na-to.									
6. A bo-ne-ca não é do ti-to.									
7. O da-do não é da ni-co-ta.									
8. O ca-de-a-do não é da ni-ta.									
9. Não bu-lo na bo-la do ti-to.									
10. Di-di ba-te o de-do no da-do.									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Dentre todas as frases a palavra “bulo” causa estranheza e aparentemente não faz sentido na frase “Não bulo na bola do Tito”. De acordo com o Dicionário Michaelis, o termo “bulo”, envolve movimento de bular, “1. Movo ou agito de leve; mexo, desloco. 2. Balanço, rebolo (parte do corpo)”. Pode-se supor, de acordo com as concepções de Lourenço Filho e das citações acima que este termo tenha sentido e significado no universo infantil com brincadeiras e objetos que se movem como descrito com a bola, figura, a qual é ilustrada na lição.

A lição de número 8 apresenta quatro pequenas figuras: um dedo inclinado com anel; uma criança do sexo feminino sentada no chão, ao lado de uma mesa com uma panela arredonda grande em comparação com o tamanho da criança e por fim uma bola pequena como já dito acima.

3.5.9. Nona Lição

Na nona lição o autor utiliza como palavra-chave a distinção de gênero na infância, isto é, as palavras “menino” e “menina”. Como nas outras lições apresenta a família do M e alguns ditongos “meu, mãe e mão”, havendo palavras com a utilização do til como forma de tonicidade fonema-grafema. Na segunda parte é apresentada 15 palavras com M, repetindo as palavras menino, menina, mão e mamão, seguidas de 5 palavras iniciadas com a consoante C. Por fim há 6 frases com todas as palavras com a separação de sílabas por hífen e é utilizado palavras já vista e o autor acrescenta outras como: melado, limonada e o nome Lino.

Tabela 35. Lição 9 (Cartilha do Povo)

NONA LIÇÃO		FAMÍLIA DO M		
PALAVRAS-CHAVES: MENINO e MENINA				
PALAVRAS				
Ma	Me	Mi	Mo	Mu
Meu	Mãe	Mão		
ma-la	me-la	mo-la	mu-la	me-lão
ma-na	ma-ta	me-ta-de	mi-co	ma-mão
ca-ma	ca-bo	ca-da	co-lo	co-lo-no
me-ni-no	me-ni-na	mão	ma-mão	ma-le-ta
FRASES				
1.co-mi o me-la-do.				
2. Be-bi a li-mo-na-da.				
3. Ti-to bu-liu na mo-la da ma-la.				
4. Ma-mãe mu-dou o lei-te do bu-le.				
5. O me-ni-no co-meu o bo-lo.				
6. Li-no ma-tou o mi-co do ma-to.				

Analisando a tabela acima é possível notar que o autor inicia as palavras de valor silábico mais simples para as mais complexas, mantendo inicialmente a estrutura “M_LA”, apenas trocando a vogal, algo que auxilia no despertar da curiosidade do educando. Além disso, percebe-se que o autor colocou a palavra “MA-MÃO” duas vezes, sendo a primeira colocada em uma das colunas e a outra ao lado da palavra “MÃO”. Supõe-se que esta duplicidade da palavra tenha sido intencional do autor, a fim de o

educando encontra-se a palavra “mão” dentro de “mamão”, algo similar do que se realiza em classes de alfabetização atualmente, denominado palavras-valises (BELINTANE, 2017).

Em relação as frases, cabe destacar novamente o termo “bular”, conjugado “buliu” na frase 3: “Ti-to bu-liu na mo-la da ma-la”, podendo afirmar no subtópico acima que este termo era comum às crianças do século XX, além de haver uma brincadeira com as palavras, lembrando o jogo de trava-línguas. Outra frase que merece destaque é a de número 6: “Li-no ma-tou o mi-co do ma-to”, utilizando a palavra “mico” como referência ao animal da espécie macaco, o mico-leão-dourado. Sendo assim, é necessário nesta frase que o leitor interprete a frase se apoiando do recurso visual da figura do macaco, ao lado. Algo que para esta lição foi essencial para a compreensão da frase.

Como visto, nesta lição as imagens foram essenciais, havendo 4 gravuras: um menino branco com cabelos repartidos de lado e vestindo uma blusa simples de cor clara; uma menina com um laço de fita nos cabelos curtos, usando um vestido claro com babados na manga; uma mala comum de cor mais escura e um macaco pequeno, representando o mico-leão-dourado.

Imagem 9. Nona Lição - gêneros.



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.11

3.5.10. Décima Lição

Como na lição 8ª que apresentou a sequência numérica de 1 ao 10, esta lição também aborda o número um e o número dois por extenso como palavras-chaves. Trabalhando a singularidade e pluralidade das palavras já vistas, colocando na frente a palavra um ou dois e fazendo a correspondência correta, ou seja, “um me-ni-no” e “dois me-ni-nos”. Na segunda parte desta lição o autor utiliza a palavra fonema /um/, /om/, /em/

para ensinar outras palavras que utilizam as vogais “u”, “o” e “e” com a junção do m, como por exemplo a onomatopeia “bum”, algo novo apresentado na cartilha.

Na terceira parte da lição é retomado o conceito de plural, acrescentando o s nas vogais “a, e, i, o, u”, e embaixo exemplifica com alguns exemplos e aproveita para mostrar outras palavras-valises, ou seja, mostra o “es” que corresponde a palavra “es-co-la” e coloca ao lado a palavra “co-la”, a fim de o estudante perceber que na escrita do termo escola tem a palavra cola, assim com a palavra estudo ẽ tudo e escadaẽ cada.

Tabela 36. Lição 10 (Cartilha do Povo)

DÉCIMA LIÇÃO		PALAVRAS-CHAVES: UM e DOIS		
FRASES				
Um me-ni-no		Dois me-ni-nos		
Um ma-ca-co		Dois ma-ca-cos		
Um da-do		Dois da-dos		
Um bo-lo		Dois bo-los		
Um bo-né		Dois bo-nés		
Um mi-co		Dois mi-cos		
Um ca-de-a-do		Dois ca-de-a-dos		
Um ta-tu		Dois ta-tus		
PALAVRAS				
Um		Bum		Tum
Om		Bom		Tom
Em		Bem		Tem
PALAVRAS E PALAVRAS-VÁLISES				
As	Es	Is	Os	Us
is-to	es-te	es-ta	es-co-la	co-la
es-tu-do	tu-do	es-ca-da	ca-da	

A ilustração desta lição é realizada por 6 imagens: um menino com um brinquedo na mão, cujo objeto mostra para o segundo menino, que o observa. Ambos são brancos e utilizam vestimentas claras. Na segunda parte da lição há uma figura parecida com uma boina, porém não é possível afirmar, pois os traços do desenho não estão claros; do lado oposto do objeto anterior há, aparentemente, um outro chapéu de traçados mais clássico; ao final há a figura de um prédio escolar, bem característico da época da República, ou seja, um casarão com várias janelas e ao centro portas grandes e uma varanda no andar de cima e por último do lado direito há uma escada de madeira simples.

Imagem 10. Décima Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.12

3.5.11. Décima Primeira Lição

O autor ensina a consoante V, apresentando a família e três palavras monossilábicas, seguidas de três tabelas com 16 palavras, sendo duas iniciadas com a consoante C, mas em que a sílaba “va” é a sílaba tônica e na última etapa da lição é exemplificado sete frases com as palavras das lições anteriores, juntamente com as palavras novas, inclusive o acréscimo do nome Vitalino. Percebe-se que em todas as lições voltadas a apresentação de uma nova vogal há sempre a integração de um novo nome, que compactua com a consoante trabalhada.

Tabela 37. Lição 10 (Cartilha do Povo)

DÉCIMA PRIMEIRA LIÇÃO		FAMÍLIA DO V		
PALAVRAS- CHAVES: U-VA e O-VO				
PALAVRAS				
Va	Ve	Vi	Vo	Vu
Via	Viu	Vão		
va-la	ve-la	vi-la	vo-a	vo-a-va
vi-va	Vovô	vi-via	va-lia	vale
va-ca	ve-a-do	vi-da	vi-ú-va	ca-va-lo
ca-va-le-te				
FRASES				
1. Es-te ca-va-lo é do vi-ta-lino.				

2. Vi-ta-li-no é o meu ti-o.
3. E-le vi-ve na vi-la.
4. O ca-va-lo tem o no-me de vu-vu.
5. É um ca-va-lo bem bom.
6. Va-mos, Vu-vu! Va-mos à vi-la.
7. Va-mos, Vu-vu!

Ao analisar as informações acima, percebe-se que as frases contêm uma continuidade, seguindo uma narrativa discursiva, aparentando uma sequência histórica com fatos e explicações, ou seja, diz quem é o responsável pelo cavalo, qual é o parentesco, onde o cavalo vive, o nome do cavalo, a personalidade do animal e por último o comando que é dado ao cavalo, apresentando tanto o nome do animal como de seu dono. Estas frases transmitem ao leitor uma proximidade com o real, proporcionando interesse no alunado, por meio de uma situação cotidiana para época, a qual, era mais comum possuir um cavalo para transporte e outros afazeres laborais.

As imagens ilustrativas desta lição, são: um cacho de uva; ao lado direito um ovo na forma horizontal; um cavalo pequeno entre as palavras “ca-va-lo” e “ca-va-le-te”, destacando-as e um cavalo um pouco maior com uma criança do sexo masculino montada, usando chapéu, camiseta e bermuda claras.

Imagem 11. Décima Primeira Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.13

3.5.12. Décima Segunda Lição

Esta lição é uma continuação da lição 9, tematizando os gêneros feminino e masculino, iniciando por 6 frases relacionadas do desenvolvimento escolar de meninos e meninas, seguidas do ensino da utilização de quantidade através do numeral um(a). Também é retomado substantivos singulares e plurais de algumas palavras já vista e das vogais a, e, o.

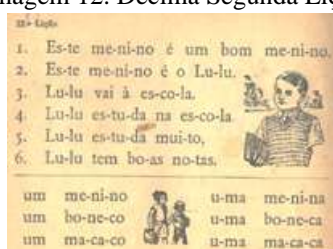
Tabela 38. Lição 12 (Cartilha do Povo)

DÉCIMA SEGUNDA LIÇÃO		SINGULAR		E	PLURAL
		(QUANTIFICAÇÃO)			
FRASES					
1. Es-te me-ni-no é um bom me-ni-no.					
2. Es-te me-ni-no é o lu-lu.					
3. Lu-lu vai à es-co-la.					
4. Lu-lu es-tu-da na es-co-la.					
5. Lu-lu es-tu-da mui-to.					
6. Lu-lu tem bo-as no-tas.					
GÊNERO: UM E UMA.					
Um me-ni-no		U-ma me-ni-na			
Um bo-ne-co		U-ma bo-ne-ca			
Um ma-ca-co		U-ma ma-ca-ca			
PLURALIDADE					
es-te	es-tes	es-ta	es-tas	es-tu-do	
es-tu-dos	es-ca-da	es-ca-das	es-mo-la	es-mo-las	
es-co-la	es-co-las	es-co-va	es-co-vas	las-ca	
las-cas	cas-ca	cas-cas	les-ma	les-mas	
ves-pa	ves-pas	des-te	des-tes	des-ta	
des-tas	tes-ta	tes-tas			
A	As	E	Es	O	
Os	Um	U-ma			

Percebe-se que na terceira parte da lição, o autor, escolhe 7 palavras iniciadas com o fonema /es/, seguida de duas palavras em que suas sílabas iniciais possuem o fonema /as/, assim como em suas sílabas finais na forma plural, isto é, as palavras lascas e cascas, que possibilitam ao estudante distinguir a diferença entre ambas por meio da troca consonantal e sua alteração grafema-fonema, ou seja, pela única diferença entre a colocação da letra inicial “L” ou “C”, porém permanecendo a mesma estrutura e mudando completamente o significado. Em seguida, Filho acrescenta 5 palavras com o fonema /es/ no meio da palavra, finalizando essa tabela. Na última etapa da décima segunda lição, mostra em letras em negrito as vogais “A”, “E” e “O”, apesar de não exemplificar nenhuma palavra com a sílaba “os”.

Como esta lição não mantém o padrão estabelecido de ilustração das palavras-chaves, a grafia, seguida pelos exercícios, por ser uma continuação da lição seis, as ilustrações também se divergem apresentando apenas duas: a primeira é de um menino branco de cabelo cortado de lado, uma camiseta branca por baixo de um suéter de listras, em sua mão direita há dois livros, um maior do que o outro, sua expressão facial é séria, não demonstrando sentimento algum e ao fundo mostra duas árvores pequenas; já a segunda imagem bem menor do que a anterior, apresenta uma garota de cabelos curtos e laço de fita na cabeça, de vestido com um cinto na altura do quadril, ela segura uma cesta com a mão direita e tem a feição bem séria, na sua mão esquerda segura a mão de um menino mais novo que está olhando para trás, e possui a frente de seu corpo uma mochila. Pode-se supor que essa garota seja irmã mais velha do menino e que estão indo ou voltando da escola, pela mochila que o menino carrega. Outro fator notório é que eles estão andando rapidamente pelo gesto do menino.

Imagem 12. Décima Segunda Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.14

3.5.13. Décima Terceira Lição

Nesta lição o autor aborda a família do P, colocando como palavra-chave “pato” e “pombo”. A escolha dessas palavras teriam relação com o conhecimento dos estudantes

com estes animais, sendo trabalhado tanto as sílabas simples como a sílaba complexa “p_m”, ou seja, a utilização do p, vogal e a consoante m. Tal afirmativa pode ser apresentada pelas frases explicitadas por Lourenço Filho, abrangendo conhecimentos específicos e características do pato e pombo, como pode ser visto na frase 2, mostrando que pombo voa e o pato não e na frase 8 como o pato um animal com vivência comum na vida dos alunos estando no ambiente escolar.

Tabela 39. Lição 13 (Cartilha do Povo)

DÉCIMA TERCEIRA LIÇÃO		FAMÍLIA DO P		
PALAVRA-CHAVE: O PA-TO, O POM-BO				
PALAVRAS				
Pa	Pe	Pi	Po	Pu
Pai	Pio	Pam	Pum	Pão
pa-po	pa-pa	pi-pa	po-vo	pe-lo-ta
pos-to	pas-to	pa-to	pa-ta	pa-ta-da
FRASES				
Eu vi o pa-to e o pom-bo.				
O pom-bo vo-a, o pa-to não vo-a.				
O pa-to na-da, o pom-bo não na-da.				
O pom-bo é u-ma a-ve.				
O pa-to tam-bém é u-ma a-ve.				
Es-te pa-to é do do-na-to.				
Es-te pa-to tem um pa-po bo-ni-to.				
Vi o pa-to na es-ca-da da es-co-la.				

Interessante notar que nesta lição o autor retoma ao padrão estabelecido em outras lições, iniciadas pelas palavras-chaves, seguidas da apresentação da família do “P” e de algumas palavras monossilábicas, partindo para a segunda etapa do ensino de palavras contendo apenas palavras iniciadas com p, algo inovador na cartilha. Dentre essas 15 palavras há: 7 palavras iniciadas com “pa”, sendo uma monossilábica, 5 dissilábica e uma trissilábica, sendo paroxítona, estando na última coluna e sendo a última palavra a ser ensinada; 1 com “pe”, trissilábica e paroxítona e também estando em último lugar da primeira coluna; 2 com “pi”, ambas dissilábicas e paroxítonas; 3 com “po”, todas dissilábicas, havendo um exemplo com o fonema /os/, mostrando na lição anterior e 2 com “pu” ambas dissilábicas e com sílabas simples.

Fica evidente a utilização de um grau de dificuldade apresentada pelo autor, visto que nesta lição há apresentação da sílaba anasalada vogal+m, a aparição da palavra pão, utilizando o til, porém ainda não se vê sílabas complexas.

Na última etapa dessa lição há 8 frases havendo o esquema de um único tema, interligando-as, a fim que se tornem ao leitor um texto em frases, transpondo algumas informações características dos bichos, pato e pombo como já descritos anteriormente.

Apesar desta lição possuir um padrão de exercícios, isso não ocorre quanto às gravuras, havendo apenas as ilustrações das palavras-chaves. Todavia o pato é representado com sua parte frontal para baixo em posição horizontal, enquanto o pombo está com sua parte frontal para cima, e atrás há uma figura de um pombo voando, já auxiliando na leitura das frases, podendo o próprio estudante antecipar esta informação de qual animal voa ou não, por meio da leitura de imagem.

Imagem 13. Décima Terceira Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.15

3.5.14. Décima Quarta Lição

Diferentemente das lições anteriores em que se apresenta um conteúdo e reforça-o na lição posterior, com esta lição não há uma continuação da décima terceira. Neste âmbito, o autor apresenta a consoante R em início de palavra e no meio de palavras em que o R é gutural. Cabe destacar que na apresentação de frases há uma relação entre uma frase e de outra, constituindo uma narrativa com fatos sobre uma arara. É atribuído característica e posses, ou seja, de quem é a arara, como ela é, o que ela come, etc.

Contudo, o autor segue a padronização da estruturação de ensino, havendo as palavras-chaves rato e ratoeira, algo interessante do estudante observar, de haver a palavra “rato” dentro da palavra ratoeira (palavra-valise), objeto, o qual, é utilizado para prender este mamífero, podendo o professor explorar este fato com seus alunos. Seguida da família do R e palavras monossilábicas, porém são palavras onomatopeias, utilizando a estrutura do R+vogal+M, como visto na lição décima terceira.

Tabela 40. Lição 14 (Cartilha do Povo)

DÉCIMA QUARTA LIÇÃO		FAMÍLIA DO R		
PALAVRAS-CHAVES: RA-TO e RA-TO-EI-RA				
PALAVRAS				
Ra	Re	Ri	Ro	Ru
Ram	Rem	Rum		
ra-to	re-mo	ro-lo	ru-mo	ra-mo
ro-la	ri-co	ru-a	ro-to	ros-to
ros-to	ros-ca	ras-to	ris-co	rou-pa
re-de	ro-la-va	ro-da		
FRASES				
1. Es-ta é a a-ra-ra do be-ne-di-to.				
2. A a-ra-ra é u-ma a-ve bo-ni-ta.				
3. E-la tem pe-nas de mui-tas co-res.				
4. Um dia e-la vo-ou pa-ra a a-mo-rei-ra.				
5. E e-la co-mia to-das as a-mo-ras.				
6. O be-ne-di-to ba-teu ne-la com um pau.				
7. A a-ra-ra ca-i-u to-da de-pe-na-da.				

Nesta lição, Lourenço Filho apresenta 15 palavras, separadas em 3 colunas, todas sendo dissilábicas, apesar de haver uma diferenciação na terceira coluna, visto que as palavras possuem o fonema vogal+s, como por exemplo, rosto, retomando um conceito já visto e apresenta uma palavra com ditongo, por meio da exemplificação da palavra roupa, demonstrando como separar um ditongo “rou-pa”. Há também outras três palavras abaixo, as quais duas delas possuem ilustração ao lado, ou seja, a palavra “re-de”, “ro-da” e “ro-la-va”, caracterizando a roda.

Antes de analisar as frases, cabe ressaltar as ilustrações, visto que esta lição possui a padronização de duas imagens caracterizando as palavras-chaves, ou seja, há um desenho de um rato do lado esquerdo e do lado direito a figura de uma ratoeira com um rato dentro e um gato observando, já demonstrando uma outra característica do mundo animal. Quanto às imagens ilustrativas das palavras, há uma rede presa em dois troncos de árvores e uma menina de cabelos curtos com os ombros à mostra, lendo um livro; já do lado esquerdo há uma representação de uma roda de madeira e abaixo uma arara pousada em um galho, tema o qual, é trabalhado nas 7 frases da lição.

A primeira frase integra um novo nome, “Benedito”, um nome com quatro sílabas, aumentando os fonemas em junção, observados nas lições anteriores. Durante as 7 frases o autor descreve algumas características da arara e seu habitat e algumas situações, como o caso de seu dono, o Benedito, ter batido nela e como consequência ficou toda depenada, brincando com a palavra pena, relatada na frase 3 e mostrando a variação das palavras, como ocorre com ratoeira. Outro fator relevante, é utilização do verbo “voou”, novamente trabalhando o ditongo e o verbo no passado. Quanto aos aspectos moralizantes, percebe-se a utilização da ação “bater” e do juízo de valor com a palavra “bonita”.

Imagem 14. Rato e ratoeira



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.16.

3.5.15. Décima Quinta Lição

Nesta lição inicia com uma figura de um rato, sem palavras-chaves abaixo, seguidas de 9 frases em que a temática é sobre as características deste mamífero roedor e de uma situação com uma menina chamada Rita, em que o rato roeu sua roupa. Todas as palavras utilizadas neste texto de frases já tinham sido ensinadas anteriormente, tendo por objetivo esta lição uma retomada dos conceitos anteriores, além de ensinar a diferenciação sonora da utilização do “R” em comparação ao “RR”, mostrando na segunda parte do ensino por meio da apresentação da família do “RR”, seguida de três imagens ilustrativas das três colunas de palavras da última etapa da lição.

Tabela 41. Lição 15 (Cartilha do Povo)

DÉCIMA QUINTA LIÇÃO	CONTINUAÇÃO: FAMÍLIA DO R
FRASES	
1. O ra-to mo-ra-va no cam-po	

2. Um di-a ve-io à es-co-la.				
3. Na es-co-la ro-eu a rou-pa da ri-ta.				
4. Ri-ta viu o ra-to, e-ra um ra-tão.				
5. E-la pe-diu u-ma ra-to-ei-ra ao mas-ca-te.				
6. A ra-to-ei-ra es-ta-va na es-ca-da.				
7.Na ra-to-ei-ra há-vi-a u-ma ros-ca.				
8. O ra-to ve-io e ro-eu e ros-ca.				
9. A ra-to-ei-ra ba-teu e ma-tou o ra-to.				
PALAVRAS				
rra	rre	rrí	rro	rru
mor-ro	car-ro	tor-re	bar-ra	mor-re
car-re-ta	car-rei-ro	ter-rei-ro	bar-rei-ro	der-ru-ba-da
ter-ra	ar-ru-ma	var-re	cor-re	a-mar-ra

A primeira coluna inicia-se com a figura de morro, havendo palavras dissilábicas e paroxítonas. Já a segunda coluna há uma carreta de madeira, focando em sua roda (figura apresentada na lição anterior), havendo 4 palavras trissilábicas e paroxítonas, dentre elas 3 possuem o ditongo “ei” e por último há a palavra “der-ru-ba-da”, polissilábica e paroxítona. A última coluna apresenta a gravura do planeta Terra, mostrando os países da América do Norte e da América do Sul, focando no Brasil, seguida de 3 palavras dissilábicas e 2 trissilábicas, não possuindo o mesmo seguimento das anteriores.

Imagem 15. Décima Quinta Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.17.

3.5.16. Décima Sexta Lição

A Décima Sexta Lição é uma continuação da anterior, demonstrando mais 9 colunas com 5 palavras cada uma, sendo as três primeiras trabalhando palavras com “RR”

e demonstrando a separação silábica em todas as palavras. Cabe ressaltar que a primeira coluna segue a sequência das vogais (a,e,i,o,u), utilizando a consoante B como inicial, mostrando assim ao alunado, a importância da grafia correta, pois com uma única letra diferente, muda completamente o significado da palavra e sua sonoridade. Já a segunda coluna utiliza da palavra-matriz terra para trabalhar as palavras derivadas, assim como na terceira coluna com a palavra-matriz carro.

As colunas restantes trabalham a utilização do “R” e algumas palavras com ditongos “ei” e “ou”, não havendo uma sequência mais limitada como nas colunas anteriores, porém tanto na coluna 4 como na 5 é ensinado apenas palavras iniciadas pela consoante “C” e “P”, respectivamente e na coluna 8 palavras iniciadas com a vogal “A”.

Tabela 42. Lição 16 (Cartilha do Povo)

DÉCIMA SEXTA LIÇÃO		CONTINUAÇÃO: FAMÍLIA DO RR		
PALAVRAS				
bar-ra	ber-ra	bir-ra	bor-ra	bur-ro
ter-ra	ter-rei-ro	ter-re-no	ter-rão	ter-ro-so
car-ro	car-ra-da	car-rei-ro	car-re-to	car-re-tão
bei-ra	ba-ra-to	bu-ra-co	du-ro	dou-ra-do
ca-ro	cu-ra	cu-ra-u	co-ra	co-ra-do
pa-ra-do	pa-re-de	pe-ro-ba	pe-nei-ra	pe-rei-ra
ti-ra	to-ra	va-ra	mo-ra	no-ra
a-ra-ra	a-ra-me	a-ra-do	a-ris-co	a-ro-ei-ra
ra-ro	vi-ra	cou-ro	tou-ro	lou-ro
ro-da	ro-da-do	ra-ba-ne-te	ri-bei-ro	ri-bei-rão
li-mei-ra	lou-rei-ro	lou-va-do		
Rei	Re-na-to	Ro-ma		

Na última etapa de ensino dessa lição o autor apresenta de forma diagonal 5 palavras, indo da palavra “roda” até a palavra “ribeirão”, ambas representadas pelas ilustrações dessa lição em que são traçados em escalas maiores uma roda de madeira do lado esquerdo e uma paisagem com árvores e um ribeirão ao centro cortando a vegetação.

Por fim, o autor ensina três palavras com letras maiúsculas, sendo a primeira uma titularidade, a segunda um nome e a terceira uma cidade, todas iniciadas com “R”.

3.5.17. Décima Sétima Lição

Esta lição, o autor volta a utilizar-se da estruturação anteriormente mencionada, porém com uma diferenciação, usa somente uma palavra-chave para dar início a lição da primeira sílaba complexa a ser trabalhada, o dígrafo NH. Em seguida apresenta a família e 9 palavras, dentre elas um apelido em diminutivo, “Ritinha”. Na outra etapa é trabalhado com o estudante 10 frases possuindo como temática o Ninho e abarcando duas espécies de passarinhos e suas características, o Tico-tico e o Canário.

Tabela 43. Lição 17 (Cartilha do Povo)

DÉCIMA SÉTIMA LIÇÃO		DÍGRAFO NH		
PALAVRA-CHAVE: NI-NHO				
PALAVRAS				
Nha	Nhe	Nhi	Nho	Nhu
ni-nho	u-nha	ro-li-nha	ti-nha	ma-nha
es-pi-nho	li-nha	a-pa-nha	ri-ti-nha	ca-ri-nho
car-ri-nho	ca-mi-nho	ca-mi-nhão		
FRASES				
1. Es-te ni-nho é de ti-co-ti-co.				
2. O ni-nho tem dois o-vi-nhos.				
3.Nho-nhô bu-liu no ni-nho e a-pa-nhou.				
4. O bom me-ni-no não bo-le nos ni-nhos.				
5. Eu vi no cam-po um ni-nho de ca-ná-rio.				
6. O ca-ná-rio e-ra a-ma-re-lo.				
7. O ca-ná-rio vo-ou da a-mo-rei-ra.				
8. No ni-nho do ca-ná-rio ha-vi-a um o-vi-nho.				
9. Viu o ni-nho do ca-ná-rio?				
10. Não bu-la no ni-nho tão bo-ni-to.				

Analisando as frases, percebe-se que o autor utilizou tanto verbos no presente como no passado, como orações afirmativas, negativas e a apresentação de formas de orações interrogativas, algo novo apresentado na cartilha. Também se nota a ênfase dada, novamente na palavra bular, cujo termo é atribuído ao juízo de valor, entre o que é certo ou errado. Fica assim, expresso que este verbo era um termo bem frequente no universo das crianças. Outro fator estruturante é a inclusão do nome “Nho-nhô”.

De uma maneira desconexa à lição, são apresentadas quatro palavras: carinho, carrinho, caminho e caminhão. As duas primeiras retomam os conceitos da aula anterior e as duas últimas é expansão vocabular.

Como na imagem abaixo, esta lição enfatiza o ninho representando-o com dois ovos de passarinho, os quais são abordados no texto de frases e no final da página há um pequeno canário desenhado.

Imagem 16. Décima Sexta Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.19

3.5.18. Décima Oitava Lição

Como observado há uma certa sequenciação quando se apresenta uma lição com conceitos e conteúdos novos, a seguinte é sempre uma retomada da novidade trabalhada e das lições anteriores. Isto não difere nesta décima oitava lição, retomando todos os conceitos visto até então por meio de palavras geradoras.

As palavras são divididas em 8 colunas, sendo que as três primeiras e as duas últimas possuem 5 palavras e as colunas do meio quatro palavras. As duas primeiras colunas são palavras com a junção das vogais + a consoante M, formando as vogais nasalizadas com o auxílio desta consoante. A coluna 3 é ensinado 5 verbos no passado com a adição do “M” no final. A quarta, quinta e sexta coluna relembra as palavras com vogais+S – as, es, is, os, us - e as duas últimas colunas o autor apresenta 8 palavras dissilábicas e duas palavras trissilábicas. A última etapa da lição o autor ensina 6 palavras que estão no diminutivo com o dígrafo NH e escritas na diagonal.

Tabela 44. Lição 18 (Cartilha do Povo)

DÉCIMA OITAVA LIÇÃO			RETOMADA DAS LIÇÕES ANTERIORES	
PALAVRAS				
tam-pa	tem-po	tim-tim	tom-bo	tum-ba
em-bi-ra	em-bo-ra	em-pa-da	em-ba-lo	em-bo-la-da
ro-dam	cor-rem	vi-ram	mo-ram	pu-lam
ras-to	res-to	ris-co	ros-ca	mos-ca
mês-mo	más-ca-ra	mis-tu-ra	cas-pa	cos-pe
cus-po	cus-to	te-nho	ve-nho	ta-ma-nho

bom-bi-nha	ro-di-nha	mo-e-di-nha	es-pi-nho	ca-mi-nho
------------	-----------	-------------	-----------	-----------

Quanto às ilustrações, diferem das figuras-padrão usadas por Lourenço Filho, mostrando uma figura com dimensões maiores, havendo em primeiro plano um menino branco, de mãos levantadas, sem camisa brincando em um lago e no segundo plano um outro menino adentrando na água e ao fundo uma casa. Aparentemente os meninos estão tomando banho e brincando no lago, sendo notório pelo sorriso estampado no rosto de ambos. Também há a gravura de uma moeda de 10 centavos de 1942, próxima a palavra “mo-e-di-nha”.

Imagem 17. Décima Oitava Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.20

3.5.19. Décima Nona Lição

Nesta lição, o autor propõe um novo conteúdo, havendo a estrutura-padrão das palavras-chaves, seguidas dos exercícios. Para décima nona lição é ensinado a família do “S”, possuindo como referencial a palavra-chave Sapo e Sapato; abaixo mostra-se três palavras monossilábicas escritas com S, sendo que duas são seguidas de S+vogal+M.

Para os exercícios de fixação o autor usa o recurso unicamente das palavras, ou seja, expõe 6 colunas, em que as três primeiras são palavras iniciadas com “S”, havendo 4 palavras em cada coluna. Já as últimas três colunas, o autor explora os diferentes fonemas do “S”, de acordo com sua colocação nas 18 palavras, as quais, o “S” possui som de /ce/, /ci/, /za/, /ze/, /zo/, sendo intervocálicas (LEMLE,2005).

Tabela 45. Lição 19 (Cartilha do Povo)

DÉCIMA NONA LIÇÃO		FAMÍLIA DO S		
PALAVRAS-CHAVES: SA-PO e SA-PA-TO				
Sa	Se	Si	So	Su
Sem	Som	São		
PALAVRAS				

so-la	so-da	sa-be	sa-bão	se-da
se-ma-na	se-ta	sa-bi-á	sa-ra	sa-ra-do
se-re-no	sa-ra-cu-ra	me-as	ri-so	ri-so-nho
ri-sa-da	ro-as	ro-sá-rio	ca-as	ca-mi-sa
ca-sa-do	ca-sei-ro	ca-sa-co	ca-si-nha	a-li-as
a-bu-so	va-so	va-si-lha	va-sa-do	se-la-do
NOMES				
Ro-sa	Ro-si-na	Ro-sá-lia	Se-bas-tião	Se-bas-ti-a-na

Nesta lição são apresentadas uma lista de 5 nomes contendo a letra “S”, sendo possível também trabalhar a diferença sonora de acordo com a colocação da palavra. Ademais, nota-se que os nomes apresentados durante toda a Cartilha eram nomes comuns a época da publicação (1928), reverberando nas outras edições (1949).

Os aspectos visuais desta lição são apenas as duas figuras representativas das palavras-chaves, traçando um sapo em cima de uma vitória-régia ao lado esquerdo superior da página, havendo em segundo plano a paisagem pantaneira e um pássaro sobrevoando as águas. A outra imagem se localiza no canto superior direito, ilustrando um sapato social masculino. Apesar da palavra “sa-pa-to”, possuir a palavra-valise “pato”, o autor não explora nessa lição, possibilitando que o estudante perceba sozinho tanto pelo grafema-fonema, quanto pelo fonema-grafema.

Imagem 18. Décima Nona Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.21

3.5.20. Vigésima Lição

A primeira parte desta lição é a continuação da lição anterior com 6 frases com palavras separando suas sílabas por hífen. Assim como as anteriores há uma única temática, abordando diferentes aspectos em cada frase, neste caso, é o sapo a figura principal, havendo presença de verte moralizante com a 3ª frase exclamativa, relatando a pena ao sapo por não ter uma casa, demonstrando aos estudantes que devem ter pena e compaixão de quem não possui um lar.

Tabela 46. Lição 20 (Cartilha do Povo)

VIGÉSIMA LIÇÃO		CONTINUAÇÃO: FAMÍLIA DO S E USO DO Ç		
FRASES				
1. O sa-po sa-iu da va-le-ta.				
2. O sa-po ve-io aos pu-los.				
3. Coi-ta-do do sa-po! E-le não tem ca-sa.				
4. E-le mo-ra num bu-ra-co.				
5. Vo-cê viu sa-po?				
6. E-le pu-lou no ca-mi-nho.				
PALAVRAS				
Ça	Ce	Ci	Ço	Çu
ca-ça	co-ça	ta-ça	to-ca	ca-ça-da
ra-ça	ro-ça	ro-ca	ri-co	ca-çu-la
mo-ça	mos-ca	po-ço	lou-ça	pes-co-ço
ci-ne-ma	ci-da-de	ce-bo-la	ca-be-ça	
FRASES				
1. Ce-cí-lia é u-ma bo-a mo-ça.				
2. Ce-cí-lia tem du-as ti-as: Sa-ra e Se-bas-ti-a-na.				

Já a segunda etapa da vigésima lição, o autor apresenta a família do “Ç”, por decorrência da proximidade sonora em que se há. Assim sendo, introduz o “Ce” e “Ci” nesta família, não apresentando a consoante “C” em uma lição específica, mas por meio de palavras ensinadas nos exercícios, como por exemplo a diferença da palavra “roça” e “roca” na segunda coluna na primeira tarefa.

Na primeira coluna o autor apresenta 5 palavras: 3 dissilábicas e escritas com “Ç”; uma com “C” e por último uma derivação da primeira palavra, ou seja, apresenta “ca-ça” e no fim mostra “ca-ça-da”. Na segunda coluna também apresenta 5 palavras, iniciando-a com “ra-ça”, seguida de “ro-ça”, possibilitando que o educando realize a percepção de que uma única letra, neste caso, uma troca vocálica modifica todo o sentido da palavra. Após, mostra mais duas palavras com “C” intervocálico e uma palavra trissilábica com “Ç”. Já a última coluna, o autor apresenta apenas uma palavra com “C” diante de consoante sonora, ou seja, exemplifica este caso com a palavra “mos-ca”.

Entre ilustrações é ensinado mais 4 palavras: ci-ne-ma; ce-bo-la; ci-da-de e ca-be-ça. Estas gravuras possuem um tamanho pequeno, uma ao lado inferior esquerdo da página juntamente com a palavra “ce-bo-la”, representando uma cebola e do outro lado direito inferior, é mostrado a figura de uma cabeça de um menino branco com cabelos

repartidos. Há também no início da página, entre as frases 4 e 6 um quadrado com dois sapos em cima de vitórias-régias, porém esta imagem está com o traçado mais grosso e consequentemente mais difícil sua visualização.

No último exercício da lição tem duas frases sobre uma moça chamada Cecília, atribuindo o adjetivo de “boa moça”, expressão muito apreciada e desejada pela sociedade, denotando características como saber cozinhar; saber costurar; se comportar de forma correta sem falar alto, etc. (MARCÍLIO, 2016). Na segunda frase, relembra o nome Sebastiana e integra o nome Sara.

3.5.21. Vigésima Primeira Lição

Nesta lição é ensinado um novo conteúdo iniciando-o pela leitura de imagem das ilustrações, seguidas das grafias das mesmas, a fim de ser um ponto de partida para o ensino da família do “F”. O autor elege as palavras “fa-vo” e “fa-ca”, ilustrando acima as figuras do alimento e do objeto, respectivamente. Como frequentemente ministrado, é seguido da aprendizagem da família e de três palavras monossilábicas, contendo duas palavras com ditongos.

Tabela 47. Lição 21 (Cartilha do Povo)

VIGÉSIMA PRIMEIRA LIÇÃO		FAMÍLIA DO F		
PALAVRAS-CHAVE: FA-VO e FA-CA.				
PALAVRAS				
Fa	Fe	Fi	Fo	Fu
Fim	Foi	Fui		
fo-fo	fa-ca	fa-ma	fer-ro	for-ra
fo-lha	fa-ço	fe-ra	fer-rei-ro	fa-ri-nha
fi-co	fi-ta	fi-a-do	fa-mí-lia	fu-ma-ça
fa-re-lo				
FRASES				
1. Fui à o-fi-ci-na do fer-rei-ro.				
2. O fer-rei-ro me deu u-ma fi-ve-la.				
3. Dei a fi-ve-la ao Fá-bio.				
4. O Fá-bio me deu um pe-da-ço de bo-lo de fu-bá.				

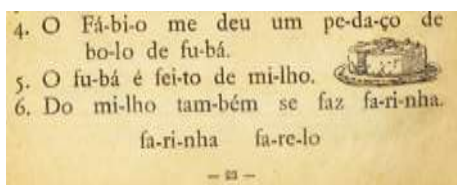
5. O fu-bá é fei-to de mi-lho.

6. Do mi-lho tam-bém se faz fa-ri-nha.

Os exercícios se iniciam com três colunas, cada uma com 5 palavras, havendo palavras com: “RR”; dígrafo NH e LH; “Ç”; “C”, etc. Em relação a semelhança de significante, não há neste exercício, possuindo uma ordem aleatória das palavras.

Na segunda etapa são ensinadas 6 frases utilizando 4 palavras principais iniciadas com a letra “F”: ferreiro; fivela; fubá e farinha. Todas relacionam com a informação anterior, havendo inclusão de fatos em cada uma. Por fim, o autor finaliza com as palavras “fa-ri-nha” e “fa-re-lo”, as quais, em leitura assemelham ser continuação e elementos finalizadores do texto em frases. Para este trecho há uma figura de um bolo de fubá, porém não ilustra a frase, ocorrendo o processo inverso, isto é, é necessário ler as frases para identificar o desenho. Dessa forma, o traço desta representação está ruim.

Imagem 19. Vigésima Primeira Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.23

3.5.22. Vigésima Segunda Lição

A vigésima segunda lição é apresentado um conteúdo novo, porém não segue a estrutura-padrão, pois ensina-se as junções de vogal+N e vogal+L, ao invés vogal+consoante. Dessa forma, o autor apresenta as 5 vogais nasaladas por meio da adição com a consoante N, seguida de 3 colunas, com 7 palavras cada uma, e três palavras entre gravuras e enfileiradas abaixo. Nota-se que as figuras não são representações das palavras “pen-san-do”, “mo-en-do” e “es-tu-dan-do”, todas no gerúndio, visto que é traçado a gravura de um dente e um frasco de um produto estético, similar ao shampoo.

Tabela 48. Lição 22 (Cartilha do Povo).

VIGÉSIMA SEGUNDA LIÇÃO		USO DO N E DO L APÓS AS VOGAIS		
PALAVRAS				
An	Em	In	On	Um
an-ta	an-tes	en-tão	in-tei-ro	on-tem

un-ta-do	en-si-na-do	man-ço	men-ti-ra	mon-ta-do
ban-co	cin-co	den-te	fon-te	cin-to
pen-te	cin-quen-ta	mun-do	an-da	tin-ta
fi-an-do	pen-san-do	mo-en-do	es-tu-dan-do	
Al	El	Il	Ol	Ul
sal	Sol	sul	mal	mel
mil	bar-ril	de-dal	me-tal	pa-pel
na-tal	to-nel	al-ma	cal-ma	pal-ma
vol-ta	vul-to	fu-nil	sol-da-do	sol-tei-ro
ca-ra-col	car-re-tel			

Do mesmo modo são apresentadas palavras com a estrutura vogal+L, porém é perceptível uma lógica na inclusão de cada palavra, visto que a primeira coluna só há palavras monossilábicas, a segunda e terceira coluna só palavras dissilábicas e há 4 palavras entre imagens e em diagonal. As imagens ilustram as últimas palavras da lição: “ca-ra-col” e “car-re-tel”.

3.5.23. Vigésima Terceira Lição

A vigésima terceira lição é uma continuação da lição 17ª, contendo 12 frases com palavras portando o dígrafo NH e incluindo palavras com o dígrafo LH. Todas relatam sobre passarinho da espécie canário e seus filhotes, evidenciando as diferenças e semelhanças entre uma ave adulta e uma recém-nascida. Ao final é mostrado em negrito a família do dígrafo “NH”, “LH” e repete-se a família do encontro vogal+L.

Quanto às gravuras, nesta lição há apenas a figura de dois ninhos. O primeiro está na parte superior central da página e é maior, mostrando apenas um passarinho e o segundo tem dimensões menores e dentro há dois filhotes de passarinho.

Tabela 49. Lição 23 (Cartilha do Povo)

VIGÉSIMA TERCEIRA LIÇÃO	FRASES COM O DÍGRAFOS LH e NH
FRASES	
1.No ni-nho do ca-ná-rio há-vi-a dois o-vi-nhos.	
2. Dos o-vi-nhos sa-í-ram dois fi-lho-tes.	

3. E-les são a-ma-re-li-nhos.				
4. São tão bo-ni-ti-nhos!				
5. Vo-cê viu o ni-nho?				
6. Foi fei-to de pa-lha e de fo-lhas.				
7. E-le es-tá no fun-do da moi-ta.				
8. Não fa-ça mal aos pas-sa-ri-nhos.				
9. O ca-ná-rio can-ta bem.				
10. Os fi-lho-tes a-in-da não vo-am.				
11. E-les tam-bém a-in-da não vo-am.				
12. Mas o ca-ná-rio vo-a al-to				
PALAVRAS				
Nha	Nhe	Nhi	Nho	Nhu
Lha	Lhe	Lhi	Lho	Lhu
AL	EL	IL	OL	UL

3.5.24. Vigésima Quarta Lição

Para esta classe o professor deve ensinar seus alunos a família do “G”, demonstrando as diferenças gráficas e sonoras do /g/ e /gu/, partindo pelas palavras “ga-to” e “goi-a-ba” e da família representada em negrito, como é possível ver na tabela abaixo:

Tabela 50. Lição 24 (Cartilha do Povo)

VIGÉSIMA QUARTA LIÇÃO		FAMÍLIA DO G e J		
PALAVRAS-CHAVE: GA-TO e GO-IA-BA.				
PALAVRAS				
Ga	Gue	Gui	Go	Gu
ga-to	ga-do	go-mo	gai-ta	ga-ve-ta
gar-ra-fa	ga-lo	go-le	gu-me	guer-ra
fo-gue-te	fol-gue-do	ga-li-nha	ga-me-la	ga-viãO
gu-lo-so	gui-tar-ra	gui-sa-do		
PALAVRAS				
Já	Je	Ji	Jo	Ju

Ge		Gi		
jau-la	jar-ro	ji-bó-ia	jo-e-lho	jor-nal
ge-lo	ge-mi-do	ge-la-do	gi-gan-te	ge-ne-ral
jo-ta	ja-ne-la	ja-bu-ti	jar-ra	jo-go
NOMES				
Je-ca	Ju-ca	Ju-ve-nal	Jo-sé	Jo-ão

Para esta especificidade, Lourenço Filho ensina as palavras com o dígrafo GU, ao final das colunas 2 e 3, mostrando apenas 5 palavras com este caso das 18 palavras mostradas. Cabe ressaltar que o autor colocou 6 palavras em cada coluna.

Por decorrência deste fato, na segunda parte da lição, demonstra a família da letra “J”, seguida das sílabas “ge” e “gi”, todas em negrito. Assim como na etapa anterior, são apresentadas três colunas com 5 palavras cada uma, sendo que a primeira e a última há somente palavras iniciadas com “J” e a do meio palavras com “G”.

Por fim, ensina-se 5 nomes masculinos iniciados com J: Je-ca; Ju-ca; Ju-ve-nal; Jo-sé e Jo-ão. Todos os nomes estão entre a figura de dois homens brancos, barbudos e com chapéu, diferenciados pela cor de barba, um com a barba branca aparentando mais idade e outro mais jovem com a barba mais escura.

Esta lição há mais 4 gravuras, sendo duas pequenas separando em etapa a lição e duas maiores ilustrando as palavras-chaves. As duas menores são a figura de um gato e uma galinha, enquanto as maiores ilustram um gato bebendo leite em um prato e ao lado direito uma goiaba entre folhas. Esta última necessita da grafia, pois a imagem não se assemelha com a fruta, goiaba.

Imagem 20. Vigésima Quarta Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.26

3.5.25. Vigésima Quinta Lição

A página 27 se caracteriza como uma dupla da lição anterior, estando uma lição ao lado da outra, além de ser uma continuação. Desta maneira, o autor, inicia a vigésima quinta lição com 8 frases sobre o gato e sua perseguição ao galinheiro, ocasionando em uma bicada pelo galo, finalizando este pequeno texto em frases com uma oração de caráter moral, ensinando os estudantes que cada um tem seu papel dentro do ecossistema e da sociedade, ou seja, atribuir a expressão bem-feito para o gato, evidencia esta suposição, complementada pela informação que gatos só devem pegar ratos. Entre as frases 5 e 7 há ilustrado um gato de costas correndo.

A segunda etapa da lição é dividida por um traço apresentando em fileiras 5 pares de palavras, sendo uma de nomes e estando em uma lógica diferente das demais duplas, como por exemplo, a palavra “goi-a-ba” ao lado da palavra “goi-a-ba-da”, como nota-se a tabela abaixo:

Tabela 51. Lição 25 (Cartilha do Povo)

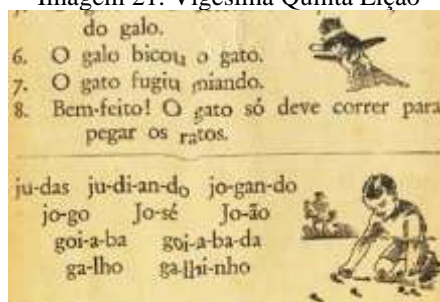
VIGÉSIMA QUINTA LIÇÃO	FRASES FONEMAS /g/ e /j/
FRASES	
1. O gato correu para pegar a galinha.	
2. A galinha correu para junto do galinheiro.	
3. Junto da garnaleta estava o galo.	
4. O galo não teve medo do gato.	
5. O gato veio correndo e passou junto do galo.	

6. O galo bicou o gato.				
7. O gato fugiu miando.				
8. Bem-feito! O gato só deve correr para pegar os ratos.				
PALAVRAS				
ju-das	ju-di-an-do	jo-gan-do	jo-go	Jo-sé
Jo-ão	goi-a-ba	goi-a-ba-da	ga-lho	ga-lhi-nho
NOMES				
Jo-se-fi-na	Jo-ve-li-na	Gon-ça-lo	Gus-ta-vo	
FRASES (SEPARAÇÃO DE SÍLABAS)				
1. Vi a goi-a-ba na goi-a-bei-ra.				
2. Vo-cê gos-ta de ja-bu-ti-ca-bas?				

É notório que o número de nomes apresentados nas lições vem crescendo, como apresentado nesta lição com 6 nomes, os quais 4 são novos. Curioso que acima dos nomes há a figura de um menino branco, de bermuda e camiseta, brincando de jogar bola de gude, algo não mencionado na lição, mas podendo ser representante da palavra “jo-gan-do”.

Por fim o autor apresenta duas frases que não possuem relação direta como ocorria nas anteriores havendo causa-consequência. Nesta, as frases só se relacionam pela temática “frutas”.

Imagem 21. Vigésima Quinta Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.27

3.5.26. Vigésima Sexta Lição

A lição vigésima sexta se assemelha de forma estrutural com a lição vigésima segunda, apresentando o encontro vogal+R, iniciando pela apresentação da família,

seguida de 11 palavras entre as imagens de um portão, caracterizando a palavra “por-ta” e do lado oposto a de um urso.

Na segunda etapa da lição são apresentados pela primeira vez verbos no infinitivo ao lado dos verbos conjugados na primeira pessoa do singular sem a utilização da separação silábica por meio dos hifens. Ao todo são apresentados 12 verbos.

O autor finaliza esta página com o exercício do texto em frases sem a utilização do hífen como separador silábico, algo que perpetua nas demais lições. Este texto em frases relata sobre um sapo em que seu sonho era ser cantor, porém deixa em forma implícita que o sapo não cantava bem com a 4ª frase, dizendo que o sapo se julgava melhor cantor, mas rebatendo essa afirmação com o questionamento ao leitor, se este deseja ouvir o sapo cantar.

Tabela 52. Lição 26 (Cartilha do Povo)

VIGÉSIMA SEXTA LIÇÃO		VOGAIS + R		
PALAVRAS				
Ar	Er	Ir	Or	Ur
ar-co	ar-ma	ur-so	er-va	ir-mão
ur-ti-ga	sor-te	mor-te	por-ta	fur-to
cor-te				
VERBO NO INFINITIVO → CONJUGAÇÃO NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR				
Falar		Falo		
Fazer		Faço		
Seguir		Sigo		
Pôr		Ponho		
Guiar		Guio		
Sentir		Sinto		
Andar		Ando		
Correr		Corro		
Pedir		Peço		
Fugir		Fujo		
Medir		Meço		
Comer		Como		
FRASES				
1. Era uma vez um sapo sabido				

2. Este sapo pensava saber tudo
3. Só uma coisa ele não sabia: era cantar.
4. Mas o sapo julgava ser o melhor cantor do lugar.
5. Você quer ouvir o sapo ensaiar o seu cantar?

3.5.27. Vigésima Sétima Lição

A lição inicia demonstrando ao estudante que aprenderá conteúdos novos com a estruturação-padrão já mencionada anteriormente, partindo da leitura de imagem das palavras norteadoras: “cha-ve” e “chi-ne-lo”. A partir delas é possível que o educando perceba a semelhança do dígrafo CH, o qual será ensinado nesta página.

Após a exposição da família do dígrafo CH e das palavras monossilábicas abaixo, são apresentadas 13 palavras em 3 colunas e mais duas ao meio das barras separando as colunas. Não possui uma sequência na colocação das palavras, apenas iniciando com a menor palavra e finalizando com a de maior caracteres.

Tabela 53. Lição 27 (Cartilha do Povo)

VIGÉSIMA SÉTIMA LIÇÃO		DÍGRAFO CH		
PALAVRAS-CHAVES: CHA-VE e CHI-NE-LO				
Cha	Che	Chi	Cho	Chu
Chão	Chim			
PALAVRAS				
Chá	chei-ro	che-fe	chu-va	cha-ve
chi-a-do	chi-ta	cho-ve	cha-ru-to	cha-ra-da
cho-ro	cho-co-la-te	cha-cal	cha-ma-da	
FRASES				
1. Pegue a chave da tulha.				
2. Vá à tulha antes da chuva				
3. O chico chegou hoje da chácara.				
4. O chefe do serviço chama-se João.				
5. As telhas estão molhadas.				
6. O chinelo é cor de chocolate.				
7. Os chineses bebem muito chá.				

PALAVRAS				
Cha-lei-ra	Fo-lha-gem	Chu-va-ra-da		

Para concluir esta lição são expostas 7 frases para a leitura, não havendo temática comum entre elas e 3 palavras uma embaixo da outra e entre imagens de folhas.

Imagem 22. Vigésima Sétima Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.29

3.5.28. Vigésima Oitava Lição

Nesta lição o autor propõe o ensino do dígrafo QU, iniciando com 5 palavras norteadoras, muito frequentes em conversas do cotidiano como a palavra “qual”. Na primeira etapa inicia-se com 9 palavras dissilábicas organizadas em três colunas, seguidas de 4 novas palavras, sendo duas expressões, as quais são utilizadas em uma brincadeira ao arrancar pétalas de flores diz: “bem-me-quer” e “mal-me-quer”.

Após este exercício, é ensinado 6 frases não possuindo temática comum, havendo frases na afirmativa, interrogativa e exclamativa. Cabe ressaltar a primeira frase, cuja oração se constitui em um ditado popular. A segunda e terceira frase possuem a temática “alimento” (o queijo); a quarta e quinta sobre “natureza” (fogo) e a sexta relata os dias da semana.

Apesar de haver palavras iniciadas com o dígrafo QU e que são concretas, o autor preferiu não utilizá-las como palavras-chaves e não ilustrando a lição.

Tabela 54. Lição 28 (Cartilha do Povo)

VIGÉSIMA OITAVA LIÇÃO		DÍGRAFO QU		
PALAVRAS				
Qual	Que	Quis	Quan-do	Quer
PALAVRAS				
que-ro	qual-quer	quei-jo	quen-te	quin-to
quan-do	quin-tal	quei-ma	ques-tão	quei-ma-do
qua-li-da-de	bem-me-quer	mal-me-quer		
FRASES				
1. Quem quer vai, quem não quer manda.				
2. Aqui está um queijo de boa qualidade.				
3. Qual de vocês quer o queijo?				
4. Quando cheguei, o fogo tinha queimado todo o mato.				
5. Que pena! Tudo se tinha perdido.				
6. Os dias da semana são: segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo.				

3.5.29. Vigésima Nona Lição

Esta lição o autor inicia com as sílabas simples da letra “B”, seguida da adição da letra “R”, tornando a sílaba complexa BR+vogal e exemplificando com algumas palavras mais usuais. Realiza este mesmo exercício com a consoante D, F, G, P e T, porém não apresenta exemplos com todas as vogais, assim como faz com a letra “B”.

Como a lição anterior não há ilustrações.

Tabela 55. Lição 29 (Cartilha do Povo)

VIGÉSIMA NONA LIÇÃO			DAS SÍLABAS SIMPLES PARA AS SÍLABAS COMPLEXAS COM ADIÇÃO DO R	
PALAVRAS				
ba	Be	Bi	bo	bu
bra	Bre	bri	bro	bru
bra-ço	bre-jo	brin-co	bran-co	bru-to

da	De	Di	do	du
dra	Dre	dri	dro	dru
dra-gão	pe-dra	pe-dri-nha	qua-dra	
fa	Fe	Fi	fo	fu
fra	Fre	fri	fro	fru
fra-co	fre-te	fru-ta	fri-to	
ga	Gue	gui	go	gu
gra	Gre	gri	gro	gru
gra-ma	gro-ta	gri-lo		gru-de
pa	Pe	Pi	po	pu
pra	Pre	pri	pro	pru
pra-to	pre-go	pri-mo		pru-mo
ta	Te	Ti	to	tu
tra	Ter	tri	tro	tru
tra-qui-nas	Trem	tri-go	tro-vão	

3.5.30. Trigésima Lição

A trigésima lição possui uma estrutura similar a anterior apresentando as sílabas complexas “BL_”, “CL_”, “FL_”, “GL_” e “PL_” e no máximo três exemplos por encontro consonantal.

O próximo exercício são apresentadas 5 frases: a primeira e a segunda são expostas 6 nomes, três femininos e três masculinos; a terceira, quarta e quinta frase são frases de ordem e solicita ao estudante que realize a escrita dos nomes, um desenho no livro “Pedrinho” – Coleção realizada pelo autor em 1956, podendo a Cartilha do povo ter divergências nas edições anteriores e/ou já ter sido um desejo de Lourenço Filho, realizar estes materiais – e escrever uma frase nacionalista, valorizando o território brasileiro.

Tabela 56. Lição 30 (Cartilha do Povo)

TRIGÉSIMA LIÇÃO			SÍLABAS COMPLEXAS COM ADIÇÃO DO L	
PALAVRAS				
bla	Ble	bli	blo	blu
blo-co			blu-sa	
cla	Cle	cli	clo	clu
cla-ro		cli-ma		cle-men-te
fla	Fle	fli	flo	flu
flau-ta		flo-res		fla-ne-la
gla	Gle	gli	glo	glu
gló-ria		glo-bo		glu-tão
pla	Ple	pli	plo	plu
plan-ta			plu-ma	
FRASES				
1. Clarice tem duas irmãs: Gláucia e Glória.				
2. Plínio tem dois irmãos: Flávio e Flaminio.				
3. Escreva esses nomes no bloco de papel.				
4. Desenhe depois um trevo no livro do Pedrinho.				
5. E escreva também: nasci no Brasil, sou brasileiro. Viva o Brasil!				

3.5.31. Trigesima Primeira Lição

Esta lição inicia um texto em frases, denominado “O preguiçoso”, formado por 12 frases que ocupam duas páginas, as quais, relatam a história de Frederico, um menino que em razão da preguiça não quis ir à escola para ficar brincando, porém se cansa de brincar sozinho e vai procurar seus amigos e não os encontra, pois todos estavam na escola e/ou trabalhando.

O garoto tenta até pedir aos insetos para brincar com ele, porém estes também estão trabalhando.

Estes insetos relatados são a formiga e abelha, animais conhecidos por não cessarem de trabalhar, adjetivando-os como esforçados e dedicados, demonstrando o trabalho como virtude da vida social.

A partir deste texto em frases é possível compreender a concepção de criança e de escola da época, visto que a instituição escolar é vista como responsável pela formação integral do indivíduo, incluindo os costumes ético-morais da sociedade vigente, sendo assim a criança é um ser que necessita de cuidados e ensinamentos vindos do adulto (homem já formado), mas também um ser de responsabilidade por meio do trabalho, ajudando tanto a família, como em seus trabalhos escolares. Esta valorização do trabalho advém do desenvolvimento industrial no Brasil no Governo Vargas (1930-1945), juntamente com o desenvolvimento capitalista como ressalta Denis Cuche (1998):

O ethos capitalista implica em uma ética da consciência profissional e uma valorização do trabalho como atividade que tem um fim em si mesma. O trabalho não é somente um meio pelo qual se obtêm os recursos necessários para viver. O trabalho dá sentido à vida. Pelo trabalho, a partir de agora “livre” devido à introdução do salário, o homem moderno se realiza enquanto pessoa livre e responsável (CUCHE, 2003, p. 163).

O trabalho é caracterizado não apenas o emprego remunerado, mas como meio de promover o progresso nacional. Por ser considerado uma virtude, Frederico se envergonhou por sua atitude preguiçosa, tornando assim uma punição como analisa Estela Bertoletti:

A punição de Frederico torna-se, dessa forma, uma lição moralizante para a recomposição de valores sociais e progresso nacional; atitude também adotada por muitos autores de literatura infantil à época (BERTOLETTI, 2006, p.32).

Por meio desse texto, o professor ensina os conteúdos da alfabetização e os aspectos moralizantes da sociedade como pode-se comprovar com a escrita do texto integral abaixo:

Tabela 57. Lição 31 (Cartilha do Povo)

TRIGÉSIMA PRIMEIRA LIÇÃO	TEXTO EM FRASES: O preguiçoso
Frases	
1. Frederico era um bom menino, mas um tanto preguiçoso.	
2. Certo dia não foi à escola para ficar brincando.	
3. Brincando sozinho, logo se aborreceu.	
4. Procurou então um companheiro para brincar.	
5. Mas todos os meninos da vizinhança tinham ido à aula	

6. Frederico pediu às formiguinhas que brincassem com ele.
7. Mas as formiguinhas lhe disseram que estavam trabalhando e não podiam brincar.
8. Frederico pediu às abelhinhas que brincassem com ele.
9. Mas as abelhinhas lhe responderam que estavam trabalhando e não podiam brincar.
10. Frederico chamou um passarinho para brincar com ele.
11. Mas o passarinho lhe disse que não podia, porque estava construindo o seu ninho.
12. O preguiçoso viu, assim, que todos trabalham e ficou envergonhado.

Quanto às imagens, a lição é iniciada por uma gravura desenhada sob um retângulo grande, contendo um menino sentado no chão de terra, brincando com pedras e no segundo plano uma paisagem. A segunda imagem se localiza no canto inferior ao final das frases da segunda página mostrando uma formiga carregando uma folha em primeiro plano e uma abelha pousada em uma flor, mais ao fundo há um passarinho voando, carregando uma minhoca e ao fundo paisagens montanhosas.

Imagem 23. Trigesima Primeira Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.33

3.5.32. Trigesima Segunda Lição

Para apresentar a letra “X” e os diferentes sons, o autor utiliza do recurso textual, descrevendo uma história, intitulada “A letra mágica”, em que os personagens Xisto e Xandoca demonstram cada fonema e exemplifica-os por meio das palavras. Inicia explicando o som *chê*, seguindo para o som *qsê*, *zê* e por último ensina que a letra “X” também possui o som de *cê*.

Dessa forma, o professor ensina ao aluno que “para cada som numa dada posição, há uma dada letra; a cada letra numa dada posição, corresponde um dado som.” (LEMLE, 2005, p.29), de um jeito lúdico de ensinar.

Nesta lição não há figuras.

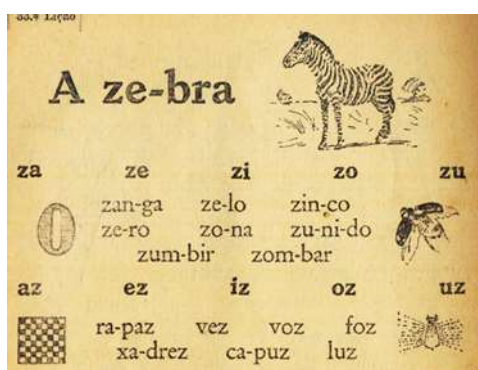
Tabela 58. Lição 31 (Cartilha do Povo)

TRIGÉSIMA SEGUNDA LIÇÃO		FAMÍLIA DO X: A LETRA MÁGICA		
PALAVRAS				
Xa	Xe	Xi	Xo	Xu
TEXTO:				
O Xisto chegou perto da Xandoca e disse:				
— O xis é uma letra mágica. Você quer ver?				
Numas palavras ele vale chê :				
Xa-ro-pe	xu-cro	cai-xa		
en-xa-da	quei-xo	fei-xe		
Noutras palavras vale qsê :				
Fi-xo	re-fle-xo	de-flu-xo		
Noutras, vale zê :				
e-xame	e-xem-plo	e-xac-to		
Noutras ainda, vale cê :				
Au-xí-lio	pró-xi-mo	má-xi-mo		
E finge de esse nestas palavras:				
Ex-plicar	ex-pul-sar	ex-pe-dir		
— É verdade, exclamou a Xandoca. O xis é uma letra extraordinária. Não pede auxílio a ninguém.				
Explique você agora por que o xis é uma letra mágica.				

3.5.33. Trigésima Terceira Lição

Esta lição o autor inicia com a grafia com o artigo definido “a” ao lado da imagem de uma Zebra com árvores ao fundo. Seguido da apresentação da família da letra “Z” e 8 palavras iniciadas com “Z”, posicionadas entre a imagem representativa do número zero e do lado oposto a gravura de suposto zangão, pois o traçado assemelha-se com a abelha da página 34 e por trabalhar a letra Z, concluiu ser este o animal representado, apesar de não estar escrito na listagem essa palavra. Outra hipótese possível é a representação da onomatopeia reproduzida pelo inseto.

Imagem 24. Trigésima Terceira Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.36

Tabela 59. Lição 33 (Cartilha do Povo).

TRIGÉSIMA TERCEIRA LIÇÃO		FAMÍLIA DO Z		
PALAVRAS				
Za	Ze	Zi	Zo	Zu
zan-ga	ze-lo	zin-co	ze-ro	zo-na
zu-ni-do	zum-bir	zom-bar		
Az	Ez	Iz	Oz	Uz
ra-paz	Vez	Voz	Foz	xa-drez
ca-puz	Luz			
FRASES				
1. O rapaz estudou a lição do exame.				
2. Devemos seguir os bons exemplos.				
3. O besouro zumba; o sapo coxa; o burro zurra.				
4. Ponha o vidro de xarope debaixo da luz.				
5. Tio Xerxes comprou uma caixa de charuto.				
6. Zezé não zela de suas coisas.				
NOMES				
A-le-xan-dre		Ar-ta-xer-xes		Zu-lei-ca

Na segunda etapa é apresentado o encontro da vogal+Z, seguida de 7 palavras modelo, as quais também estão entre imagens pequenas de um tabuleiro de xadrez do lado esquerdo e um inseto não identificado do outro lado.

A última etapa dessa página, há 6 frases desconexas uma das outras utilizando palavras com X, Z e o encontro vogal+Z e ensina 3 nomes, utilizando as separações silábicas por hífen, como pode-se observar na tabela acima.

3.5.34. Trigésima Quarta Lição

A trigésima quarta lição é a última a apresentar uma única letra e suas especificidades sonoras e gráficas. Nesta lição ensina-se a letra “H”, iniciando pela apresentação da família, seguida de 11 palavras, divididas em 3 colunas com 3 exemplos cada e duas palavras abaixo entre as colunas.

A segunda etapa, o autor expõe 5 frases para leitura não havendo assunto comum entre elas, apenas a 4ª e 5ª frase se relacionam, pois uma é a oração interrogativa e a outra a oração afirmativa de resposta.

A lição não possui ilustrações e também não apresenta nomes próprios iniciados com a letra “H”.

Tabela 60. Lição 34 (Cartilha do Povo)

TRIGÉSIMA QUARTA LIÇÃO		FAMÍLIA DO H		
PALAVRAS				
Há	He	Hi	Ho	Hu
has-te	hor-ta	ho-je	his-tó-ria	ho-mem
ho-tel	ho-nes-to	ho-ra	hu-mil-de	hós-pe-de
hos-pi-tal				
FRASES				
1. O homem honesto vive sempre cercado de estima.				
2. A comida do hotel era boa.				
3. Vi hoje um lindo peixe no lago da horta.				
4. Ora! Isto são horas de chegar?				
5. Não se zangue: não cheguei no horário, porque fui ao hospital.				

3.5.35. Trigésima Quinta Lição

A partir dessa lição não há mais uma estrutura-padrão para o ensino, sendo cada lição diferente da anterior. A lição trigésima quinta apresenta o alfabeto nas quatro modalidades: o abecedário de letra de imprensa minúscula e maiúscula e o alfabeto de

letra cursiva maiúscula e minúscula. Não há palavras, texto em frases ou mesmo ilustrações.

3.5.36. Trigésima Sexta Lição

Nesta lição, o estudante necessita expandir seu vocabulário, assim o professor tem por responsabilidade ensinar mais 5 palavras iniciadas com todas as consoantes aprendidas e com os dígrafos: CH e GU (gue e gui). Para isto, são reservadas três páginas para 8 ou 9 colunas cada, obtendo o ensino de 125 palavras, sendo a maioria palavras novas e não havendo semelhança temática entre elas. Não há frases e imagens, apenas as letras de imprensa maiúscula e minúscula seguidas dos exemplos.

Nota-se que apesar de haver uma lição específica para o dígrafo NH, este não está na listagem, assim como não há palavras com o dígrafo LH, QU (que, qui) e os encontros consonantais tornando as sílabas complexas, como verifica-se abaixo:

Tabela 61. Lição 36 (Cartilha do Povo)

TRIGÉSIMA SEXTA LIÇÃO		PALAVRAS EM ORDEM ALFABÉTICA		
PALAVRAS				
A a	B b	C c	CH ch	D d
A-ba	Ba-la	Ca-as	Cha-péu	Da-do
Al-to	Blu-as	Coi-as	Chi-na	Del-mo
Ar-ma	Bran-co	Cré-di-to	Chu-va	Dor-me
As-tro	Bru-ma	Cle-to	Chou-ri-ço	Des-ta
Na-ta	Bom	Ces-to	Chi-co-te	Den-tis-ta
E e	F f	G g	Gue, gui	H h
E-va	Fa-ma	Ga-to	Gló-ri-a	Ho-je
Eu-ro-pa	Flau-ta	Ge-lo	Guer-ra	Ho-ra
El-vi-ra	Fra-co	Gre-lha	Gui-do	Há-bil
Es-ta-do	For-te	Gi-ba	Gui-lher-me	He-ran-ça
en-tra-da	fe-liz	gri-lo	gui-tar-ra	hor-ta
I i	J j	L l	M m	N n
Is-to	Ja-ne-la	Lei-te	Ma-ça	Na-vi-o

Is-so	Jo-a-qui-na	Ler-do	Me-lão	Noi-te
Is-quei-ro	Ju-ve-nal	Lan-ter-na	Mó-vel	Nor-te
I -çá	Jar-ro	Lâm-pa-da	Mor-ro	Nor-des-te
Ín-di-a	Je-o-vá	Lu-ís	Mon-ta-nha	Na-po-le-ão
O o	P p	Q q	R r	S s
Ó-pe-ra	Pau-lo	Qui-lo	Ra-mo	Sal-to
O-lho	Pro-ble-ma	Qui-a-bo	Ro-da	Sex-ta
Ó-cu-los	Por-tão	Quen-te	Rin-do	Sor-te
O-to	Pla-no	Quei-ma-da	Ru-de	San-to
O-tí-li-a	Plí-ni-o	Qui-e-to	Rel-va	Sus-to
T t	U u	V v	X x	Z z
Ta-lo	U-va	Ve-la	Xa-drez	Ze-ca
Tom-bo	U-nha	Vi-la	Xa-vi-er	Za-ca-ri-as
Tal-vez	Um-bi-go	Vol-ta	Xe-xéu	Zan-ga
Tre-mor	Ú-ti-mo	Ver-niz	Xa-ro-pe	Ze-bu
Tím-pa-no	Ur-ba-no	Ven-ce-dor	Xan-do-ca	Ze-lar

3.5.37. Trigesima Sétima Lição

Dessa lição em diante a Cartilha não apresenta mais palavras, apenas textos sem separação silábica por hífen. O texto da lição trigesima sétima, denominado “Já sei ler”, simboliza a concretização da alfabetização inicial pelo estudante, declarado em todas as frases do texto e como este fato possibilita a expansão de mundo pelo conhecimento adquirido por meio da leitura de histórias, aludindo assim ao espírito nacionalista que norteava o pensamento intelectual da época e finaliza-o depositando a responsabilidade a todos pela educação popular, a fim de erradicar o analfabetismo (BERTOLETTI, 2006).

Tabela 62. Lição 37 (Cartilha do Povo)

TRIGÉSIMA SÉTIMA LIÇÃO	TEXTO EM FRASE: Já sei ler
1. Já sei ler!	
2. Já li livros, nas cartas e jornais.	
3. Que bom! Posso agora aprender lindas histórias.	

4. Posso conhecer minha terra, o meu querido Brasil, lendo histórias de viagens.
5. Posso saber o que outros homens fizeram e pensaram a muito tempo.
6. Posso escrever cartas aos amigos e parentes.
7. Como é bom saber ler!
8. Todos os brasileiros precisam saber ler.
9. O brasileiro que não sabe ler não é bom brasileiro.
10. Devemos ensinar a ler aos que não sabem.
Como é bom saber ler!

Como nota-se, o autor enfatiza a magnitude da leitura por meio da frase escrita em letra cursiva “Como é bom saber ler!”, após ter exposto todos os benefícios que este recurso traz na vida dos cidadãos, inclusive torná-los cidadãos votantes.

Sobre a ilustração desta página, localiza-se na parte superior da página em formato retangular representando um garoto mais velho do lado direito lendo um livro que está aberto, encostado em outro livro mais à frente que também está aberto, dando a ideia que o menino estava pesquisando algo, em busca da informação e ao fundo está com cores mais escuras. Enquanto, do lado esquerdo há um menino mais novo observando, apoiando suas mãos sobre a mesma mesa que os livros estão apoiados. Interessante que a curiosidade do menino pode ser representada pelo fundo de coloração mais clara que está atingindo a parte escura próximo ao garoto mais velho.

Imagem 25. Trigesima Sétima Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.42

3.5.38. Trigesima Oitava Lição

O texto em frases da lição trigesima oitava é uma fábula, intitulada “A galinha esperta”, ocupando duas páginas com 29 frases e a moral. A narrativa conta a história de uma galinha trabalhadora que chama os outros animais para plantar, regar e colher, porém nenhum dos bichos à auxilia, realizando todo trabalho sozinha. Após todos os preparos, a galinha pergunta a todos quem gostaria de comer os grãos junto com ela e os animais

respondem que querem comer, entretanto neste momento a galinha esperta nega o alimento a eles e ensina-os uma lição.

Esta lição é resumida com a frase “Quem não trabalha não come” em letras cursivas ao final da história, ensinando os estudantes desde o título que para ser alguém esperto necessita se esforçar, não ser preguiçoso e trabalhar duro, atingindo o cerne da virtude. Cabe ressaltar que todos os personagens da fábula possuem características humanas, ou seja,

Os personagens-animais dessa fábula apresentam todos os vícios e virtudes humanas, enquadrando-se, assim, nos níveis de virtudes e não-virtudes, como na 31ª lição. Aqui a lição moralizante se apresenta por meio da apologia ao trabalho (BERTOLETTI, 2006, p.33).

Dessa maneira, o estudante se identifica por meio das qualificações e também dos defeitos embutidos nos animais, facilitando a compreensão e construção da formação moral e cidadã do indivíduo. Novamente, compreende-se a importância dada ao trabalho como meio de progredir a nação, estando vinculada diretamente com a educação, visto que os escolanovistas acreditavam na escola como instituição responsável pela formação e qualificação de mão-de-obra, ampliando o desenvolvimento do país por meio da economia advinda do trabalho e da formação escolar, cuja instituição também era responsável por estruturar o senso crítico que seria necessário para a compreensão política e o voto consciente.

Quanto aos recursos visuais há 4 figuras pequenas similares da galinha, havendo duas em cada página, modificando-a apenas na posição em que ocupa. Cabe ressaltar que na última imagem aparece ao fundo um porco, um pato e um outro animal ao lado não identificado e a galinha em primeiro plano comendo o milho.

Tabela 63. Lição 38 (Cartilha do Povo)

TRIGÉSIMA OITAVA LIÇÃO	TEXTO EM FRASES: Uma galinha esperta
FRASES	
1. Uma galinha chamada Pintada, estava passeando no terreiro, quando avistou um grão de milho.	
2. — << Achei um grão de milho!>> disse ela. Quem quer semear este milho?	
3. — << Eu não!>> disse o galo.	
4. — << Nem eu!>> disse o rato.	
5. — << Nem eu!>> disse o pato.	
6. — << Nem eu!>> disse o porquinho.	
7. — << Pois eu o semearei>> disse a galinha. E semeou o milho.	

8. — E o milho cresceu bem depressa e se tornou alto. Mas o sol era forte e o milho devia ser regado.
9. — << Quem quer regar este milho?>> perguntou a Pintada.
10. — <<Eu não!>> disse o galo.
11. — <<Nem eu!>> disse o rato.
12. — <<Nem eu!>> disse o pato.
13. — <<Nem eu!>> disse o porquinho.
14. — <<Pois eu o regarei>>, disse a galinha. E molhou o milho.
15. O pé de milho cresceu logo e deu uma linda espiga.
16. — << Quem quer colher o milho?>> perguntou a galinha.
17. — << Eu não!>> disse o galo.
18. — << Nem eu!>> disse o rato.
19. — << Nem eu!>> disse o pato.
20. — << Nem eu!>> disse o porquinho.
21. — << Pois eu o colherei>>, disse a Pintada. E dito e feito. Colheu o milho.
22. Colhida a espiga, a Pintada a descascou e debulhou os grãos. Era um lindo milho, bem amarelinho.
23. Então, a Pintada perguntou: — << Quem quer comer milho?>>
24. — << Eu quero>>, disse o galo.
25. — << E eu também >>, disse o rato.
26. — << E eu também >>, disse o pato.
27. — << E eu também >>, disse o porquinho.
28. — << Pois não comerão>>, disse a galinha, porque vocês não quiseram trabalhar.
29. E comeu todo o milho sozinha.
30. Quem não trabalha não come.

3.5.39. Trigésima Nona Lição

Nesta lição o autor apresenta uma novidade ao estudante, desafiando-o a ler um texto corrido, sem dividi-lo em frases. Tal texto é denominado “A nossa bandeira”, explicando como foi constituída a bandeira brasileira e enaltecendo a beleza de cada elemento, inclusive as estrelas e abordando que dentro delas há a constelação Cruzeiro do Sul, levando o admirador a pensar na figura do ser superior, Deus.

A partir desse trecho é possível afirmar a influência religiosa, advinda, principalmente, da igreja Católica, fundadora dos primeiros ensaios de alfabetização no Brasil, considerando o benefício que estava realizando retirando os indivíduos da barbárie, os quais estavam possuídos pelos males advindos da falta de instrução (MARCÍLIO, 2016). Esta concepção ainda revigorava com uma nova face trazida pelos republicanos, defendendo a educação como meio para alcançar uma melhoria econômica, intelectual, educacional e social.

Com este texto, nota-se a importância dada ao culto do nacionalismo, acreditando que o amor e a confiança pela nação auxiliaria no processo de luta em prol a regeneração da sociedade pela educação, visando o progresso da nação.

Tabela 64. Lição 39 (Cartilha do Povo)

TRIGÉSIMA NONA LIÇÃO	TEXTO: A nossa Bandeira
<p>Texto:</p> <p>Ponha aqui as cores da nossa Bandeira.</p> <p>Como é linda! Não há bandeira mais bela do que a do Brasil. O fundo é verde para representar os nossos campos e as nossas matas. O amarelo nos fala do ouro de nossas minas. O azul lembra os nossos céus, sempre tão puros. As estrelas representam os estados. Alguns formam o Cruzeiro do Sul e fazem pensar em Deus. Veja os dizeres: ORDEM E PROGRESSO. A <i>Ordem</i> quer dizer paz, amizade e auxílio entre os homens. <i>Progresso</i> quer dizer vida melhor, felicidade.</p> <p>Há bandeira mais bela do que a nossa?</p>	

Para ilustrar este texto é colocado em dimensões grandes no início da página, centralizando a figura da bandeira brasileira criada em 1889 por Décio Vilares com influências da bandeira anterior utilizada no Império.

Imagem 26. Trigesima Nona Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.45

3.5.40. Quadragésima Lição

A última lição da Cartilha do Povo de Lourenço Filho (1949) finaliza com um texto corrido, denominado “Minha terra”, enaltecendo novamente o Brasil, com ênfase a sua expansão territorial e suas riquezas naturais, além de citar os 20 Estados e os quatro territórios brasileiros. Por fim, o autor insere um último exercício e o primeiro de escrita na Cartilha em que solicita ao estudante a resposta como complemento a afirmativa “Nasci no Estado de”. Possibilitando um sentimento de pertencimento a nação.

Esta valorização nacionalista também se verifica nas imagens da lição. A primeira gravura está localizada na parte superior do lado direito, mostrando um garoto branco, apontando em um painel do mapa do Brasil, especificamente o Estado do Mato Grosso e ao lado está uma menina branca, aparentemente da mesma idade do rapaz e ela está observando a explicação dele. Do mesmo lado, mas na parte inferior da página há um garoto mais velho, vestindo farda com um cinto na cintura, segurando a bandeira do Brasil. Pela ilustração pode-se afirmar que o garoto está em um desfile, pois a bandeira está se movimentando como se o rapaz estivesse andando.

Tabela 65. Lição 40 (Cartilha do Povo)

QUADRAGÉSIMA LIÇÃO	TEXTO: MINHA TERRA
<p>Texto:</p> <p>Minha terra é o Brasil. Que grande é a minha terra! Ela é maior do que muitos outros países da América e da Europa. O Brasil está dividido em vinte Estados e quatro territórios. Eu já sei os nomes de todos os Estados: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Goiás; e também os dos territórios: Amapá, Rio Branco, Acre, Guaporé. Em</p> <p>cada Estado há muitas cidades, muitas lavouras, muitas riquezas. Tenho alegria em ser brasileiro. Viva o Brasil!</p>	
<p>Sou brasileiro: Nasci no Estado de.....</p>	

Imagem 27. Quadragésima Lição



Fonte: Cartilha do Povo, 1949, p.46

Após toda a análise da Cartilha, nota-se que os textos ensinados, possuem uma característica maniqueísta, existindo uma doutrina religiosa entre dois princípios opostos, ou seja, o bem ou o mal, o trabalhador ou o preguiçoso, etc., construindo o caráter do estudante com as concepções de um bom cidadão da época por meio do ensino da alfabetização, atribuindo uma recompensa benéfica à tais atitudes. Estela Bertoletti (2006) afirma que:

Esses textos são, conforme explica Dietzch (1990), típicos “textos de cartilha”, que geralmente apresentam personagens do “mundo bom” e do “mundo mau”, ou seja, os habitantes do primeiro são bons, aplicados, obedientes, estudiosos, trabalhadores, orgulham-se de sua Pátria etc. e por isso são recompensados; os habitantes do segundo mundo são maus, desobedientes, preguiçosos etc. e por isso são punidos (BERTOLETTI, 2006, p.34).

Assim finaliza a 586ª edição de 1949, revelando as características nacionalistas de exaltação à Pátria assumidas por Lourenço Filho e perpetuando seu sucesso por mais de 65 anos, sendo utilizada por professores, educadores, pais e familiares. Cabe lembrar que Lourenço Filho vendeu seus direitos autorais a editora Melhoramentos após a primeira edição, pois acreditava que assim garantiria que milhares de brasileiros poderiam ser alfabetizados. E foram!

3.6. O CARDEAL E O IMPACTO BRASILEIRO

Indubitavelmente, Lourenço Filho, foi um dos principais nomes defensores da Educação pública, gratuita e obrigatória, além de ser promotor da função social da escola, atendendo às peculiaridades da sociedade nacional por cada região, por meio da incitação ao poder público de assumir as responsabilidades Estatais. Lutou pelos problemas brasileiros, defendeu soluções brasileiras

Este fato se concretizou com mais de 700 obras produzidas pelo autor, contribuindo significativamente para uma reflexão nas áreas de Psicologia, Sociologia e Educação, visando um Brasil moderno e progressista. Atuou em cargos públicos, a fim de tentar implantar a cultura da priorização aos aspectos educacionais, fato que não obteve sucesso, repercutindo assim, as problemáticas existentes na escola, culpando-a por todas as mazelas sociais, sem questionamentos cabíveis para uma elucidação pertinente, até os dias atuais.

Infelizmente, a maior preocupação do autor em oferecer um instrumento auxiliador para erradicação do analfabetismo, não foi concretizado, embora seu material para o ensino das primeiras letras, a Cartilha do Povo - Para ensinar a ler rapidamente (1928) e seu método inovador tenha alcançado e elevado as taxas de alfabetização de todo território brasileiro por mais de 50 anos. Além de influenciar outros autores, criando e melhorando os métodos de ensino.

Diante do exposto, o Manifesto de 1932 foi um importante documento assinado pelo Cardeal Lourenço Filho, como expositor dos ideais da Escola Nova, defendendo a Educação Popular e a formação docente. Contudo, como visto nesta pesquisa, a urgência em alfabetizar o maior número de pessoas para desenvolver o país era tão grande que qualquer leigo poderia utilizar a Cartilha do Povo e ensinar, ou seja, não importava os meios, eram urgentes os fins.

Neste âmbito, portanto, questiona-se: Até quando a negligência governamental impossibilitará a erradicação do analfabetismo? Quantos cardeais necessitarão impulsionar o Estado para que tome medidas cabíveis? Quais são as problemáticas metodológicas para que isto se resulte satisfatoriamente? Perguntas que Lourenço Filho estudou e procurou solucioná-las. É inegável a presença astuta do educador perante aos problemas sociais, contudo a luta permanece, irmãos de arma continuam de mãos dadas e muitas vezes atadas por interesses sociais, políticos e econômicos. E os paradigmas... os paradigmas continuam.

4. CARTILHA CAMINHO SUAVE

4.1. AUTORA

Branca Alves de Lima nasceu em 1911 e ficou conhecida por ter ensinado os educadores a ensinar, proporcionando que este ensino possa ser ministrado por pais e outras pessoas interessadas no processo de alfabetização, por meio de sua *Cartilha Caminho Suave*. Cabe ressaltar que os dados biográficos encontrados da autora são vinculados a Cartilha, não obtendo fatos ligados a sua vida pessoal ou sua carreira desvinculada do material.

Branca Alves de Lima estudou na Escola Normal do Braz, concluindo em 1929 e trabalhou com classes de 1º ano por 15 anos consecutivos com extraordinários resultados (MARCÍLIO, 2016). Contudo, em reportagens realizadas pela *Folha de São Paulo*, Lima relata que observou a dificuldade que alguns alunos tinham para aprender pelo método global e por decorrência desse fato resolveu “suavizar” o ensino com um método que ela denominou “Alfabetização pela Imagem”.

A Caminho Suave surgiu a partir das experiências de Branca, uma colecionadora de cartilhas, com alunos do interior do Estado, zona rural e periferia de São Paulo. Ela diz que as crianças apresentavam dificuldades de alfabetização com o método global, usado na época, em que o aprendizado era feito a partir de frases, das quais eram destacadas palavras e por fim sílabas e letras. Partindo de sua atuação em sala de aula, Branca criou o chamado “método eclético”, onde a alfabetização é feita através da associação de imagens a palavras-chave, sílaba e letras. A ideia de associar o “g” ao rabo do gato e “l” ao cabinho da laranja surgiu em cartazes feitos à mão pela autora junto com alunos (Após 40 anos..., 1990, p.C-6 *apud* PERES et. al., 2016, p. 345-346).

Apesar de saber que Lima não criou o método eclético, não se deve negar que a utilização da didática imagética, foi inovadora, realizando o processo de alfabetização pela associação entre imagens, palavras-chave, sílabas e frases (COLELLO, 2016, s/p.). A primeira publicação deste material foi em 1948, tendo por objetivo extinguir o analfabetismo brasileiro.

Este sonho era tão presente em Branca que a primeira edição, com somente cinco mil exemplares da Cartilha, foi custeada pela própria autora com ajuda de seu pai, abrindo uma empresa de edição de livros didáticos, o que seria conhecido futuramente como Editora Caminho Suave Limitada.

Naquela época, com a ajuda do pai, um contador, Branca Alves de Lima abriu uma pequena firma e, sozinha, bancou a edição de 5 mil exemplares – mil distribuídos de graça às escolas e outros 4 mil vendidos com facilidade. A firma, então, passou a se chamar Editora Caminho Suave Ltda, e Branca, além de lecionar, atendia aos clientes, fazia pacotes e despachava as cartilhas pelo correio (BRASIL, 1987, p.7, *apud* PERES, et. al., 2016, p.348).

A autora justifica o mérito e o sucesso pela união dos métodos analíticos e dos métodos sintéticos, acreditando que facilitava o aprendizado de milhões de brasileiros. Em 2001, falece Branca Alves de Lima, com 90 anos deixando sua marca na sociedade brasileira pelo seu método que pendurou por mais de 60 anos, auxiliando aproximadamente 40 milhões de pessoas a aprender ler, escrever e se comportar.

Todavia suas memórias póstumas continuam vivas por meio das vendas da Cartilha Caminho Suave, agora pela editora Edipro, como verifica-se no cartaz de livros da Bienal e da Feira da Universidade de São Paulo, ambas em 2018. É notório o grande apreço pelos ex-alunos diretos e indiretos da professora, editora, divulgadora e educadora, por meio de expressões e enaltecimentos ao livro responsável pela aquisição da leitura e escrita.

4.2. ALFABETIZAÇÃO E A NOVA ERA

Art. 166: A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. (CONSTITUIÇÃO DE 1946).

A Constituição Federal de 1946 foi promulgada logo depois da queda do governo de Getúlio Vargas, havendo uma drástica mudança ideológica com o novo regime, antes ditatorial, para um governo fundamentado nos princípios democráticos com o governo de Dutra (1946-1951). O documento de 1946 é uma retomada a Constituição de 1934, estabelecendo a Educação como direito e direito à todos por meio da escola pública, gratuita, laica e sem distinções raciais, econômicas ou de gênero, além de oferecer aos professores a sua liberdade didática. Todavia, cabe ressaltar, que a precariedade na formação docente era preocupante, por decorrência dos números incompatíveis com a demanda existente, podendo os pais e/ou outra pessoa auxiliar na alfabetização das crianças em seus lares por meio dos materiais pedagógicos, as cartilhas (ROMANELLI, 1982).

Em 1948 é apresentado ao mundo como símbolo da paz, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Declaração dos Direitos Humanos, posteriormente sendo utilizada como lei dos governos democráticos, assegurando liberdade de palavra e livre

expressão, liberdade de religião, liberdade por necessidades e liberdade de viver sem medo. No artigo 26 do documento é possível notar estes atributos:

§ 1º Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória [...]§ 2º A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz (DIREITOS HUMANOS, 1948 *apud* MARCÍLIO, 2016, p.344).

Nesta esfera de transformações políticas, econômicas e sociais que surgiu a *Cartilha Caminho Suave* de Branca Alves de Lima, apresentando aos educadores uma nova forma de ensinar pelo método denominado pela autora como “Alfabetização pela Imagem”. Contudo, tal metodologia teve mais ênfase nas próximas décadas, alfabetizando milhares de pessoas pela vinculação a projetos do Estado de São Paulo.

No mesmo ano (1948) é encaminhado à Câmara Federal, o projeto instituído pelo então Ministro da Educação, Clemente Mariani, em prol do projeto da reforma geral da Educação Nacional. A partir deste momento, inicia uma nova era de lutas ideológicas em torno dos problemas da educação, batalha advinda desde 1920 (ROMANELLI, 1982).

Entretanto, a Educação não era prioridade dos Governos brasileiros a muito tempo, e pior, os números populacionais só cresciam a cada ano, enquanto as taxas de alfabetização possuíam irrisórios progressos, visto que entre as décadas de 1940 à 1950 o crescimento de indivíduos alfabetizados foi apenas de 0,5% ao ano (ROMANELLI, 1982). Em um período maior, os números são assoladores, como ressalta Marcílio (2016):

De 1900 a 1950, o índice de analfabetismo na população brasileira de mais de 15 anos de idade, caiu apenas de 65 para 51%. Como a taxa de incremento demográfico é muito superior ao índice de ampliação e aprimoramento da rede escolar, o que se verificou foi, em números absolutos, um aumento de analfabetos: de 6 milhões de 1900, passaram a 16 milhões em 1950. No fundo, o déficit de escolarização atingira 5.800.000; em 1958, apenas 18,2% concluíram os 4 anos primários. (MARCÍLIO, 2016, p. 346).

Tais dados podem ser comprovados com os estudos feitos por Otaíza de Oliveira Romanelli (1982) no Estado mais desenvolvido do país, demonstrando a diferença entre as crianças analfabetas e alfabetizadas no ano de 1950:

Tabela 66. Proporção das crianças em idade escolar alfabetizadas e analfabetas, na população do Estado de São Paulo em 1950

Idade	Alfabetizadas	Analfabetas	Sem declaração	Total
7 anos	46.369	180.022	159	226.549

8 anos	82.000	131.806	215	214.021
9 anos	112.732	91.117	160	204.009
10 anos	134.386	83.288	211	217.885
11 anos	137.986	58.529	139	196.654
12 anos	149.181	62.283	149	211.613
13 anos	144.236	50.933	120	195.209
14 anos	145.812	50.941	132	196.885
Total	952.702	708.919	1.284	1.662.905
%	57%	42,90	0,07%	100%

Fonte: Reproduzido da obra de Florestan Fernandes, *Educação e Sociedade no Brasil*, p. 68 *apud* ROMANELLI, 1982, p. 82

A partir do crescimento demográfico, a luta pela escola pública no Brasil assumiu o caráter de verdadeira luta de classes, colocando a instituição escolar como responsável pelas mudanças sociais e pelo desenvolvimento econômico (ROMANELLI, 1982). Dessa maneira, a demanda, comanda a expansão e com ela advém a precariedade dos espaços reservados ao ensino público e a dificuldade da formação docente (MARCÍLIO, 2016).

E foi nesta situação que em 1959 foi escrito um Manifesto, denominado “Mais uma vez convocados: o Manifesto ao povo e ao governo”, cujo documento, denunciava: o arcaico e deficiente sistema de ensino; o baixo nível do secundário e o despreparo do professorado, caracterizado como leigo, desatualizado e mal remunerado; a insuficiente demanda para os cursos técnicos e as precárias instalações escolares, além da falta de consciências dos políticos quanto a importância da educação para a sociedade brasileira (UNIVESP, 2011).

O Manifesto de 59 marcou pela segunda vez educadores e intelectuais representantes da Escola Nova no Brasil, os quais, se organizaram para redigir um documento posicionando-se frente às questões que envolviam as disputas pela educação no país. Durante a década de 50 houve um intenso debate e disputa política no sentido da definição do que viria a ser a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira (LDB), assinado em 1961.

Em análise, o Manifesto teria sido compilado para responder somente à este substitutivo da LDB apresentado por Carlos Lacerda, porém, ao analisar as fontes disponíveis, o documento já estava sendo idealizado há mais de uma década com a finalidade de dar novamente voz às questões educacionais do país (CARVALHO, 2008).

O debate sobre o destino das verbas públicas para a educação privada, gerou grande impacto social: de um lado aqueles que acreditavam que a educação era um direito do povo e que deveria de fato ser gratuita, de acesso universal e laica, de outro os

interesses privados procurando financiar a si próprio com a verba pública. A Igreja e a iniciativa privada acusavam o Estado de ser monopolizador da educação, argumentando que as famílias deveriam ter direito de escolher entre a instituição privada ou pública, já que a Educação era um direito, além de exigir financiamentos para as instituições de ensino privado, o que na verdade tornaria o seu acesso ainda mais elitizado.

As principais problemáticas nesta época era a precariedade do ensino, considerando-a ineficiente e arcaica; a grande quantidade de analfabetos no país, cerca de 42,9% da população não frequentava a escola e o fato de $\frac{2}{3}$ do professorado não ter formação específica, por decorrência da ínfima quantidade de faculdades, além da baixa remuneração dos mesmos (BEDIN, 2011).

[...] os professores não dispõem da indispensável preparação técnica e não contam com a necessária assistência de um serviço de orientação pedagógica; o conteúdo e os métodos de ensino não são adaptados ao meio e aos naturais interesses da comunidade; os critérios de promoção, fundados numa concepção pedagógica discutível, quando não mesmo equivocada, acarretam a reprovação de mais de um terço dos alunos e estimulam, destarte, a deserção escolar. (PASQUALE, 1966 *apud* MARCÍLIO, 2016, p.384).

De acordo com Romanelli (1982), aproximadamente metade do corpo docente não possuía faculdade e/ou cursos de capacitação e atualização didática:

Tabela 67. Situação da qualificação do magistério primário no Brasil entre 1940 e 1957

Anos	Porcentagem	
	Normalistas	Não-normalistas
1940	60	40
1945	62	38
1950	52	48
1955	52	48
1957	53	47

Fonte: ROMANELLI, 1982, p. 162

Tais problemáticas tentaram ser solucionadas com a aprovação da Lei 4.024 de 1961, cuja documentação demorou 13 anos a ficar pronta, ocorrendo efervescentes discussões entre a comissão de professores e educadores escolhidos pelo Ministro da Educação (ROMANELLI, 1982). A Lei, conhecida como LDB (Lei de Diretrizes e Bases), tinha por responsabilidade regulamentar o ensino público e o privado, promovendo a unificação do sistema escolar pelo respeito aos princípios democráticos e dos ideais de solidariedade humana, como transcritos no Artigo primeiro:

Art. 1º - A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:

- a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
- b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
- c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
- d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
- e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;
- f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
- g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe e raça.

Contudo, 1964 com o golpe de Estado diversos programas educacionais são interrompidos, abrindo portas para os recursos financeiros externos, como empréstimos do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (Bird), da Aliança para o Progresso da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), do Banco Interamericano e Desenvolvimento (BID), entre outros. Cabe ressaltar que anteriormente ao governo ditatorial a taxa de alfabetização era de 1,2% por ano (1950-1960), enquanto entre 1960 e 1970, a taxa cresceu 0,6% ao ano, havendo 33,72% de crianças de 7 a 14 anos fora da escola.

Apesar dos retrocessos ocorridos durante o período ditatorial (1964-1985), foi nesta época que a *Cartilha Caminho Suave* obteve maior número de vendas, pois possuía uma prática mecânica, repetitiva, com textos e frases soltas, não evocando aos aspectos políticos ou questões consideradas desmoralizantes, valorizando o trabalho, a família tradicional e os bons costumes (DOMINGUES, 2015). Tais característica eram apreciadas pelo regime militar.

Estima-se que em 1970 havia 2.819.469 crianças de 7 a 10 anos que não frequentavam a escola e 5.342.699 crianças entre 11 a 14 anos, representando 42,10% da população fora da escola. Entretanto, houve avanços na Educação de Jovens e Adultos, principalmente com o programa Mobral, substituto do antigo Mova preconizado por Paulo Freire, tendo por objetivo o crescimento da nação pelas indústrias.

As mudanças introduzidas nas relações de produção e, sobretudo, a concentração cada vez mais ampla de população em centros urbanos tornaram imperiosa a necessidade de se eliminar o analfabetismo e dar um mínimo de qualificação para o trabalho a um máximo de pessoas. O capitalismo, notadamente o capitalismo industrial, engendra a necessidade de fornecer conhecimentos a camadas cada vez mais numerosas, seja pelas exigências da própria produção, seja pelas necessidades do consumo que essa produção acarreta. (ROMANELLI, 1982, p.59)

Neste viés, a Ditadura e a abertura ao mercado externo proporcionaram um aumento na migração urbana pela industrialização, considerando o indivíduo pela ótica

do Capital humano, ou seja, era necessário que o cidadão soubesse ler e escrever, pois assim aprimorariam suas aptidões e habilidades, tornando-os mais produtivos e consumistas. Em contrapartida, foi neste mesmo período que foi extinta a Escola Normal para formação de professores, desqualificado a profissão, pois acreditava que qualquer leigo poderia alfabetizar, pois era considerado uma tarefa fácil (ROMANELLI, 1982).

Quanto ao primeiro aspecto, a intensificação do processo de urbanização, o crescimento demográfico e o aumento gradativo da renda *per capita* fizeram-se acompanhar, naturalmente, de uma diminuição da taxa de analfabetismo. Isso demonstra que a demanda social de educação cresceu na medida em que aumentou a densidade demográfica, diminuiu o isolamento social e acelerou-se o processo de urbanização, que a industrialização sempre acarreta. (ROMANELLI, 1982, p.62)

Estes processos podem ser notados na tabela abaixo, comparando o crescimento população e as taxas de analfabetismos durante 70 anos:

Tabela 68. Indicadores demográficos e econômicos e taxa de alfabetização entre 1900 e 1970

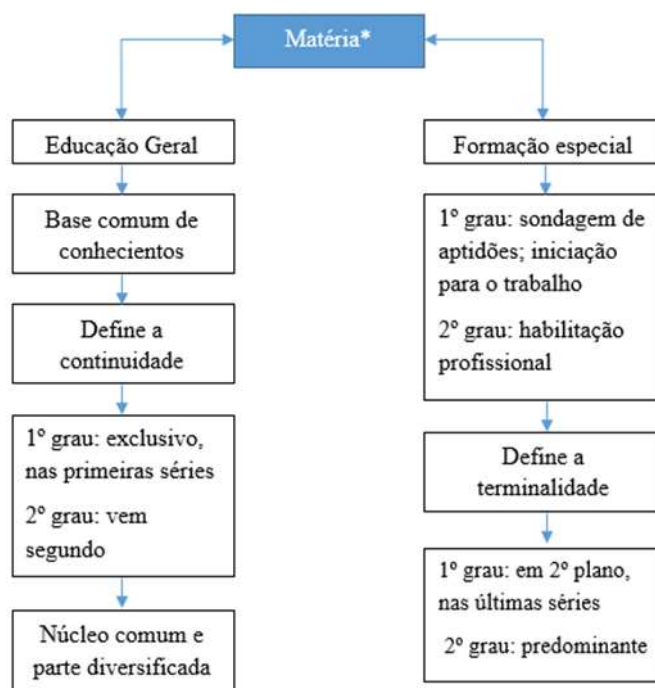
Especificação	1900	1920	1940	1950	1960	1970
População total	17.438.434	30.635.605	41.236.315	51.944.397	70.119.071	94.501.554
Densidade demográfica	2,06	3,62	4,88	6,14	8,39	11,18
Renda per capita em dólares	55	90	180	-	236	-
% de população urbana	10	16	31	36	46	56
% de analfabetos (de 15 anos e mais)	65,3	69,9	56,2	50,0	39,5	33,1

Fonte: Lourenço Filho. Fundação I.B.G.E. Brasil: Séries Estatísticas Retrospectivas, 1970 *apud* ROMANELLI, 1982, p. 62.

Em 1971 é aprovada a segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), por número 5.692, reorganizando o primeiro e o segundo grau de 4 para 8 anos, estendendo dos 7 aos 14 anos a obrigatoriedade escolar e generalizando o ensino profissionalizante, enxergando a educação como um investimento de promoção do capital humano (MARCÍLIO, 2016; PERUQUE, 2016). Dessa forma, o ensino do primeiro grau garantia a base comum dos conhecimentos, além de constantes sondagens de aptidões para iniciação ao trabalho, resultado executado com a especialização no segundo grau, como demonstra o esquema.

Imagem 28. Esquema: O conteúdo do ensino de 1º e 2º graus

*Tratada como atividade, área de estudo ou disciplina



Fonte: ROMANELLI, 1982, p.240

A partir deste ano o termo “alfabetismo funcional” foi introduzido na classificação de níveis de escrita e leitura, atribuindo pessoas que eram capazes de ler e escrever frases simples de seu cotidiano, diminuído assim, a taxa de analfabetismo. Durante toda a década de 1970 até meados da década de 1980, o principal material utilizado para alfabetização no primeiro grau foram as *Cartilhas*, embora em 1985 iniciou discussões a respeito dos métodos para o ensino de primeiras letras com as influências da psicologia internacional, declarando grandes nomes como Emília Ferreiro e Ana Teberosky, embasadas em teorias piagetianas (MARCÍLIO, 2016).

Este movimento ficou conhecido como construtivismo, difundido por Emília Ferreiro e intensificado na década de 1990 e no início do século XXI, modificando o pensamento pedagógico brasileiro em relação a metodologia aplicada e os materiais utilizados, declinando e extinguindo os programas assistenciais de educação no âmbito federal, o qual, distribuía as *Cartilhas* por todas as escolas do Brasil, principalmente a *Cartilha Caminho Suave*. O material de Branca Alves de Lima foi encerrado pelo MEC em 1995, argumentando que as crianças aprendiam sozinhas, e portanto, construíam seu próprio conhecimento, não necessitando de “guias” (MARCÍLIO, 2016; PERES et. al. 2016; PERUQUE, 2016).

Contudo, após 19 anos de seu declínio, a *Cartilha Caminho Suave* continua sendo publicada pela Editora Edipro, vendendo em estandes, principalmente para ex-

alunos que querem presentear seus filhos, netos e/ou a si mesmos (TRIBUNA INDEPENDENTE, 2018).

4.3. CARTILHA CAMINHO SUAVE: SIMPLIFICANDO A APRENDIZAGEM

Em 1948, Branca Alves de Lima publica a sua primeira edição da *Cartilha Caminho Suave*, criando o método “Alfabetização pela Imagem”, embasada em experiências vividas pela própria autora em escolas do interior paulista. Segundo reportagens oferecidas ao jornal Folha de São Paulo, Branca afirmou ser uma oposição as cartilhas do método global de contos, material muito divulgado e usado por professores alfabetizadores na década 1940 (PERES et. al., 2016).

O sucesso do “Caminho Suave” é encarado pela autora como o resultado de um trabalho nascido exclusivamente de sua experiência como professora [...]. Defensora do método eclético, Branca Alves de Lima recorda todas as tentativas feitas para implantar o método analítico ou global trazido para o Brasil em 1911 pela americana Miss Browne e tornado obrigatório para o Estado de São Paulo pelo então secretário de Educação Oscar Thompson. “O método vigorou durante 21 anos, com resultados negativos. Em 1945 uma lei federal devolveu aos professores a liberdade didática.” “A Aliança para o Progresso”, firmada entre os Estados Unidos e Brasil de 1957 a 64 tentou reviver o método global – prossegue a professora Branca. “Há professores que a adotam e defendem o método, mas continuo com o meu ‘Caminho Suave’ inalterado, a não ser por algumas pequenas modificações nas atividades. Uma cartilha que está há 34 anos no mercado sem perder o lugar deve ter alguma coisa de bom” (MELLO, 1983, p.24 *apud* PERES et.al., 2016, p.345).

O método “Alfabetização pela Imagem” conquistou toda a sociedade brasileira, disputando intensamente com a *Cartilha do Povo* de Lourenço Filho, nos anos de 1950 a 1960. O método consistia em juntar o método sintético com o método global, conhecido como o método misto ou eclético, agregando as teorias analíticas (palavras, frases, textos) e a sintética (sílabas, fonemas, letras), denominado também de método analítico-sintético. Segundo Mortatti (2000):

[...] o processo – “Alfabetização pela Imagem” – é mantido, mas o método passa a ser denominado “eclético”, “segundo o conceito atual”, o ensino da leitura é proposto não apenas como processo de “reconhecimento de símbolos gráficos”, mas também como “desenvolvimento da habilidade de compreensão e de interpretação do que se lê”, e seu objetivo é levar a criança a ler e interpretar, “num treino intensivo de pensamento e linguagem”; o processo adotado procura atender às “diferenças individuais”; além dos cartazes; deve

ser enfatizado o período preparatório da alfabetização, realizado por etapas: “operações concretas”, “semiconcretas” e “semiabstratas”; ressalta-se a busca de integração das diferentes áreas de estudo; na bibliografia, são listados títulos do final da década de 1960 e início da década de 1970, versando sobre ensino de leitura, ciências, matemática e educação moral e cívica, além de programas oficiais de ensino e revistas pedagógicas. (MORTATTI, 2000, p.212).

Este método analítico-sintético vem por influências da teoria dos *escolanovistas*, atraindo a atenção do estudante para o som em que se quer isolar, utilizando diferentes cores para este destaque, sendo esta prática considerada um progresso sobre o sistema alfabético puro. Todavia, o auge da Cartilha é a utilização das imagens, como ressalta neste excerto:

Cada desenho excita energicamente o interesse, é poderoso auxiliar de intuição e análise, e oferece apoio à memória. Assim, dentro de cada lição, o aluno pode praticar a palavração, a silabação e a soletração, pois a sílaba, a letra e mesmo algumas palavras menos conhecidas deixam de ser abstrações para o espírito infantil (LIMA, 1954, p. 3 *apud* MORTATTI, 2000, p. 208).

Embora Branca Alves de Lima afirmasse ter criado o método eclético e ter aplicado em sua Cartilha, nota-se que a metodologia do material de alfabetização é embasada no princípio da palavração e silabação, conforme estudos realizados por Maciel (2002). Contudo, a utilização da imagem como meio fundamental de memorização para o processo de aquisição de leitura e escrita, alfabetizou muitas pessoas, utilizando ou não, as interferências do Estatais pelos programas da erradicação do analfabetismo.

O Ministério da Educação por mais de três décadas negociou com a Editora Caminho Suave Ltda. como material aplicado e entregue a todos os alunos da rede pública, estabelecendo uma longa parceria público-privada com altas tiragens, por meio dos programas assistenciais, conforme afirma Peres et. al. (2016):

A Editora Caminho Suave participou de dois programas federais de subsídios. Primeiramente, do Plidef, em suas três fases, ou coordenações: a do Instituto Nacional do Livro (INL), entre os anos de 1971 e 1976; a da Fundação Nacional de Material Escolar (Fename), no período de 1976 a 1983, e da Fundação de Assistência ao Educando (FAE), durante os anos de 1983 e 1985. Posteriormente, participou do PNLD, criado em 1985 e ainda em funcionamento. É importante salientar que os dados dos anos de transição entre diferentes programas foram considerados como integrantes da nova política adotada. (PERES et. al., 2016, p.350)

O sucesso da obra de Branca Alves de Lima foi estrondoso, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1980, tanto com a participação dos programas federais como vendas externas. A popularidade pendura até os dias atuais com a venda de exemplares pela Editora Edipro ou por pessoas físicas vendendo edições antigas pelas redes digitais:

[...] alguns adultos guardam tanto carinho pela obra que se rendem a certas extravagâncias. Na internet, é fácil encontrar edições muito antigas da cartilha à venda por altos valores. Para se ter ideia, há exemplares das primeiras edições que custam de R\$ 250 a R\$ 440. (COLELLO,2016, s/p.)

Pode-se notar que a Cartilha Caminho Suave obteve grande aceitação se considerarmos que por quase cinco décadas perdurou as tiragens vinculadas aos Programas de educação do Governo Federal, chegando a mais de 19 milhões de exemplares editados. A partir de 1995 com o advento do Construtivismo, o método de Branca Alves começa a perder a notoriedade e o MEC encerra o contrato com a Editora Caminho Suave, o que instigou novos questionamentos no tocante aos métodos até então utilizados no processo de alfabetização (PERES et. al., 2016).

Tabela 69. Registro das tiragens – programas do Governo

ANO	TOTAL DE EXEMPLARES	TIRAGEM INL	MONTANTE
1972	790.000	167.783	Cr\$ 557.216,10
1973	-	-	Cr\$ 762.601,20
1974	-	-	-
1975	1.800.000	460.623	Cr\$ 3.131.412,55
ANO	TOTAL DE EXEMPLARES	TIRAGEM FENAME	MONTANTE
1976	770.000	69.882	Cr\$ 960.718,70
1977	510.184	316.610	Cr\$ 3.919.188,54
1978	316.610	-	-
1979	1.118.278	-	-
1980	2.477.123	1.362.427	Cr\$ 53.000.000,00
1981	-	1.362.427	-
1982	2.458.642	1.029.286	Cr\$ 210.500.000,00
ANO	TOTAL DE EXEMPLARES	TIRAGEM FAE	MONTANTE
1983	-	1.037.928	Cr\$ 224.745.528,00
1984	-	899.717	-
ANO	TOTAL DE EXEMPLARES	MONTANTE (PNLD)	
1985	1.553.186	-	
1986	1.569.644	Cr\$ 11.771.424.126,00 e Cz\$ 14.205.870,80	
1987	1.177.988	Cz\$ 5.384.722,00	
1988	779.872	Cz\$ 52.680.505,22	

1989	695.533	Ncz\$ 2.818.635,53
1990	219.691	-
1991	591.694	-
1992	-	-
1993	-	Cr\$ 6.715.287.704,47
1994		Cr\$ 63.793.833,32 e R\$ 2.350,70
1995		R\$ 168.421,84
1996		R\$ 576,80

Fonte: PERES et. al., 2016, p. 352, 354, 356 e 357.

Branca Alves em sua experiência docente contribuiu por mais de 45 anos na alfabetização de crianças através da imagem. Além de professora também editou e divulgou seu trabalho contribuindo para o desenvolvimento cognitivo até a 4ª série do Ensino Fundamental além de oferecer suporte para docentes já vinculados com a prática da Cartilha, mas livres para trabalhar de forma autônoma. Este sucesso pode-se comprovar a partir da leitura do folheto escrito pela autora (MORTATTI, 2000, p. 208-209):

Aos professores

O ensino da leitura, como simples exercício monótono, não desenvolve a energia intelectual da criança, que então se limitará a acompanhar passivamente a professora, sem estímulo, sem procurar vencer espontaneamente as dificuldades.

Compete ao mestre dar vida ao aprendizado, lançando mão de artifícios engenhosos e atraentes, que despertem o gosto pela leitura. A escolha do método é também de muita importância.

Tenho observado que a criança encontra dificuldade em formar sentenças completas à vista de uma gravura, mas diz espontaneamente: gato, cachorro, faca, etc.

Por esse motivo, baseei meu processo de “Alfabetização pela Imagem” no “Método Analítico-Sintético”, mas partindo da palavra. Foram escolhidos vocábulos familiares e de fácil articulação.

Consiste, esse processo, em relacionar a sílaba inicial de cada vocábulo com um “desenho chave”. Quando a criança vê escrita determinada sílaba ou letra, imediatamente associa os sinais gráficos que a representam à imagem do desenho a que está ligada, acordando na ideia o som correspondente.

Cada desenho excita energicamente o interesse, é poderoso auxiliar de intuição e de análise, e oferece apoio à memória.

Assim, dentro de cada lição, o aluno pode praticar a palavração, a silabação e a soletração pois a sílaba, a letra e mesmo algumas palavras menos conhecidas deixam de ser abstrações para o espírito infantil. A criança normal aprende por si mesma e a missão do mestre reduz-se a guiar e estimular o trabalho do aluno. A retardada necessita da assistência direta do professor. Por meu processo, até esta memoriza com relativa presteza as diferentes sílabas.

Com a leitura sistemática dos “Quadros Mnemônicos” a criança adquirirá facilidade, segurança e rapidez. Essa repetição continuada poderá afigurar-se monótona, mas posso afiançar por experiência própria que os pequeninos sentem com isso indizível prazer e entusiasmo.

A cópia diária dos “Quadros para Cópia”, apesar de não apresentar atrativos para certos alunos, é imprescindível para o aprendizado simultâneo da leitura e da escrita.

Diz Aguayo em sua “Didática da Escola Nova”:

Não devem ser descuidados e menos ainda suprimidos os trabalhos e exercícios que, faltos embora de interesse, são indispensáveis para adquirir facilidade e prática ou formar certos hábitos e atitudes mentais exigidos por todo o trabalho de boa qualidade. (LIMA, 1954, p.3 apud MORTATTI, 2000, p. 208-209)

Com esse folheto, a autora enfatiza sua ideologia *escolanovista* de Educação a todos, sem distinção de necessidades especiais, gênero ou raça, além de orientar e atribuir o papel dos professores no processo de alfabetização, como mediador e estimulador com propostas interessantes ao aluno. Ademais, justifica a escolha do método analítico-sintético, embasada em suas próprias experiências, atribuindo a imagem como elemento fundamental para aquisição da escrita e leitura, ensinando-os palavras de fácil articulação e frequentemente utilizadas pelo universo infantil e seu cotidiano.

Contudo, Branca Alves de Lima considera essencial a permanência de práticas consideradas tradicionais para o êxito da alfabetização, como por exemplo, a cópia enfadando o estudante, porém grande auxiliadora na memorização grafêmica e sonora por meio da repetição (BOTO & GUIRAO, 2020). Outro ponto a ressaltar, é a utilização dos Quadro mnemônicos como instrumentos complementares das lições aprendidas que embora aparentam ser exaustivos e desmotivadores, são prazerosos e encorajam o aluno (MORTATTI, 2000).

A *Cartilha Caminho Suave* apesar de não ser precursora do método analítico-sintético, foi eficiente por mais de 50 anos com sua estrutura conservada da simplicidade e suavidade, havendo poucas modificações decorrentes dos avanços tecnológicos e das mudanças das regras ortográficas (BOTO & GUIRAO, 2020). Apesar disso a autora citada ganhou reconhecimento enquanto representante do gênero feminino no que concerne ao editorial acadêmico, tornando-se best-seller das cartilhas em nosso país, considerando que por volta de quase meio século- 1950 a 2000, foi citada em 47 artigos pelos educadores de renome.

4.3.1 Título e Ilustrações

Caminho Suave, nome minuciosamente escolhido por Branca Alves de Lima, transpassando seus ideais, defendendo o ensino sem fardos, leve e vivo, ou seja,

acreditava que era preciso “suavizar para nossas crianças o ensino da leitura, tornando-o vivo, prático e dinâmico” (LIMA, 1979, p.6 *apud* PERES, et. al., 2015, p.61).

A *Cartilha Caminho Suave* apesar de não ser precursora do método analítico-sintético, foi eficiente por mais de 50 anos com sua estrutura conservada da simplicidade e suavidade, havendo poucas modificações decorrentes dos avanços tecnológicos e das mudanças das regras ortográficas (BOTO & GUIRAO, 2020). Branca Alves defendia a correspondência das imagens com a palavrção como um método eficaz e descomplicado em sua práxis, contribuindo assim para a compreensão e interpretação. Em sua visão as figuras despertavam o interesse do público infantil e contribuía no alcance de toda pessoa analfabeta pela simplicidade.

De acordo com os estudos de Gustavo Araújo e Sônia Santos (2013) há três tipos de representações imagéticas:

- 1 - Convencionalidade – nos remete a uma interpretação da imagem através de convenções.
 - 2 - Mimese – se diz respeito à repetição de exercícios por meio de imagens.
 - 3 - Marca luminosa do objeto – como meio de atrair a atenção do aluno.
- (ARAÚJO & SANTOS, 2013, p. 8).

Em análise, nota-se que as imagens possuem as três representações, como por exemplo, na Capa da *Cartilha* com a presença das crianças uniformizadas, demonstrando as convenções sociais da roupagem escolar, em que as meninas vestiam saias de prega, cabelos presos e sapatos fechados e os meninos usam o mesmo uniforme, porém utilizam bermudas no mesmo comprimento da saia feminina. Dessa maneira, compreende-se a visão da sociedade referente ao gênero, a moralidade e ética, destacando a maneira organizada e limpa da roupa das crianças, as quais, eram exigidas pelos diretores das instituições escolares por meio legais, possuindo a responsabilidade de criar logotipo que respeitasse as éticas brasileiras, conforme está descrito no Decreto de 1965:

Em relação à exigência quanto ao uso dos uniformes na escola, através do Regimento Interno dos Estabelecimentos Oficiais de Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo (Decreto nº 45.159 – A – de 19 de agosto de 1965), de 1965, foi possível identificar que a mesma era incumbência do inspetor de alunos. Era incumbência do diretor deliberar sobre o tipo de uniforme a ser adotado pelos alunos dos cursos pré-primário, secundário e normal, ouvindo o conselho de professores (SILVA, 2006, p.90 *apud* PERUQUE, 2016, p.33).

Em todas as edições da *Cartilha*, na capa há sempre crianças atravessando um caminho que leva até a escola, representada por uma casa branca, vista em segundo plano. Na capa da edição 106ª de 1992, há duas crianças brancas de uniforme e bolsas de lado, acenando para a escola e sorrindo, sendo um menino fazendo um *joia* com o polegar da

mão esquerda e uma menina indicando o caminho até a escola com as mãos. A frente há um cachorro de pelagem acinzentada, atrás de um menino negro, usando uniforme, informando com o indicador esquerdo aonde se encontra a escola. No segundo plano há outra menina chegando na escola pelo caminho de terra e duas sombras de crianças pulando e adentrando as portas da Unidade Escolar.

Além da imagem chamativa, a capa traz as seguintes informações: o nome autora no canto superior centralizado (Branca Alves de Lima); o nome da cartilha em letras garrafais e na cor vermelha (Caminho Suave); editora localizada no canto inferior direito (Caminho Suave) e o método escrito entre aspas (Alfabetização pela Imagem). A cartilha mede 15,5cm de comprimento por 23cm de altura, com 121 páginas abarcando 48ª lições e 103 atividades preparatórias, além de possuir mais de 243 imagens, entre objetos e figuras humanas. Nas representações humanas 87 são brancas, quanto 14 são negras, dentre estas há nove figuras masculinas negras, cinco figuras femininas negras, quanto a quarenta e seis figuras masculinas brancas e quarenta e uma figuras femininas. Havendo predominância da raça branca sobre a negra e a superioridade do gênero masculino para o gênero feminino.

Quanto ao ambiente, há elementos rurais com campos, estradas de terra e animais característicos de fazendas. Os objetos trabalhados são todos pertencentes ao ambiente doméstico, principalmente ao culinário.

A primeira folha da Cartilha de 1992 é um diploma, entregue ao aluno no final do ano, quando o material tenha sido concluído, havendo espaços para o docente preencher com o nome do estudante, a escola, sua assinatura, cidade e data. Ademais, ao lado da palavra “Diploma” tem duas crianças, as mesmas ilustradas na capa, o menino está na lateral esquerda e a menina na lateral direita (Imagem).

Imagem 29. Diploma de conclusão da Cartilha Caminho Suave



Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p. 37

A página seguinte é a folha de rosto retomando algumas informações como o nome da autora, da cartilha, o método, o número da edição, a editora e o endereço. Nesta




edição (1992) também possui a frase “Direitos autorais reservados das técnicas associativas dos desenhos e dos textos” (Cartilha Caminho Suave, 1992, p. 2), evidenciando a autenticidade do material. Na próxima página é computado os dados de catalogação e cita o nome do Ilustrador (Eduardo Carlos Pereira - Edú), da autora como diagramadora, da responsável pelas artes caligráficas (Dora) e a empresa que executou os fotolitos (Mattavelli Laser Fotolito LTDA.). Cabe o adendo, a busca feita em diversas fontes a respeito da biografia do ilustrador, todavia, nada foi encontrado. Em continuidade a análise, o material possui na sequência 103 atividades preparatórias que serão explicitadas no próximo tópico.

Observa-se que as lições da Cartilha *Caminho Suave*, iniciam pela leitura de imagem, sendo o melhor material a analisar as iconografias, visto que foi construída com o método denominado “Alfabetização pela Imagem”, sempre vinculando o grafema com a imagem, para se chegar a fonética, auxiliando na memorização. Isto é, para cada letra há uma imagem embutida similar com o símbolo gráfico, ou seja,

Relaciona a forma das tipografias das letras ou sílabas das palavras ao formato de sua respectiva imagem contribui para a memorização da criança, que associa as formas das fontes da tipografia utilizada na palavra às da imagem representada, pois os caracteres ocupam praticamente o mesmo espaço e assumem formato muito parecido, ao encaixar-se dentro de um detalhe da figura. (PERES et. al., 2015, p.63-64)

Tais explicações ficam mais claras com os exemplos da tabela abaixo:

Tabela 70. Palavras-chave e figuras-referências

IMAGEM	LETRA/SÍLABA	PALAVRA	EXPLICAÇÃO
	A	abelha	A curva de cima do a forma a cabeça e o peito (tórax) da abelha; a bolinha de baixo é a barriga.
	E	elefante	O elefante é de circo. Aprendeu a formar com a tromba a letra que começa o seu nome: e
	I	igreja	O i é parecido com a janelinha estreita da torre da igreja. O pingo está bem no centro da cruz.

	O	ovo	O o tem forma de um ovo.
	U	unha	A base da unha forma a letra da unha: u.
	Ba	barriga	O começo da palavra barriga é formado por um risco que são as costas do bebê e de uma curva que é a sua barriga.
	Ca	cachorro	O começo da palavra cachorro é parecido com a cauda do mesmo.
	Da	dado	O começo da palavra dado é formado por um dado junto a um lápis.
	Fa	faca	O começo da palavra faca parece uma faca, de cozinha (cabo e lâmina).
	Ga	gato	O começo da palavra gato é formado pela cabeça e por uma das orelhas do felino. A parte inferior da letra pelo rabo.
	Ja	jarra	O começo da palavra jarra é o cabo da mesma com um pingo em cima.
	La	laranja	O começo da palavra laranja é formado pelo pedúncio (cabinho) da fruta.

	Ma	macaco	O começo da palavra macaco é formado pelas quatro patas do animal. A mão direita está erguida porque o macaco está pegando a comida do gato. Por isso o m tem uma pena mais curta e três compridas.
	Na	navio	O vento uniu a fumaça das chaminés do navio e formou o começo da palavra navio.
	Pa	pato	O início da palavra pato é formado pela cabeça e pelo pescoço da ave.
	Ra	rato	O começo da palavra rato é formado pelas orelhas do animal.
	sa	sapo	A perna traseira do sapo forma o começo da palavra sapo.
	Ta	tapete	O desenho do tapete forma o início da palavra tapete.
	va	vaca	O começo da palavra vaca é formado pelos chifres do animal.
	xa	xadrez	Os quadradinhos do jogo de xadrez que se cruzam formam o começo da palavra xadrez .
	cha	chapéu	O começo da palavra chapéu é parecido com o chapéu, a primeira letra (c) representa a aba; a segunda (h) o começo da copa.

	nha	galinha	O n apresenta a beirada do ninho e o h, o pescoço e o papo da galinha.
	que	queijo	O começo do queijo, q , é parecido com um queijo junto a uma faca. Esta é para cortar o queijo, e assim por diante.

Fonte: adaptado de material integrante do Baralhinho Didático Caminho Suave – Acervo HISALES apud Peres et. al., 2015, p. 66-68.

Contudo, há lições que as figuras-referências não possuem integração com a palavra-chave, havendo sobreposições sem conexão entre imagem e grafia, como é o caso da Lição de “Zazá” e da lição específica “Ra”, utilizando a palavra “barata”. Há outros exemplos, como destaca Peres et. al. (2015) que as imagens não são unidas as palavras, rompendo com a tática utilizada.

Os exemplos em que as imagens não têm nenhum tipo de integração com a palavra exposta, que se situa em geral ao seu lado, acima ou abaixo, são: ce (cebola), ge (gema), rra (garrafa), ssa (passarinho), sa (casa), ça (moça), lha (telha), qua (quatro), as (asno), ar (árvore), an (anjo), am (ambulância), al (alfinete), ho (homem), ã/ãs (lã/lãs), ão/ões (avião/aviões), bra (braço), cra (cravo), dra (dragão), fra (frade), gra (gravata), pra (prato), tra (travesseiro), li (livro), gue (foguet), blu (blusa), cla (clarinha), fla (flauta), glo (globo), pla (placa), tle (atleta), az (rapaz). [...] Em alguns desses exemplos acredita-se que seria possível haver um esforço em continuar utilizando a mesma tática de união mais nítida dos elementos. (PERES, et. al., 2015, p.69)

O estudo com imagens amplia com os materiais complementares, como o uso do baralho, de carimbos dos personagens e de cartazes expandindo em escalas maiores as figuras-referências. Todos os recursos possibilitam que o estudante desenvolva os três níveis de interpretação, isto é, identificar os objetos pela descrição pré-iconográfica, realizando uma leitura de imagem; saber analisar a imagem compreendendo o contexto social e histórico que foi reproduzido, como por exemplo, os uniformes e saber interpretar, observando sob seu ponto vista (ARAÚJO; SANTOS, 2013). Todavia, se há palavras, frases e textos o sentido da imagem pode-se subverter, como ressalta Lupton e Phillips (2008):

Uma imagem vista sozinha, sem nenhuma palavra, fica aberta a interpretações. Adicionando-se texto a ela, altera-se seu sentido. A linguagem escrita torna-se um delimitador para a imagem, direcionando a compreensão do observador, tanto por meio do conteúdo das palavras como pelo estilo e pela localização da tipografia. Do mesmo modo, as imagens podem mudar o sentido de um texto (LUPTON; PHILLIPS, 2008, p.108 *apud* PERES et. al., 2015, p.64).

Neste âmbito, é válido ressaltar os estereótipos existentes na Cartilha com as figuras humanas, como por exemplo, a caracterização dos avôs como pessoas idosas e de cabelos brancos; a figura do homem branco como uma pessoa pública, trabalhando em escritórios e cargos administrativos e a figura da mulher independente da idade, como um ser que cuida dos afazeres domésticos, usa vestidos ou saias, e está sempre bem arrumada e feliz (VIEIRA, 2014). Outro fator, é a falta de representatividade negra e consequentemente a existência do racismo, havendo apenas 14 pessoas negras em 121 páginas.

Assim, as imagens são elementos e instrumentos fundamentais para o ensino da escrita e da leitura na *Cartilha Caminho Suave*, instruindo os alunos ao aperfeiçoamento de suas capacidades leitoras com a graduação das imagens para a grafia como ferramenta auxiliadora da memorização sonora (ARAÚJO; SANTOS, 2013).

4.4. ATIVIDADES INTRODUTÓRIAS

Branca Alves de Lima, assim como milhares de pessoas, foram influenciadas pelos Testes ABC de Lourenço Filho, compreendendo a importância dos testes de maturidade biofisiológica para o processo de alfabetização.

Neste âmbito, a autora traz na *Cartilha Caminho Suave* (1992) 103 atividades que introduzem e auxiliam as crianças no mundo da escrita e da leitura, embasadas no raciocínio lógico, exigindo do estudante, concentração para diferenciar e equipar as imagens. Esta parte da Cartilha possui 32 páginas com aproximadamente 5 exercícios cada, considerado essencial para que o aluno adquira maturidade suficiente para compreender as lições posteriores.

Para dar início a essa extensa lista de exercícios, é apresentado três personagens: Fábio, um menino de 7 anos, branco, de cabelos castanhos, vestido com camisa e bermudas azuis; Edite, apelidada de Didi com 6 anos, também de pele branca, de cabelos loiros, usando um vestido rosa e um Bebê de cabelos loiros, vestido com um macacão verde, segurando um urso de pelúcia marrom na mão.

Dentre as atividades, 73 possuem imagens como fundamento do exercício, solicitando que o estudante ordene, circule, complete, pinte, cubra, assinale, desenhe, nomeie, classifique, identifique, etc. Cabe destacar, que as atividades desenvolvem a coordenação motora, a memória operacional pela repetição e o treino auditivo pela fonética das palavras.

A partir da septuagésima quarta atividade é iniciado o trabalho com as vogais, vinculando-as com figuras-referências: o corpo da abelha para letra “A”; a tromba do elefante para letra “E”; a janela da torre da igreja para letra “I”; ovo para letra “O” e a volta da base da unha para letra “u”. Também, a autora enfatiza as consoantes relacionadas com as imagens e frases para compreensão, como por exemplo, “O rabo do cachorro” forma a letra “C”, auxiliando na memorização. Tais letras são apresentadas na seguinte ordem: “B”; “C”; “G”; “M”; “Z”; “F”; “J”; “L”; “D”; “N”; “T”; “X”; “P”; “R”; “S” e “V”. Da octogésima nona atividade até a nonagésima primeira trabalham os ditongos.

As demais atividades iniciam o silabário de cada consoante com sua respectiva figura, trabalhando a coordenação motora pelo traçado das letras com a junção da vogal “A”.

4.5. LIÇÕES

Como visto anteriormente para que a criança esteja “madura” para o processo de aquisição da leitura e escrita ela deverá passar pelas lições introdutórias sem muitas dificuldades para que consiga acompanhar as lições da Cartilha.

A maioria das lições possuem a mesma padronização do *layout*, ocupando duas páginas, denominadas uma dupla para cada lição, estruturada na primeira página a explicação da letra trabalhada e na segunda reservada aos exercícios. Conforme Mortatti (2000):

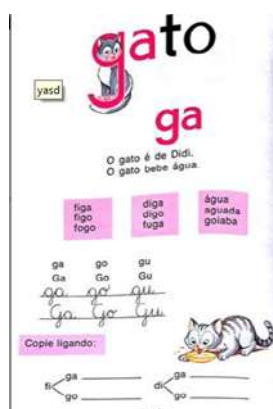
A sequência das lições é invariável: gravura, com destaque para o traçado da letra em estudo; a sílaba inicial da palavra-chave representada pela gravura; sentenças com a palavra-chave estudadas até então; lista de palavras contendo, em diferentes posições, as sílabas estudadas; sílaba em destaque na lição acompanhada das cinco vogais, em ordem alfabética, com letra de imprensa e manuscrita; e finalmente, as letras iniciais dessa sílaba (MORTATTI, 2000, p.209).

Em relação aos exercícios, estes são apresentados em letras de imprensa mas nota-se que o aluno deve realizá-los em letra cursiva, acreditando que esta prática contribuía para a dedicação e a conquista da letra bonita. (MORTATTI, 2000).

Quanto aos enunciados, percebe-se uma sequência que se repete, trazendo um aprendizado de fácil compreensão, mas vedando a curiosidade epistemológica da criança, impedindo outros aprendizados além do que propõe a Cartilha.

A análise nos mostra apenas três exercícios desafiando o aluno para um estudo para um futuro didato a ser trabalhado já em outro material, porém usando o vocabulário aprendido na cartilha. O método apresentado possui uma sequência regular apontando cores diferenciadas para dar destaque à sílaba trabalhada. O padrão observado no decorrer das lições demonstra o ritual de aprendizagem contendo a ansiedade do estudante em avançar para as próximas lições. Exemplo utiliza a cor vermelha para ressaltar a sílaba “Ga” que será aprendida e pinta a sílaba “to” de preto, na palavra “Gato” (Imagem).

Imagem 30. Lição G de gato



Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p. 42

A fim de compreender a especificidade de cada lição, é válido analisar detalhadamente cada atividade, buscando compreender o paradigma da complexidade e suavidade utilizada pela autora em seu método, “Alfabetização pela Imagem”. Neste âmbito, enumerei as lições com a intencionalidade de facilitar a observação, para entender as passagens de níveis de maturidade, ou seja, analisar os exercícios com base na passagem evolutiva de cada lição.

4.5.1. Primeira Lição

A Primeira Lição da *Cartilha Caminho Suave*, inicia-se com a sílaba “BA”, ressaltando-a pela palavra barriga, a qual está escrita juntamente com a gravura de um menino, em que a letra B é a própria barriga do garoto. Esta gravura de um menino magro com barriga saltada, tem o rosto rosa e os cabelos brancos, auxilia o aluno na associação da letra com a sonoridade, ou seja, “B de barriga” (BOTO & GUIRAO, 2020).

Em seguida Branca Alves apresenta a primeira lição apresentando a palavra chave com destaque para a sílaba “ba”, fazendo interseção com a figura de um bebê, conforme pode-se observar através da frase que compõe a sequência da lição. Após segue

apresentando quatro palavras de duas sílabas cada em que o objetivo está em mostrar a família do “B” e de forma monossilábica finda então fazendo a demonstração da junção da consoante com as vogais fazendo a relação dos sons.

Tabela 71. Lição 1 (Caminho Suave)

PRIMEIRA LIÇÃO		FAMÍLIA DO B		
PALAVRA-CHAVE: barriga - ba				
Eu vejo a barriga do bebê				
PALAVRAS				
Baba	Bebê	Bibi	Bobo	
Ba	Be	bi	bo	bu
Ba	Be	Bi	Bo	Bu
Ba	Be	bi	bo	bu
Ba	Be	Bi	Bo	Bu
Cubra e copie (PALAVRAS)				
Baba	Bebê	Bibi	Bobo	Boba
Bebo	Bebi	Aba	Oba	Boi
Frases				
1. O bebê baba.				
2. o bobo baba.				

Inicia os exercícios pela modalidade de escrita, especificamente pelo tipo de letra cursiva. É solicitado ao estudante três tipos de exercícios em que o primeiro consiste em tracejado, o segundo objetiva o aluno identificar palavras iguais em que o método se dá por semelhança visual e o terceiro exercita a leitura através de palavras dissílabas seguida de duas frases composta por palavras já estudadas. Ao final da lição há mais dois exercícios cujo fim está em treinar a escrita em letra cursiva explorando os sons da família do B, consoante+vogal.

Nesta lição a autora utiliza 6 vezes a representação iconográfica da palavra-chave e a figura grande de um bebe todo sujo, comendo papinha sozinho e aparenta estar bem feliz pelo sorriso em seu rosto. Este bebê é rosa, com os cabelos ruivos, vestido com um macacão azul e babador amarelo. Ele está sentado em um cadeirão para alimentação de madeira e não é possível identificar o sexo.

4.5.2. Segunda Lição

Continuando a sequência alfabética, é apresentado a sílaba “CA” com a figura do cachorro e da palavra-chave. O cachorro é desenhado com o rabo para cima, de forma que parece a letra “C” e este animal se encontra bebendo leite em uma vasilha feita de coco. Como na lição anterior, há uma estruturação apresentando a sílaba “ca” com a oração simples abaixo (sujeito + verbo + predicado) e a família do “C” é ensinado. Contudo, por decorrência da sonoridade é descartado as sílabas “ce” e “ci”, as quais, serão aprendidas posteriormente. A partir dessa escolha, é possível notar que a autora preza pela fonética, ensinando sílabas similares a fim de facilitar a aprendizagem dos alunos, compreendendo a mecânica dos encontros consoante+vogal e/ou vogal+vogal, como os dígrafos.

Tabela 72. Lição 2 (Caminho Suave)

SEGUNDA LIÇÃO			FAMÍLIA DO C		
PALAVRA-CHAVE: cachorro - ca					
O cachorro bebe na cuia.					
PALAVRAS					
Caco	Cuca	Cai	Coco	Cuco	Coa
Ca		Co		cu	
Ca		Co		Cu	
Ca		Co		cu	
Ca		Co		Cu	
Cubra e copie (PALAVRAS)					
Caco	Coco	Cuco	Cai	Cabo	
Bico	Boca				
Frases					
1. A cuia é de coco.					

Nesta lição, a autora, apresenta 5 exercícios, sendo 2 de escrita e repetição, passando por cima do traçado das 12 palavras ensinadas e repetindo-as por 2 vezes. Um de leitura de 6 palavras e uma oração ao lado da figura de um coco repartido ao meio.

Como na lição anterior também há o exercício de cópia das sílabas “ca”, “co” e “cu”. É perceptível nesta atividade que há troca entre as vogais “U” e “O”, colocando o “U” antes do “O”. O último exercício é inovador, solicitando que o estudante relacione por meio da ligação 3 imagens ao lado de três palavras. Dessa forma o estudante faz a leitura das imagens relacionando-as com a grafia das mesmas, memorizando-as.

4.5.3. Terceira Lição

Nesta lição é ensinado a letra “d” com a palavra-chave “**dado**”, juntando um dado com um lápis para formá-la. Seguida de um diálogo com 3 frases entre o bebê, um personagem chamado Didi e um terceiro caracterizado como adulto, dando ordem ao Didi.

O banco de palavras dessa lição é realizado com 9 palavras, sendo 3 monossilábica, 3 dissilábicas, 2 trissilábica e uma polissilábica. Dessas 9 palavras, duas possuem a letra D no meio das palavras. Em seguida, a autora, apresenta a família da letra “d” das 4 formas (letra de imprensa maiúscula e minúscula e letra cursiva maiúscula e minúscula).

Tabela 73. Lição 3 (Caminho Suave)

TERCEIRA LIÇÃO		FAMÍLIA DO D		
PALAVRA-CHAVE: dado - da				
O dado é de Didi.				
— Dá... dá...				
— Didi, dê o dado ao bebê.				
PALAVRAS				
Dado	Dada	Dedo	Dia	Deu
Dói	Diabo	Caduco	Cadeado	
Da	De	Di	do	du
Da	De	Di	Do	Du
Da	De	Di	do	du
Da	De	Di	Do	Du
Cubra e copie				

Dado	Dedo	Dia	Diabo	
------	------	-----	-------	--

A maioria dos exercícios diferem das lições anteriores, apresentando um exercício para separação silábica; outro solicita ao estudante que identifique e pinte balões com as sílabas iguais. E o demais são parecidos com os anteriores, dois de escrita: da família do “d” e da cópia das palavras aprendidas, e um de interligar a imagem com a grafia da palavra-chave.

Nesta lição não há imagens ilustrativas.

4.5.4. Quarta Lição

A quarta lição avança com a sequenciação alfabética, ensinando a letra “F”, com a palavra-chave “**faca**” e sua representação iconográfica. Como na lição anterior é apresentado um diálogo, com uma frase afirmativa e duas exclamativas, algo inovador para o estudante. O personagem relatado é o Fábio relacionando com a sílaba enfatizada “fa” no início da página.

No banco de palavras há 12 exemplos, sendo 10 iniciados com a consoante “f”. Os dois exemplos que se diferem são iniciados com a consoante “b”, já vista na primeira lição, realizando uma retomada fonética.

Tabela 74. Lição 4 (Caminho Suave)

QUARTA LIÇÃO		FAMÍLIA DO F		
PALAVRA-CHAVE: faca - fa				
A faca é afiada.				
— Ui, meu dedo!				
— Cuidado, Fábio!				
PALAVRAS				
Faca	Fada	Fofa	Foi	Fui
Fubá	Bife	Bofe	Fio	Fica
Fofa	Fofoca			
Fa	Fe	Fi	fo	fu
Fa	Fe	Fi	Fo	Fu
Fa	Fe	Fi	fo	fu

Fa	Fe	Fi	Fo	Fu
Cubra e copie				
Faca	Fada	Fubá		

Nesta lição 4 exercícios, considerando poucos em comparação com as lições anteriores. Há os dois de escrita utilizados em todas as lições: o primeiro utilizando como apoio imagético a figura representativa da palavra-chave e o segundo de caligrafia, aperfeiçoando e treinando a coordenação motora, algo valorizado pela autora e pelo pensamento *escolanovista* influente da época, enfocando nos estudos da área de Psicologia.

O último exercício apresenta uma fada de vestido e chapéu azuis e cabelos ruivos, voando com sua varinha de condão, ao lado há 4 palavras dentro de estrelas e o objetivo é que o estudante encontre qual caminho levará a fada até seu nome, “fada”.

4.5.5. Quinta Lição

Dando continuidade, a Quinta lição aborda a letra “g”, referenciando-a com a figura de um gato juntamente com sua grafia. Abaixo, a autora, apresenta duas frases afirmativas, retomando o personagem Didi. Como na consoante “c”, também apresentado apenas “ga”, “go”, “gu”, por decorrência da similaridade fonética /k/. Apresentando “ge” e “gi” e as derivações pelo dígrafo GU em lições posteriores.

No banco de palavras são ensinadas 9 palavras, sendo apenas um dos exemplos iniciado pela letra “g”, além de ensinar gênero e derivações, como pode-se notar na tabela abaixo:

Tabela 75. Lição 5 (Caminho Suave)

QUINTA LIÇÃO			FAMÍLIA DO G		
PALAVRA-CHAVE: gato - ga					
O gato é de Didi.					
O gato bebe água.					
PALAVRAS					
Figa	Figo	Fogo	Diga	Digo	Fuga
Água	Aguada	Goiabada			

Ga		go		gu
Ga		Go		Gu
Ga		go		gu
Ga		Go		Gu
Cubra e copie (PALAVRAS)				
Diga	Figo	Fogo		

Nesta lição são apresentados dois exercícios novos: o primeiro é de junção silábica, havendo um gato tomando leite ao lado como imagem ilustrativa, não tendo ligação nenhuma com as palavras construtoras do exercício. Já o segundo exercício é de correspondência visual, observando duas palavras e tendo que achar a grafia igual em duas colunas abaixo. Quanto aos demais exercícios, são os dois de escrita já mencionados anteriormente.

4.5.6. Sexta Lição

Nesta lição há uma interrupção da sequenciação alfabética, pulando a letra “h” que será vista ao final da Cartilha e da vogal “i”, pois as vogais foram ensinadas nas lições preparatórias, não havendo lições especificadas no Material.

Por isso, a autora ensina na lição sexta a sílaba “ja”, vinculada com a figura de uma jarra e sua grafia. Seguida de duas orações afirmativas, colocando como elemento principal o “caju” e suas derivações, e 9 exemplos no banco de palavras, sendo 6 iniciadas pela consoante “j” e 3 palavras em que a sílaba “ju” é a segunda sílaba da palavra.

Tabela 76. Lição 6 (Caminho Suave)

SEXTA LIÇÃO		FAMÍLIA DO J		
PALAVRA-CHAVE: jarra - ja				
Na jarra há cajuada.				
Cajuada é de caju.				
PALAVRAS				
Jaca	Jacá	Jogo	Jeca	Joia
Jiboia	Caju	Cajuada	Ajuda	

Já	Je	ji	jo	ju
Já	Je	Ji	Jo	Ju
Já	Je	ji	jo	ju
Já	Je	Ji	Jo	Ju
Cubra e copie (PALAVRAS)				
Jaca	Jeca	Caju	Jiboia	Jogo
Joia				

Nesta lição é apresentado um novo exercício em que solicita ao estudante que complete a frase “Cajuada é de ...”, acima há duas palavras para que possa completar a oração. Os demais exercícios são similares, modificando apenas as palavras, como a atividade de ligação entre palavras similares; a copiar e repetir as palavras, a de junção silábica e por fim completar a família do “j”. Contudo, é notório que este último exercício não há uma sequenciação – a, e, i, o, u – ou seja, cada lição há uma ordem diferente.

Quanto as ilustrações são apresentadas apenas a figura da jarra vinculada com a letra “j”, tanto na palavra-chave, como no exercício das famílias.

4.5.7. Sétima Lição

Para esta lição é ensinada a consoante “l”, dando continuidade à sequenciação alfabética. A sílaba “la” se relaciona com o cabo da laranja e sua grafia, assim como as orações afirmativas abaixo, especificando a espécie da fruta como palavra-chave.

Observa que para ensinar a família da letra “l”, é apresentado palavras simples e dissilábicas, “suavizando” a dificuldade antes crescente, corroborando com os exercícios. Tais atividades ordenadas aos estudantes possuem um caráter diferente dos anteriores, iniciando-os com um exercício de formação de palavras com sílabas das consoantes “l” e “b”, seguida do exercício de complementar as famílias, as quais estão vinculadas com a figura representante apenas em contornos, solicitando assim, que o estudante as pinte de amarelo.

O terceiro exercício relata de nomes dadas as bonecas com repetição silábica. Quanto às ilustrações para essa atividade, nota-se que apenas uma das cinco bonecas representadas é negra, sendo as demais brancas. Todas sorriem e vestem saia ou vestido, meias brancas até a panturrilha e sapatos fechados. Repara-se também em seus bracinhos:

duas estão com os braços na cintura, duas com os braços abertos e uma com um braço aberto e outro na cintura (Imagem 31).

Imagem 31. Sétima Lição



Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p.47

Tabela 77. Lição 7 (Caminho Suave)

SÉTIMA LIÇÃO		FAMÍLIA DO L		
PALAVRA-CHAVE: laranja - la				
Bebê pede a laranja.				
É laranja-lima.				
PALAVRAS				
Bala	Cola	Bola	Bule	Ele
Ela	Ali	Alô	Liga	Lobo
Loja	Lago			
La	Le	li	lo	lu
Lá	Le	Li	Lo	Lu
La	Le	li	lo	lu
La	Le	Li	Lo	Lu
Nomes				
Lalá	Lelé	Lili	Loló	Lulu

Por fim, a autora finaliza esta lição com dois exercícios de escrita, um de identificação e leitura de imagens e passagem para o grafema e o último de separação silábica. As imagens do penúltimo exercício, possuem o mesmo traçado dos demais desenhos da cartilha, representando uma bola cor-de-rosa e amarela; um bule verde com uma flor azul ao meio; um bolo de aniversário decorado com flores brancas e cobertura rosa e com três velas acesas e por último um galo.

4.5.8. Oitava Lição

A lição oito apresenta a sílaba “ma”, vinculando a letra “m” com as patas de um macaco. O animal está com uma das patas dianteiras levantada comendo algo similar a uma manga, todavia esta concepção é descartada quando o professor dá sequência a lição, visto que nas orações abaixo (duas afirmativas e uma exclamativa) é declarado que a comida é do gato, juntamente com onomatopeia “miau”, representando o som emitido pelo felino.

Como estruturação da Cartilha, é apresentada as palavras, a família do “m” nas quatro modalidades de escrita e segue-se para os exercícios. Quanto ao banco de palavras é ensinado 12 palavras, sendo que duas são iniciadas com a vogal “a”, o restante todas são com a letra “m” no começo das palavras, como nota-se na tabela abaixo.

Tabela 78. Lição 8 (Caminho Suave)

OITAVA LIÇÃO		FAMÍLIA DO M		
PALAVRA-CHAVE: macaco- ma				
Mico é o macaco.				
Ele comeu a comida do gato.				
O gato mia: miau, miau!				
PALAVRAS				
Mala	Medo	Moda	Mola	Ama
Uma	Meu	Mia	Mula	Muda
Amigo	Melado			
Ma	Me	mi	mo	mu
Ma	Me	Mi	Mo	Mu
Ma	Me	mi	mo	mu
Ma	Me	Mi	Mo	Mu
Complete				
Mico é o.....				
Ele.....a..... do gato.				
O gato.....: miau, miau!				

Os exercícios se assemelham aos anteriores, havendo de formação de palavra; de junção silábica e de completar as famílias. Verifica-se que a autora busca sempre trazer dois exercícios diversificados em cada lição. Nesta, o estudante deve completar as frases já vista no início da primeira página com as palavras faltantes, todavia é possível que o estudante possa ter autonomia e criatividade para formulação de novos complementos, de acordo com a permissão do professor como mediador do ensino.

O último exercício advém com a figura de um gato ao lado de um balão para completar como é o som emitido pelo animal. Este animal assemelha com o ilustrado na lição cinco, pois ambos têm coloração cinza, de olhos claros e focinho rosado.

4.5.9. Nona Lição

A lição nove apresenta a figura de um navio em que a fumaça soltada pelo veículo de transporte é similar a letra “n”, ao lado da grafia da imagem. As frases ensinadas caracterizam uma situação entre duas crianças e um navio de brinquedo, em que uma delas se apossa do objeto do colega com uma frase recorrente falada pelas crianças pequenas “é meu”, representando um fato do universo infantil.

Nas colunas de palavras são ensinados 15 novos exemplos, sendo apenas 5 iniciadas com “n” e as restantes com a consoante no meio das palavras, majoritariamente como segunda sílaba de palavras dissilábicas e trissilábicas.

Tabela 79. Lição 9 (Caminho Suave)

NONA LIÇÃO		FAMÍLIA DO N		
PALAVRA-CHAVE: navio - na				
O navio é de Fábio.				
Didi pega o navio.				
O menino fala:				
— O navio é meu.				
PALAVRAS				
Nabo	Nada	Nome	Cana	Banana
Boné	Boneca	Caneca	Canela	Janela
Numa	Nuca	Canudo	Menino	Menina
Na	Ne	Ni	no	nu

Na	Ne	Ni	No	Nu
Na	Ne	ni	no	nu
Na	Ne	Ni	No	Nu
Ligue o certo:				
Fabio dá banana ao Mico.		O macaco come a banana.		

Nesta lição a estrutura dos exercícios modifica bastante, começando pelo exercício de escrita já iniciado na apresentação da família da consoante “n”, nas quatro modalidades, solicitando que o estudante cubra o traçado e copie 4 vezes as sílabas com letra cursiva. A segunda atividade se assemelha com a do gato na lição anterior, solicitando que escrever dentro do balão o que o menino Fábio disse a menina Didi. Abaixo do enunciado a figura de Fábio e Didi segurando o navio, cada um de um lado, ambos sorridentes. Contudo, é estranho ao leitor que percebeu que no diálogo inicial das orações não havia uma concordância das partes, sendo possível supor um conflito entre as crianças por conta do brinquedo. Ademais, é a primeira vez durante as lições que é representado a figura dessas crianças, as quais, foram mostradas na primeira página das atividades preparatórias. Cabe ressaltar que durante toda a Cartilha, Fábio, Didi e Bebê possuem protagonismo no decorrer das lições.

Outro fator interessante a análise, é o terceiro exercício em que a autora propõe que o estudante diferencie o gênero, como por exemplo, menino-menina, etc. Neste exercício as figuras representantes do feminino possuem laços e saia, enquanto os gêneros masculinos não possuem tais elementos, auxiliando o estudante na distinção dos sexos.

Os dois últimos exercícios são caracterizados como promovedores para leitura de imagem, passando da análise iconográfica para o grafema. Entretanto, essas atividades se distinguem, pois, a primeira utiliza-se de frases para corresponder com a imagem e a segunda utiliza a gravura como ponto de partida da escrita. Todas as imagens são representações de figuras já trabalhadas até o presente momento.

4.5.10. Décima Lição

A Décima Lição é estudada a família da letra “P”, vinculada a cabeça de um pato amarelo com as patas e bicos alaranjados, ao lado está a sílaba “pa” e abaixo duas frases afirmativas, apresentando o nome do pato e quem é o dono, trazendo como elemento participante o bebê.

Nas colunas de exemplos há 12 palavras todas iniciadas pela consoante “p”, não havendo uma lógica na sequenciação, sendo considerada aleatória. Contudo, é possível notar alguma semelhança entre as palavras e o desenho representante da lição, como por exemplo, as palavras: pena, papai, peludo e papudo. Como estrutura de todas as lições é ensinado a letra “p” escrita nas quatro modalidades (letra bastão maiúscula e minúscula e letra cursiva maiúscula e minúscula).

Tabela 80. Lição 10 (Caminho Suave)

DÉCIMA LIÇÃO		FAMÍLIA DO P		
PALAVRA-CHAVE: pato – pa				
O pato é do pai do bebê.				
Papudo é o nome do pato.				
PALAVRAS				
Papai	Papo	Pega	Pena	Pula
Pia	Piada	Pipoca	Pé	Pego
Peludo	Papudo			
Pa	Pe	pi	po	pu
Pa	Pe	Pi	Po	Pu
Pa	Pe	pi	po	pu
Pa	Pe	Pi	Po	Pu
Complete com pa ou po:				
Pa.....	Co.....	Pi.....capai	

Quanto aos exercícios é iniciado com uma atividade para completar com as sílabas “pa” ou “po”, oportunizando que a criança observe a junção silábica, a troca sonora e o significante, como pode-se notar na tabela, com a palavra “copo” ou “copa”, estando ambos corretos. Cabe ao professor, compreender essa flexibilidade.

O segundo exercício como já explicitados em análises das lições anteriores, é ensinado a escrita da letra cursiva por meio de treino, observando a letra “p” vinculada com a imagem do pato. Também não há uma ordem vocálica, apresentando em primeiro lugar a sílaba “po”, em seguida a “pa”, “pi”, “pe” e “pu”. Todavia, não há uma explicação lógica deste fato, visto que em cada lição há uma sequência diferente.

O próximo exercício é de leitura de três sentenças afirmativas bem simples, não havendo conexão entre as frases, entretanto traz como sujeito a figura do Papai, do Fáblio e características do alimento “pipoca”, ao lado de uma figura representando uma panela

azul, com pipoca estourando. O quarto exercício é uma continuação desta atividade, envolvendo mutuamente, a modalidade de leitura e escrita, em que o estudante precisa ler algumas palavras e completar com outras as lacunas existentes. Para isto, é necessário a utilização das palavras como referência do exercício anterior.

A última atividade é de junção silábica, formando 8 palavras já estudadas nas colunas apresentadas no início da lição da consoante “p”.

4.5.11. Décima Primeira Lição

Seguindo uma ordem alfabética é apresentado a letra “R”, visto as especificidades da consoante “Q”, utilizando a vogal “U” para aquisição fonética, transformando-o em dígrafo. Por decorrência desse fato ensina a letra “R”, vinculada figura de um rato marrom com um queijo amarelo na mão. Abaixo há um 5 sentenças, todas afirmativas relacionando a característica do rato de roer os objetos. Todavia, a última frase não há vinculação com as quatro anteriores, havendo um rompimento rítmico existente e trazendo uma informação nova ao leitor.

Esta lição apresenta 15 palavras, divididas igualmente em três colunas e todas iniciadas com a letra “R”, prosseguindo para a apresentação da família do “R” nas quatro modalidades.

Tabela 81. Lição 11 (Caminho Suave)

DÉCIMA PRIMEIRA LIÇÃO		FAMÍLIA DO R		
PALAVRA-CHAVE: rato- ra				
O rato rói tudo.				
Rói a roda.				
Rói a rede.				
Rói a roupa				
O gato de Didi pega rato.				
PALAVRAS				
Rabo	Ralo	Rede	Remo	Rei
Rua	Rude	Ruga	Rumo	Rulo
Rio	Rifa	Rádio	Roupa	Remédio
Ra	Re	ri	ro	ru

Ra	Re	Ri	Ro	Ru
Ra	Re	ri	ro	ru
Ra	Re	Ri	Ro	Ru
Marque o certo:				
Que o rato roeu?				
Régua <input type="checkbox"/>	Rede <input type="checkbox"/>	Rádio <input type="checkbox"/>	Roupa <input type="checkbox"/>	Roda <input type="checkbox"/>

Na página seguinte é iniciado a sequência de quatro exercícios, ensinando um novo, que será explicitado posteriormente; dois de escritas, sendo o primeiro de escrita da família da consoante “R” vinculada a figura de referência e o outro relacionando a imagem com a grafia da mesma; o terceiro é uma atividade de interpretação e memória das informações dadas durante a lição, em que o estudante necessite assinalar a palavra certa que complete a frase, como mostrado na tabela acima. É notório, assim como em outros casos já questionados, haver mais de uma resposta correta, ficando a cargo do mestre a flexibilização do acerto.

A atividade nova apresentada pela autora, relaciona leitura, interpretação e escrita, solicitando ao aluno a formação de três orações contendo as mesmas palavras das sentenças introdutórias, já explicitadas.

Quanto às iconografias, é ilustrado a figura de um rei de cabelos ruivos e pele cor-de-rosa, com coroa de ouro e possui um rosto mais arredondado; uma roda amarela que só é possível identificá-la por conta do grafema, pois é similar a uma boia e a figura de um rato marrom e bem pequeno com dentes sobressalentes. Todas as figuras fazem parte do último exercício.

4.5.12. Décima Segunda Lição

Nesta lição, a autora, vincula a letra “s” com a pata traseira de um sapo verde, o qual está na beirada de uma lagoa, tentando alcançar com a língua uma mosca que se encontra próximo a plantas. Ao lado apresenta a grafia do anfíbio e abaixo a sílaba “sa” e as três frases introdutórias, as quais, relacionam entre si, apresentando como sujeito a Didi.

Como na lição anterior, Branca Alves de Lima ensina 15 palavras iniciadas com “S”, não havendo correspondência semântica entre elas, além das quatro formas de letras apresentando a família do “S”.

Tabela 82. Lição 12 (Caminho Suave)

DÉCIMA SEGUNDA LIÇÃO		FAMÍLIA DO S		
PALAVRA-CHAVE: sapo- as				
Didi viu o sapo no sítio. O sapo pulou... pulou... Sumiu na água do lago.				
PALAVRAS				
Sala	Salada	Salame	Sopa	Sopapo
Sigo	Sino	Soco	Sola	Sono
Sede	Selo	Sujo	Suja	Suado
As	Se	si	so	su
As	Se	Si	So	Su
As	Se	si	so	su
As	Se	Si	So	Su
Separe as sílabas:				
Sapo □ □				
Salada □ □ □				
Semana □ □ □				

Fica evidente a construção que a autora realiza no decorrer das lições, visto que a primeira página é caracterizada como introdutória ao ensino da consoante e os fonemas e a segunda página é reservada aos exercícios, geralmente iniciando com a cópia em letra cursiva da letra em estudado, vinculada à figura de referência como apoio ao aprendizado, seguido de no máximo quatro exercícios.

Assim é realizado com o ensino da consoante “S”, possuindo um exercício de leitura e escrita, completando as lacunas; outro de leitura imagética relacionado com a grafia e por último de separação silábica, algo inovador até o presente momento.

Nesta lição são apresentadas apenas duas novas figuras, às quais pertencem as atividades, isto é, a primeira é uma saia xadrez de cor vermelha, com um cinto embutido e um sino amarelado badalando, sendo segurado por uma estaca de madeira.

4.5.13. Décima Terceira Lição

A próxima consoante a ser trabalhada é a letra “T”, vinculada com a figura representante de um tapete, cujo detalhes são formas da letra, ao lado da sua grafia. As duas primeiras orações introdutórias se relacionam, colocando como sujeito o “Bebê”, já a última sentença é desconexa as demais.

As três colunas ao todo, contém 15 exemplos, em que 8 palavras são iniciadas com a letra em estudo; 4 com a consoante “B”; uma palavra com a letra “L”; uma palavra já estudada, iniciada com “R” e outra com “P”. Abaixo o professor ensina o estudante o traçado da letra “T” das quatro formas, finalizando a primeira página.

Tabela 83. Lição 13 (Caminho Suave)

DÉCIMA TERCEIRA LIÇÃO		FAMÍLIA DO T		
PALAVRA-CHAVE: tapete - ta				
Bebê pula no tapete.				
Bebê rola no tapete.				
Totó pula e late.				
PALAVRAS				
Tapete	Tatu	Titia	Tijolo	Tomate
Lata	Batata	Batida	Bota	Botina
Tua	Tubo	Tudo	Rato	Pato
Ta	Te	ti	to	tu
Ta	Te	Ti	To	Tu
Ta	Te	ti	to	tu
Ta	Te	Ti	To	Tu
Ligue:				
	tijolo tomate tapete		batata bota lata	

A página destina aos exercícios contam com 3 atividades, iniciadas com o exercício de escrita da família do “T”, abaixo encontra um exercício novo de leitura e cópia gráfica, observando a imagem, a grafia e copiando a escrita daquela imagem novamente. O último exercício também utiliza a imagem como apoio ao encontro da

grafia, necessitando que o estudante decodifique as palavras para encontrar a resposta certa, porém é considerado uma atividade de nível fácil, visto que as palavras erradas são muito diferentes em relação a ordem e a fonética dos exemplos corretos.

Nota-se que nesta lição, a autora apoia todos os exercícios nas figuras representantes, havendo ao todo 13 imagens, sendo 5 da figura-representante da lição, ou seja, o tapete com a letra t. As outras imagens são: um tomate vermelho; uma lata de alumínio azul aberta com a sílaba “MA” como continuação de uma palavra não decifrada; um tatu da espécie tatu-bola ilustrado na cor marrom; uma batata com alguns pontos mais escuros. Um tomate mais alaranjado; um tijolo de barro; uma peteca com penas coloridas e uma bota feminina de cano curto marrom.

4.5.14. Décima Quarta Lição

Dando continuidade aos estudos, a autora não especifica uma lição para vogal “U”, ensinando apenas as consoantes. Neste caso, a próxima consoante a ser estudada é a letra “V”, vinculada à figura de referência a uma vaca da espécie *Bos taurus*, ou seja, possui a pele mesclada de branco com manchas marrons, também possui no pescoço um sino de cor azulada. Nota-se que a consoante “V” está atrás dos chifres da vaca, algo diferenciado, pois todas as letras estão colocadas na frente da figura, entretanto pode-se afirmar que desta forma de fixação auxilia o estudante na aquisição do conhecimento.

Abaixo há duas orações desconexas, apresentando o nome da vaca e suas características como a produção do leite, seguida de 12 palavras divididas em 3 colunas, sendo 8 iniciadas com a letra em estudo; 2 com a consoante “C”; uma com a vogal “U” e outra com a vogal “O”. Além de ensinar o traçado da consoante “V” de letra bastão maiúscula e minúscula e letra cursiva maiúscula e minúscula.

Tabela 84. Lição 14 (Caminho Suave)

DÉCIMA QUARTA LIÇÃO		FAMÍLIA DO V		
PALAVRA-CHAVE: vaca - va				
A vaca é a Violeta.				
Bebê bebe leite de vaca.				
PALAVRAS				
Vaca	Valeta	Cava	Cavalo	Viva
Vivo	Uva	Ovo	Vovô	Vovó

Viola	Viúva			
Va	Ve	vi	vo	vu
Va	Ve	Vi	Vo	Vu
Va	Ve	vi	vo	vu
Va	Ve	Vi	Vo	Vu
a	i	o	u	
va	ve	vi	vo	
Descubra palavras:				

Diferentemente das lições passadas, nesta, a autora inicia os exercícios na primeira página com um quadro com duas linhas e quatro colunas, contendo 4 vogais e 4 sílabas formadas com a letra “V”, a fim de descobrir palavras utilizando estes exemplos, como observa na tabela acima.

Contudo, a página seguinte apresenta a mesma estrutura, iniciando-a com o exercício de escrita com o apoio da figura referência, seguida de uma atividade de leitura e cópia de um novo texto apresentado. Cabe ressaltar que todos os exercícios são descritos em letra de imprensa e solicita ao estudante que escrevam todos os exercícios de letra cursiva, pois era valorizado as curvas que esta forma de escrita exige, acreditando que assim o estudante aprenderia também disciplina e o gosto pelo trabalho (MARCÍLIO, 2016).

O último exercício relaciona a leitura imagética com a grafia das imagens, sendo ilustrado um vovô bem velho, de cabelos brancos, nariz grande, barrigudo, usando boné, óculos e colete grosso, podendo o leitor perceber a estação que se encontrava o senhor. Ao lado é ilustrado a figura da vovó, com cabelos brancos presos em um coque, de vestido azul comprido de pomar branco, usando brincos e batom vermelho. As duas últimas imagens da lição são representações de alimentos: uma uva roxa na parreira e um ovo posicionado verticalmente na cor branca.

4.5.15. Décima Quinta Lição

Na edição analisada (1992), as letras “K”, “W” e “Y” não tinham sido incluídas ao alfabeto brasileiro, apesar de ser comumente utilizadas, não havendo, portanto, lições específicas ou mesmo exemplos utilizando tais consoantes. Tal alteração se realizou em publicações mais recentes, pela editora Edipro, especificamente nas primeiras décadas do século XXI, incluindo uma lição específica as três letras (PERES et. al, 2016).

Por decorrência deste fato, é ensinado a letra “X”, a qual possui duas lições, a fim de apresentar detalhadamente as especificidades de tal consoante. Neste âmbito, a Décima Quinta Lição inicia com a figura referência de um tabuleiro de xadrez em que as casas do jogo formam o traçado do “X”, juntamente com a grafia, evidenciando a sílaba “xa” em coloração avermelhada abaixo e seguida de três orações vinculadas, apresentando uma pequena narrativa em que o “Bebê” é o sujeito da história, o qual, interfere diretamente no jogo.

Interessante que a palavra “Xadrez” é o único exemplo iniciado pela letra em estudo que autora propõe durante toda lição. Assim, o banco de exemplos possui 15 palavras: 2 iniciadas com a vogal “A”; 1 com a letra “B”; 2 com a letra “C”; 2 com a letra “F”; 3 iniciadas com a letra “L”; 1 com a letra “M”; 2 com a letra “P” e 2 com a letra “R”. Ressalta que apesar das palavras não possuírem correspondência semântica, detém relações fonéticas, ou seja, as palavras “coxa” e “roxa” possuem a mesma ordem em posicionamento das letras, modificando apenas a letra de início e conseqüentemente o significado; as palavras “baixa” e “abaixa” modificam com o acréscimo da vogal “a”, contendo um significado totalmente diferente apesar da semelhança gráfica e sonora, etc. Verifica-se que aproximadamente 87% das palavras desta lição possuem tal similaridade.

Como já relatado, a autora ensina o traçado do “X” das quatro modalidades de escrita e solicita o estudante a escrita da família da letra em estudo no primeiro exercício da página seguinte.

Tabela 85. Lição 15 (Caminho Suave)

DÉCIMA QUINTA LIÇÃO		FAMÍLIA DO X		
PALAVRA-CHAVE: x adrez - xa				
Bebê mexeu na caixa do xadrez.				
Puxou... puxou...				
A caixa caiu.				
PALAVRAS				
Lixa	Lixo	Luxo	Roxa	Puxo

Peixe	Feixe	Mexe	Remexe	Caixa
Faixa	Baixa	Abaixa	Ameixa	
Xa	Xe	xi	xo	xu
Xa	Xe	Xi	Xo	Xu
Xa	Xe	xi	xo	xu
Xa	Xe	Xi	Xo	Xu
Copie e estude para ditado:				
 Caixa	 Peixe	 Xale	 Lixo	 Ameixa
 Feixe				

Outra modificação observada é a integração do exercício de completar as lacunas, utilizando as habilidades de leitura (decodificação) e escrita (codificação), referenciado pelas orações introdutórias da lição.

O segundo exercício da página dois é igual da lição Décima Terceira em que o estudante deve realizar a leitura de imagens correlacionando com a escrita da mesma e copiando a grafia na modalidade da letra cursiva minúscula, como pode-se verificar na tabela, acima. Outro fator notório é a descrição do enunciado, solicitando que o aluno estude as palavras para um exercício além da Cartilha, como ressalta a atividade de ditado. Dessa maneira, a autora guia o professor a seguir uma didática que utiliza a Cartilha como norteadora do ensino, desvinculando-a como única promotora da aquisição da leitura e escrita, sendo necessário exercícios que extrapolem as páginas desse “*Caminho Suave*”, fortalecendo a ideia de repetição como elemento fundamental para tornar-se alfabetizado.

Os demais exercícios são repetições de outros já detalhados nas lições anteriores, ambos reforçando a questão silábica, isto é, o primeiro solicita que o aluno separe as sílabas das palavras já vistas e o segundo que junte as sílabas formando as mesmas palavras das colunas introdutórias.

As imagens diferenciais dessa lição, relacionam com o exercício dois, detalhado acima, possuindo: uma caixa simples de coloração bege; um peixe sorridente azul com as barbatanas cor-de-rosa; um xale laranja; um latão de lixo vermelho com a escrita centralizada na figura; uma ameixa vermelha, podendo ser confundida pelo estudante como a representação de uma maçã (neste caso, o traçado do desenho está ruim para identificação da fruta) e por fim um feixe de trigo com uma corda amarrando-os, evidenciando a letra “X”.

4.5.16. Décima Sexta Lição

A última lição em ordem alfabética é representada pela consoante “Z”, possuindo como figura referente a imagem de uma mulher, branca e de cabelos ruivos, utilizando avental azul de listras diagonais brancas com um lenço na cabeça também azul de pomar amarelo, a qual está segurando uma colher de pau, derramando uma polenta em uma panela azul com fumaças, demonstrando a temperatura elevada do alimento cozido.

O nome e/ou apelido desta mulher é usado como referência para esta lição, colocando-a como sujeito das orações introdutórias, enfatizando a qualidade elevada de sua comida. Ou seja, na imagem há representação de um personagem feminino, denominada Zazá, a cozinheira, a qual, aparece em todos os materiais realizados por Branca Alves de Lima, caracterizada sempre feliz com sorriso no rosto e representante dos trabalhos domésticos. Segundo Miriã Vieira (2014), Zazá trabalha na casa de uma família como cozinheira e empregada doméstica, estando sempre contente com o trabalho, como ressalta neste trecho:

[...] Zazá, a cozinheira da família, personagem que aparece em todos os volumes, não apenas sendo a ajudante doméstica, mas parte integrante da família, uma auxiliar da mãe nos afazeres domésticos. Percebemos nesta ilustração a Zazá realizando três afazeres domésticos, todos com contentamento e felicidade. No texto que explica sobre quem é Zazá evidência de que ela possui uma família, um esposo, quatro filhos. À tarde, quando retornava do trabalho para cuidar da sua casa, do seu esposo e de seus filhos, estava sempre animada, já que a família era parte central da sua vida. (VIEIRA, 2014, p.2338)

A partir da análise de Vieira nos demais materiais da antiga Editora Caminho Suave, compreende-se a exaltação do trabalho, considerado como princípio fundamental da Era Republicana, como visto no Capítulo 2 desta pesquisa, além dos valores morais atribuídos a figura feminina, estando responsável pelas funções da casa e devendo estar sempre contente, não demonstrando cansaço e/ou outro sentimento negativo, cuidando e prestigiando sempre a família tradicional (mãe, pai e filhos).

Após as orações, há três colunas com 5 palavras cada uma, contendo apenas três palavras na primeira coluna iniciadas pela consoante “Z”, sendo as demais palavras iniciadas com letras já estudadas, possuindo a letra “Z” em 67% como segundo sílaba e 13% como a terceira e última sílaba da palavra. Há 4 dissilábicas, 9 trissilábicas e 2 polissilábicas.

Tabela 86. Lição 16 (Caminho Suave)

DÉCIMA SEXTA LIÇÃO	FAMÍLIA DO Z
--------------------	--------------

PALAVRA-CHAVE: Zazá - za				
Zazá mexe a comida na panela. A comida de Zazá é muito boa.				
PALAVRAS				
Zebu	Zoadá	Zunido	Beleza	Moleza
Azedo	Azeite	Azeitona	Gazeta	Azulado
Dezena	Dúzia	Vazio	Buzina	Juízo
Za	Ze	zi	zo	zu
Za	Ze	Zi	Zo	Zu
Za	Ze	zi	zo	zu
Za	Ze	Zi	Zo	Zu
Ordene as orações:				
tocou Papai buzina a.				
azeitona come Davi.				
zebu O água bebe.				

Como na nona lição, a autora estimula que o estudante treine a caligrafia do traçado da letra cursiva, iniciando pela própria apresentação da família da letra “Z” nas quatro modalidades, ordenando que o estudante, leia, cubra e copie uma vez cada na forma cursiva maiúscula e minúscula. Não há razões conhecidas para que tal exercício haja em poucas lições da Cartilha ou mesmo a escolha das lições, pois há outras consoantes que possuem o traçado com mais curvas, consideradas mais difíceis a ser escritas e não possuem tal atividade.

Outra semelhança com a lição nove é não possuir o exercício das famílias com o apoio imagético, iniciando-os com um exercício novo de escrita, em que o estudante deve ordenar a estrutura de três frases, em sujeito+verbo+predicado, realizando uma simples análise sintática.

Os demais exercícios também possuem uma estrutura diferente das atividades já apresentadas nas lições anteriores. O segundo exercício solicita que o aluno coloque dentro de um quadradinho o número de sílabas de três palavras, duas delas já conhecidas pelo estudante. Já o terceiro e último exercício, apresenta cinco orações com cinco mulheres diferentes, seguindo a mesma estrutura da Sétima lição em que apresenta cinco bonecas, em que seus nomes possuem repetição silábica, ou seja, nesta lição, ensina o nome de “Zazá”, “Zezé”, “Zizi”, “Zozó” e “Zuzu”, com a estruturação solicitada no

primeiro exercício de sujeito+verbo+predicado. Assim, o aluno deve ler as frases, e abaixo completar as mesmas cinco orações, com as mesmas lidas anteriormente.

Interessante enfatizar, outra atitude de Zazá que a autora revela, informando que a mulher cozinheira, também é religiosa, indo “à reza”, notando a influência da religião católica na produção da Cartilha pela autora (1948) e perpetuando nas décadas seguintes.

Nesta lição não há outra imagem a não ser da figura referência de Zazá.

4.5.17. Décima Sétima Lição

A partir da Décima Sétima Lição, a autora aborda algumas sílabas, dígrafos e encontros consonantais, ensinando as especificidades da língua portuguesa. Para esta lição é trabalhado a sílaba “ce” e “ci”, diferenciando-as da fonética da família da letra “C”.

Contudo a estrutura didática continua havendo figuras de referência, banco de palavras, apresentação das sílabas nas quatro modalidades e exercícios. Porém, é imprescindível salientar que as figuras de referência não estão vinculadas diretamente com a grafia da letra/sílaba, colocando-a ao lado da palavra-chave da lição.

Nesta lição a palavra-chave é “cebola” ao lado de uma cebola com casca de coloração alaranjada, seguida de três frases, duas afirmativas e uma interrogativa, construindo uma pequena narrativa, obtendo ligação entre si. Nas colunas de exemplo, há 5 palavras em cada uma, possuindo 5 palavras iniciadas com “Ce”; 3 palavras com “Ci” e 7 palavras iniciadas com outras consoantes. Neste banco de palavras, percebe-se uma lógica quanto a colocação de cada palavras, visto que na primeira coluna possui apenas palavras com “Ce”; a segunda coluna as 3 palavras com “Ci” e o restante a exemplos com “ce” e “ci” no meio da palavra.

Assim como nas lições anteriores, a Décima Sétima Lição também apresenta as sílabas em estudo nas quatro formas de escrita. Todavia, inicia os exercícios no final da primeira página.

Tabela 87. Lição 17 (Caminho Suave)

DÉCIMA SÉTIMA LIÇÃO	Foneme /cê/
PALAVRA-CHAVE: Cebola- ce	
Didi come cebola.	
E o bebê?	
Come doce de leite.	

PALAVRAS							
Cebola	Cevada	Cedo	Cega	Céu			
Cipó	Cidade	Cinema	Bacia	Macio			
Você	Doce	Cacete	Recibo	Vacina			
ce	ci	Ce	Ci	ce	ci	Ce	Ci
Escreva palavras com: CE CI							

O primeiro exercício destas sílabas é de leitura e escrita, interligando-o com as orações introdutórias, solicitando ao estudante que complete as frases com as palavras escritas anteriormente. Já as três atividades posteriores possuem relação com um texto apresentado, havendo título, diálogo, pontuação e paragrafação, cuja narrativa conta a história de um cachorro chamado Totó que morava no sítio e levou um coice de um burro chamado Cipó. A narrativa descreve a situação vista por Cecília, uma menina de cabelos castanhos e cacheados, com fita no cabelo e vestido de bolinha vermelha. Tais características são mostradas pela ilustração abaixo do texto, localizando a menina Cecília ao lado esquerdo do quadro com uma expressão de susto ao ver o burro de cor acinzentada com crina e rabo pretos, dando um coice no cachorro de pelos beges, representado de cabeça para baixo, demonstrando a atitude do burro, sendo enfatizada por estrelinhas azuis entre os animais. Ao fundo a uma casa simples de paredes branca e telhas de barro.

Após a leitura dos grafemas e da leitura imagética, o exercício dois solicita uma compreensão de texto, perguntando a localização daquele acontecimento. Seguida da atividade de completar com a palavra “burro” a sentença “...deu coice no Totó”.

O último exercício exige que os estudantes pensem em palavras com “ce” e “ci”, não ficando claro se podem utilizar as mesmas palavras e/ou outras novas para compor as três linhas destinadas a essa atividade, ficando esta explicação a cargo de cada professor.

4.5.18. Décima Oitava Lição

Assim como na lição anterior é trabalhado sílabas consideradas diferentes por decorrência sonora, como é o caso das sílabas “ge” e “gi”, que diferem da fonética da família da consoante “G”. Para isso, utilizam como palavra-chave a “**gema**” ao lado da

figura representante, ilustrando um ovo quebrado na posição horizontal, derramando a clara e ao centro a gema. As frases introdutórias se relacionam com a palavra-chave, obtendo certa rima, porém não há relação de uma oração com a outra. Interessante que a autora sempre utiliza as derivações e palavras semelhantes, como o caso de “gema” e “gemada” (ver na tabela).

As colunas de palavras apresentam 15 exemplos, sendo 7 iniciadas com “ge”; 2 com “gi”; 4 com a sílaba “gi” no meio da palavra e 2 utilizando o ditongo “io”, como última sílaba da palavra, isto é, “colégio”. Ademais, outro fator analítico é a frequência usada pela autora de palavras similares, como já descrito na lição 15, ou seja, derivações, trocas de uma vogal e/ou consoante modificando o sentido da palavra, como por exemplo, em “mágico” e “mágica” ou “geme” e “gemido”, etc.

Como característica estrutural das lições também é apresentado as sílabas “ge” e “gi” nas quatro formas de escrita, ao lado de da palavra “gilete” e da sílaba “gi” e a representação imagética da navalha.

Tabela 88. Lição 18 (Caminho Suave)

DÉCIMA OITAVA LIÇÃO				GE e GI			
PALAVRA-CHAVE: Gema- ge							
A gema é de ovo.							
Bebê toma gema de ovo.							
Fábio toma gemada.							
PALAVRAS							
Gema	Gemada	Gelo	Gelado	Geada			
Gilete	Fugiu	Vigia	Mágica	Mágico			
Relógio	Colégio	Geme	Gemido	Giba			
ge	gi	Ge	Gi	ge	gi	Ge	Gi
Forme orações com: gelo e relógio							

A primeira atividade localizada no final da primeira página da lição é de junção silábica, formando palavras já ensinadas. O segundo exercício na página dois exige que o estudante realize leitura de imagem, colocando o grafema de cada uma delas, ou seja a figura de uma “gema”, podendo o estudante confundir com a palavra “ovo”, apesar de estar sendo trabalhado a sílaba “ge”; a figura de uma gilete e um relógio de mesa.

Como na lição Décima Sétima, há o exercício de ortografia com escolha múltipla, solicitando que o estudante pense em três palavras com “ge” e três com a sílaba

“gi”. O próximo exercício também utiliza como apoio as figuras de um gelo e um relógio, auxiliando o aluno na formação de frases sobre estes dois objetos. Já o último exercício solicita ao aluno a ordenação da sentença.

4.5.19. Décima Nona Lição

Esta lição difere totalmente das lições anteriores, retomando alguns conceitos como por exemplo a figura referência, a palavra-chave e as sílabas de cada consoante já vista, incluindo as lições Décima Sétima e Décima Oitava.

Para organização as lições são divididas em 3 blocos de 7 colunas cada uma, representando cada lição, ou seja, o primeiro bloco relembra das vogais, da letra “B”, “C”, “D”, “F”, “G” e “J”. Já o segundo bloco recorda as consoantes: “L”; “M”; “N”; “P”; “R” e “S” e por fim o último bloco apresenta as consoantes “T”; “V”; “X” e “Z” e as sílabas “ce-ci” e “ge-gi”. Ao final da primeira página a autora enfatiza a primeira sílaba de todas as palavras-chave, colocando-as de maneira enfileirada. A segunda página de recordação das lições passadas possui a sequência com o mesmo conteúdo, porém difere quanto a estrutura, estando em formato de tabela e a forma da letra, sendo em letra cursiva, como nota-se nas imagens.

Imagem 32. Décima Nona Lição



Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p.70-71

4.5.20. Vigésima Lição

A Vigésima Lição retorna aos padrões usuais da cartilha, havendo a palavra-chave ao lado da imagem ilustrativa. Nesta lição a autora aborda os dois “RR”, diferenciando do uso de um “R” caracterizado como o som fraco, cujo conteúdo será abordado na próxima lição.

Dessa maneira, esta lição aborda o “R” com som forte, iniciando com a palavra “garrafa” e três sentenças, formando uma pequena narrativa entre o “Bebê” e “Fábio”. Seguida de três colunas com 5 palavras cada uma, não possuindo correspondência semântica entre elas.

Tabela 89. Lição 20 (Caminho Suave)

VIGÉSIMA LIÇÃO			USO DE “RR”	
PALAVRA-CHAVE: Garrafa				
Bebê agarrou a garrafa.				
Fábio correu e pegou a garrafa.				
Bebê berrou... berrou				
PALAVRAS				
Barra	Berra	Burra	Terra	Surra
Carro	Corre	Correio	Carrega	Barraca
Corrida	Barriga	Arruma	Derruba	Serrote
Separe as sílabas:				
burro		garrafa		
ferro		corrida		
terra		verruca		

O primeiro exercício relaciona com a palavra-chave, solicitando ao estudante que assinale com um “x” a palavra que completa a frase indicando qual objeto o “Bebê” agarrou. As três atividades posteriores relacionam com um texto sobre o burro Cipó, realizando mais uma malvadeza, porém agora com o menino Zeca, introduzindo um novo personagem. Analisando o texto, e compreendendo a época em que foi produzida a *Cartilha*, é possível supor a caracterização de Cipó como um burro bravo, chato, sem amigos, com a representação do preguiçoso e analfabeto como mostrara Lourenço Filho. Atribuindo o sinônimo de analfabeto ao burro, ensinando ao estudante a moral e os bons costumes sociais.

Retornando a análise das atividades, o terceiro e o quarto exercício são de escrita, para completar as lacunas e escrever o grito de Zeca em um balão pontiagudo e expressivo, respectivamente. Quanto as imagens dos exercícios do texto “O burro Cipó”, ambas apresentam uma vegetação como fundo, havendo árvore e moitas. A primeira imagem mostra Zeca de blusa branca, short azul, meias compridas brancas e sapatos marrons, seu tom de pele é branco, de cabelos ruivos, com expressão fácil de susto, além disso as mãos de Zeca estão segurando fortemente o rabo do burro cinzento com cara de mau. Já a segunda imagem, mostra Zeca deitado no chão chorando.

O último exercício é de separação de sílabas apresentando mais 2 palavras com “RR” e 4 outras palavras já estudadas.






4.5.21. Vigésima Primeira Lição

Como dito na lição anterior, a Vigésima Primeira lição ensina o “R” com som fraco no meio das palavras, como por exemplo com a palavra-chave “**barata**”. A imagem de referência se vincula novamente com a grafia da palavra, posicionando a sílaba “ra” em cima do corpo do inseto.

Percebe-se que a quantidade de frases aumenta gradativamente em cada lição. As orações introdutórias desta lição se relacionam, formando uma pequena narrativa, atribuindo como sujeito “Didi” e a barata. Seguida de 15 palavras-exemplo, ressaltando principalmente a última coluna trazendo palavras trissilábicas com repetição vocálica da letra “U”, como pode-se notar na tabela.

Tabela 90. Lição 21 (Caminho Suave)

VIGÉSIMA PRIMEIRA LIÇÃO			USO DE “R”	
PALAVRA-CHAVE: Barata				
Didi viu a barata.				
Ele atirou o sapato na barata.				
— Xô! Xô! Barata.				
— Xô! Xô! Barata.				
A barata sumiu no buraco.				
PALAVRAS				
Cara	Careta	careca	ferida	feriado
Arara	Arame	arado	garoa	garapa

Urubu	Caruru	cururu	jururu	sururu
Copie completando:				
	atirou o		na	
A		sumiu no		

De acordo com Belintane, essas palavras são originárias do tupi-guarani e a utilização das mesmas para o processo de alfabetização facilita que o aluno compreenda pela oralidade, a junção consoante+vogal, além de possuir uma certa métrica que diverte as crianças (BELINTANE, 2017). Outro fator notório, é a frequência de utilização de palavras com a mesma ordem posicional de letras, trocando apenas uma sílaba, como por exemplo, as palavras “arara”, “arame” e “arado”.

O primeiro exercício é de assinalar a palavra que complementa a frase “Didi viu” das orações introdutórias, enfatizando a palavra-chave. A próxima atividade está descrita na tabela acima, em que a autora mistura imagem com a grafia, formando uma frase, solicitando ao aluno que escreva as frases novamente utilizando apenas a língua escrita. Tais frases também se relacionam com as orações introdutórias.

O terceiro exercício se apresenta de maneira nova ao estudante, interligando quatro sílabas com as junções “ra”, “ri”, “ro” e “ru”, possibilitando a formação de várias palavras em que o “R” esteja no meio ou como última sílaba de palavras, dando a oportunidade do aluno notar a diferença sonora do “R+vogal”, em comparação do “RR+vogal”. Já a última atividade se assemelha com a lição nove, trazendo um exercício de gênero, orientando o estudante a colocar os artigos “o” ou “a” para cada palavra.

4.5.21. Vigésima Segunda Lição

Com o mesmo formato das duas lições anteriores, é apresentado a junção consonantal “SS”, atribuindo o som de “S” e na lição posterior, será relatado a utilização de “S+vogal”, contendo o som de “Z”, comparando-as e consequentemente distinguindo as divergências.

Para iniciar esta lição, Branca Alves de Lima, inicia ensinando a palavra-chave “passarinho”, abaixo da figura do passarinho de penas amarelas, azuis e brancas, pousado em um galho de um pessegueiro. Abaixo há três frases introdutórias relacionando o

passarinho com o fruto pêsego e informa a característica geral das aves, ou seja, possuem a função de bicar os alimentos para comer.

No banco de palavras possui 15 exemplo, sendo que 74% tem correspondência sonora e/ou derivação. Como estrutura das lições de sílaba, dígrafo e encontro consonantais, o primeiro exercício está localizado na primeira página relacionado com as orações introdutórias.

Tabela 91. Lição 22 (Caminho Suave)

VIGÉSIMA SEGUNDA LIÇÃO		USO DE “SS”		
PALAVRA-CHAVE: passarinho				
Veja o passarinho. Ele bicou o pêssego. O pêssego ficou furado.				
PALAVRAS				
Assa	Assado	Massa	Amassa	Tosse
Pássaro	Passa	Passado	Passeio	Pessoa
Isso	Osso	Ossudo	Assina	Assobio
Separe as sílabas, veja o modelo:				
assa	<u>as</u> <u>sa</u>	osso	_____	
tosse	_____	assobio	_____	
pêssego	_____	ossudo	_____	

O próximo exercício solicita que o estudante complete as palavras já estudadas com os dois “SS”. Enquanto que no último exercício, a autora realiza uma atividade de separação silábica similar da Vigésima Lição, como é possível ver na tabela acima.


4.5.23. Vigésima Terceira Lição

Como dito anteriormente, a Vigésima Terceira Lição apresenta o “S” com som de “Z” diante das vogais, “A”, “E”, “O” e “U” utilizando como figura referência a ilustração de uma casa branca simples, de telha de barro com uma árvore próximo a porta central da casa e um jardim ao lado. Abaixo da gravura tem a grafia da palavra casa,

seguida da sílaba “sa” e das orações introdutórias, construindo uma pequena narrativa com rimas simples e colocando como sujeito o “Bebê”.

Lima (1992) apresenta 15 palavras, sendo 6 dissilábicas e 9 trissilábicas, não possuindo correspondência semântica, mas havendo palavras similares, principalmente de ordem posicional como “asa” e “usa”. O primeiro exercício é de completar as lacunas com as informações das orações introdutórias.

Tabela 92. Lição 23 (Caminho Suave)

VIGÉSIMA TERCEIRA LIÇÃO			USO DE “S”	
PALAVRA-CHAVE: Casa				
A casa é nova. É toda amarela. — Você já sabia? Bebê mora nela.				
PALAVRAS				
Casa	Casaco	Casado	Rosa	Roseira
Asa	Usa	Usado	Vaso	Mesa
Risada	Camisa	Gasosa	Gulosa	Raposa
Escreva uma oração com:				
				

Assim como na lição quinze, a segunda atividade solicita ao estudante que estude para as palavras para um futuro ditado, o qual, será mediado pela figura do docente. Neste exercício exige que o estudante realize leitura de imagem e copie a grafia corretamente das 9 palavras: mesa, rosa, roseira, camisa, vaso, asa, besouro, risada e tesoura. Todas as palavras possuem pequenas ilustrações acima, como: a mesa é ilustrada três vezes, em três exercícios diferentes, sendo que em todos possui a mesma modelagem, pintada na cor verde musgo; a rosa é representada com pétalas cor-de-rosa e caule verde; a roseira possui as mesmas cores com 5 rosas em seu ramo; a camisa é amarelada com uma listra cor-de-rosa; o vaso é de barro com flores azuis; a asa se assemelha de uma gaivota, grande e branca com pontas pretas ao final; o besouro é vermelho com pintas amarelas; a risada é caracterizada pela figura de um homem branco, de cabelos castanho, gargalhando e por fim a tesoura de ferro, sem adereços, mostrada em dois exercícios desta lição.

As demais atividades também se apoiam em imagens, uma para reescrever a frase utilizando apenas a língua portuguesa na modalidade escrita, antes misturada em imagens e grafemas e outra atividade colocando como referência a figura de uma mesa e uma casa e solicitando que o estudante forme frases com estes elementos.

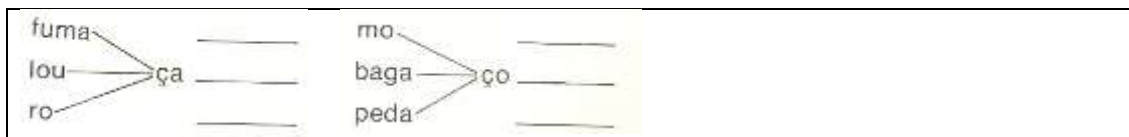
4.5.24. Vigésima Quarta Lição

Dando continuidade a sequência fonética apresentada na Vigésima Segunda Lição, é ensinado o uso do “Ç”, diante das vogais “A”, “O” e “U”, obtendo o som de “S”. Para isto, é ilustrado do lado superior esquerdo da página uma mulher branca de cabelos e olhos castanhos, usando uma fita de cetim azul com laço nos cabelos ondulados, brincos de pérola rosa, colar dourado com pingente de coração, usa um vestido verde e maquiagem suave nos olhos e boca. Ao lado superior direito tem a grafia da palavra “moça”, seguida da sílaba “ça” e de duas orações introdutórias relacionando com a utilização da fita no cabelo da moça.

A professora deve ensinar 15 palavras com “Ç”, sendo 87% dos exemplos utilizando a sílaba “ça” ou “ço” como última sílaba, dentre elas 7 dissilábicas e 6 trissilábicas. De todas as palavras, são apresentados apenas 2 exemplos usando a sílaba “çu” no meio das palavras. Após a apresentação dos exemplos, o aluno deve aprender o traçado das sílabas “ça”, “ço” e “çu” na letra de imprensa minúscula e na letra cursiva também minúscula, visto a inexistência de palavras iniciadas com “Ç” na língua portuguesa.

Tabela 93. Lição 24 (Caminho Suave)

VIGÉSIMA QUARTA LIÇÃO			USO DE “Ç”	
PALAVRA-CHAVE: Moça				
A moça amarrou uma fita na cabeça.				
O laço ficou bonito.				
PALAVRAS				
Moço	Roça	Caça	Coça	Fumaça
Poço	Laço	Louça	Caroço	Carroça
Bagajo	Pedajo	Beijudo	Cabeça	Caçula
Forme palavras:				



O primeiro exercício no final da primeira página é para completar as frases com base nas orações introdutórias. A próxima atividade apresenta um texto com lacunas, a fim de completar com a letra “Ç” e abaixo solicita que o estudante reescreva-o.

Assim como na lição anterior são ensinadas 6 imagens seguidas de suas grafias, solicitando que o estudante copie as palavras e estude, ou seja, memorizando-as para um futuro ditado que o docente fará. Percebe-se a compreensão da autora quanto a um novo estágio de alfabetização do estudante, propondo desafios que ultrapassem os estudos da *Cartilha*, além dos exercícios aumentarem gradativamente a dificuldade, propondo atividades de escrita e leitura mutuamente.

Este exercício, portanto, apresenta a figura de um laço azul; a cabeça de um menino branco, de cabelos repartidos de lado, cuja gravura está sorrindo e olhando de canto para o leitor; ao lado há uma carroça de madeira; uma caçarola verde de alumínio, similar a uma panela sem tampa; um caroço frutífero e a representação de um poço feito de tijolos de barro.

A última atividade, demonstrada na tabela solicita que o estudante forme palavras com as sílabas propostas e descubra por meio da leitura, quais palavras formam. Ao todo o aluno conseguirá formar 6 palavras, todos presentes nas colunas de exemplos já ensinadas, considerando um reforço, auxiliando na memorização por meio da repetição.

4.5.25. Vigésima Quinta Lição

A Vigésima Quinta Lição ensina o dígrafo “CH” por meio da palavra-chave “**chapéu**”, enfatizando a sílaba “cha” escrita na aba da figura de um chapéu, localizada no canto superior esquerdo da página. Sendo assim, a sílaba se encontra vinculada a imagem.

Como de costume, a autora inicia a lição com a leitura das orações introdutórias que neste caso formam uma pequena narrativa, contando da educação do Senhor Chico ao retirar seu chapéu a adentrar o recinto, cuja prática era frequente na sociedade brasileira desde a década de 1920.

Outra característica padronizada da *Cartilha* é o ensino de 15 palavras, sendo 2 exemplos iniciados com a sílaba “cha”; 2 com “che”; 2 com “chi” e 4 com “chu”, há

também 4 palavras em que a sílaba “cha” ocupa a segunda posição e 1 exemplo com “cho”, ensinado no meio da palavra. Diferentemente das lições anteriores, a autora acho relevante começar as atividades pela caligrafia, ensinando o traçado em letra cursiva do dígrafo “CH” ao encontro das vogais.

Tabela 94. Lição 25 (Caminho Suave)

VIGÉSIMA QUINTA LIÇÃO			DÍGRAFO CH	
PALAVRA-CHAVE: Chapéu				
O chapéu é de Seu Chico. Ele chegou e tirou o chapéu. Seu Chico é educado.				
PALAVRAS				
Chapéu	Chave	Chefe	Chega	Chinelo
Achado	Machado	Fechado	Rachado	Cachorro
Chicote	Chuva	Chuveiro	Chuchu	Chupeta
Marque certo:				
O chapéu é de		Seu Chico tirou		
<input type="checkbox"/> Seu Nico		<input type="checkbox"/> o chinelo		
<input type="checkbox"/> Seu Chico		<input type="checkbox"/> a chuteira		
<input type="checkbox"/> Seu Zico		<input type="checkbox"/> o chapéu		

Todavia, Branca Alves de Lima, decide trabalhar as orações introdutórias no próximo exercício, avaliando a interpretação do aluno por meio de questões objetivas assinalando-as com um “x”. Compreendendo a importância da separação sílabas são apresentadas 6 palavras ao lado de traços correspondentes, auxiliando o aluno entender a mecânica articulatória e consequentemente separando corretamente as sílabas.

O último exercício exige que o estudante realize leitura imagética com a leitura grafêmica de um pequeno texto, tendo que substituir as gravuras pela língua portuguesa na modalidade escrita. Este exercício auxilia o estudante no processo de leitura e escrita, realizando uma dinâmica entre oralidade-escrita, por meio das imagens, as quais são fundamentais no processo da memória, realizando uma gradação da escrita já realizada pelas próprias crianças, indo dos desenhos para garatujas e por fim chegando ao código alfabético. As imagens trazem um atrativo fascinante ao universo infantil, colocando a aquisição da leitura e escrita em um patamar mais lúdico e compreensivo, minimizando a tensão gerada no processo evolutivo do conhecimento (BELINTANE, 2013; 2017).

4.5.26. Vigésima Sexta Lição

Dando continuidade aos dígrafos presentes na língua portuguesa, nesta lição é apresentado o dígrafo “NH”, utilizando como referência a figura e a grafia de uma galinha, vinculando a sílaba “nha”, ocupando o ninho de palha até as penas da ave. A galinha ilustrada é similar da espécie *Legorne*, pois possui plumagem branca com pontas pretas, crista vermelha e bico alaranjado, está chocando seus ovos em um ninho de palha, observando alegremente uma minhoca, cuja expressão é de desespero. Todas essas informações podem ser perceptíveis na imagem, corroborando-as com as orações introdutórias relatando o som que a ave realiza, suas características e ressalta o pertencimento a “Didi” como sua dona.

A quantidade de palavras ensinadas na Lição Vigésima Sexta aumenta para 18 exemplos, aprendendo 6 palavra com a sílaba “nha”; 5 com a sílaba “nho”, sendo duas palavras no diminutivo (gatinho e bichinho); uma palavra com a sílaba “nhu” ao meio da palavra, diferenciando das demais que possuem o dígrafo “NH” como última sílaba e 6 palavras possuindo o encontro do dígrafo estudando e o ditongo “ei”, apresentando-as na segunda coluna de exemplos.

Assim como na lição anterior, a autora acredita essencial o ensino do traçado do dígrafo “NH” diante das vogais, escrevendo-os apenas uma vez.

Tabela 95. Lição 26 (Caminho Suave)

VIGÉSIMA SEXTA LIÇÃO			DÍGRAFO NH	
PALAVRA-CHAVE: Galinha				
Didi ganhou uma galinha. Ela bota ovo no ninho. — Có-có-ró-có! Có-có-ró-có! A galinha viu uma minhoca.				
PALAVRAS				
Lenha	Linha	Minha	Galinha	Tenho
Ninho	Ganhei	Apanhei	Banheiro	Dinheiro
Lenheiro	Galinheiro	Aranha	Arranha	Caminho
Gatinho	Bichinho	Nenhuma		
Leia depressa: “O gato arranha o jarro, o jarro arranha a aranha”				

O primeiro exercício dessa lição é de organização sintática reescrevendo as frases na ordem correta. Seguindo de um trava-língua, o qual, a autora, enuncia e orienta a leitura rápida, dinamizando o ensino. Conforme estudos de Belintane (2017) as brincadeiras de trava-língua auxiliam na fase de consolidação da leitura, obtendo o domínio das sílabas complexas, no caso transcrito utilizando as sílabas “nha” e “rra” (ver na tabela). Outro ponto a ser abordado é a função do professor neste exercício, cujo papel é considerado por Branca Alves de Lima como essencial, pois deve motivar o estudante a desenvolver sua energia intelectual, trazendo um ensino vivo, “(...) lançando mão de artifícios engenhosos e atraentes, que despertem o gosto pela leitura” (LIMA, 1954, p.3 *apud* MORTATTI, 2000, p.208), auxiliando na luta contra as dificuldades enfrentadas. Assim, o jogo de trava-línguas pode aproximar o estudante ao professor, com a finalidade obter a aquisição deste conhecimento, como ressalta Belintane (2017):

No caso, os enroscos e trapalhadas nos truques e traquejos dos trava-línguas podem permitir uma melhor proximidade entre o professor e turma. Juntamente com as crianças que apresentam dificuldade, o professor pode criar um ambiente de solidariedade (algo como: “vamos aprender juntos”, “vou tentar de novo, me ajudem!”). Os risos farão parte da aula como fazem parte do próprio gênero. (BELINTANE, 2017, p.101)

Os demais exercícios utilizam de substantivos derivados com a presença do diminutivo, usando as sílabas “nha” e “nho”. Para a penúltima atividade apoia-se em recursos visuais, ilustrando as palavras seguidas das grafias, ao lado dos mesmos desenhos, todavia em escalas menores com espaços a frente, destinados a escrita dos substantivos no diminutivo. O último exercício, solicita que o estudante formule uma frase com a palavra “gatinho”.

4.5.27. Vigésima Sétima Lição

Nesta lição, a autora apresenta o dígrafo “LH” por meio da palavra-chave “**telha**” ao lado da figura de uma telha de barro cozido. As orações introdutórias trazem três afirmações do objeto em estudo, mas não constituem em uma narrativa. Quanto as colunas de palavras são apresentadas 15 exemplos, contendo na primeira coluna 5 palavras com “lha”; 3 com a sílaba “lhe”; 3 com “lhi”; 6 com “lho” e apenas 1 exemplo com a sílaba “lhu”.

Assim como na lição 24, a autora apresenta apenas o traçado em letra de imprensa minúscula e na modalidade cursiva também minúscula, visto a inexistência de

palavras iniciadas pelo dígrafo “LH”. Por decorrência deste fato, o primeiro exercício é de interpretação textual, relacionando com as orações introdutórias.

Tabela 96. Lição 27 (Caminho Suave)

VIGÉSIMA SÉTIMA LIÇÃO			DÍGRAFO LH	
PALAVRA-CHAVE: Telha				
Olhe essa telha.				
Ela é feita de barro cozido.				
O velho colocou a telha no telhado.				
PALAVRAS				
Telha	Velha	Palha	Palhaço	Folha
Alho	Galho	Milho	Colhe	Recolhe
Bilhete	Velhinho	Filhinho	Coelhinho	Orelhudo
Leia:				
Olhe a casa do coelhinho!				
É forrada de palha macia.				
Ele comeu repolho e cenoura.				
O coelho é orelhudo.				

Retomando os conceitos das lições em sequência alfabética, a autora traz novamente o exercício de escrita para treino de caligrafia em letra cursiva da família do dígrafo “LH” com a imagem referência vinculada ao exemplo. A segunda atividade é de leitura de quatro orações, atribuindo características ao mamífero coelho e seu habitat, ao lado da representação iconográfica do coelho sentado em uma junta de palha, coberto por um telhado de telha de barro cozido, formando uma casinha de madeira.

O próximo exercício relaciona com as afirmações apresentadas nas orações anteriores, questionando quais alimentos o Coelho comeu, sendo uma pergunta de múltipla escolha. Para finalizar, a autora orienta que o estudante forme uma frase com a expressão “coelho orelhudo”.

4.5.28. Vigésima Oitava Lição

A Vigésima Oitava Lição trabalha a sílaba “qua”, estruturando-a em uma única página, iniciada pela palavra-chave “**quatro**”, destacando o dígrafo “QU” no encontro com a vogal “A”. Como figura referência, a autora, desenha o número quatro em escalas grandes em comparação com as imagens anteriores, localizado ao lado da grafia com preenchimento e contornos azuis.

As orações introdutórias são apresentadas como uma estrofe poética com quatro frases afirmativas, as quais, identificando a sílaba “qua” na palavra “aquário”, objeto posicionado nas mãos do “Bebê” que observa os quatro peixinhos. Tal situação é ilustrada no canto direito inferior da página, demonstrando o “Bebê” com as mãos abertas e estendidas a pegar um aquário a sua frente, com quatro peixes idênticos amarelos. O bebê está vestido com macacão azul e babador amarelo, mesma tabela de cores utilizadas na representação iconográfica dos peixes em relação a água do aquário.

Abaixo, o banco de palavras possui 6 exemplos, sendo 2 pares de derivações e 2 palavras iniciadas pela sílaba “qua”. Dentre estes últimos exemplos, nota-se algumas palavras que se afastam do universo infantil, como por exemplo, “qualidade”, palavra que contém um complexo significado e mais comumente utilizada em cooperações por adultos. Outro fator, é não haver nenhuma palavra-exemplo com a sílaba “quo”, apesar de ensinar ao estudante seu traçado, como verifica-se na tabela.

Tabela 97. Lição 28 (Caminho Suave)

VIGÉSIMA OITAVA LIÇÃO				DÍGRAFO QU + vogal A							
PALAVRA-CHAVE: quatro - qua											
Veja o número quatro.											
Quatro começa com qua .											
No aquário há quatro peixinhos.											
Bebê olha os peixinhos.											
PALAVRAS											
Taquara		Taquarinha		Qualidade		Aquário		Aquarela			
Quase											
qua		quo		Qua		Quo		Qua		Quo	

Diferentemente das lições anteriores, a autora apresenta apenas as sílabas “qua” e “quo” nas quatro modalidades de escrita, reservando os encontros do dígrafo “QU” com

as vogais “E” e “I” na próxima lição, aprofundando e especificando por decorrência sonora. Outra modificação é a inexistência da lista de exercícios em ambas as lições, pois possuem apenas uma página. Todavia, Branca Alves de Lima propõe um único pequeno exercício de escrita, utilizando como referência as informações contidas nas orações introdutórias.

4.5.29. Vigésima Nona Lição

Similar a estrutura da lição anterior, a Vigésima Nona aborda as sílabas “que” e “qui”, iniciando-a com a palavra-chave “**queijo**” ao lado da figura representante de um queijo cortado acima de uma faca prata de alumínio, lembrando o traçado da letra “Q”.

Dando continuidade as orações anteriores, usa como sujeito a figura do Bebê, apresentando características do alimento, sua origem e unidade de medida, isto é, ensina a criança a palavra “quilo”, cabendo ao mestre explicar ao aluno de forma detalhada e dinâmica ou sucinta, não aprofundando neste quesito.

Nesta lição são ensinadas três colunas com quatro palavras cada uma, em que a primeira coluna apenas demonstra palavras com a sílaba “que”, havendo mais 3 palavras nas demais; na segunda e terceira coluna há ao todo 5 exemplos com a sílaba “qui”, sendo 2 palavras utilizadas no diminutivo.

Interessante ressaltar que próximo ao exercício das sílabas nas quatro modalidades de escrita (letra de imprensa maiúscula e minúscula e na letra cursiva maiúscula e minúscula), é ilustrado um peso de ouro com a representação da unidade de medida quilograma (kg) com o grafema ao lado da gravura.

Tabela 98. Lição 29 (Caminho Suave)

VIGÉSIMA NONA LIÇÃO			DÍGRAFO QU + vogal E	
PALAVRA-CHAVE: queijo - que				
O pai de bebê ganhou um queijo.				
O queijo pesa um quilo.				
O queijo é feito de leite.				
PALAVRAS				
Queijo	Queima	Queixa	Queixo	Quero
Aqui	Aquilo	Caqui	Leque	Moleque
Boquinha	Faquinha			

Que	qui	Que	Qui	Que	qui	Que	Qui
Passe para o diminutivo: Boca Moleque Taquara Faca							

Por conta da quantidade de palavras na língua portuguesa utilizando o dígrafo “QU”, a autora ensina esta lição em apenas uma página, não possuindo listas de exercícios, como dito anteriormente, porém a um único exercício de grau de substantivos, devendo o estudante passar as palavras para o diminutivo, apoiando-as em imagens maiores ao lado da grafia no canto inferior esquerdo, à frente das mesmas imagens em escalas menores ao lado de espaços reservados a escrita. Tal exercício é similar ao apresentado na lição do dígrafo “NH”.

4.5.30. Trigésima Lição

A Trigésima lição abre uma nova sequência de quatro etapas, trabalhando palavras iniciadas por vogais ao encontro de consoantes, ou seja, nesta lição será trabalhado as vogais em conjunto da letra “S”, formando as sílabas “as”, “es”, “is”, “os” e “us”.

Para isto, a autora traz a figura do burro Cipó caminhando com um milho na boca, ao lado da palavra escrita “asno”, ficando a cargo do professor explicar o sinônimo de tal termo específico. De acordo com o dicionário Michaelis, “asno” é uma subespécie da família dos *Equidae*, ou seja, raça de um jumento domesticado.

Apesar de ressaltar a sílaba “as” na palavra-chave, há apenas mais um exemplo nas colunas de palavras, contudo, observa que das 12 palavras ensinadas, 4 são iniciam com a sílaba “es”, 3 com “is”, 2 com “os” e apenas um exemplo com “us”. Este último exemplo, vincula com os conhecimentos do final da década de 1940, principalmente com o desenvolvimento industrial do Brasil, com as fábricas de automóveis alemães da Volkswagen com a marca de carro “Fusca”, tendo relações com as influências da Segunda Guerra Mundial. Ademais, por decorrência destes fatos, o número de alfabetizados precisava crescer, para conseguir mão-de-obra, ou seja, vincula a Educação ao Trabalho,

princípio considerado como idealismo republicano e assim expandindo os materiais escolares como as cartilhas para este fim.

Retomando, a análise da trigésima lição é apresentado ao estudante o traçado das quatro modalidades de escrita, seguido de um exercício de interpretação textual, utilizando como referência as orações introdutórias, comumente informando ao leitor de característica derivadas da palavra-chave em estudo, como pode-se verificar na tabela abaixo.

Tabela 99. Lição 30 (Caminho Suave)

TRIGÉSIMA LIÇÃO		VOGAIS + S (DO SINGULAR PARA PLURAL)		
PALAVRA-CHAVE: Asno – as				
O asno está no pasto.				
Fábio jogou-lhe uma espiga de milho.				
Olha como ele abana o rabo!				
É para afastar as moscas				
PALAVRAS				
Asno	Escola	Isca	Isqueiro	Festa
Fusca	Gosta	Pesca	Cascas	Moscas
Discos	Cestos			
as	Es	is	os	us
As	Es	Is	Os	Us
as	Es	is	os	us
As	Es	Is	Os	Us
Complete:				
A espiga	as.....			
O vestido	os.....			
A mosca	as.....			
A cesta	as.....			
O disco	os.....			

Na segunda página desta lição, a autora solicita que o estudante leia uma pequena narrativa, intitulada “O vestido de Didi”, relatando a procedência do vestido e informando que a menina irá usá-lo para ir à festa da escola. O exercício posterior relaciona com a história, exigindo a interpretação textual do estudante.

A última atividade trabalha gênero por meio dos artigos “A” e “O” e a passagem dos substantivos do singular para o plural. Tal exercício se assemelha com da lição Vigésima Sexta e Vigésima Nona, apoiando em recursos visuais, a fim de facilitar a compreensão do estudante. Neste caso, utiliza como exemplo a gravura de uma mosca ao lado da grafia da mesma, seguida de duas moscas menores próximas ao artigo em plural “as” e um espaço reservado a escrita.

4.5.31. Trigésima Primeira Lição

Seguindo a sequência das lições utilizando as vogais diante de consoantes, nesta lição o estudante aprenderá a junção das vogais com a letra “R”, com ênfase nas questões sonoras. Dessa maneira, a autora apresenta a palavra-chave “**árvore**” ao lado da gravura do vegetal com folhas verdes e sem frutos.

Assim como na lição 17, as orações introdutórias abordam a zona rural mencionada com a palavra “sítio”, possibilitando ao leitor a interpretação de que este espaço era visitado, ao invés de habitado cotidianamente como moradia, pois na segunda frase relata que a menina “Didi” passeia entre as vegetações.

Nas colunas de palavras são ensinados 15 exemplos, em que a primeira coluna só possui palavras monossilábicas; a segunda palavras com exemplos de uma sílaba vogal+R, repetindo a palavra-chave “**árvore**” e na última coluna as 5 palavras são formadas por duas sequências de sílabas pela estrutura estudada, como verifica-se na tabela abaixo.

Tabela 100. Lição 31 (Caminho Suave)

TRIGÉSIMA PRIMEIRA LIÇÃO			VOGAIS + R	
PALAVRA-CHAVE: Árvore – ar				
No sitio há belas árvores.				
Didi vai passear debaixo das arvores.				
Ela gosta de ver os passarinhos nos ramos.				
PALAVRAS				
Mar	Par	Lar	Dor	Quer
Árvore	Armário	Ervilha	Berço	Quarto
Cortar	Dormir	Partir	Arder	Marchar

ar	Er	ir	or	ur
Ar	Er	Ir	Or	Ur
ar	Er	ir	or	ur
Ar	Er	Ir	Or	Ur
Copie completando:				
Fala	Cala	Para	Come	Sabe
Falar				

Como nota-se, a autora também ensina o traçado das letras vogal+R com as famílias, seguindo para o exercício embasado nas orações introdutórias de interpretação textual. Esta lição exige nos três próximos exercícios que o aluno preste muita atenção nos pequenos textos das lições, a fim de conseguir responder as perguntas.

Neste âmbito, a atividade posterior intitulada “No parque”, aborda um diálogo entre Carlito e Artur (novos personagens inseridos por Branca Alves de Lima) sobre o sorveteiro e seu produto de venda. O acontecimento é ilustrado ao lado do texto, mostrando dois meninos brancos, vestidos com calça, camisa e tênis, apontando para um sorveteiro de uniforme branco com seu carrinho, além de evidenciar o calor do dia quente com a figura de um sol estridente como segundo plano da imagem.

O penúltimo exercício é de decodificação, identificação sonora e gráfica, escrevendo a sílaba correspondente, formando palavras novas pela estrutura posicional consoante+vogal+R. Em análise, fica evidente a graduação de dificuldade que as atividades ao longo da *Cartilha* vão se elevando, algo apontado pela autora como essencial para o processo de aquisição de leitura e escrita, cujo material utiliza tanto o método analítico como o método sintético, o qual se apropria da progressão de maturidade, ou seja, parte do mais fácil para o mais difícil, considerando os aspectos fonéticos, grafêmicos e estruturais da língua portuguesa (MORTATTI, 2000).

O último exercício transforma os verbos do presente do indicativo que estão conjugados na terceira pessoa do singular para o infinitivo, cabendo ao professor ensinar as conjugações verbais mais adiante.

4.5.32. Trigesima Segunda Lição

A terceira lição dessa sequência, trabalha as vogais diante da consoante “N”, representando os fonemas nasalados, como na palavra-chave “**anjo**” ao lado da imagem

referência, ilustrando a figura celestial sentada em uma nuvem, com as mãos unidas e olhos fechados, rememorando ao leitor a prática de rezar, todavia o pequeno anjo não possui aréola, mas tem asas da mesma textura e cores da nuvem. Ademais, ao redor da gravura há pequenas estrelas coloridas, aproximando dos desenhos infantis.

A narrativa construída com as orações introdutórias, explicam a inexistência da aréola do pequeno anjo, visto que é uma representação do “Bebê” feito pela tia. É necessário salientar a importância dos membros familiares, estando presentes nas frases e exercícios da *Cartilha*, atribuindo a família tradicional os valores morais e dos bons costumes. De acordo com Miriã Vieira (2014) através das imagens da série *Caminho Suave*, é perceptível a representação social do mundo público masculino e do mundo doméstico feminino, como visto com a figura de Zazá na lição de número 16. Assim, tais representações iconográficas são uma tradução da realidade, indo além de uma simples cópia e/ou reflexo de fotografias (VIEIRA, 2014).

Quanto às palavras ensinadas nas colunas, há um total de 15 exemplos, sendo 6 palavras com a sílaba “an”; 4 com “en”; 3 com “in” e 2 com “on”. Nesta lição, a autora utiliza os verbos no gerúndio, isto é, palavras terminadas em “ando”, “endo” e “indo”. Após as colunas de exemplos, são apresentadas as vogais ao encontro da letra “N” nas quatro modalidades de escrita.

Para enfatizar as informações contidas nas orações introdutórias, a autora questiona a identificação do anjo, ou seja, pergunta ao estudante com quem o anjo se assemelha.

Tabela 101. Lição 32 (Caminho Suave)

TRIGÉSIMA SEGUNDA LIÇÃO			VOGAIS + N (fonema nasal)	
PALAVRA-CHAVE: Anjo – na				
Titia pintou um anjo Parecido com o bebê. E sorrindo disse a ele: — Este anjinho é você.				
PALAVRAS				
Anjo	Angu	Enxada	Inveja	Onça
Lenço	Longe	Cinto	Quando	Quente
Andando	Escutando	Abanando	Latindo	Contente
an	Em	in	on	un
An	Em	In	On	Un
an	Em	in	on	un

An	Em	In	On	Un
Copie completando com n :				
Ba....da		Mon....te		
De....te		ci.....to		
Ja.....ta		po.....te		
Ge....te		pi.....go		

Na página destinada aos exercícios é iniciada com um pequeno texto, intitulado “O susto”, contando a história de Fábio e sua aventura no mato, juntamente com o cachorro Totó. Ao lado há uma imagem ilustrando a narrativa, evidenciando Fábio, em primeiro plano, escondido atrás de uma árvore com um semblante de aliviou e com os braços levantados ao avistar o cachorro Totó, o qual está correndo em sua direção, aparentando estar alegre. Fábio veste bermuda vermelha, camisa amarela e sapatos fechados brancos. O primeiro exercício são três perguntas de interpretação textual, além de solicitar ao leitor que crie hipóteses dos acontecimentos.

A segunda e última atividade desta lição, solicita ao estudante que complete com a consoante “N” as lacunas, formando assim palavras novas. Neste exercício são ensinadas mais 8 palavras, todas dissilábicas.

4.5.33. Trigésima Terceira Lição

Nesta lição há continuidade na sequência, ensinando o encontro das vogais com a letra “M”, as quais, também produzindo um som anasalado, identificando a diferença com base na regra gramatical: “antes de p e b se usa M”. Contudo este conceito fica a cargo do professor enfatizar, podendo estimular a observação e levantamento de hipóteses do estudante, antes de explicar a regra.

Dessa maneira a Trigésima Terceira Lição inicia com gravura de uma “**ambulância**”, representada pelas cores brancas e o símbolo Cruz vermelha. Dentro do automóvel há um homem branco de cabelos castanhos, vestido com uma camiseta branca, ao lado de uma mulher também de pele branca, usando um *cape* de enfermeira com a mesma cruz colada na ambulância. Abaixo da imagem, há a grafia da figura e as orações introdutórias, as quais, formam um a pequena narrativa pela sucessão dos fatos.

No banco de palavras há 15 exemplos, sendo 3 utilizando a sílaba “am”; 4 com “em”; 3 com “im”; 3 com “om”; 1 com “um” e 1 exemplo que possui a sílaba “am” e

“em”, isto é, a palavra “também”. Como elemento estrutural da lição é apresentado o encontro das vogais com a consoante “M” nas quatro modalidades, abaixo do primeiro exercício vinculado com as orações introdutórias.

Tabela 102. Lição 33 (Caminho Suave)

TRIGÉSIMA TERCEIRA LIÇÃO		VOGAIS + M (fonema nasal)		
PALAVRA-CHAVE: A mbulância – am				
A ambulância chegou. Que terá acontecido? O pai de Joaquim está doente. Ele é vizinho de Fábio.				
PALAVRAS				
Ambulância	Empada	Cem (100)	Tem	Quem
Bomba	Bumbo	Tampa	Tombo	Campo
Capim	Jardim	Amendoim	Também	Bombom
am	Em	im	om	um
Am	Em	Im	Om	Um
am	Em	im	om	um
Am	Em	Im	Om	Um
Copie completando com n :				
po....ba	ta....pa	jardi...		
to....bo	te.....po	bo....bo....		
ca.....po	onte....	ta.....bé.....		
ba....bu	capi...	po.....po....		

Em relação a página destinada aos exercícios, é notório a nova estrutura que a autora vem adquirindo, iniciando-os pela pequena narrativa, seguida das perguntas de interpretação de texto e finalizando a lição com um último exercício. Neste caso, o texto abordado se intitula “O tombo”, cuja história relata sobre a atitude de “Joaquim” – um novo personagem – em sua missão de espionar a casa do vizinho, demonstrando a imoralidade desta ação por meio de sua consequência, o tombo. Abaixo há quatro perguntas direcionadas ao relato lido anteriormente.

O último exercício é similar à da lição anterior, apresentando 12 palavras, dentre elas metade são exemplos novos ensinados ao estudante. O objetivo desse exercício é que

o aluno entenda a regra anteriormente aprendida completando as lacunas com a letra “M”, identificando por meio da leitura a formação das palavras.

4.5.34. Trigésima Quarta Lição

A última lição desta sequência envolve o encontro das vogais com a letra “L” – al, el, il, ol, ul – ensinando como palavra-chave o objeto “**alfinete**” ao lado da figura referência em escalas grandes. Abaixo, a autora inicia o ensino com as orações introdutórias, contudo nesta lição não possuem elementos narrativos, sendo frases independentes.

Nesta última sequência possibilita ao professor que ensine a diferença sonora e gramatical de palavras que se escrevem com “U” e com “L”, como por exemplo, as palavras “mau” e “mal”. Esta suposição pode ser corroborada, pois a primeira palavra apresenta nas colunas de exemplos é a palavra “mal”, seguida de mais 17 outros exemplos, havendo 9 palavras com o encontro “al”; 3 com “el”; 2 com “il”; 2 com “ol” e 2 com “ul”. A autora apresenta o encontro das vogais com letra “L” nas quatro modalidades de escrita e o primeiro exercício embasado nas orações introdutórias.

Tabela 103. Lição 34 (Caminho Suave)

TRIGÉSIMA QUARTA LIÇÃO			VOGAIS + L	
PALAVRA-CHAVE: Alfinete – al				
Aqui está um alfinete.				
É um alfinete de gancho.				
O alfinete é muito útil.				
PALAVRAS				
Mal	Mel	Mil	Sal	Último
Almoço	Balde	Calça	Falta	Salgado
Soldado	Jornal	Anel	Quintal	Carretel
Funil	Azul			
al	El	il	ol	ul
Al	El	Il	Ol	Ul
al	El	il	ol	ul
Al	El	Il	Ol	Ul

Leia: O jogo

— Vamos jogar bola no quintal?

A bola é azul da cor do céu. Como pula alto!

— Gol! Gol!

Os meninos saltam contentes, chutando de cá para lá.

Assim como já dito anteriormente, a sequência estrutural da página de exercícios se mantém, iniciada com uma pequena narrativa, denominada “O jogo”, contando fatos sobre um jogo de futebol, não possuindo relação entre os parágrafos. Ao lado há uma iconografia de um pequeno campo, com 4 meninos, sendo 3 brancos e um negro todos vestidos com uniformes e um dos meninos chuta a bola azul para cima. Nota-se que dois estão vestidos de azul e dois de vermelho, formando times de futebol. Abaixo há duas atividades de interpretação textual e finaliza a lição, solicitando ao estudante que forme uma frase com a expressão “bola azul”.

4.5.35. Trigésima Quinta Lição

A Trigésima Quinta Lição apresenta a consoante “H”, possuindo como figura referência um homem branco andando, de bigodes e cabelos castanhos penteados para o lado direito, vestido de terno azul turquesa com gravata listrada branca e verde escuro, segurando uma mala marrom na mão esquerda. Ao lado da grafia da palavra “homem”. Nota-se que é a primeira vez que a autora utiliza uma palavra-chave que não possui a vogal “A”, visto a inexistência de palavra com a sílaba “ha” que sejam concretas e passíveis de ilustração.

Nas orações introdutórias são ensinadas 4 frases relacionadas por uma sequência de fatos vividos pelo senhor Henrique – um novo personagem. Seguida de três colunas com 15 palavras-exemplos, sendo duas nomes próprios. Abaixo, a autora apresenta a família da consoante “H” nas quatro modalidades de escrita e por fim um único exercício para completar as palavras com as sílabas constituídas pela letra “H”, como é possível ver na tabela abaixo.

Verifica-se que por decorrência da pouca quantidade de palavras na língua portuguesa, há apenas uma única página ensinando esta consoante, assim como nas lições vigésima oitava e vigésima nona.

Tabela 104. Lição 35 (Caminho Suave)

TRIGÉSIMA QUINTA LIÇÃO			FAMÍLIA DO H	
PALAVRA-CHAVE: homem – ho				
Sabem quem é este homem?				
É o senhor Henrique.				
Hoje ele saiu do hospital.				
Já está curado.				
PALAVRAS				
Homem	Hoje	Hora	Hospital	Hotel
Há	Havia	Horta	Hortelã	Herói
Hino	História	Hélice	Henrique	Hugo
ha	He	hi	ho	hu
Ha	He	Hi	Ho	Hu
ha	He	hi	ho	hu
Ha	He	Hi	Ho	Hu
Olhe na lição e complete as palavras:				
.....telpitaltelãje	
.....memratalice	

4.5.36. Trigesima Sexta Lição

Nesta lição, a autora ensina palavras com a vogal “A” com o sinal gráfico de nasalidade, til. Para isto é apresentado a figura referência de um novelo de lã ao lado de dois novelos idênticos, possibilitando ao professor que ensine mutuamente palavras com “A” nasalada no singular e no plural. Abaixo o autor apresenta em duas colunas 6 palavras no singular e as mesmas no plural e entre elas a palavra “amanhã”. Cabe ressaltar a diferença estrutural desta lição, devido a especificidade tratada na língua portuguesa.

Tabela 105. Lição 36 (Caminho Suave)

TRIGÉSIMA SEXTA LIÇÃO	VOGAL “A” NASALADA (Ã)
PALAVRA-CHAVE: Lã – Lãs	

PALAVRAS				
Rã	Maçã	Romã	Avelã	Irmã
Rãs	Maças	Romãs	Avelãs	Irmãs
Manhãs	Amanhã			
Ligue o certo: O novelo é de lã. A rã está pulando. Eu vejo a maçã.				
				

Por não haver vogais nasalizadas pelo sinal gráfico til - e, i, u – não são ensinadas as quatro modalidades de escrita. Em relação a vogal “O” nasalada pelo til, será esmiuçada na próxima lição. Assim, Branca Alves de Lima orienta a continuação do estudo por meio de dois exercícios, um de escrita para formação de frases com palavras já vistas e outro de leitura e identificação com a imagem, como descrito na tabela acima.

4.5.37. Trigésima Sétima Lição

Como dito anteriormente, nesta lição será ensinado as vogais nasalizadas pelo sinal gráfico til, juntamente com o encontro de vogais no singular e no plural. Isto é, o estudante aprenderá palavras terminadas em “ão” e saberá passar estas para o plural terminados em “ões”.

Para isso, a referida autora orienta iniciar a lição com a leitura de imagens de um avião laranja, abaixo de sua grafia e dois aviões de cores diferentes, demonstrando a ortografia correta no plural. Seguida das orações introdutórias, formando uma narrativa apresentando como referência um menino chamado “João” que brinca com Fábio de jogar aviões de papel.

Diferentemente das lições anteriores é demonstrando um quadro com 10 palavras no singular e as 10 palavras no plural, separando-as por hifens. Abaixo está o primeiro exercício, colocando como sujeito João, embasado nas orações introdutórias.

Tabela 106. Lição 37 (Caminho Suave)

TRIGÉSIMA SÉTIMA LIÇÃO	SINGULAR ▢ PLURAL
	ÃO ▢ ÕES (QUANTIFICAÇÃO)
PALAVRA-CHAVE: avião – aviões	

Fábio jogou seu avião para João.									
O menino falou:									
— Avião, aviãozinho!									
Cai aqui na minha mão!									
PALAVRAS									
Limão	Limões	Botão	Botões	Portã o	Portõe s	Pião	Piões		
Leão	Leões	Canecão	Canecões	Lição	Lições	Coraça o	Coraçõe s		
Caminhão	Caminhõe s	Batalhã o	Batalhões						
Ã	Ãs	Ão	Ãe	Ões	Ães	Ãos			
Dê o aumentativo:									
Caneca	Faca	Bola	Garrafa						

Na segunda página está ilustrado novamente o avião laranja com várias filipetas de palavras terminadas com “ão”, apenas para a leitura. O segundo exercício, solicita que o estudante forme 10 palavras juntando as sílabas expostas “lão” e “cão”. Nesta última junção são formadas palavras no aumentativo. Já a última atividade trabalha o conceito de qualidade e defeito, pedindo que o estudante coloque uma qualidade no meio da sentença “O avião é de Fábio”. Dessa forma, trabalha alguns conceitos estéticos da época, além da moralidade e ética, oportunizando que o estudante possa realizar um exercício atribuindo suas características individuais.

Deve salientar que nesta lição é inserida a terceira e quarta página (Imagem), ensinando exemplos de palavras no plural terminadas com “ãos” e/ou “ães”. Para isso, possui três imagens referências: a figura de um pão (pães); de uma mãe (mães) abraçada a um Bebê e de uma mão (mãos) espalmada. Para o primeiro e terceiro exemplo são colocadas outras palavras, ampliando o vocabulário do aluno.

Na quarta página há três exercícios, sendo dois deles apoiados em imagens, solicitando ao estudante que passe para o plural e para o aumentativo, respectivamente. O terceiro exercício de escrita para formação frases com as palavras “irmão” e “mãe”, ficando a cargo do próprio aluno utilizar ou não o plural e o aumentativo.

Imagem 33. Trigésima Sétima Lição



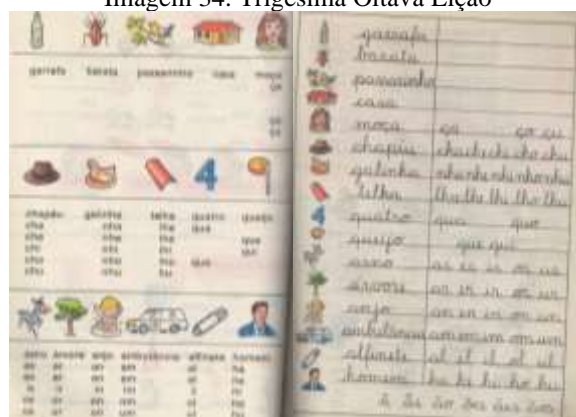
Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p.104-105

4.5.38. Trigésima Oitava Lição

A Trigésima Oitava Lição, retoma alguns conceitos da Vigésima Lição até Trigésima Quinta Lição, como por exemplo a figura referência, a palavra-chave e as sílabas de cada consoante já vista.

Para organização as lições são divididas em 3 blocos de aproximadamente 5 colunas cada, representando cada lição, ou seja, o primeiro bloco relembra os fonemas /RR/, /R/, /S/ e /Z/. Já o segundo bloco recorda as sílabas complexas: “CH”; “NH”; “LH” e “QU” e por fim o último bloco apresenta o encontro vogal+consoante (S, R, N, M, L) e a letra “H”. A segunda página desta lição, possui o mesmo conteúdo diferindo na estruturação, apresentado em tabelas e em letra cursiva minúscula.

Imagem 34. Trigésima Oitava Lição



Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p.106-107

4.5.39. Trigésima Nona Lição

A Trigésima Nona Lição inicia com as orações introdutórias, abordando somente diálogos, relatando sobre uma barata. Abaixo apresenta 8 sílabas complexas na formação consoante+R+vogal, não possuindo relação nenhuma com a pequena narrativa ensinada anteriormente. Dividida por um traço, a segunda parte da lição são inseridas 8 colunas com 6 linhas, em que cada uma é representante das sílabas complexas – BR, CR, DR, FR, GR, PR, TR, VR – iniciando com uma imagem-referência e a grafia da mesma, como pode-se notar na imagem abaixo.

Imagem 35. Trigésima Nona Lição.



Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p.108

Verifica-se que em todas as colunas são trabalhadas as famílias das sílabas complexas, embasadas em palavras cotidianas das crianças da década de 1940. Nesta lição, novamente podemos perceber a influência da religião católica na cultura brasileira, representando-a pela figura do frade. Ao analisar as imagens, ressalta a introdução da barata na letra “R” da sílaba “Cra”, auxiliando o aluno na fixação do conteúdo e relembrando as orações introdutórias.

Todas as iconografias são simples e de fácil identificação, transpondo-as como imagens-referências da lição, ou seja, para ensinar a sílaba complexa “BR” é apresentando a figura de um braço; a sílaba “CR” uma flor da espécie cravo; “DR” um dragão cuspidor de fogo, e assim por diante como nota-se na imagem acima.

Tabela 107. Lição 39 (Caminho Suave)

TRIGÉSIMA NONA LIÇÃO	SÍLABAS COMPLEXAS COM ADIÇÃO DO R E GÊNERO DAS PALAVRAS
PALAVRAS	

Braço	Cravo	Dragão	Frade	Gravata
Prato	Travesseiro	Livro		
Bra	Cra	Dra	Fra	Gra
Pra	Tra	Vra		
Bra	Cra	Dra	Fra	Gra
Pra	Tra	Vra		
Bra	Cra	Dra	Fra	Gra
Pra	Tra	Vra		
Bra	Cra	Dra	Fra	Gra
Pra	Tra	Vra		
Leia depressa: Um prato de trigo para um tigre. Dois pratos de trigo para dois tigres. Três pratos de trigo para três tigres.				

Como são trabalhadas 8 sílabas complexas mutuamente, são ensinadas apenas 5 palavras de cada uma e apresenta apenas o traçado com a vogal “A” na letra cursiva minúscula e maiúscula e na letra de imprensa minúscula e maiúscula.

O primeiro exercício, a autora apresenta um trava-língua popularmente conhecido, utilizado como um meio de dinamizar a lição e despertar o interesse do estudante para o conceito da sílaba complexa abordado na Trigésima Oitava Lição. O gênero narrativo, trava-língua auxilia na consolidação do processo de alfabetização por meio da brincadeira da rapidez na leitura, auxiliando na fluidez e diminuindo uma leitura truncada (BELINTANE, 2017).

O segundo exercício exige que o estudante realize a leitura de imagem para completar a palavra. Pode-se afirmar que para identificação das palavras é utilizado o um método parecido com o rébus acrofônico, usando a imagem como princípio sonoro, integrando a primeira sílaba da palavra para constituí-la. Contudo, o Rébus utiliza um pictograma para escrever uma outra palavra com um som parecido, ou seja, pela homofonia (BELINTANE, 2017). No caso analisado, Branca Alves de Lima, usa a própria imagem como fixador da aprendizagem, auxiliando o estudante a memorizar a grafia e a ordem posicional das letras, alfabetizando-o pela Imagem (MORTATTI, 2000).

Como esta lição apresentou 8 diferentes sílabas complexas, a autora achou por necessidade fixar os conteúdos com mais uma página, iniciada pela imagem de Fábio

sentado em um jardim, brincando com um trenzinho e um caminhão, sendo observado pelo cachorro Totó. Abaixo há 3 frases sobre o brinquedo de Fábio.

Ampliando o vocabulário do estudante é ensinado mais 15 palavras, sendo 7 palavras com a sílaba complexa “TR”; 2 com “PR”; 2 com “BR”; 2 com “GR” e 2 exemplos com “FR”. O próximo exercício usa estas novas palavras para trabalhar quantidade e gênero por meio dos artigos indefinidos “um” e “uma”.

4.5.40. Quadragésima Lição

Esta é a última lição que é estruturada pela figura-referência, palavra-chave, orações introdutórias e exercícios. Neste âmbito, a lição de número 40 inicia com a figura de um foguete azul com chamas vermelhas, dividido em quatro partes iguais e cada uma possui a grafia do dígrafo “GU” com as vogais “E” e “I” nas modalidades de escrita.

A partir da leitura de imagem, compreende-se que será trabalhado o dígrafo “GU”, corroborado pela palavra-chave “foguete”, destacando a sílaba “gue”. Em seguida são apresentadas as orações introdutórias informando características do foguete e do astronauta, como nota-se na tabela.

Tabela 108. Lição 40 (Caminho Suave)

QUADRAGÉSIMA LIÇÃO				DÍGRAFO GU											
O foguete vai subir. É um foguete espacial. O astronauta guia o foguete. Ele vai até à Lua.															
PALAVRA-CHAVE: foguete															
PALAVRAS															
Foguete		Fogueira		Figueira		Mangueira		Pessegueiro							
Formigueiro		Guerra		Guerreiro		Guia		Guizo							
Guitarra		Amiguinho													
gue		gui		Gue		Gui		gue		Gui		Gue		Gui	

Nas colunas de exemplos ensina 12 palavras, sendo 8 com a sílaba “gue”, dentre estes exemplos 5 possuem o ditongo “ei” e o restante são palavras com a sílaba “gui”, destacando um exemplo usando o diminutivo. Como nas lições Vigésima Oitava e Vigésima Nona são apresentadas apenas o dígrafo “Gu” com as vogais “E” e “I”, visto a

pequena porcentagem de palavras escritas com “gua” e “guo”. Por isto, a lição é contida em apenas uma página.

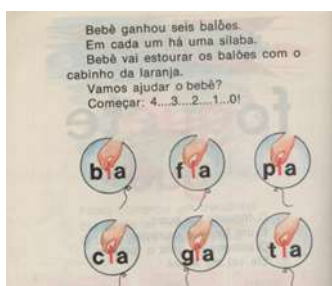
A curta lição finaliza com um exercício de formação de frases com a expressão “foguetes espacial”, não havendo demais atividades, revelando o nível de frequência que este dígrafo aparece nas palavras da língua portuguesa.

4.5.41. Quadragésima Primeira Lição

A Quadragésima Primeira lição possui a mesma estrutura da Trigésima Nona Lição, todavia, abarca as sílabas complexas constituídas pela consoante “L”, ou seja, consoante+L+vogal. Como visto é iniciada com as orações introdutórias, as quais, se relacionam e exige do aluno compreensão para o exercício posterior, além de introduzir a sequência decrescente do número 0 ao 4.

Para ensinar este encontro entre consoante+consoante+vogal, a autora introduz 6 balões com as sílabas “bla”, “fla”, “pla”, “cla”, “gla” e “tla”, representando a letra l com coloração diferenciada e integrada a sílaba por uma mão branca. Abaixo ensina o traçado das sílabas nas quatro modalidades de escrita e expõe o primeiro exercício de interpretação textual das orações introdutórias.

Imagem 36. Quadragésima Primeira Lição



Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p.112-113

Na segunda página da lição ensina 4 palavras para cada sílaba complexa, introduzindo-as com o auxílio de 6 figuras-referências. Ou seja, para aprender a sílaba complexa “BL” há uma blusa verde ilustrada acima; para “CL” possui uma menina de cabelos presos e sorridente, abaixo tem o nome “Clarinha”; “FL” tem o desenho de uma flauta transversal; já “GL” a figura de um globo terrestre; “PL” uma placa de carro e por último “TL” a figura de um atleta pulando um obstáculo. Cabe ressaltar que o último exemplo exposto no encontro consonantal “GL” e “TL” são onomatopeias.

Tabela 109. Lição 41 (Caminho Suave)

QUADRAGÉSIMA PRIMEIRA LIÇÃO			SÍLABA COMPLEXA COM ADIÇÃO DO L		
PALAVRAS					
Blusa	Blusinha	Blusão	Bloco	Clarinha	Claro
Classe	Clube	Flauta	Flor	Flores	Globo
Glória	Gloriosa	Glu-glu	Placa	Pluma	Plano
Planta	Atleta	Atlética	Atlas	Tlim-tlim	
Bla		Cla		fla	
Bla		Cla		Fla	
Bla		Cla		fla	
Bla		Cla		Fla	
Gla		Pla		tla	
Gla		Pla		Tla	
Gla		Pla		tla	
Gla		Pla		Tla	

O último exercício da lição exige que o estudante observe as imagens e passe as palavras para o plural, algo já trabalhado e considerado fácil ao estudante.

4.5.42. Quadragésima Segunda Lição

Diferentemente das lições anteriores, a autora apresenta uma nova padronização da lição, iniciando-a por 5 figuras-referências: um rapaz de cabelos encaracolados; o número dez; um nariz; uma noz e uma cruz amarela. Seguida de 4 palavras para cada coluna, dividida pelo uso das vogais+Z, isto é, “AZ”, “EZ”, “IZ”, “OZ” e “UZ”. Abaixo apresenta o traçado na letra de imprensa minúscula e na letra cursiva também minúscula.

As orações apresentadas, caracterizam uma lista de fatos realizados pelo Bebê durante o seu dia, havendo em todas as frases palavras com a estrutura vogal+Z.

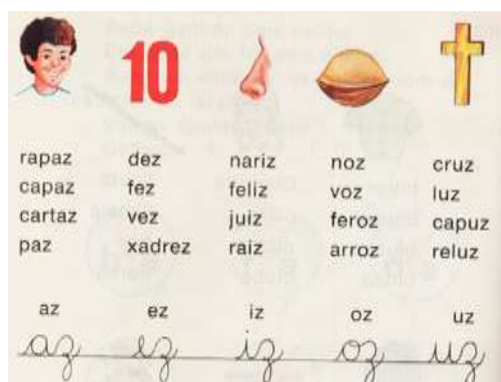
Tabela 110. Lição 42 (Caminho Suave)

QUADRAGÉSIMA SEGUNDA LIÇÃO			Vogais + Z		
PALAVRAS					
Rapaz	Capaz	Cartaz	Paz	Dez	

Fez	Vez	Xadrez	Nariz	Feliz
Juiz	Raiz	Noz	Voz	Feroz
Arroz	Cruz	Luz	Capuz	Reluz
az	Ez	iz	oz	uz
az	Ez	iz	oz	Uz
Hoje o bebê fez muitas artes: Derrubou o xadrez do vovô; rasgou o cartaz do titio; pegou o capuz de Didi; puxou o nariz da mamãe. Bebê está ficando levado!				

Por fim, Branca Alves de Lima solicita que o estudante escreva três frases sobre as “artes” feitas pelo Bebê, possibilitando a criatividade e individualidade de cada um.

Imagem 37. Quadragésima Segunda Lição



Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p.112

4.5.43. Quadragésima Terceira Lição

Na página seguinte é retomado em forma de tabela e em letra cursiva 16 palavras-chave, vistas nas quatro lições anteriores, ao lado das figuras-referências.

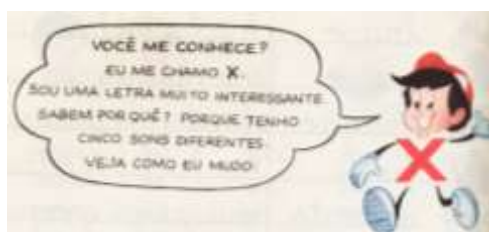
4.5.44. Quadragésima Quarta Lição

Como dito na lição de número 15, nesta lição será abordado as especificidades sonoras da letra “X”, iniciando com um pequeno texto apresentado por um menino que seu corpo possui o traçado desta consoante (Imagem). Para isso, a autora divide as duas páginas da lição em 3 blocos cada uma, mostrando exemplos com cada fonema diferente que a letra “X” possui, como verifica na tabela abaixo.

Tabela 111. Lição 44 (Caminho Suave)

QUADRAGÉSIMA QUARTA LIÇÃO		OS FONEMAS DE X		
VOCÊ ME CONHECE?				
EU ME CHAMO X.				
SOU UMA LETRA MUITO INTERESSANTE.				
SABEM POR QUÊ? PORQUE TENHO CINCO SONS DIFERENTES.				
VEJA COMO EU MUDO:				
X → CH				
Peixe	Feixe	Xarope	Caixa	Lixo
Bexiga				
X → SS				
Próximo	Auxílio	Trouxe	Máximo	Explicar
Exposição	Exclamou	Sexta-feira		
X → Z				
Exercício	Exemplo	Exame	Exército	
X → CS				
Fixo	Crucifixo	Táxi	Reflexo	

Imagem 38. Quadragésima Quarta Lição



Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p.116

4.5.45. Quadragésima Quinta Lição

Nesta lição é apresentado um pequeno texto sem título, cuja história relata a doença que o avô pegou e como o pai da criança procedeu. Após a pequena narrativa há 5 perguntas de interpretação de texto.

Quanto às ilustrações, há apenas uma imagem de um homem mais velho, calvo, com poucos fios de cabelos brancos, bigodes e sobrancelhas também brancas, deitado na cama com uma manta verde quadriculada e de pijama azul com listras brancas, usando óculos para ler um livro. Do lado esquerdo há um criado-mudo de madeira amparando um frasco de remédio, um copo de vidro e uma colher de alumínio. Já do lado esquerdo está o Bebê tentando alcançar o bigode do vovô.

Tabela 112. Lição 45 (Caminho Suave)

QUADRAGÉSIMA QUINTA LIÇÃO	Texto sem título
<p>Sexta-feira vovô estava resfriado e com tosse.</p> <p>Papai chamou o médico.</p> <p>O doutor chegou de táxi e examinou-o.</p> <p>Receitou xarope.</p> <p>Papai trouxe um vidro da farmácia.</p> <p>Agora, quando vovô tosse, o caçula fala:</p> <p>— Vovô, toma xarope.</p> <p>O vovô já está quase bom.</p> <p>Logo poderá sair e passear com o netinho.</p>	

4.5.46. Quadragésima Sexta Lição

A Quadragésima Sexta Lição conta a história do aniversário de Fábio e seus presentes, havendo várias palavras com o encontro consonantal “NS”. Este texto é ilustrado pela imagem de Fábio atrás de uma mesa com toalha xadrez vermelha, em volta de seus amigos, 3 meninos e duas meninas, havendo apenas uma criança negra. Todos cantam parabéns e olham para o bolo decorado em tons alaranjados, escrito em letra cursiva “Feliz Aniversário”.

Abaixo apresenta três colunas de exemplos apresentando 15 palavras, sendo 7 palavras com “NS” no final e 8 no meio das palavras. Ao final desta lição há um exercício,

ensinando o estudante a colocar palavras terminadas em “M” no plural, acrescentando “NS”, como verifica-se na tabela. Como exigido em toda a *Cartilha* a resposta para esse exercício deve ser em letra cursiva minúscula.

Tabela 113. Lição 46 (Caminho Suave)

QUADRAGÉSIMA SEXTA LIÇÃO			Encontro consonantal (NS)	
<p>“— Parabéns a você, nesta data querida...”</p> <p>Fábio completou oito anos de idade.</p> <p>Ganhou uma caixa de bombons de seu padrinho.</p> <p>Estavam embrulhados em papel transparente.</p> <p>Deu alguns aos seus irmãos.</p> <p>Comeu os outros num instante.</p>				
PALAVRAS				
Instante	Inspetor	Instituto	Construir	Constipar
Transporte	Transportar	Transparente	Rins	Jardins
Bens	Bons	Bombons	Uns	Alguns
Complete:				
Um pudim - uns pudins				
Um bombom -				
Um jardim -				
Um patim -				

4.5.47. Quadragésima Sétima Lição

A penúltima lição da *Cartilha Caminho Suave* (1992) retoma de forma mais enfática a regra do P e B, com o texto intitulado “Os dois irmãos”, relatando a diferença no uso da letra “M” e “N”. Cabe destacar, que a estrutura do texto e as imagens auxilia o estudante a compreender a regra “*antes de P e B se usa M, o restante é N*”, pois há três meninos de mão dadas no canto superior esquerdo, vestido camisetas com as letras “M”, “P” e “B” e no meio do texto há uma corrente de crianças, vestindo outras camisetas com as demais consoantes ao redor da letra “N” e de palavras-exemplos, como se verifica na imagem.

Imagem 39. Quadragésima Sétima Lição



Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p.116

Para finalizar a lição, a autora expõe uma lista de palavras com lacunas para completar com as letras “M” ou “N”, utilizando as regras ensinadas no texto.

Tabela 114. Lição 47 (Caminho Suave)

QUADRAGÉSIMA SÉTIMA LIÇÃO			TEXTO: Os dois irmãos	
O m e o n são dois irmãozinhos.				
O mais velho é o m . Por ser muito acanhado, o m prefere ficar sozinho no final das palavras ou então na companhia de seus dois amigos: b e p .				
Por isso, antes de b e p só se escreve m .				
PALAVRAS				
Bomba	Lombo	Tambor	Campo	Tampa
Tempo	Vem	Quem	Ninguém	
O n é diferente. Tem gênio alegre e brinca com todas as outras letras.				
PALAVRAS				
Angu	Enxada	Inveja	Janta	Lenço
Monte	Pingo	Dente	Gente	
Completar com m ou com n as palavras:				
Po....bo	po....te	ba....bu		
Sa....ba	gra...de	botequi....		
Ge....te	capi.....	ba....co		
Te.....	home....	ca...pinho		
Fi.....	li.....po	ta....bé....		

4.5.48. Quadragésima Oitava Lição

A Quadragésima Oitava Lição é o último estudo apresentado na Cartilha *Caminho Suave* para Alfabetização, trabalhando a acentuação circunflexa e aguda. Antes de iniciar esta lição, a autora ensina 24 palavras com ditongos “ai”, “au”, “io”, “ei”, “ia”, “oi”, “eu”, “ou” e “oa”.

Para iniciar a lição é centralizada a palavra “Acentuação”, seguida de 5 figuras-referências, posicionadas em cima de 5 colunas representando as diferenças sonoras produzidas pelos acentos agudo e circunflexo. A primeira coluna é representada pela figura do vovô, seguida de 5 palavras escritas com a vogal acentuada “ô”, possibilitando que o docente ensine o macete “o vovô usa chapéu”, auxiliando o estudante a decorar. Já a segunda coluna é da vovó, havendo exemplos com “ó”. A terceira é destinada a palavras com “à”, possuindo como figura-referência uma pá. A quarta coluna há exemplos com “ê”, ilustrada pela figura de uma árvore representante da espécie ipê e por última a coluna das palavras com “é” apresentadas pela figura de um pé.

Imagem 40. Quadragésima Oitava Lição



Fonte: Cartilha Caminho Suave, 1992, p.116

Para finalizar a Cartilha *Caminho Suave* é exposto um último exercício de leitura e gramática, solicitando ao estudante que acentue corretamente as palavras de um pequeno texto, como pode notar na tabela abaixo.

Tabela 115. Lição 48 (Caminho Suave).

QUADRAGÉSIMA OITAVA LIÇÃO			ACENTUAÇÃO	
PALAVRAS				
Vovô	Avô	Bisavô	Alô	Tricô
Nhonhô				
Vovó	Filó	Jiló	Pó	Só
Nó				
Pá	Cá	Dá	Lá	Fubá
Sabiá				

Ipê	Você	Lê	Vê	Nenê
Bebê				
Pé	É	Até	Café	José
Pelé				
Ponha o que está faltando: O vovo e a vovo vao ao jardim. Vou a pe ate ao clube. O cafe esta na xicara. O sabia fugiu da gaiola. O bolo e de fuba.				

4.6. COM A PALAVRA, OS EX-ALUNOS

Em busca da compreensão dos números de vendas exorbitantes e da satisfação pessoal, aplicou-se um questionário para cinco mulheres residentes no Estado de São Paulo, de diferentes idades e formações, a fim de observar a marca memorável que a *Cartilha Caminho Suave* deixou na vida de milhares de brasileiros. Tais perguntas surgiram a partir das intensas leituras referente ao tema e a comentários de internautas em vídeos relembrando do material de alfabetização.

A fim de comparar as respostas foi questionado as entrevistadas 3 dados pessoais: data de nascimento, nome da escola primária e ano e nome da professora. Dessa maneira, auxilia em uma possível contextualização do momento histórico do processo de alfabetização de cada uma. Dentre as cinco mulheres duas possuem o parentesco mãe-filha, sendo necessário ressaltar que foi a mãe que alfabetizou a filha com 4 anos de idade em sua própria residência com a Cartilha, considerada o melhor material por ter fácil acesso. Na tabela abaixo segue as questões aplicadas envolvendo temáticas como o sucesso da Cartilha e os pontos positivos e negativos na visão pessoal de cada uma.

Tabela 116. Questionário

1. Você se recorda do seu processo de alfabetização pela Cartilha Caminho Suave de Branca Alves de Lima? Se sim, quais são os pontos mais memoráveis do material?
2. Atualmente você utilizaria a Cartilha Caminho Suave para alfabetizar alguém? Justifique
3. Você concorda com o grande sucesso da Cartilha? Quais fatores você acredita que tenham levado aos exorbitantes números de publicações?

4. Para você, há pontos negativos nesse ensino? Justifique.

Computando os dados pessoais, é perceptível a duração da Cartilha, havendo um intervalo de 32 anos entre a entrevistada mais velha para a mais nova, podendo perceber os nuances dos debates educacionais e os impactos no processo de alfabetização por meio das respostas. Cabe ressaltar que a entrevista 1, entrou na escola em 2002, não utilizando a *Cartilha Caminho Suave*, por decorrência do movimento construtivista inserido pelo MEC, contudo seu contato foi em casa 3 anos antes pela sua mãe, a qual, foi alfabetizada por este método.

Tabela 117. Entrevistas - dados pessoais

Entrevistada 1	Entrevistada 2	Entrevistada 3	Entrevistada 4	Entrevistada 5
- A.G.N - 21 anos - Estudante Pré-Vestibular	- L.R.G.N - 53 anos - Vigilante	- L.C.S - 40 anos - Operadora de Caixa (supermercado)	- L.C - 29 anos - auxiliar de classe	- F.A.P - 41 anos - Psicóloga
Época Escolar	Época Escolar	Época Escolar	Época Escolar	Época Escolar
Nome da escola: Escola Municipal do Ensino Infantil e Fundamental João Fernandes de Andrade Local: Salto de Pirapora - SP Ano: 2002 Professora: Silvia	Nome da escola: Escola Estadual Dr. Afonso Vergueiro Local: Salto de Pirapora – SP Ano: 1973/1974 Professora: Francisca	Nome da escola: Matheus Maylasky Local: Sorocaba – SP Ano: 1985 Professora: -	Nome da escola: Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professor Sérgio da Nobreza Local: São Paulo – SP Ano: 1995 Professora: Ana Maria	Nome da escola: Escola Estadual Armando Rizzo Local: Sorocaba – SP Ano: 1984 Professora: Marly

Como visto, a primeira pergunta questiona as entrevistadas sobre suas recordações no uso do material pedagógico, sendo assim os recursos mais memoráveis são: as figuras-referências, palavras-chave, os exercícios de caligrafia e de escrita das palavras. Enfatizando assim, o que Maciel (2002) já reiterava em seus estudos em relação a metodologia estabelecida na Cartilha ser o método da palavrção, ao invés do método misto.

Tabela 118. Respostas para a questão 1

Questão 1 – Respostas
<p><u>Entrevistada 1:</u></p> <p>Eu entrei na pré-escola em 2002 com 5 anos de idade e a escola que eu estudava, na verdade, não era apostilada, as professoras que preparavam as atividades, mas o método era bem parecido com o da Cartilha Caminho Suave. Era um método baseado na repetição (...). Eu entrei em contato com a Cartilha mesmo, porque minha mãe antes de entrar na escola ela comprou essa Cartilha, porque ela queria que eu entrasse já adiantada. Ela queria que eu entrasse com uma noção de alfabetização já. Então minha mãe comprou a Cartilha e ela me fazia <i>fazer [sic]</i> os exercícios em casa.</p> <p>Os pontos memoráveis da Cartilha é a repetição mesmo. Eu lembro que tinha umas figuras. Cada letra tinha um capítulo e daí no início do capítulo tinha uma palavra que se iniciava com aquela letra e daí tinha frases para você entender a fonética da letra e depois tinha os exercícios para aprender a caligrafia e desenvolver a coordenação motora da letra em específico. Só que é um aprendizado bem mecânico, descontextualizado né. Repetição, meio fordista assim.</p>
<p><u>Entrevistada 2:</u></p> <p>Lembro das figuras, de ter que escrever as palavras, de passar as letras por cima dos pontilhados.</p>
<p><u>Entrevistada 3:</u></p> <p>Era assim, primeiro a gente aprendia as vogais e depois aprender as consoantes. No início era B, C, D (...), a gente ia fazendo palavras, aprendendo a fazer as palavras, mas cada um no seu tempo. Então, por exemplo, B a gente fazia só o B, aí ia para o C. Então a cada passagem das consoantes, aí a gente ia aprendendo a fazer, a formular as frases. Até chegar, por exemplo, se quisesse formular uma frase com a letra X, M, não. Antes de chegar nisso daí, tinha que aprender todas as consoantes anteriores. Por isso que a Cartilha tinha aquele nome, Caminho Suave, creio hoje que seja por causa disso, porque era bem tranquilo, cada consoante que ia passando, que ia aprendendo, ia formando palavras, para depois formular as frases.</p>
<p><u>Entrevistada 4:</u></p> <p>Me recordo muito da capa da Cartilha e das imagens que tinham dentro dela, se não me engano, tinha várias figuras e tinha palavrinhas para completar embaixo. Eu não me lembro muito bem, faz bastante tempo! O que eu me recordo do meu professor de alfabetização exatamente é de ler bastante o silabário, fazer muitos exercícios com aquela sequência “ba, be, bi, bo, bu”, “da, de, di, do, du”, “fa, fe, fi, fo, fu” e escrever muito, escrever muitas palavras ou pela imagem que tinha, então tinha a imagem de um jarro e aí escrevia jarro. Ou então juntando palavra, não me lembro muito bem, em uma tinha uma fada, pegava o “fa” e na outra casa, pegava o “ca” e se transformava em faca, acho que era isso, não tenho uma memória muito boa sobre isso.</p>
<p><u>Entrevistada 5:</u></p> <p>Lembro das figuras coloridas, rimas e atividades concretas.</p>

Conhecendo o contexto social em que a Cartilha foi publicada e a urgência em que se tinha em alfabetizar milhares de brasileiros, pois só assim o Brasil teria um progresso, as autoridades não se preocupavam com a formação docente, podendo qualquer leigo alfabetizar pela *Cartilha Caminho Suave*. Neste viés, perguntou as entrevistadas se utilizariam o material ordinalmente para o ensino da escrita e da leitura. Em resposta observou que 60% não utilizaria a Cartilha, declarando a descontextualização existentes nas lições em comparação aos avanços tecnológicos da nova geração. Interessante que a entrevista 5 é psicóloga e usaria a Cartilha como material complementar aos seus atendimentos e em possíveis diagnósticos. Dentre todas as entrevistadas, apenas uma utilizaria, com certeza, a Cartilha, visto que sua filha foi a prova do sucesso de alfabetização, sendo satisfatório o seu uso.

Tabela 119. Respostas para a questão 2

Questão 2 – Respostas
<p><u>Entrevistada 1:</u></p> <p>Com o conhecimento que eu tenho hoje eu não usaria essa cartilha para alfabetizar as pessoas, acho que eu tentaria ir para um método mais construtivista, algo mais contextualizado, para fazer a pessoa pensar e não reproduzir o conteúdo. Não sei se está fazendo muito sentido, mas eu acho que eu não usaria essa Cartilha justamente por ter um processo muito mecânico de aprendizagem.</p>
<p><u>Entrevistada 2:</u></p> <p>Sim. É mais fácil para poder explicar.</p>
<p><u>Entrevistada 3:</u></p> <p>Não usaria, porque acho que hoje em dia é muito lento na verdade, na alfabetização, muito devagar. Acho que deveria já ensinar as palavras, para ir logo para as frases. Aprender tudo de uma vez só! Claro, cada um no seu tempo, mas acho <i>muito pouco [sic]</i> tempo hoje em dia, a geração é muito diferente da nossa época, por isso eu não usaria.</p>
<p><u>Entrevistada 4:</u></p> <p>Bom provavelmente não, porque acredito em outras formas de alfabetização. Acredito que temos um material de mais qualidade para utilizar, temos bastante pesquisas, estudos, metodologias que foram sendo desenvolvidas ao longo do tempo, e eu acredito que tenham uma funcionalidade melhor no processo de alfabetização e também tenham mais sentido para criança, dialoguem mais com o universo, com a realidade que ela está inserida e permitam um processo de alfabetização então mais próximo desse universo da criança. Então provavelmente eu acredito que não utilizaria.</p>
<p><u>Entrevistada 5:</u></p> <p>Utilizaria como forma de uma complementação, pois o material é um instrumento positivo para a assimilação frente a alfabetização e pela simplicidade.</p>

Questionando o sucesso da Cartilha que vendeu mais de 40 milhões de exemplares em toda a sua trajetória, apenas 40% das respostas concordam plenamente com o êxito pela sua facilidade de compreensão tanto do alunado como do educador a ensinar. Novamente, a Entrevistada 5 chama a atenção por afirmar que a Cartilha só obteve triunfo, por não haver outro material, algo contraditório, visto que acima enfatizou os pontos positivos da Cartilha. Em contrapartida, a Entrevistada 3, apesar de não ser adepta ao uso do material, concorda com o sucesso, por ter sido aluna indireta de Branca Alves de Lima e por conhecer minimamente o contexto histórico da época.

Neste viés, enfatiza a importância desta pesquisa ao analisar os materiais dentro de suas épocas, evitando assim erros anacrônicos ou respaldados em senso comum. De acordo com Colello (2016) era frequente a compra da Cartilha por país, a fim alfabetizar seus filhos, como fato comprovado nas vivências da Entrevistada 1, cuja inserção no mundo da escrita sofre impactos até os dias atuais, considerando a precocidade da introdução das primeiras letras e a obrigatoriedade e pressão advinda da mãe, sendo a única que discorda plenamente do sucesso da Cartilha, citando Paulo Freire como melhor educador e metodologia a ser utilizada, podendo notar o desprazer existentes neste período de sua vida, impactado pela constante repetição.

Outro fator notório na fala de 80% das entrevistadas é a confusão entre autoridade e autoritarismo dos professores, esta última atitude era muito recorrente durante o período ditatorial (1964-1985), em que se exigia como matéria obrigatória o ensino da moral e dos bons costumes, inclusive do uso da palmatória como instrumento disciplinador (MARCÍLIO, 2016; DOMINGUES & EBERT, 2015).

Tabela 120. Respostas para a questão 3

Questão 3 – Respostas
<p><u>Entrevistada 1:</u></p> <p>Eu não concordo com o sucesso da Cartilha, eu acho que o que fez a Cartilha ter um grande sucesso é o pragmatismo. São exercícios objetivos, talvez tenham até um resultado um pouco mais fácil, mas é um conhecimento muito isolado. É por isso que eu não concordo com o sucesso da Cartilha, eu acho que um aprendizado mais contextualizado, até com uma influência maior do Paulo Freire, acaba sendo mais produtivo e desenvolve mais competências multidisciplinares a longo prazo, pois você desenvolve várias competências intelectuais e não aprende a reproduzir determinada forma e fonética daquela letra.</p>
<p><u>Entrevistada 2:</u> Sim. Porque é fácil de entender.</p>
<p><u>Entrevistada 3:</u></p> <p>Sim, eu concordo, porque acho que era uma maneira muito fácil, naquela época de alfabetizar. Porque era uma interação entre professor e a criança, fazendo interagir e focar naquilo que o professor estava falando. Naquela época era totalmente diferente de hoje, acho que conseguia chamar mais atenção devido</p>

aos desenhinhos que tinha perante a palavra, como é que era a palavra escrita mão. Como fala? Letra cursiva? Isso, letra cursiva! E foi usada por bastante tempo, então acho que foi por esse motivo.

Entrevistada 4:

Eu não tenho como discordar com o sucesso da Cartilha, até porque eu fui fruto dessa alfabetização e deu certo. Eu acredito que, talvez seja uma hipótese (...) para época em que foi desenvolvida, para os moldes como funcionavam uma sala de aula, como era pensado educação, isso dava certo né! Você tinha uma questão de disciplina dentro da sala de aula muito rígida, o professor como uma figura autoritária e não de autoridade. Então, os alunos precisavam sentar de uma maneira, se concentrar de uma maneira, utilizar os seus materiais didáticos de uma certa maneira (...). Eu acho que essa organização da disciplina, dessa forma bastante clara, permitia que se utilizasse esse material e obtivesse resultados positivos por meio dele né, positivos no sentido de uma decoração, decorar o silabário e aí você ter uma leitura sem tanto prazer, sem tanto significado, mas uma leitura efetiva, no sentido que as pessoas davam conta de decorar essas imagens e ler essas palavras. Então acredito que por isso, por todo esse contexto em que ela [Cartilha] foi gerada e foi aplicada, da maneira como ela foi manuseada. Eu acredito que talvez para época tenha sido um material muito inovador, com um método interessante, enfim, e com a evolução dos estudos, isso foi se transformando. Mas, talvez para aquele contexto, para aquela realidade funcionasse.

Entrevistada 5:

Acredito que o sucesso se deu por falta de alternativas para aquela época.

A última questão aplicada as entrevistadas, é sobre os pontos altos e baixos do material de Branca Alves de Lima, em que apenas 20% alegou não haver ponto negativo, pois havia uma suavidade e facilidade na aprendizagem das crianças, enquanto 80% apontou problemas como: repetição, memorização sem sentido, descontextualização e desapropriado para o ensino atual.

Tabela 121. Respostas para a questão 4

Questão 4 – Respostas
<p><u>Entrevistada 1:</u></p> <p>Eu falei do ponto negativo em todas as questões, mas é isso, justamente essa questão de você fazer uma caixinha e dizer que a língua é simplesmente isso, você reduz a língua a uma definição, quando na verdade a língua está em processo de construção e ela tem diversas exceções, ela tem contexto cultural, ela tem contexto social, o qual você pode tirar muito mais proveito e fazer um conhecimento muito mais sólido. Fazer com que o aluno desenvolva um conhecimento mais sólido.</p>
<p><u>Entrevistada 2:</u> Não. Não havia dúvida. O que você aprendia, aprendia. Era fácil.</p>
<p><u>Entrevistada 3:</u></p> <p>Bom, para mim, na minha época, o método, o ensino, foi muito bom, porque era um aprendizado um pouco mais focado. Mas hoje em dia acho que não seria muito apropriado, vamos dizer assim, porque a</p>

criança não consegue focar e esperar, para aprender. Na minha época eu acho que sim, mas hoje não! Porque seria um tanto chato, porque já é difícil fazer a criança ficar focada no professor, e aprender. Mas, naquela época era mais tranquilo, então acho que o professor também ajudou um pouco, a Cartilha também.

Entrevistada 4:

Acredito que tenham pontos negativos, a partir do ponto que você parte dessa decoração do silabário, dessas imagens e você não tem essa noção dos fonemas e você faz isso, porque você teve uma memorização dessas estruturas. Então na sua cabeça B+A é BA, C+A é CA, F+A é FA e você a partir de decorar essas estruturas, vai transmitindo isso e decorando essas imagens. Então eu diria que é quase que uma leitura visual do que uma leitura de fato né, a gente vai várias estruturas de leituras silábicas, então a gente fica “o ja-rrro de flor es-ta-va che-i-o”, aí eu fico pensando até que ponto, a criança entende o que ela está lendo. Até que ponto os textos, as palavras que eram colocadas nessa Cartilha tinham significado com a realidade, o universo da criança, enfim é isso, você decorar essas estruturas, fazer uma leitura sem uma interpretação de significados, e meio que ficar condicionado nesse método de alfabetização.

Entrevistada 5:

Sim, pois não estimula a leitura como é feito nessa modalidade do construtivismo, pois os textos são curtos e sem complexidade.

Com base nos relatos da entrevista 3 e 4, nota-se a marca que a Cartilha possuía nas salas de aula do Brasil, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, com o governo ditador, não estimulando o pensar criticamente nos problemas sociais, nem mesmo os problemas da própria instituição escolar, focando os alunos em uma intensa mecanização da leitura, como ressalta Cristiane Domingues e Sintia Ebert (2015):

[...] o ensino atendia a algo maior que a escola, ou seja, a uma política que desejava se manter no comando sem ensinar as pessoas a pensarem para que pudessem entender e questionar as coisas, por conseguinte, nada melhor do que uma prática mecânica e repetitiva. (DOMINGUES; EBERT, 2015, p. 117)

Dessa forma, é perceptível que as ex-alunas da *Cartilha Caminho Suave* a consideram de grande importância para seu processo de alfabetização, embora critiquem as frases sem sentido, a memorização sem abrir espaços à criatividade da criança e do professor e que concordem quase com unanimidade que a utilização ordinalmente é inapropriada.

Neste âmbito, dar voz a uma irrisória parcela de ex-alunas, auxiliou em uma compreensão concreta do sentimento de saudade e da análise crítica social, estimulada com a redemocratização política da nação brasileira, averiguando as metodologias e não metodologias posteriores as cartilhas. Contudo, a luta ainda é a mesma, erradicar o

analfabetismo lançando mão aos interesses do educando de forma a fazer sentido, algo em constante busca.

4.7. A PERMANÊNCIA DO ATRASO DA ALFABETIZAÇÃO BRASILEIRA

Embora a Cartilha Caminho Suave tenha alfabetizado mais 40 milhões de brasileiros, contribuindo durante décadas para elevar as taxas de alfabetização, foi insuficiente para erradicar o analfabetismo, tendo por principal causa a negligência do Estado em priorizar a Educação, sendo uma sequente falha de administração das autoridades governamentais.

Diante do exposto, pode-se afirmar com a pesquisa que o material de Branca Alves de Lima, possui três momentos marcantes durante mais de 65 anos de publicação. O primeiro momento se concretiza pelo lançamento da cartilha, considerada inovadora, seguida de seu ápice de vendas nas décadas de 1970 e 1980 e por fim o rompimento de contratação pelo PNLD, situação que não restringiu as vendas, demonstrando a conquista social e admiração que a Cartilha obteve, eternizada na memória de milhares de brasileiros.

Neste âmbito, é imprescindível dar a voz aos frutos deste material pedagógico, visto o grande símbolo social que a existência da Cartilha deixou na História da Alfabetização no Brasil, deixando vestígios suficientes, para que não fosse esquecida, pela sua concepção de leitura e escrita, a qual fundamentou durante décadas o pensamento pedagógico. Assim, mais que “palavras de ordem”, a discussão do alunado e do professor deve ser escutada, dando voz a quem é fruto da metodologia ou refém do sistema, a fim de que seja entendido as diferentes significações produzidas pelas Cartilhas.

Branca Alves de Lima, marcou o mundo editorial com seu nome e empoderamento feminino, lutando e acreditando que o seu material mudaria a vida de milhares de pessoas com a leitura e escrita. Portanto, analisar as lições da *Cartilha Caminho Suave* com o embasamento de fontes documentais é buscar a compreensão ao “suavizar” este caminho tão sujeito ao sucesso ou ao fracasso, impactado por inúmeros motivos deste processo multifacetado, cheio de desafios, com um único objetivo: solucionar as dificuldades enfrentadas pelos nossos estudantes de 6 ou 80 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, desde o final do século XIX, permeando todo o século passado, chegando ao início deste novo centenário, a escola como instituição social vem atribuindo responsabilidade pela instrução, possibilitando prestígio, desenvolvimento social e emocional através do letramento.

De acordo com a pesquisa, a História da Alfabetização no território brasileiro entre 1878 a meados da década 1990, é marcado por quatro principais momentos, caracterizados com as constituições metodológicas de aprimoramento no ensino, a fim de erradicar o analfabetismo e promover o desenvolvimento da nação.

Através da presente pesquisa observa-se que a partir do nascimento de diferentes metodologias despertou-se a reflexão entre o ensino antigo e a pedagogia contemporânea produzindo até disputas no processo de aprendizagem favorecendo uma dialogicidade em prol da eficácia das diversas práticas, principalmente no que condiz ao ensino público. Considerando que as pesquisas no tocante ao desenvolvimento da alfabetização ainda possui pouca exploração, ressalta-se a importância da investigação dos métodos utilizados, principalmente por meio das Cartilhas. Ademais, o encontro com esses materiais se torna um árduo garimpo, devido a sua efemeridade e consequentemente a deterioração dos mesmos em relação ao tempo, além do desinteresse ligado aos movimentos construtivistas. Desta forma fica o convite ao campo das pesquisas a fim de ao reconhecer o processo de construção do conhecimento, despertando a sede na busca por novas perspectivas na trajetória da aprendizagem, considerando ainda a velocidade em que a Era Contemporânea difunde as informações.

Assim, compreende-se que fazer pesquisa histórica é reconstruir o passado, indo além da colheita dos dados sobre um determinado tema e apresentá-lo, mas trata-se de abordar o tempo histórico sem cometer erros anacrônicos, se desprendendo da “(...) crença na superioridade do presente e da cultura atual sobre a época e a cultura do objeto investigado” (BOTO, 1994, p.31).

Dessa maneira, a pesquisa se deu com as três Cartilhas em seu tempo, compreendendo os impactos gerados na Educação brasileira no decorrer de suas publicações até o momento do declínio, seja por uma nova metodologia ou pelo movimento construtivista, o qual, aboliu todas as Cartilhas utilizadas na rede pública. Estes materiais para o ensino de primeiras letras oferecem uma cultura escolar, pautada em um processo regular e linear em que há uma sequência sistemática, promovendo o aprendizado, de acordo com a ideologia da época, apontando o pensamento filosófico dos intelectuais que fomentavam o progresso nacional, moldando os alunos no pensar, sentir,

querer e agir, medindo a eficácia pelos índices de repetência ou evasão, revelando o êxito ou não no processo de alfabetização. Algo que não difere nas concepções de ensino posteriores, concebidas no século XXI.

Tais fatores foram comprovados no decorrer da análise da presente pesquisa com base nas fontes documentais, salientando as crises educacionais com as reformas e os movimentos intelectuais, ocasionando em novos métodos aplicados pelas Cartilhas. Neste viés, é notório a similaridade presente nas três Cartilhas em que se busca modificar o indivíduo pela ação educativa, atribuindo a Unidade Escolar sua função social e a urgência ressaltada pela rapidez em ensinar o maior número de pessoas, democratizando o ensino para desenvolver a nação, compreendendo que a educação sempre esteve vinculada aos aspectos econômicos, não priorizando a formação docente e a qualidade das escolas públicas. Ademais, os nomes das próprias cartilhas indicam a preocupação existente da época, representando as ideologias defendidas pelos seus autores.

Diante do exposto, João de Deus foi um dos primeiros nomes a representar uma expansão da cultura letrada a população, podendo os próprios pais ou pessoas interessadas alfabetizar uns aos outros com sua *Cartilha Maternal* (1878), usando a fala como ponto de partida por meio da articulação mecânica para facilitar a aprendizagem fonética-grafêmica. Para Deus, a aquisição da escrita e da leitura, tornava os sujeitos em homens, ou seja, “ser homem é saber ler. E nada mais importante, nada mais essencial que essa modesta e humilde coisa chamada – primeiras letras” (DEUS, 1878, p.15). Cabe relembrar, que no Império brasileiro, a escola adentrava na sociedade em construção como um meio controlador de impor a língua portuguesa, civilizando os indivíduos, retirando-os da barbárie por meio da alfabetização.

Como visto, este desejo dos governantes portugueses, foi implantado com o método inovador de Deus, conhecido como método da palavrção, partindo do significado da palavra para o fonema, invertendo a ordem então conhecida. Ademais, o método ganhou prestígio por ter um ensino rápido, possibilitando que as crianças ajudassem suas famílias nos trabalhos domésticos e no plantio.

Nota-se que de acordo com o momento histórico vivido é exigido dos intelectuais métodos e matérias que compactuam com o pensamento ideológico da época, algo constatado com o grande educador, Lourenço Filho, o qual, realizou com sua *Cartilha do Povo - Para ensinar a ler rapidamente* (1928). Pensada e executada para alfabetizar o povo, vinculando tal ação com a necessidade de mão-de-obra para o progresso do país por meio da industrialização, princípio preconizado pelos republicanos, a fim de construir uma identidade brasileira e com materiais brasileiros.

A Cartilha do Povo foi sucesso de vendas por mais de 50 anos, alfabetizando milhares de crianças e adultos pelo método misto, criado pelo próprio autor, além de enfatizar o sentimento nacionalista pertencente a Primeira República por meio das lições

moralizantes. Os intelectuais republicanos visavam a conscientização por meio da escola pública, atribuindo sua função social e formadora, devendo ser laica, obrigatória, democrática, gratuita e de responsabilidade do Estado. Apontamentos que estão sendo aprimorados e aplicados até os dias atuais, por decorrência da negligência governamental de não priorizar a Educação nacional.

Diferente dos outros educadores, Branca Alves de Lima, usou a voz de sua experiência para criação de seu método, conhecido como Alfabetização pela Imagem, observando e buscando soluções para as dificuldades de crianças reais, seus alunos do dia-a-dia. Fato que impulsionou o maior número de vendas, colocando a *Cartilha Caminho Suave* (1948) como *best-seller* brasileiro.

Entende-se com este material que a concepção de infância modificara, pois os autores passam a se preocupar com a visibilidade física de seu material, dando a devida importância aos recursos sensitivos que auxiliam na alfabetização, como notou com os exorbitantes números de vendas, colocando a criança como ser ingênuo, sendo uma forma de despertar interesse, suavizando o ensino. Além disso, Branca Alves de Lima, desempenhou um papel de influência e empoderamento feminino no mundo editorial, empresariando sua Editora e acreditando no sucesso da sua Cartilha, sempre, com o objetivo de auxiliar as dificuldades do alunado.

Outro fator esclarecedor foi a marca social que um educador possui, como por exemplo, a inovação trazida por Lima com as atividades preparatórias, embasadas nos estudos na área de Psicologia difundidas por Lourenço Filho com os Testes ABC, ressaltando a maturação da criança, algo já declarado pelos psicólogos Jean Piaget e Vigotsky.

Tais nomes foram a base do movimento construtivista, extinguindo as Cartilhas de todas as escolas públicas brasileiras, convencendo grandes intelectuais, inclusive o Ministério da Educação com o argumento cíclico, ou seja, havia chegado uma Nova Era para Alfabetização, modificando as discussões pedagógicas de todo Brasil, em busca de estudos mais atuais e perspectivas que colocassem os estudantes como centros do ponto de partida do planejamento pedagógico, dependendo dos estímulos do meio, solucionando as dificuldades do desinteresse do estudante presente nas salas de aula.

Assim como apresentado, o movimento construtivista foi difundido por Emília Ferreiro, mostrando que o conhecimento deveria ser construído coletivamente, a partir da interação entre o aluno e o meio, em que a aprendizagem é uma função dentro do próprio estudante, não caracterizando como método, mas como uma teoria que proporciona uma prática pedagógica criativa, levando o estudante a construir autonomia moral e intelectual. Por estas razões, as Cartilhas caíram em desuso por serem consideradas elementos que engessavam o ensino por meio de lições descontextualizadas. Neste âmbito, o construtivismo desmetodiza a alfabetização.

Diante disso, é imprescindível o estudo sobre as cartilhas, caracterizando seus pontos ápices e débeis, construindo assim a História da alfabetização brasileira por meio das tendências metodológicas, o ideário pedagógico subjacente às cartilhas e as políticas públicas como estratégias de controle governamental do estudante em formação e dos professores. Neste viés, a pesquisa com base nos materiais didáticos de primeiras letras possibilita o conhecimento rotineiro da sala de aula da época, o papel do professor mediante a sociedade, os resultados obtidos com o processo da aquisição da escrita e da leitura, a função dos homens e mulheres, o gênero, o racismo, entre outros aspectos.

Em uma visão holística compreende o papel desempenhado por cada Cartilha, respaldando as necessidades de cada época, em um estudo contextualizado, considerando como fonte cultural ao propor uma interpretação de vida global da sociedade, examinando as cartilhas como textos culturais e patrimônios brasileiros. Assim sendo, João de Deus foi o precursor na promoção de um método cujo objetivo era sistematizar o aprendizado das crianças; Lourenço Filho, aprimorou-se nos estudos e engajou-se na luta com foco na escola pública, e Branca Alves de Lima, mulher acadêmica que se aprimorou no método das imagens como auxílio na memória e criou um método passo-a-passo para garantir o desenvolvimento da aprendizagem.

Por fim, cabe dizer que a história da Educação ilumina o objeto rejeitado, colocando-o como fonte satisfatória em sua época, contextualizando o método e notando que as Cartilhas não são o “mal” da sociedade ou mesmo da história brasileira, mas um elemento promotor aos avanços e desenvolvimento pedagógico no conhecimento da História da Alfabetização e seus impactos no presente, não desprendendo de paradigmas, os quais, merecem pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras/ALB/FAPESP, 1999.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; MORAIS, Artur Gomes de; Ferreira, Andréa Tereza Brito. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 38, p. 252-264, maio/ago., 2008.

ARAÚJO, Gustavo Cunha; SANTOS, Sônia Maria dos. *A Cartilha Caminho Suave: História, Memória e Iconografia*. Uberlândia, 2013.

BELINTANE, Claudemir. *Da Corporalidade Lúdica à Leitura Significativa: subsídios para formação de professores*. Scortecci: São Paulo, 2017.

BEDIN. Os pioneiros da Escola Nova, manifestos de 1932 e 1959: semelhanças, divergências e contribuições. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, USP, São Paulo, 2011.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do povo e da cartilha upa, cavalinho*. São Paulo: UNESP, 2006.

BITTENCOURT, C. M. F. *Livros Didáticos e Conhecimento Histórico: uma história do saber escolar*. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

_____. Práticas de leitura em livros didáticos. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 22, n. ja/ju 1996, p. 89-110, 1996.

BOTO, Carlota; GUIRAO, Nathalia Campelo Ferraz. A Cartilha Maternal, a Cartilha do povo e a Caminho Suave: três perspectivas sobre a alfabetização. *Revista Brasileira de Alfabetização*, n. 12, p. 192-211, 2020.

_____. A construção social da civilização escolar: excertos das leituras de formação do magistério. In: BOTO, C.; AQUINO, J. G. (Org.). Democracia, escola e infância. São Paulo: FEUSP, 2019.

_____. A educação escolar como direito humano de três gerações: Identidades e Universalismos. Campinas: Revista de Educação e Sociologia, v. 26, n. 92, p.777-778, Especial – out., 2005.

_____. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 493-511, set./dez. 2004.

_____. A racionalidade escolar como processo civilizador: a moral que captura almas. Revista Portuguesa De Educação, 23(2), 35-72, 2018.

_____. Ler, escrever, contar e se comportar: a escola primária como rito do século XIX português. Tese doutorado. 1ed. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

_____. Nova história e velhos dilemas. Revista USP, São Paulo, n. 23, p.23-33, set./nov., 1994.

_____. O debate político no Brasil dos anos 30: raça e pedagogia na mística da nacionalidade. Revista teias (UERJ. Online), v. 11, p. 63-82, 2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases 4.024 de 1961. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso: jan. 2019.

BRASLAVSKY, Berta. Escola e Alfabetização. São Paulo: Unesp, 1993.

BRASLAVSKY, Berta P. de. Problemas e Métodos no Ensino da Leitura. Tradução de Agostinho Minicucci. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & Linguística. Série Pensamento e ação no magistério. Edusp: São Paulo, 1995.

CARDOSO, Cancionilla Janzkovki. Cartilhas escolares: a constituição de acervos para o estudo da história da alfabetização. *Ensino em Re-Vista*, volume 18, número 1, jan./jun., 2011.

CARVALHO. A origem do Manifesto dos Educadores mais uma vez convocados, de 1959, na correspondência de alguns de seus signatários. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.

CHARTIER, A. M.; HEBRÁRD, J. Discursos sobre a leitura (1880-1980). São Paulo: Ática, 1995.

_____; CLESSE, C.; HÉBRARD, J. **Ler e escrever**: entrando no mundo da escrita. Tradução Carla Valduga. Apresentação Magda Soares. Prefácio Michel Fayol. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. Os modelos contraditórios da leitura entre formação e consumo. Da alfabetização à cultura de massa. *História da Educação*. ASPHE/ FaE/UFPel, Pelotas (13): 35-49, abr. 2003.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. A leitura: uma prática cultural In: CHARTIER, R. (Org.), **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 229 - 254.

_____. A ordem dos livros. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 77-105.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, v. 2, p. 177-229, 1990.

COLELLO, Silvia de Mattos Gasparian. Caminho Suave: você se lembra dela? [Depoimento a Maria Clara Vieira], 2016.

CUCHE, Denis. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: Edusc, 1998, p.161-165.

DARNTON, R. O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEUS, João. Guia prático da Cartilha Maternal. Disponível em: <
<https://pt.scribd.com/document/197032914/Guia-Pratico-da-Cartilha-Maternal>>.

DIETZSCH, Mary Júlia. Cartilhas: um mundo de personagens sem texto e sem história. Revista **Caderno de Pesquisa**, n. 75, nov., 1990.

DOMINGUES, Cristiane Lumertz Klein; EBERT, Sintia Faé. Alfabetização e ditadura militar: relação entre a cartilha e os métodos de alfabetização. *Revista: Debates em Educação*. Maceió: v. 7, n. 15, jul./dez. 2015.

ELIAS, N. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 2v.

FARIA FILHO, L. M. et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

_____; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p.19-34, 2000.

FORQUIN, J. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&a, 2001.

FIGUEIRA, Patrícia Ferreira Fernandes. Parte II: “A contribuição de Lourenço Filho para o movimento da Escola Nova no Brasil”. In: Lourenço Filho e a Escola Nova no Brasil: estudo sobre os Guias do Mestre da série graduada de leitura Pedrinho. Tese de Mestrado em Educação. UNESP: Araraquara, 2010. Disponível em: <
https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90241/figueira_pff_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. A história da alfabetização nas cartilhas escolares: práticas pedagógicas, produção e circulação em minas gerais, (1834-1997). Publicado pela UFMG. Minas Gerais, s/a.

FOUCAULT, Michel. Ordem do discurso. Edições Loyola, 1996.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO & TV ESCOLA. Documentário: Lourenço Filho. Série: Educadores, 2011. Disponível em: < <https://tvescola.org.br/tve/video/educadores-lourenco-filho>>.

GOODSON, I. F. A construção social do currículo. Lisboa: Educa, 1997.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: UNESP, 2019.

LEMME, Paschoal. *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira*. In: **Revista Pedagógica de Estudos Pedagógicos**, v. 86, nº 212, pp. 163-178, jan/ abril, 2005.

LEMLE, M. Guia teórico do alfabetizador. São Paulo: Ática, 1987.

LIMA, Virna Lumara Souza. *Os Manifestos de 1932 e 1959 e suas contribuições para as Diretrizes e Bases da Educação*. Revista *Communitas*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 247-267, jun. 2017.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos. Revista **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.11, p. 147-168, abr. 2002.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
MANIFESTO. *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932). In: **Revista Histedbr On-line**, Campinas, n. especial, p. 188-204, ago. 2006.

MARCILIO, Maria Luiza. História da alfabetização no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2016.

MÉLO, Cristiane; MORMUL, Najla Mehanna; MACHADO, Maria Cristina Gomes. *Educação e cidadania: um olhar sobre o manifesto de 1932*. In: **Revista UEPG**. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/4150>>.

MONARCHA, Carlos. Lourenço Filho / Carlos Monarcha. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 152 p.: il. – (Coleção Educadores) Inclui bibliografia.

_____; FILHO, Rui Lourenço. Por Lourenço Filho: uma biobibliografia. Coleção Lourenço Filho. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais: Brasília – BR. Vol. 1, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização no Brasil. Uma história de sua história. UNESP, 2012.

_____. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular. Cadernos Cedes, nº52, novembro, 2000.

_____. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Conferência: Alfabetização e letramento em debate. Brasília, 2006.

_____. Método analítico, cartilhas e escritores didáticos: ensino de leitura em São Paulo (1890-1920). Revista v. 3, n. 5, 1999.

_____. Os sentidos da alfabetização (1876-1994). São Paulo: UNESP, 1999.

OLIVEIRA, Cátia Regina G. A. João de Deus, a Cartilha Maternal e o ensino da leitura em Portugal. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas – Rio de Janeiro, Set., 1998.

PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo. Alfabetização pela imagem: uma análise iconográfica da cartilha Caminho Suave e do material de apoio. Revista **Cadernos de Pesquisa em Educação** – PPGE/UFES, Vitória, ES, a. 12, v.19, n.41, p.53-79, jan/jun. 2015.

PERES, Eliane Teresinha; VAHL, Mônica Maciel; THIE, Vania Grim. Aspectos editoriais da cartilha Caminho Suave e a participação da Editora Caminho Suave Limitada

em programas federais do livro didático. Maringá-PR: Revista **Brasileira de História da Educação**, v. 16, n. 1 (40), p.335-372, jan./abr., 2016.

PERUQUE, Jéssica Toro. Cartilha Caminho Suave: História e memória dos 65 anos de publicação. TCC sob orientação Dra. Analete Regina Schelbauer. Maringá: Universidade estadual de Maringá, 2006.

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da Infância. Rio de Janeiro: GRAPHIA EDITORIAL, 2005. Tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo, 1999.

RAMOS, Rossana Regina Guimarães. Cartilha: um paradigma didático-linguístico da alfabetização no Brasil. Tese, 2005.

RANGEL, Mary. E Continua o Mundo Encantado das Cartilhas... Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, volume 74, número 178, 1993.

RIPE, Fernando Cezar; AMARAL, Giana Lange do. Pensar o sujeito moderno através da História da Educação: Entrevista com Carlota Boto. Revista: Hist. Educ., Sessão especial, v. 22 n.56 Santa Maria set./dez. 2018.

ROCHA, H. H. P. Prescrevendo regras de bem viver: Cultura escolar e racionalidade científica. **Cadernos Cedes**, ano XX, nº 52, novembro/2000, p. 1-19.

RUIVO, Isabel. João de Deus: Métodos de leitura com sentido. Actas do VI Encontro Nacional (IV Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Braga: Universidade do Minho, out. de 2006.

SAWAYA, Sandra Maria. Alfabetização e fracasso escolar problematizando alguns pressupostos da concepção construtivista. Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.26, n.1, p.67-81, jan./jun. 2000.

SCHEFFER, Ana Maria; ARAÚJO, Rita de Cássia B.; ARAÚJO, Viviam Carvalho. Cartilhas: das cartas aos livros de alfabetização, 2013.

SILVA, Vivian Batista da. Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970). São Paulo: Editora UNESP, 2018.

TRIBUNA INDEPENDENTE. Entrevista com a diretora da editora Edipro. Método de alfabetização da Cartilha Caminho Suave. 07/05/2018. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ijy4ngbHDI>>. Acesso: dez., 2018.

TRINDADE, Iole Maria Faveiro. A adoção da Cartilha Maternal na instrução pública gaúcha. Rio Grande do Sul. Revista História da Educação, 2002.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. A Cartilha maternal e algumas marcas de sua aculturação. Revista Brasileira de História da Educação, nº 7 jan./jun., 2004.

UNIVESP. Documentário - VD- 06- *Os pioneiros, entusiastas da educação nova*. Canal UNIVESP, 2010, 18min42seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f6LTmh7Vn04> (parte 1) e <https://www.youtube.com/watch?v=Ybp6pzgLyQ8> (parte 2). Acesso: nov. 2018.

UNIVESP. Documentário - D-06 *Reforma Sampaio Dória*. Canal UNIVESP, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=evSz_gCOWi0>. Acesso: nov., 2018.

VEIGA, C. G. A escolarização como projeto de civilização. Rev. Bras. Educ., nº.21, Rio de Janeiro, set./dez. 2002.

VIDAL, D. Cultura e práticas escolares: a escola pública brasileira como objeto de pesquisa. **Historia de la Educación**, v. 25, p. 131-152, 2006

_____. Cultura e práticas escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, R. F., VALDEMARIN, V. T. (Org.) **A cultura escolar em debate**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. Documentário “Educadores brasileiros: Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo”. ATTA: Mídia e Educação, 2006.

_____. Em que os estudos de natureza histórica sobre o ensino da leitura e da escrita podem contribuir com as práticas de alfabetização na atualidade? [Prefácio]. **História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático** [S.l.: s.n.], 2014.

VIEIRA, Miriã Noeliza. Representações do feminino nas imagens da cartilha caminho suave. Revista História e Memória, volume 6, número 2, 2014.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. DP & A, 1998.

_____. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 0, p. 63-82, 1995.